



“JOANA, PODES LER UMA HISTÓRIA?” – A
IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS NO JARDIM
DE INFÂNCIA

Joana Carvalho

Relatório de Prática Profissional de Ensino Supervisionada II
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Educação Pré-Escolar

2023-2024



“JOANA, PODES LER UMA HISTÓRIA?” – A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS NO JARDIM DE INFÂNCIA

Joana Carvalho

Relatório de Prática Profissional de Ensino Supervisionada II
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Educação Pré-Escolar

Orientador: Professora Doutora Carla Sousa

Júri

Presidente: Professor Especialista Abel Arez
Arguente: Professora Doutora Antónia Estrela
Orientador: Professora Doutora Carla Sousa

2023-2024

| ' ' | | ' ' |

AGRADECIMENTOS

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.” (Antoine de Saint-Exupéry)

Terminado este meu percurso académico, confesso que foram cinco anos cheios de alegrias, tristezas, desafios, aventuras e memórias. Contudo, esta minha caminhada não foi feita sozinha, mas sim rodeada de pessoas que me apoiaram e tornaram este percurso mais significativo e especial. Ao chegar ao fim de uma das etapas mais importantes da minha vida, não posso deixar de agradecer a cada uma das pessoas e retribuir-lhes todo o apoio e carinho que me deram. **Muito obrigada...**

Mãe e Pai, obrigada por todo o amor e apoio. Foram vocês, que todos os dias me deram forças e não me deixaram desistir. Conseguiram sempre dizer as palavras certas e aquelas que eu precisava de ouvir. Obrigada, por me ajudarem em tudo o que estava e não estava ao vosso alcance. Obrigada por me transmitirem segurança e calma, apenas com o vosso olhar orgulhoso. As vossas palavras vão ficar guardadas para sempre, “boa sorte filha, vai correr tudo bem”. Com vocês ao meu lado, tudo é mais fácil. Amo-vos muito!

Mano, foste sem dúvida uma peça crucial no meu percurso. Obrigada por todas as gargalhadas. É a tua forma especial de me dar apoio e carinho, que me dá certezas de que estás feliz e orgulhoso de mim. Sem ti, isto não era a mesma coisa.

Avós, sem vocês esta caminhada não teria sido tão especial. O meu sonho sempre foi terminar este percurso a tempo de vocês estarem cá para se orgulharem de mim. Obrigada pelas chamadas para desejarem-me sorte e partilharem o vosso amor e carinho.

Avô Laurindo, embora não percebas em que fase da vida estou, sei que tenho um lugar gigante no teu coração para sempre e que estás orgulhoso de mim.

Pedro, obrigada por aturares todas as minhas crises, inquietações e preocupações, pelos abraços, pelas palavras reconfortantes, por não me deixares ir abaixo e acreditares sempre em mim, de forma a superar-me todos os dias. Foste e és o meu porto seguro, amo-te.

Joana, Filipa e Margarida, obrigada por tudo. Serão as minhas eternas parceiras. Obrigada por tudo aquilo que vivemos ao longo destes cinco anos, pelas gargalhadas, pelos choros, pela ajuda, pelos momentos, pelas aventuras, pelo apoio e por toda a amizade. E principalmente, por se terem tornado o melhor desta vida académica. Ficarão para sempre na minha vida. Adoro-vos.

Rita, foste a surpresa do meu percurso académico e ficarei eternamente grata por isso. Obrigada por seres uma amiga e uma madrinha cinco estrelas, por teres acreditado sempre em mim e nunca me teres deixado desamparada. Agradeço-te por todos os olhares e abraços. Este percurso tornou-se mais especial contigo ao meu lado.

Irina, obrigada por me teres escolhido para te apoiar neste teu percurso, pelas palavras de coragem, pelo apoio incondicional, pelo orgulho que demonstras por mim e por seres os meus segundos olhos. Deste um significado especial a esta caminhada, estarei sempre aqui para ti.

Bruno, obrigada por seres a calma nos dias mais cinzentos, por me ouvires com tanta paciência e mostrares-me que tudo tem uma solução. És e serás sempre o real significado de amizade, obrigada.

Leonor, obrigada por seres a minha companheira de estágio e de viagens, pelo teu apoio e amizade. Foste uma surpresa especial no meu percurso. Obrigada por aturares as minhas maluquices e brincadeiras e pelo teu carinho.

Amigos e amigas, obrigada por estarem presentes neste meu percurso, por estarem sempre disponíveis para me apoiar e se orgulharem de mim. Estarão sempre no meu coração.

Professora Carla Sousa, agradeço-lhe por toda a sua disponibilidade, apoio e paciência ao longo destes dois anos que me acompanha. Se chego ao fim do meu percurso, também se deve a si e ao seu apoio.

Mafalda, acredito que existe sempre uma razão para tudo na vida. Foi um gosto tê-la a si como educadora cooperante e ficarei eternamente grata por todo o apoio que me deu. Obrigada por ter confiado em mim, por não me deixar ir abaixo, por acreditar em

mim e valorizar-me, por me ter recebido na sua sala com tanto carinho. Marcou o meu estágio, e tornou o meu percurso especial, guardo-a no coração.

Ana, foi uma honra realizar este estágio consigo. Foi uma verdadeira inspiração. Obrigada pelo apoio constante, pelos conselhos, pela disponibilidade em ouvir-me e ajudar-me. Fez com que esta experiência fosse única.

Às minhas **crianças** da PPS I e PPS II, obrigada por me acolherem de abraços abertos. Cada uma de vocês ficará para sempre no meu coração e levo comigo memórias inesquecíveis. Com vocês ganhei certezas e cresci bastante enquanto estagiária e futura educadora de infância. Todos os vossos abraços, beijinhos, sorrisos, carinhos e “gosto de ti Joana” marcaram-me para sempre. Fizeram com que a caminhada fosse mais bonita e única.

Às **famílias** e às **organizações socioeducativas** da PPS um grande obrigada, pelo apoio incondicional, pelas palavras amáveis, por me terem recebido e acolhido com tanto carinho. Serei eternamente grata por tudo o que me proporcionaram.

Aos **professores** da Escola Superior de Educação de Lisboa, o meu profundo agradecimento. Levo comigo uma bagagem repleta de conhecimentos e sabedoria que foram imprescindíveis no meu caminho.

A todos aqueles que, de alguma forma, fizeram parte desta jornada durante a licenciatura ou o mestrado, o meu enorme obrigada. Cada um deixou sua marca e fará sempre parte de memórias preciosas. Obrigada a todos do fundo do coração.

RESUMO

O presente relatório intitula-se “Joana, podes ler uma história?” - A importância das histórias no jardim de infância” e foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular de Prática Profissional Supervisionada II, em contexto de jardim de infância.

Neste documento é apresentado um trabalho reflexivo sobre o processo de intervenção, com um grupo de crianças com idades compreendidas entre os dois e os cinco anos. Desta forma, no presente relatório encontra-se a caracterização do contexto socioeducativo, no qual o leitor ao ler, terá informações cruciais para compreender as minhas intenções educativas. Estas foram definidas para a ação com as crianças, com as famílias e com a equipa educativa. Em seguida, há um capítulo dedicado à investigação, dividido em subcapítulos. No último capítulo, estão presentes as minhas considerações finais em relação à minha prática educativa.

Quanto à investigação, trata-se de um estudo de caso de natureza qualitativa, acerca de uma situação observada e vivida na prática profissional supervisionada. Os objetivos definidos foram: i) Conhecer e analisar as conceções da educadora e das famílias acerca da importância das histórias no jardim de infância; ii) Compreender e analisar o papel do educador de infância e das famílias na promoção de histórias às crianças; iii) Identificar as práticas pedagógicas que a educadora implementa com as crianças na promoção de histórias e no contacto com os livros.

Por fim, após a análise dos dados recolhidos através das técnicas e instrumentos de recolha de dados selecionados, foi possível retirar algumas conclusões: i) promover momentos de leitura de histórias às crianças potencia o desenvolvimento de competências como a criatividade, vocabulário, linguagem e imaginação; ii) o educador e as famílias desempenham um papel crucial na promoção da leitura de histórias às crianças, estimulando o gosto pela leitura e estabelecendo, ao mesmo tempo, um vínculo na relação adulto-criança.

Palavras-Chave: Livros; Histórias; Jardim de infância.

ABSTRACT

This report entitled “Joana, can you read a story?” - The importance of stories in kindergarten” and developed within the scope of the Curricular Unit of Supervised Professional Practice II, in a kindergarten context.

In this document, reflective work on the intervention process is presented, with a group of children aged between two and five years old. Therefore, this report contains a characterization of the socio-educational context, in which the reader, when reading, will have crucial information to understand my educational intentions. These were defined for action with children, families and the educational team. Then there is a chapter dedicated to investigation, divided into subchapters. The last chapter contains my final considerations regarding my educational practice.

As for the investigation, it is a case study of a qualitative nature, about a situation observed and experienced in supervised professional practice. The objectives defined were: i) To understand and analyze the conceptions of the educator and families regarding the importance of stories in kindergarten; ii) Understand and analyze the role of kindergarten teachers and families in promoting stories to children; iii) Identify the pedagogical practices that the educator implements with children in promoting stories and contact with books.

Finally, after analyzing the data collected using selected techniques and data collection instruments, it was possible to draw some conclusions: i) promoting moments of reading stories to children enhances the development of skills such as creativity, vocabulary, language and imagination; ii) the educator and families play a crucial role in promoting the reading of stories to children, stimulating a love of reading and establishing, at the same time, a bond in the adult-child relationship.

Keywords: Books; Stories; Kindergarten.

ÍNDICE GERAL

1. Introdução.....	1
2. Caracterização de uma ação educativa contextualizada.....	4
2.1. Caracterização do meio envolvente.....	5
2.2. Caracterização do contexto socioeducativo	6
2.3. Caracterização da equipa educativa.....	8
2.4. Caracterização do ambiente educativo	10
2.5. Caracterização do grupo de crianças	18
2.6. Caracterização das famílias.....	22
3. Análise reflexiva da intervenção em jardim de infância	26
3.1. Intenções para a ação	27
3.1.1. Intenções para a ação com as crianças	27
3.1.2. Intenções para a ação com as famílias.....	31
3.1.3. Intenções para a ação com a equipa educativa	32
3.2. Processo de intervenção da PPS em Jardim de Infância.....	34
4. Investigação em jardim	37
4.1. Identificação e fundamentação da problemática	38
4.2. Revisão da literatura	39
4.2.1. A importância da leitura de histórias no jardim de infância.....	39
4.2.2. O papel dos educadores de infância enquanto promotores de leitura de histórias	42
4.2.3. O papel das famílias na promoção de leitura de histórias	45
4.2.4. As práticas pedagógicas e a organização do ambiente educativo na promoção do livro e da leitura de histórias.....	46
4.3. Roteiro Metodológico e Ético	49

4.4. Apresentação e discussão dos resultados	54
5. Construção da profissionalidade como educadora de infância.....	68
6. Considerações finais.....	77
Referências	81
Anexos.....	91
Anexo A. Notas de campo.....	92
Anexo B. Reflexões semanais e reflexão final.....	294
Anexo C. Guião da entrevista à educadora cooperante	347
Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante	354
Anexo E. Guião da entrevista à auxiliar de ação educativa	372
Anexo F. Transcrição da entrevista à auxiliar de ação educativa.....	375
Anexo G. Planta da organização socioeducativa.....	378
Anexo H. Rotina do grupo	380
Anexo I. Planta da sala Bruxelas	382
Anexo J. Fotografias da sala Bruxelas	384
Anexo K. Informações das crianças.....	388
Anexo L. Portfólio individual da criança.....	390
Anexo M. Informações das famílias	401
Anexo N. Roteiro ético	405
Anexo O. Protocolo de consentimento da investigação e informação às famílias	418
Anexo P. Protocolo de consentimento do portfólio individual da criança.....	421
Anexo Q. Inquérito por questionário às famílias.....	423
Anexo R. Árvore categorial dos inquéritos por questionário às famílias	428
Anexo S. Gráficos dos inquéritos por questionário às famílias.....	432

LISTA DE ABREVIATURAS

IPSS Instituições Particulares de Solidariedade Social

PE Projeto Educativo

PG Plano de Grupo

MEM Movimento da Escola Moderna

NSE Necessidades de Saúde Específicas

PPS II Prática Profissional Supervisionada II

1. INTRODUÇÃO

| ' ' | | ' ' |

O presente relatório, elaborado no âmbito da Unidade Curricular de Prática Profissional Supervisionada II (PPS II), integrada no 2.º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar, tem como principal objetivo a apresentação reflexiva do percurso de intervenção que decorreu em contexto de jardim de infância (JI), no período de 02 de outubro de 2023 a 01 de fevereiro de 2024.

A organização socioeducativa, trata-se de uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), localizada no concelho de Lisboa. Quanto ao grupo, este tem crianças com idades compreendidas entre os dois e os cinco anos. As principais prioridades da organização passam por assegurar o bem-estar das crianças, fomentar o seu desenvolvimento holístico, a inclusão e garantir igualdade de oportunidades a todas as crianças. Toda a comunidade escolar privilegia uma relação próxima com as famílias.

Ao longo do presente relatório, serão apresentados seis capítulos, para além da presente introdução, que consiste numa breve síntese do que será exposto no decorrer do relatório. No segundo capítulo, é apresentada a caracterização do meio envolvente, do contexto socioeducativo, da equipa educativa, do ambiente educativo, do grupo de crianças e das famílias das crianças, surgindo com o objetivo de identificar as particularidades do contexto, para a posterior intervenção educativa. No terceiro capítulo, que surge a partir das caracterizações de todo o contexto, são delineadas as intenções para a ação, com as crianças, as famílias e a equipa e é feita uma análise do processo de intervenção no decorrer da prática.

Relativamente ao quarto capítulo, este centra-se na investigação concretizada na PPS II, e é identificada e fundamentada a problemática por mim escolhida “a importância das histórias no jardim de infância”, esclarecendo as razões que me levaram a tal decisão; é feita a revisão da literatura sobre essa mesma problemática; são apresentadas as opções metodológicas e éticas que decidi utilizar ao longo da minha problemática; e por último são apresentados e discutidos os resultados da investigação. No quinto capítulo, é apresentada uma reflexão sobre as duas experiências práticas vivenciadas no decorrer do percurso académico enquanto estagiária, em creche e em jardim de infância e de que forma as mesmas contribuíram para a construção da minha profissionalidade, tendo em conta a dimensão individual e coletiva.

No sexto e, último capítulo, estarão presentes as considerações finais, isto é, uma conclusão dos aspetos mais significativos, não só da problemática como de todo o trabalho desenvolvido ao longo da minha PPS II e as aprendizagens mais significativas ao longo deste percurso. Após este capítulo, surgem as referências e os anexos.

2. CARACTERIZAÇÃO DE UMA AÇÃO EDUCATIVA CONTEXTUALIZADA

| ' ' | | ' ' |

Para o decorrer da minha intervenção educativa, é importante conhecer e compreender os diferentes aspetos, no que diz respeito à organização socioeducativa. Segundo Silva et al. (2016), é importante compreender e analisar a realidade do ambiente educativo, para que seja possível adequar, de forma dinâmica, a intervenção às características e necessidades, tanto das crianças como dos adultos.

No presente capítulo irei apresentar a caracterização do contexto socioeducativo, que inclui o meio envolvente, a própria organização socioeducativa, a equipa educativa, o ambiente educativo e o grupo de crianças, bem como as suas famílias. Compreender e analisar a informação recolhida irá permitir que, posteriormente, possa definir as minhas intencionalidades educativas para a ação. Para a fundamentação de cada ponto, recorri a diversos documentos, tais como notas de campo (Anexo A), reflexões (Anexo B), o Projeto Educativo (PE), o Plano de grupo (PG), a entrevista realizada à educadora cooperante (Anexo D) e à auxiliar de ação educativa (Anexo F), bem como outros dados fornecidos pela educadora de infância cooperante através de conversas informais.

2.1. Caracterização do meio envolvente

De acordo com Silva et al. (2016), “o desenvolvimento humano constitui um processo dinâmico de relação com o meio, em que o indivíduo é influenciado, mas também influencia o meio em que vive.” (p. 21). O meio social, no qual a organização socioeducativa está inserida tem influência determinante nas aprendizagens das crianças, uma vez que as suas potencialidades e características poderão contribuir para dar resposta às necessidades das mesmas (Silva et al., 2016).

A organização socioeducativa situa-se no município de Lisboa (Projeto Educativo (PE), 2021-2024). É um meio urbano com bastante movimentação, onde se pode encontrar diversos equipamentos culturais, assim como serviços ligados ao comércio, educação, saúde e lazer – capazes de apoiar possíveis projetos e propostas pedagógicas do interesse das crianças. O meio envolvente da organização socioeducativa dispõe de uma vasta rede de transportes públicos. As características do meio envolvente tornam-se promotoras de diversas atividades que a equipa educativa pode dinamizar/desenvolver com o intuito de estabelecer uma relação entre as crianças e a comunidade envolvente.

Desta forma, como estagiária nesta organização socioeducativa, tornou-se essencial conhecer e caracterizar o meio em que esta se encontra, visto que a criança se desenvolve em interação com o mesmo, adquirindo conhecimentos, tendo em conta os valores e a cultura do meio envolvente.

2.2. Caracterização do contexto socioeducativo

Segundo Lima (2011, citado por Caixeiro, 2014), compreender a organização educativa implica considerar a sua história enquanto unidade social fisicamente construída, as suas especificidades em termos de política e os seus objetivos educacionais.

Em 1928, foram inauguradas as atividades na organização socioeducativa, “em conformidade com o entendimento de uma nova pedagogia, a par da formação de carácter dos jovens.” (PE, 2021-2024, p. 5). Em 1996, o presidente decidiu tornar a organização socioeducativa, numa associação. Esta era destinada a “apoiar e promover as crianças e jovens em condições desfavorecidas.” (PE, 2021-2024, p. 5). Em outubro de 2003, a organização socioeducativa tornou-se numa IPSS, iniciando as atividades de creche e jardim de infância. O 1.º ciclo iniciou-se mais tarde, no ano letivo 2008/2009 (PE, 2021-2024).

De acordo com o PE (2021-2024), a principal missão da organização socioeducativa é “educar, incluindo” (p. 8) e a sua visão passa por “ser reconhecida como instituição de referência ao nível da educação e da inclusão.” (p. 8). Os seus valores fundamentais são a “responsabilidade, inclusão, dedicação, simplicidade e alegria” (p. 8).

A presente organização socioeducativa, “desenvolve um trabalho de apoio sócio-educativo a crianças e que conta com o apoio técnico e financeiro de diversas entidades oficiais.” (PE, 2021-2024, p. 8). Neste sentido, a mesma delineou os seguintes objetivos: “desenvolver competências afetivas, culturais e sociais enriquecedoras; desenvolver capacidades cognitivas, motoras e emocionais numa perspetiva integral e integradora; promover uma relação aberta com as famílias; contribuir para uma verdadeira inserção social de crianças e adultos; e desenvolver uma relação ativa e continuada com a comunidade educativa.” (PE, 2021-2024, p. 8).

Atualmente, a organização educativa dá resposta a crianças desde o berçário até ao 1.º ciclo do Ensino Básico. A creche é composta por dois berçários, três salas de um ano e três salas de dois anos. No pré-escolar, existem seis salas heterogéneas com crianças com idades compreendidas entre os três e os cinco anos. O 1.º ciclo é constituído por uma turma de cada ano de escolaridade. No total, existem trezentas e setenta e sete crianças. Destas, quarenta apresentam Necessidades de Saúde Específicas, abrangidas pela legislação atual (PE, 2021-2024).

No que diz respeito às crianças com Necessidades de Saúde Específicas (NSE), a organização socioeducativa dispõe de um Departamento de Educação Especial (D.E.E), que se rege “por um regimento próprio de funcionamento revisto anualmente” (PE, 2021-2024, p. 13).

Relativamente às atividades curriculares, as crianças têm aulas de educação física, expressão musical, expressão dramática e inglês. As crianças dispõem de sete atividades extracurriculares, de carácter não obrigatório, que podem usufruir tais como: o ballet, a catequese, o judo, a música, a dança, o futsal e a natação.

No que concerne às instalações, a organização socioeducativa está “atualmente organizada através de uma viagem à volta do mundo. Os diferentes blocos de edifícios representam os vários continentes e cada sala corresponde a uma das suas capitais.” (PE, 2021-2024, p. 21) (Anexo G). Assim, distribuíram-se as valências por blocos: creche, pré-escolar e 1º ciclo, facilitando o trabalho da equipa dentro das próprias valências (PE, 2021-2024). Cada valência tem a sua respetiva entrada na organização socioeducativa, tendo ao todo quatro entradas, uma para cada valência e a principal. Existem três pisos, sendo esses o piso menos um, zero e um. A organização socioeducativa dispõe de um átrio (recepção), biblioteca, sala multiusos (T.I.C e laboratório), casas de banho (interior e exteriores), ginásio, dois refeitórios, cozinha, salas de terapia, vestiários e oito recreios exteriores, amplos e arborizados com diversos materiais que promovem a brincadeira e a exploração por parte das crianças.

As salas do pré-escolar situam-se em dois pisos, três no primeiro piso do edifício e as outras três no piso zero. A deslocação entre salas é feita por escadas e rampa ou por

elevador, sendo este utilizado apenas em casos necessários. Importa referir que todas as salas do pré-escolar são acompanhadas por um educador e um auxiliar de ação educativa.

A organização socioeducativa funciona de segunda a sexta-feira entre as 07h45m e as 19h, de setembro a julho. No mês de agosto são organizados campos de férias semanais. Às 09h15m iniciam-se as atividades letivas (PE, 2021-2024).

A valência do pré-escolar baseia-se no Modelo de Pedagogia de Projeto com aproximações ao Movimento de Escola Moderna (MEM). O MEM “defende uma pedagogia sociocêntrica e cooperativa.” (Pessoa, 1999, p. 154). De acordo com Leite (2003), este modelo reconhece a educação como uma prática social, em que as crianças têm um papel central em todo o seu processo educativo.

Ao longo da minha prática nesta organização socioeducativa, tive por base os aspetos referidos anteriormente, no que diz respeito à missão, visão, valores e objetivos. Considerando sempre cada criança como um ser único e individual, procurei estabelecer ligação com as mesmas, respeitando todas as suas escolhas e valorizando os seus interesses, promovendo momentos de brincadeira e exploração.

2.3. Caracterização da equipa educativa

Segundo Silva et al. (2016), o trabalho em equipa e a relação entre profissionais tem impacto na educação das crianças. Deste modo, é fulcral conhecer os elementos da equipa educativa, bem como ter uma boa relação com os mesmos. O trabalho em equipa deve ser planeado e articulado em conjunto, para se alcançar os objetivos pretendidos (Roldão, 2007). Neste sentido, se o trabalho em equipa é algo a priorizar, importa conhecer os profissionais que constituem a equipa educativa da sala onde me encontro a realizar a minha Prática Profissional Supervisionada II (PPS II).

Na organização socioeducativa, tal como mencionado anteriormente, existem três coordenadores pedagógicos que estão presentes diariamente, que apoiam quando é necessário os agentes educativos de cada sala e estão atentos às necessidades e interesses das crianças. Para além dos coordenadores pedagógicos, na valência do pré-escolar estão presentes seis educadores de infância e seis auxiliares de ação educativa, organizados de

igual modo pelas diferentes salas. Estes procuram trabalhar em parceria, de forma a garantir o bem-estar e a segurança das crianças e com vista à promoção do seu desenvolvimento holístico. Além do trabalho em equipa no interior de cada sala, existe uma boa comunicação e colaboração entre os profissionais das diferentes salas, que contribui para a concretização dos objetivos definidos pela organização.

Dentro da organização socioeducativa e para além da articulação entre equipas educativas, existe contacto e proximidade com os colaboradores dos espaços comuns (refeitório, cozinha, recreio, entre outros). As atividades extracurriculares promovem o contacto entre crianças de diferentes salas, assim como a proximidade entre as crianças e os adultos. Deste modo, existe um ambiente familiar, no qual as crianças encaram os profissionais da sala como adultos de referência e têm uma relação próxima com os outros agentes educativos. Importa referir que o grupo que acompanho na minha PPS II, conhece todos os elementos pertencentes à equipa educativa e comunidade escolar, sendo possível observar a ligação e o carinho¹ que demonstram quando estes se encontram presentes.

No que concerne à equipa educativa da sala onde estou a realizar a minha PPS II, é constituída por uma educadora de infância, a M. e uma auxiliar de ação educativa, a A. Importa salientar que existe um trabalho de cooperação entre as mesmas, com o intuito de proporcionar e auxiliar todas as crianças no seu desenvolvimento e nas suas aprendizagens. A educadora de infância tem como formação profissional a licenciatura em Educação de Infância na Maria Ulrich tirada em 2003. A mesma encontra-se a realizar funções de educadora de infância nesta organização socioeducativa deste então, ou seja, há vinte anos. A auxiliar de ação educativa trabalha na organização socioeducativa desde 2019 e na sua formação profissional tirou o curso de Técnico Auxiliar de Infância com equivalência ao décimo segundo ano. De acordo com a educadora cooperante, é crucial o trabalho de cooperação entre as duas intervenientes e assume ainda, que é importante a existência de uma auxiliar de ação educativa envolvida com o grupo, pois apoia o trabalho

¹ A educadora cooperante encontrava-se no tapete, cumprimentou todas as crianças e conversou com as mesmas. (Nota de campo n.º 122).

da educadora². Considero, ainda, importante mencionar que a auxiliar de ação educativa na entrevista realizada à mesma, referiu que a “equipa de sala é sempre uma novidade (...), mas tem corrido bem, há uma boa comunicação entre nós o que ajuda muito”. (Anexo F. Transcrição da entrevista à auxiliar de ação educativa). Para se criar um ambiente educativo de qualidade, é importante que exista uma boa relação entre os diferentes elementos, o que é possível verificar nesta equipa educativa. É visível a importância que a organização socioeducativa atribui ao trabalho colaborativo e cooperativo entre os profissionais, que, mesmo tendo funções distintas, trabalham em equipa em prol do desenvolvimento de todas as crianças, tendo uma boa comunicação, partilha, cooperação e respeito mútuo.

Relativamente à prática pedagógica, a educadora de infância salienta que a organização socioeducativa tem por base o Modelo Pedagógico do Movimento Escola Moderna, contudo não é seguido na sua totalidade. Cada educador tem liberdade para trabalhar da sua forma, regendo-se pela base do Modelo Pedagógico definido na organização socioeducativa. A abordagem da educadora M., e de acordo com o que a mesma referiu em conversas informais e na entrevista concretizada, rege-se pelos princípios do Movimento da Escola Moderna, no entanto adapta a sua prática educativa às suas próprias ideologias e valores. A auxiliar A., ajuda e complementa a abordagem da educadora de infância, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento de cada criança.

Importa ainda referir que ao longo do ano letivo existem diversas reuniões entre os agentes educativos. De acordo com a educadora, todas as quartas-feiras os educadores de infância e a coordenadora do pré-escolar têm uma reunião, em que é organizado o trabalho colaborativo entre salas e também são partilhadas situações importantes ou projetos a ser desenvolvidos em sala (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante).

2.4. Caracterização do ambiente educativo

² “A auxiliar é muito importante e claro que o ideal é que esteja o mais envolvida possível com o grupo e com as tarefas.” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante).

O ambiente educativo representa um suporte para o desenvolvimento holístico da criança, uma vez que a partir das interações do grupo, dos materiais disponíveis e a sua organização, da distribuição e a forma como é utilizado o tempo, as crianças podem escolher, fazer e aprender (Silva et al., 2016). Segundo Portugal (2012), o ambiente educativo deve facilitar aprendizagens, criar desafios e que seja um espaço, que principalmente, promova a autonomia do grupo e as interações sociais. E ainda, que a sua organização seja feita tendo em consideração as características das crianças, os seus interesses, curiosidades e necessidades. De acordo com Silva et al. (2016), a organização do ambiente educativo é a interligação das dimensões de espaço, tempo e grupo. Dessa forma, importa caracterizar cada uma destas dimensões.

No que diz respeito ao **tempo e rotina**, estes revelam-se bastante fulcrais no dia a dia das crianças, como uma forma de estruturação de sequências temporais, ou seja, uma rotina que possibilita à criança uma antecipação e consciência do que irá surgir. Cardona (1999) considera que a existência de “uma estrutura espaço-temporal bem definida e explícita é fundamental, para uma boa familiarização das crianças com o funcionamento da sala de atividades” (p. 136) ao longo do dia.

A educadora cooperante através de conversas informais afirma que a existência de uma rotina permite às crianças que se sintam seguras, que antecipem acontecimentos e que o grupo funcione como um todo. A rotina deve respeitar os ritmos das crianças, garantindo o seu bem-estar e promovendo aprendizagens, tendo em consideração a participação ativa do grupo nos diversos momentos (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013).

O tempo da sala Bruxelas está organizado de forma a existirem momentos que se repetem todos os dias e ao longo das semanas, e daí se constrói a rotina (Anexo H). Na rotina do grupo existem vários momentos que proporcionam às crianças diferentes explorações, sendo essas: individuais, na qual têm a oportunidade de explorar as diferentes áreas constituintes da sala e no exterior; pequenos grupos, a partir das atividades dinamizadas e planificadas procedem à exploração de materiais; grande grupo, nas atividades, reuniões de grupo e leitura de histórias.

A rotina da sala Bruxelas é organizada em cinco momentos chave: *acolhimento* – em que é estabelecido o primeiro contacto do dia entre a criança, a equipa educativa e outras crianças; *atividades* – estas podem ser livres ou orientadas pela educadora; *alimentação* – presente três vezes na rotina (lanche da manhã, almoço e lanche da tarde); *higiene* – ocorre sempre antes e depois das refeições e sempre que é necessário; e *recreio* – na entrada e saída das crianças, a meio do período da manhã e após o almoço. Este momento é realizado sempre no espaço exterior, dando oportunidade às crianças de explorarem o espaço livremente.

Neste sentido, tendo em conta o que foi mencionado, é essencial conhecer um dia tipo da sala Bruxelas. O dia começa a partir das 07h45 com a entrada das crianças na organização socioeducativa. Estas ficam a brincar no recreio até às 09h15³, este é caracterizado por ser o momento do acolhimento. Este é realizado com as seis salas do pré-escolar juntas e sempre com auxiliares de ações educativa presentes. Durante o acolhimento, as crianças brincam e exploram os diversos materiais disponíveis no recreio. As entradas e saídas, assim como os momentos de brincadeira são realizados no recreio se existirem condições meteorológicas adequadas, se pelo contrário não se verificar, os mesmos são feitos na respetiva sala de atividades.

Às 09h15, o grupo dirige-se para a sala de atividades e é feito o momento inicial do dia com as crianças sentadas no tapete. Neste momento realiza-se a reunião de grupo⁴, que consiste na marcação das presenças, na divisão de tarefas, na organização dos mapas de registo, na planificação do dia e na introdução da atividade⁵. Até às 10h50 as crianças

³ A estagiária chegou à organização socioeducativa e dirigiu-se ao recreio antes do grupo entrar para a sala de atividades. (Nota de campo n.º 23).

⁴ De seguida, a educadora cooperante marcou o dia no calendário com todo o grupo e realizou a divisão de tarefas (chefe do dia, professor zen, apoio na sesta e contar uma história). A mesma é feita pela educadora cooperante que atribui cada tarefa a uma criança. O chefe do dia, é responsável pela contagem das crianças, marcar o tempo no mapa e ajudar em pequenas ações a pedido dos adultos da sala. O professor zen, coloca-se à frente do grupo e realiza alguns gestos zen, tornando um momento calmo e relaxante. O apoio na sesta, destina-se a crianças mais velhas, que auxiliam as crianças mais novas (dois e três anos) a preparar-se para a sesta, como colocar-lhes a fralda ou ajudar a deitar. O contar a história, a criança escolhida ao final da tarde conta uma história ao restante grupo. (Nota de campo n.º 2).

⁵ A educadora cooperante iniciou a parte da manhã com o conto de uma história “Caracolinhos de ouro” para introduzir a atividade no dia. (Nota de campo n.º 3).

concretizam as atividades dirigidas pelo adulto. Normalmente, as atividades são realizadas em pequenos grupos. Dessa forma, as restantes crianças ficam a brincar nas diversas áreas da sala e a explorar os materiais.

Das 10h50 até às 11h, é o momento de higiene e o reforço da manhã, em que as crianças comem na sala de atividades o lanche (fruta)⁶. Até às 11h45⁷, as crianças brincam no recreio. À segunda-feira as crianças mais velhas dirigem-se ao refeitório com a educadora para colocarem e organizarem a mesa do almoço. A hora do almoço começa às 12h⁸ e inicia-se com o momento de higiene. Terminada a refeição, por volta das 12h30, as crianças dos quatro e cinco anos regressam ao recreio e as crianças dos três anos dirigem-se, juntamente com a educadora cooperante para a casa de banho, ao lado do dormitório para realizarem a higiene da cara e das mãos⁹. À medida que as crianças têm a higiene feita, entram no dormitório, vão para a cama, tiram os sapatos e as calças, é colocada fralda nas crianças que necessitam e deitam-se. A educadora cooperante auxilia neste processo e senta-se ao pé das crianças que têm mais dificuldade em adormecer. O repouso é entre as 12h30 e as 15h. Às sextas-feiras, todas as crianças levam os lençóis para casa, para os pais procederem à sua lavagem e higienização.

Às 14h, realiza-se o projeto dos quatro e cinco anos. As crianças são divididas em grupos homogêneos por idades e distribuídas pelos educadores de infância do pré-escolar. Até às 15h¹⁰, ambos os grupos procedem à concretização do respetivo projeto. Ambos os projetos abordam e iniciam-se com uma história. Na hora dos quatro, as crianças têm uma história semanal e realizam ateliers diários que exploram diversas áreas

⁶ Após a atividade acabar, a educadora cooperante informou as crianças que estava na hora de arrumar a sala para irem lanchar. (Nota de campo n.º 39).

⁷ No recreio, todas as salas do jardim de infância estão juntas. Os grupos estão juntos e, dessa forma as crianças conseguem brincar todas juntas e criar interações sociais com crianças de idades e salas diferentes. (Nota de campo n.º 15).

⁸ Por volta das onze horas e cinquenta minutos, a auxiliar de ação educativa, pediu a todas as crianças que arrumassem o recreio e se preparassem para ir almoçar. (Nota de campo n.º 6).

⁹ A hora do almoço termina perto do meio dia e meio. Posteriormente, as crianças com três anos vão para a hora da sesta. (Nota de campo n.º 16).

¹⁰ As crianças dos três anos fazem a sesta, enquanto as crianças dos quatro e dos cinco formam grupos e são distribuídos pelos educadores da organização socioeducativa que fazem atividades destinadas ao desenvolvimento de cada grupo. (Nota de campo n.º 7).

de conteúdo (Informação fornecida pela educadora cooperante). Na hora dos cinco, a história é mensal e desenvolve-se com as crianças o raciocínio lógico-matemático e a linguagem oral e abordagem à escrita (Informação fornecida pela educadora cooperante).

Das 15h às 16h, realizam-se atividades na sala ou atividades curriculares como a educação física e música ou extracurriculares como futsal, natação, entre outros, consoante o dia da semana. Por volta das 16h, o grupo dirige-se para o refeitório para lanche. Quando termina o lanche, as crianças brincam no recreio até às 19h00. Neste período é feita a entrega das crianças às famílias.

Na rotina do grupo, existem dias específicos para as atividades curriculares. À segunda-feira o grupo tem aula de educação física às 15h15. À sexta-feira, às 15h as crianças têm aula de música. As aulas de inglês são realizadas à quarta-feira às 15h30 e à sexta-feira às 11h. Nas aulas de inglês, o grupo é dividido em dois, as crianças com três anos são um grupo e as com quatro e cinco anos são outro grupo. A aula de teatro divide-se também em dois grupos. O grupo dos cinco tem à segunda-feira, às 14h e o grupo dos quatro tem à quarta-feira à mesma hora.

No que concerne à organização do **espaço e dos materiais**, segundo Portugal (2012), é fundamental que o ambiente educativo ofereça às crianças diversos objetos interessantes, que despertem a sua curiosidade. É de extrema importância que estes objetos sejam seguros para as crianças e que estejam de acordo com a sua faixa etária. Folque, Bettencourt e Ricardo (2015) referem que o ambiente educativo deve ser um espaço aberto, amplo, adaptável, flexível e mutável, de acordo com as necessidades das crianças. Deste modo, a sala de atividades é um espaço que vai ser consequentemente influenciador no desenvolvimento e aprendizagem da criança. Após caracterizado o tempo e a rotina, importa compreender como está organizada a sala Bruxelas (Anexo I e J), bem como as suas características físicas.

De acordo com o PG (2023-2024), as áreas da sala de atividades estão diferenciadas e identificadas. Cada área está equipada com materiais e brinquedos adequados à faixa etária das crianças. Importa ainda realçar que, em cada área a criança tem oportunidade de desenvolver várias competências, tais como: adquirir maior

consciência de si mesma, desenvolver a imaginação, a criatividade, a linguagem, a capacidade de memorização, a atenção e a iniciativa.

No que diz respeito aos espaços e materiais, a sala está estruturada e organizada, contudo não tem carácter fixo, podendo ser alterada, tendo em conta os interesses, propostas e necessidades apresentadas pelas crianças, não deixando de ser acolhedor, estruturante e que respeite a livre expressão da criança (Vala, 2012). Assim sendo, o ambiente caracteriza-se por apresentar simultaneamente ordem e flexibilidade (Post & Hohmann, 2011). A sala Bruxelas é ampla, permitindo a todas as crianças terem espaço para se movimentarem e brincarem, sem obstáculos a interferir. Tem bastante luz natural, uma vez que a sala dispõe de uma porta em vidro, uma das paredes é também em vidro e tem diversas janelas, o que possibilita diferentes vistas, seja para a rua ou para o recreio. Os objetos dispostos na sala são flexíveis e seguros, dando a oportunidade de as crianças os transportarem e explorarem. Tanto os objetos como os brinquedos estão todos ao alcance das crianças, de modo a desenvolver a autonomia na arrumação da sala, e na escolha dos materiais que pretendem utilizar nas suas brincadeiras e explorações. Como Hohmann e Weikart (2009) afirmam, tanto os móveis como os materiais devem estar à altura das crianças, facilitando assim o seu acesso, o que irá promover a sua autonomia e sentimento de presença, visto que as crianças podem livremente escolher o material que pretendem explorar (Forneiro, 1998 citado por Resendes & Soares, 2002).

Relativamente às áreas, Oliveira-Formosinho e Araújo (2013) afirmam que a divisão do ambiente educativo por áreas distintas, permite à criança o poder de escolha, promovendo a aprendizagem ativa. Na sala Bruxelas estão presentes as seguintes: área dos jogos de mesa; área da garagem; área dos jogos de tapete; área do faz de conta; área de informática; área do escritório; área da plasticina; área da caixa de areia; e área da biblioteca (Anexo I e J). Estas foram definidas pela educadora cooperante.

Na *área dos jogos de mesa*, encontra-se um armário com diversos jogos e puzzles, no qual as crianças podem escolher, tirar e arrumar no fim da sua utilização. Para além disso, inclui uma mesa para as crianças realizarem os diversos jogos.

A *área da garagem* inclui um tapete com estradas e sinais de trânsito, onde as crianças exploram os objetos presentes no mesmo, duas caixas com diversos carros e meios de transportes diferentes e acessórios de construção de pistas e pontes¹¹. Esta área permite desenvolver a motricidade, a imaginação, a criatividade, a noção espacial, a capacidade de associação e o jogo simbólico.

A *área dos jogos de tapete*, localiza-se como o nome indica no tapete. Esta área inclui caixas com diversos materiais de construção em madeira e tijolos em cartão¹². Post e Hohmann (2011) realçam que nesta área, as crianças têm a oportunidade de manipular objetos, encaixar uns nos outros e desmontá-los, desenvolvendo a orientação espacial.

A *área do faz de conta* é denominada pelas crianças de “Casinha”, por ser um espaço onde se encontram elementos típicos de uma casa. Esta área inclui uma cozinha de madeira, duas mesas de apoio, cadeiras, cama para bonecos, toucador com espelho, caixa com diversas roupas, utensílios de cozinha, caixa registadora e carrinho e ainda brinquedos referentes à profissão de médico, entre outros objetos¹³. As crianças diversas vezes saem desse espaço e andam pela sala de atividades vestidas com os diferentes acessórios¹⁴. Esta área permite à criança desenvolver a criatividade, a imaginação, a resolução de problemas, a coordenação motora e espacial e as interações sociais.

Na *área de informática*, podemos encontrar uma mesa com uma cadeira e um computador. Esta área permite às crianças “reconhecer os recursos tecnológicos do seu ambiente e explicar as suas funções e vantagens” e “utilizar diferentes suportes tecnológicos nas atividades do seu quotidiano, com cuidado e segurança” (Silva, et al., 2016, p. 93).

¹¹ (...) na área da garagem a brincar com os carros e com pistas de carros. (Nota de campo n.º 22).

¹² O A. estava a brincar com os legos e os blocos de construção no tapete. (Nota de campo n.º 187).

¹³ A estagiária dirigiu-se para a área do faz de conta e brincou com a M.A aos médicos, cabeleireiros e diversas brincadeiras através da imaginação da própria criança. (Nota de campo n.º 93).

¹⁴ A M. foi ao encontro da estagiária com um vestido de noiva, solicitando a ajuda da mesma para lhe vestir o vestido. (Nota de campo n.º 97).

A *área do escritório* tem disponível uma mesa, cadeiras, dois computadores de plástico e diversos conjuntos de cartões com imagens e o respetivo nome e números. De acordo com Silva et al. (2016) nesta área, as aprendizagens a promover são “reconhecer letras e aperceber-se da sua organização em palavras” (p.70) e “identificar quantidades através de diferentes formas de representação” (p.77).

A *área da plasticina* inclui uma mesa e cadeiras. As crianças têm à sua disposição um armário com duas caixas com plasticina. A exploração da mesma é realizada na mesa.

Na *área da Caixa de Areia*, encontra-se uma caixa de plástico com areia e diversos materiais dentro desta, como conchas, entre outros.

Por último, a *área da biblioteca* é composta por um armário com livros e um banco. Nesta área, ao promover o acesso regular aos livros é facilitada a aprendizagem da leitura e da escrita (Post & Hohmann, 2011), as crianças desenvolvem a linguagem oral, proporciona o gosto por histórias e livros e promove o diálogo.

A zona do tapete, para além de corresponder a uma das áreas da sala de atividades, é utilizada para a realização de diversos momentos em grande grupo, tais como as reuniões em grupo, leitura de histórias, audição de músicas, jogos e atividades. Neste espaço, pretende-se que as crianças desenvolvam a linguagem oral e tenham a oportunidade de partilhar experiências.

No centro da sala encontram-se diversas mesas e cadeiras, onde são realizadas as atividades. As propostas de atividades, normalmente, decorrem na parte da manhã e surgem dos interesses das crianças. Com as atividades pretende-se que as crianças se expressem livremente e explorem a sua criatividade através dos diferentes materiais disponibilizados. As explorações/atividades podem ser realizadas de forma autónoma ou orientadas pelo adulto.

Ademais, na sala de atividades existe um armário grande, que pertence à auxiliar de ação educativa e à educadora cooperante. Estas guardam no armário os seus materiais, papéis com informações das crianças, livros e documentos. Uma estante com várias

prateleiras, onde estão disponíveis diversos materiais utilizados em atividades como lápis, canetas, borrachas, colas, entre outros, todos ao alcance das crianças (Anexo I e J). Para além disso, está disposto material utilizado nas atividades com orientação da educadora. Na sala existem mesas, cadeiras, dois bancos, almofadas, um espelho, diversos brinquedos interativos e lúdico-pedagógicos, uma caixa com os cantis de cada criança, ar condicionado e um lavatório. A decoração das paredes da sala é feita com as produções realizadas pelas crianças, sendo estas alteradas ao longo do tempo e de acordo com a temática a ser abordada. Para além disso, nas paredes da sala existem alguns mapas de registo, sendo esses: o calendário; mapa das presenças; quadro das tarefas; o mapa do tempo; mapa da contagem das crianças presentes e não presentes; e quadro dos projetos.

Importa ainda referir que, praticamente todos os materiais encontram-se em bom estado de conservação. Os objetos que estejam estragados e que provoquem risco para as crianças, a equipa educativa rapidamente retira-os da sala e são substituídos.

Fora da sala, o grupo de crianças utiliza o espaço exterior que é comum a outras salas, partilha a casa de banho e o refeitório. O espaço exterior tem um escorrega, casinha, materiais de construção, bicicletas, trotinetes, capacetes, entre outros¹⁵. A casa de banho tem lavatórios, sanitas e um fraldário. O refeitório tem diversas mesas, cadeiras e armários de apoio. Importa mencionar que os móveis, os materiais disponíveis, as mesas e as cadeiras são adaptados ao tamanho das crianças, promovendo a sua autonomia.

Em suma, é fulcral proporcionar à criança um ambiente rico e estimulante, onde existe uma organização espaço-temporal bem definida, dessa forma é dada a oportunidade à criança de se situar no tempo e de ser autónoma (Cardona, 1999).

2.5. Caracterização do grupo de crianças

A caracterização do grupo de crianças deve ser considerada a base de qualquer prática educativa, uma vez que as especificidades de cada criança, a sua individualidade,

¹⁵ No recreio, existem diversas brincadeiras e interações com os materiais, desde: andar de bicicleta; fazer construção; jogar à bola; brincar na casinha; entre outros. (Nota de campo n.º 15).

constituem-se como base das intenções de um educador de infância. Importa ainda compreender que as crianças são “portadoras de uma experiência social única que as torna diferentes umas das outras” (Ferreira, 2004, p. 65), sendo essas diferenças respeitadas. É fundamental que o educador compreenda cada criança, reconheça o seu desenvolvimento, interesses e dificuldades e de que forma as situações de aprendizagem devem ser propostas de maneira a irem ao encontro das necessidades da criança (Silva et al., 2016). É fulcral que seja garantida uma prática pedagógica diferenciada com a inclusão de todas as crianças.

O grupo de crianças da sala Bruxelas é constituído por vinte e quatro crianças, com idades compreendidas entre os dois e os cinco anos, sendo que doze são do sexo masculino e doze do sexo feminino. É visível a diferença de idades, contudo é apenas um marco, não sendo exata quanto ao desenvolvimento e aprendizagem de cada criança, pois estes variam de criança para criança. Observando o Anexo K, verifica-se que no final da minha PPS II, cinco crianças terão cinco anos, dez terão quatro anos e nove terão três anos de idade. Todas as crianças pertencentes ao grupo são de nacionalidade portuguesa.

Por outro lado, no grupo existe uma criança que apresenta Necessidades de Saúde Específicas. É uma criança de três anos com Paralisia Cerebral. Esta caracteriza-se por ser carinhosa, sociável e bem-disposta. Não comunica verbalmente, no entanto nas suas interações, seja com adultos ou crianças realiza gestos e reproduz sons. Apresenta bastantes dificuldades a nível motor, tendo de se deslocar ao colo de um adulto ou de cadeira de rodas. Esta criança usufrui de diversas sessões de terapia que auxiliam o seu desenvolvimento. A criança é acompanhada por uma Educadora de Educação Especial em alguns dias da semana específicos.

No que concerne ao percurso institucional, apenas uma criança ingressou este ano letivo na organização socioeducativa, na sala Bruxelas. As restantes já frequentavam a organização (Anexo K). O grupo, na sua maioria, é assíduo e frequenta em média nove/dez horas na organização socioeducativa, sendo que a maioria das crianças entra às 08h30 e sai pelas 17h00/18h00.

Em relação à Área da Formação Pessoal e Social, o grupo é recetivo à integração de novos adultos na sala e facilmente estabelece interações e brincadeiras com os mesmos. No geral, é um grupo bastante carinhoso, algumas crianças são muito afetuosas com a equipa educativa, demonstrando no dia a dia esse afeto a partir de gestos e palavras. Na relação entre pares, é possível observar a preocupação pelo outro, existem diversos momentos de brincadeira em conjunto, de afeto e demonstram amizade. É um grupo com bastante espírito de entreajuda e demonstram uma preocupação acrescida com a criança que apresenta Necessidades de Saúde Específicas¹⁶. É um grupo observador em relação ao que os outros estão a fazer e acabam por imitar gestos e brincadeiras. No entanto, existem momentos de conflitos, por exemplo quando querem o mesmo brinquedo. Por vezes, não é necessário a mediação do adulto, pois as crianças percebem o que está mal e resolvem sozinhas, noutras o adulto intervém, explicando sempre a situação da melhor maneira. Em relação ao respeito pelo outro, é difícil para as crianças esperarem a sua vez de falar, interferindo e interrompendo a fala das restantes crianças. O grupo apresenta, ainda, algumas dificuldades nos tempos de espera para realizar atividades.

No que diz respeito à Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, o grupo consegue comunicar facilmente utilizando palavras pertencentes ao vocabulário do contexto em que se encontram. No grupo, como mencionado anteriormente, existe uma criança que não comunica verbalmente, sendo utilizadas estratégias não verbais com a mesma. No que concerne ao Domínio da Matemática, existem crianças bastante desenvolvidas e com grande à vontade. Contudo existem crianças que ainda não conseguem contar, ou contam até um certo número e depois saltam. Relativamente à Área do Conhecimento do Mundo, é uma das áreas de interesse do grupo. Este demonstra curiosidade em saber mais sobre o mundo que o rodeia.

Em relação ao desenvolvimento motor, a maioria das crianças percebe e respeita as regras dos jogos e consegue realizar vários tipos de deslocamentos como andar, correr,

¹⁶ Durante o recreio, as crianças por iniciativa própria, brincam e auxiliam o Z. a deslocar-se pelo espaço do recreio. (Nota de campo n.º 10).

O S. acalmou-se e deu um abraço ao Z. (Nota de campo n.º 39).

saltar, entre outros. Em termos de manipulação e motricidade fina, as crianças apresentam algumas dificuldades na utilização da tesoura e da pinça.

Em relação aos interesses do grupo, este é curioso¹⁷, interessado, ativo, participativo em todas as novas explorações como atividades propostas. O grupo explora todas as áreas da sala, sendo a área do faz de conta, dos jogos de tapete e da garagem as mais escolhidas. As crianças deste grupo demonstram um grande interesse por histórias¹⁸, tanto contadas pelo adulto como pelas próprias crianças, no projeto dinamizado em sala “Contadores de histórias”. As crianças recorrem à área da biblioteca para explorarem os diversos livros disponíveis. Quando é feita a leitura de uma história ao grupo, este demonstra interesse, prestando atenção. Este interesse foi mencionado pela educadora cooperante na entrevista realizada à mesma¹⁹. Para além deste grande interesse, as crianças demonstram prazer e entusiasmo nas atividades de expressão plástica, principalmente a pintura e o desenho.

Relativamente à autonomia, considero o grupo bastante autónomo. Tanto a nível da sua higiene como a nível da alimentação. No entanto, existem crianças que necessitam de mais ajuda na alimentação, a comer a sopa e quando não gostam da refeição. Nesses momentos, um adulto intervém, conversa com a criança sobre o que está no prato, incentiva e motiva a mesma a comer ou a provar. A maior parte das crianças demonstra grande independência nas diversas tarefas como vestir/despier o casaco, os sapatos, entre outras. É um grupo que se esforça para concretizar pequenas tarefas de forma

¹⁷ “São curiosos, apesar desta imaturidade acho que até são curiosos e acho que há muita interação entre as várias idades.” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante).

¹⁸ M.A.: Posso ler a minha história à tarde?

ESTAGIÁRIA: Podes.

F.D.: Joana, podes ler uma história?

ESTAGIÁRIA: Posso.

(...) Ao longo da história o grupo demonstrou-se bastante interessado, ficando em silêncio e atento à leitura. (Nota de campo n.º 91).

¹⁹ “Acho que eles gostam muito de histórias, apesar de se desconcentrarem ainda um bocadinho. Portanto, não pode ser também qualquer história, mas acho que eles se interessam e quando é uma boa história eles ficam bastante concentrados.” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante).

independente. O grupo demonstra ser conhecedor da sua rotina e seguro na utilização dos seus tempos e espaços.

Apesar das diferentes características e interesses etários, pretende-se que as crianças tenham a oportunidade de ter vivências, atividades semelhantes e situações em comum. É importante realçar as fragilidades do grupo, contudo tem vindo a ser melhorado ao longo da minha prática. É um grupo “imaturo, (...) é um grupo agitado (...). É um grupo ainda com algumas dificuldades de concentração (...).” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante). Este apresenta dificuldades em prestar atenção e manter-se concentrado em momentos em grande grupo. Durante a realização de uma atividade, existem crianças que perdem rapidamente o foco, destabilizando o restante grupo com comportamentos de desvio, conversas paralelas e agitação.

No que concerne à hora da sesta, existem onze crianças a realizar este momento. Todas as crianças realizam a sua higiene autonomamente, tiraram os sapatos, roupa e deitam-se. Relativamente ao controlo esfinteriano, apenas duas crianças utilizam fralda durante o dia e três utilizam apenas na hora da sesta.

Por último, importa referir que o grupo de crianças tem uma boa relação com a equipa educativa da sala, relação essa de segurança e confiança, recorrendo aos adultos quando precisam de algo, seja carinho, ajuda ou querer mostrar alguma conquista.

Neste contexto tive oportunidade de realizar um portfólio de uma criança do grupo, mostrando o seu desenvolvimento ao longo dos meses, o seu dia-a-dia e as suas conquistas (Anexo L).

2.6. Caracterização das famílias

A família é a primeira e principal entidade com a qual a criança socializa. Sendo que a família é quem conhece melhor a criança, torna-se assim fulcral manter uma relação de parceria, respeito e cooperação com a mesma, no sentido de complementaridade de ações e atitudes (Sarmiento & Carvalho, 2017). O educador deve procurar formas de

comunicação e estratégias que propiciem esse envolvimento e facilitem a articulação e a continuidade entre os diferentes contextos da vida da criança (Silva et al., 2016).

A “criança não se desenvolve e aprende apenas no contexto de educação de infância, mas também noutros em que viveu ou vive, nomeadamente no meio familiar, cujas práticas educativas e cultura própria influenciam o seu desenvolvimento e aprendizagem” (Silva et al., 2016, p. 9), tornando-a num ser único e individual com características, interesses e vivências próprias. Por esta razão, torna-se imprescindível retratar não só a condição social das mesmas, como também a relação estabelecida com a equipa educativa.

Posto isto, a presente caracterização das famílias do grupo de crianças tem por base informações fornecidas pela educadora cooperante e pela coordenadora do pré-escolar que são apresentadas na tabela presente no Anexo M. Quanto à nacionalidade, todas as famílias são de nacionalidade portuguesa. No que concerne à estrutura familiar, todas as crianças têm uma família nuclear, ou seja, vivem com a mãe e com o pai. No grupo, à exceção de seis crianças, todas têm irmãos a frequentar a organização socioeducativa. Após a análise da tabela construída e tendo em conta que oito pais não partilharam as suas habilitações literárias, verifica-se que a condição socioeconómica das famílias é de classe média-alta, fazendo a relação entre a escolaridade e a profissão que exercem. Tanto a mãe como o pai das crianças têm formação a nível do ensino superior e têm profissões de rendimentos altos. Existem três crianças que o progenitor a nível de escolaridade tem o secundário, no entanto exerce uma profissão de alto rendimento. No que diz respeito ao concelho de residência, a maioria das crianças reside no mesmo concelho que a organização socioeducativa, dessa forma é fácil a deslocação até à mesma. Apenas cinco crianças residem num concelho diferente.

No que diz respeito à articulação/participação das famílias na organização socioeducativa e no processo de aprendizagem das crianças, através de conversas informais com a educadora cooperante, a entrevista à mesma e o plano de grupo, é possível afirmar que existem diversas estratégias e iniciativas que promovem a participação das famílias. Todas as segundas-feiras, a educadora cooperante envia para

os pais, via e-mail, a planificação semanal, assim como o “Correio” que promove a comunicação do que foi feito durante a semana anterior.

A organização socioeducativa implementa diversas iniciativas que contribuem para a relação escola-família, tais como as festas, seja de Natal ou de final do ano e o Dia da Família, em que as famílias dirigem diversas atividades com as crianças (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante). A educadora cooperante na sala de atividades desenvolve diversas estratégias que promovem a relação entre estes dois intervenientes. Estas estratégias passam pelos “projetos de sala, em que os pais são convidados a vir à sala e a participarem de alguma forma” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante) e atividades dirigidas pela educadora cooperante, em que as famílias também participam, como enviar moldes para casa e os pais têm de completar uma frase ou decorar algum material.

Ao longo da minha prática, foi possível observar que toda a equipa educativa mantém uma boa relação e de proximidade com as famílias, existindo sempre conversas na entrada ou na saída das crianças, sobre aspetos que sejam importantes serem falados ou informações que seja necessário transmitir. Para além disto, as famílias podem partilhar informações à educadora cooperante através de conversas por telefone ou mensagens.

Ao longo do ano letivo são feitas duas reuniões obrigatórias. No início do ano é feita uma reunião em grupo, em que são partilhadas informações acerca do grupo em geral, da sua organização, metodologia implementada, objetivos, projetos de grupo e projeto anual de escola (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante). No final do ano, são feitas reuniões individuais com os pais de cada criança, em que se fala do percurso da mesma ao longo de todo o ano letivo. Para além destas, a educadora cooperante tem uma reunião individual com os pais das crianças que são novas no grupo ou na escola (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante). As crianças com Necessidades de Saúde Específicas, para além destas respetivas reuniões acima mencionadas, têm mais duas reuniões individuais com os pais, onde também estão presentes os terapeutas. A educadora cooperante afirma ainda que “ao longo do ano há

sempre reuniões ou abertura para haver reuniões.” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante). Estas podem ser marcadas pela educadora cooperante se achar pertinente falar sobre alguma temática ou solicitada pelos pais, sempre que sentirem essa necessidade (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante). O educador ao proporcionar encontros entre educadores e familiares, assegura o desenvolvimento educativo das crianças de forma participada e dialogante (Niza, 2013).

A articulação entre famílias e escola é uma mais-valia para as crianças, no sentido em que os encarregados de educação são informados sobre toda a dinâmica envolvente, o desenvolvimento e aprendizagens das crianças, assim como também podem participar e sugerir novas estratégias.

3. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA

| ' ' | | ' ' |

3.1. Intenções para a ação

Segundo Silva et al. (2016), é fundamental que o educador defina um conjunto de intenções que caracterizem a sua ação. A intencionalidade educativa funciona como uma reflexão do educador sobre as suas perspectivas e valores subjacentes às suas finalidades, permitindo-lhe “atribuir sentido à sua ação, ter um propósito, saber o porquê do que faz e o que pretende alcançar.” (p. 13). Importa salientar que, existem documentos orientadores, contudo estes devem servir apenas como uma referência para gerir e criar o currículo, uma vez que este deve ser adaptado ao contexto social, às características tanto das crianças, como das famílias e ao desenvolvimento de cada criança e do grupo (Silva et al., 2016).

Neste sentido, com base na caracterização realizada anteriormente, delineei as intenções para a minha ação pedagógica, indo ao encontro de todos os intervenientes, sendo estes as crianças, as famílias e a equipa educativa. É importante referir que pretendi dar continuidade ao trabalho, às intenções e aos princípios estabelecidos pela educadora cooperante, de forma a garantir o bom funcionamento e a qualidade das rotinas. Neste capítulo, irei explicitar as intenções educativas que irão guiar a minha ação pedagógica e as respetivas avaliações.

3.1.1. Intenções para a ação com as crianças

Segundo Portugal (2000), “o bem-estar e desenvolvimento dos mais pequenos requerem profissionais com conhecimentos sobre o comportamento e desenvolvimento das crianças, capazes de compreender e reconhecer as suas diferentes necessidades e promover a exploração, respeitando a sua curiosidade natural.” (p. 86). Ao definir as minhas principais intenções educativas para o grupo, tive como intuito dar resposta às necessidades e aos interesses de cada criança, assumindo-a sempre como um sujeito ativo do seu processo educativo.

No que diz respeito à primeira intenção, esta surge ao deparar-me com um grupo de crianças com características, interesses e necessidades diferentes e próprias. Neste sentido, considerei de extrema importância, **estabelecer uma relação próxima e afetiva, baseada na confiança, segurança e respeito com as crianças.** A partir desta intenção,

cada criança foi ganhando a consciência de que podia confiar mim, que era um adulto que lhes transmitia segurança e que estaria sempre disponível para as ouvir e ajudar em tudo o que precisassem. Destaco que ao longo da minha PPS II sempre respeitei o ritmo e o tempo de cada criança, aproximando-me gradualmente de cada uma. Por outro lado, se alguma criança demonstrasse alguma atitude menos positiva face à minha aproximação, afastava-me e esperava que a mesma me procurasse.

Durante a minha prática procurei criar essa relação com cada criança. Esta relação não foi conseguida com todas as crianças numa fase inicial, isto é, existiram crianças que necessitaram do seu tempo e espaço. Contudo, considero que estabeleci uma relação próxima e afetiva com cada criança de forma natural e genuína, sendo possível verificar-se quando eu chegava à organização socioeducativa, as crianças demonstravam-se contentes, em momentos de brincadeira, de tristeza²⁰, na resolução de conflitos e quando me procuravam para receber e transmitir carinho. Segundo Post e Hohmann (2011), as crianças ao estarem rodeadas por pessoas que lhes são próximas e que confiam, permitem-lhes explorar e descobrir as novidades e desafios que promovem o seu desenvolvimento e aprendizagem. A relação de proximidade, requer também a necessidade de dar afeto. Assim, dei prioridade em toda a minha PPS II, aos momentos de afeto como os abraços, o contacto visual, os beijinhos, as brincadeiras, as palavras de conforto²¹ e motivação.

No que concerne à segunda intenção, a mesma está relacionada com a primeira, **respeitar os interesses, necessidades, ritmos e as individualidades de cada criança**. Esta intenção pressupõe que cada criança seja vista como um ser único e especial, com vivências e características próprias, no qual deve ser dada a oportunidade de vivenciar e experimentar uma infância com dignidade e respeito (Sarmiento & Carvalho, 2017).

²⁰ O F.D parou de chorar, contudo ficou ao pé da estagiária agarrado à sua perna.

ESTAGIÁRIA: Não queres ir brincar?

F.D.: Não.

O F.D. demonstrou-se triste e ficou o resto do recreio ao pé da estagiária agarrado a si a fazer carinhos na sua perna. (Nota de campo n.º 33).

²¹ A estagiária dirigiu-se ao T.M., uma vez que observou este a chorar.

ESTAGIÁRIA: O que se passa?

T.M.: Estou triste! Queria dizer uma coisa ao meu pai.

ESTAGIÁRIA: Logo à tarde, quando ele chegar, dizes! Pede à educadora M. que escreva num papel o que queres dizer para não te esqueceres. (Nota de campo n.º 90).

Lopes et. al. (2006) afirmam que, o educador deve sempre ter em conta as necessidades e o ritmo de cada criança, ou seja, deve sempre incluí-la e nunca a estigmatizar, seja qual característica que a criança apresente. O educador, ao conhecer a individualidade de cada criança, desenvolve uma prática diferenciada, adequada e, deste modo, responsiva.

Ao longo da PPS II, privilegiei momentos de qualidade com cada criança, apoiando o desenvolvimento da sua autoestima, e contribuindo assim para o bem-estar das crianças. Nesta linha de ideias, foi fundamental ouvir cada criança, compreender quais os seus interesses, observar as brincadeiras, comportamentos e as relações com os seus pares, permitindo-me compreender algumas características individuais de cada criança, identificar as suas aptidões e, desta forma, planificar. As planificações foram adaptadas e adequadas ao ritmo, às características e fragilidades de cada criança, procurando responder aos seus interesses.

A terceira intenção, passou por **privilegiar o brincar**, oferecendo tempo e espaço para as crianças brincarem individualmente, a pares ou com adultos. De acordo com Kishimoto (2010), o brincar é caracterizado como uma ação livre, que pode e deve surgir a qualquer hora, sendo o seu autor a criança. Através do brincar, a criança manifesta a criatividade e desenvolve competências sociais e cognitivas e compreende o mundo que a rodeia (Coelho & Vale, 2017). No decorrer da minha PPS II, observou-se que o brincar está sempre presente no dia a dia da criança, o que é bastante positivo. Nos momentos de brincadeira foi possível compreender que as crianças socializavam mais com os seus pares, desafiavam-se a si próprias e tinham diálogos onde partilhavam ideias e conhecimentos. Dessa forma, procurei proporcionar, regularmente, espaços e tempos de qualidade de brincadeira e participava nas brincadeiras sempre que alguma criança demonstrava essa intenção²².

Outra das minhas intenções, consistiu em **promover a autonomia das crianças**, encarando-as como o sujeito principal da ação pedagógica, a quem deve ser possibilitada a participação ativa no dia a dia. O grupo de crianças é bastante autónomo em momentos

²² A L.P começou a brincar com a estagiária, dando-lhe as mãos, mexendo nos bolsos do seu casaco e na cara. A S. aproximou-se e começou a brincar também com a estagiária. (Nota de campo n.º 108).

de higiene e alimentação, no entanto esta intenção torna-se importante, no sentido em que as crianças fossem desenvolvendo a sua autonomia, tanto nas atividades como na resolução de conflitos. Esta intenção contribui para a segurança e autoestima de cada criança. Neste sentido, ao longo da minha PPS II, proporcionei diversos momentos para o grupo desenvolver a autonomia, tendo ocorrido uma evolução a este nível. As crianças começaram a ter conhecimento da sua rotina e a realizar autonomamente algumas ações como limpar a boca, comer sozinho e na resolução de conflitos entre pares. É, assim, importante que a equipa educativa ofereça momentos de aprendizagem que proporcionem a autonomia das crianças, procurando a sua independência e autoconfiança. Para isso, precisam de experienciar novas oportunidades, de modo a fazerem escolhas significativas (Portugal, 2017).

A acrescentar às intenções anteriores, tive como intuito **promover momentos de diálogo, partilha e cooperação**. Nesta intenção assumi o papel de mediadora de conflitos, e é através desta mediação que as crianças adquirem competências que as tornam mais autónomas na resolução de conflitos. Para além disso, tive como objetivos inculcar nas crianças a importância destes princípios, promovendo momentos de cooperação ao realizarem tarefas em conjunto, ajudando-se mutuamente. Ao se tornarem mais competentes no reconhecimento dos seus sentimentos e dos outros, comunicando acerca do sucedido, vão tendo mais facilidade na partilha e na cooperação. Para tal, procurei incentivar as crianças a brincarem com cooperação, a aguardar pela sua vez e a partilhar. Segundo Almeida & Ferreira (2014), os momentos de interação permitem que a criança ganhe noção de si própria e do outro, tornando-se companheiros.

Por fim, no que se refere à minha última intenção com as crianças, a mesma está relacionada com a temática da minha investigação, mais concretamente **proporcionar momentos de leitura de histórias e promover o contacto com livros**. As histórias fazem parte da infância, tal como o brincar e permitem à criança fantasiar e lidar com algumas frustrações que possam acontecer no seu dia a dia. Sequeira (2000) refere que a leitura de histórias promove a autonomia, permite enriquecer a personalidade da criança e desenvolve o espírito crítico, estando aberto às diversas perspetivas. Na minha ação educativa, procurei proporcionar regularmente vários momentos de leitura de histórias,

abordando diferentes temáticas, com o intuito de promover diversas aprendizagens, tendo em consideração os interesses do grupo.

3.1.2. Intenções para a ação com as famílias

A família é a primeira e principal entidade com a qual a criança socializa. É a família que melhor conhece a criança e as suas características. De acordo com Matos (2003), as famílias são as primeiras educadoras e assumem um papel importante na educação das crianças. A organização socioeducativa e as famílias são dois contextos sociais que contribuem para a educação da criança, neste sentido é fulcral que haja uma relação entre estes dois sistemas (Silva et. al., 2016). Estas duas entidades veem a criança de forma diferente, mas ambas pretendem o mesmo, que esta se desenvolva, tenha sucesso académico e educativo (Zenhas, 2010).

Nesse sentido, a primeira intenção que delinee na minha ação educativa foi **estabelecer uma comunicação aberta, de confiança e respeito com as famílias**, envolvendo-as na minha ação pedagógica, tornando o trabalho colaborativo entre ambas as partes. A existência desta relação, possibilita que as famílias confiem em mim e no meu trabalho para deixarem o seu filho e se sintam seguras e à vontade para transmitir qualquer informação ou recado.

No início da minha PPS II, a educadora cooperante informou os pais da minha presença na sala de atividades. Ao longo das semanas, procurei estabelecer uma relação de proximidade com as famílias, contudo não foi conseguida da forma que esperava, uma vez que as entradas e saídas das crianças eram realizadas em horários que não estava presente. No entanto, de forma indireta, através de iniciativas implementadas pela organização socioeducativa foi possível dar a conhecer às famílias o que estava a ser desenvolvido com as crianças e em dias festivos houve a possibilidade de conversar com algumas famílias. Entreguei, também, a todas as famílias um protocolo de consentimento e informei quais os objetivos e os aspetos mais relevantes relativamente à minha investigação, para que estas autorizassem. Por último, importa destacar que a participação das famílias e a comunicação que se estabelece com estas, facilita a compreensão dos interesses das crianças que, de outra forma, não seria possível perceber.

Quanto à segunda intenção, esta passou por **promover a participação e o envolvimento direto e indireto das famílias no processo educativo das crianças**, uma vez que é de extrema importância que as famílias tomem conhecimento do que está a ser desenvolvido, assim como das conquistas e aprendizagens das crianças. Em relação a esta intenção, procurei ao longo de todo o meu percurso envolver as famílias, assim como partilhar com estas o que foi desenvolvido semana após semana com as crianças. A educadora cooperante realiza um “Correio Semanal”, que é enviado todas as semanas com o resumo da semana anterior. Nesse sentido, quando desenvolvia alguma atividade com o grupo procurei que esta fosse incluída no ficheiro, visualizando o seu registo com a educadora cooperante. Para além disso, na realização do projeto “Como é que são os indianos? Eles vivem na Índia?”, procurei que a família participasse de forma direta ou indireta.

No que concerne à minha segunda intenção, esta recaiu sobre **a proteção de dados e o anonimato das famílias**, não expondo qualquer informação sobre as mesmas e indo ao encontro da Carta de Princípios para uma Ética Profissional da APEI, (2011) “sigilo relativamente às informações sobre a família, salvo exceções que ponham em risco a integridade da criança.” (p. 2). Desta forma, garanti sempre que qualquer informação que me fosse transmitida pela equipa educativa, pelas crianças ou famílias fosse mantida em confidencialidade.

3.1.3. Intenções para a ação com a equipa educativa

Hohmann e Weikart (2009) afirmam que “o trabalho em equipa é um processo de aprendizagem pela acção [*sic*] que implica um clima de apoio e de respeito mútuo.” (p. 130). Na mesma linha de pensamento, Roldão (2007) refere que a colaboração entre atores educativos é uma mais-valia, propiciando um processo de trabalho articulado, permitindo alcançar melhor os resultados visados. Neste sentido delineei as minhas principais intenções educativas para com a equipa educativa.

A primeira intenção diz respeito a **estabelecer uma relação próxima, cooperativa, de confiança e de respeito com a equipa educativa e com a restante equipa da organização socioeducativa**. Como com as crianças e as famílias, a confiança

é a base de uma relação, a equipa educativa não é exceção. Para concretizar a minha intencionalidade, desde o início da minha PPS II, procurei ter uma postura de trabalho em equipa, **trabalhando em parceria com os agentes educativos**.

Os meus princípios pedagógicos foram ao encontro dos princípios definidos pelos profissionais da sala, com o intuito de proporcionar o desenvolvimento das crianças. Para tal, procurei estabelecer uma **comunicação aberta** sobre qualquer assunto importante ou informações relevantes para a prática. Durante a minha PPS II, comuniquei todas as minhas intenções e propostas e estive sempre **disponível a receber sugestões e estar recetiva a estas**, levando-me a adequar cada vez mais a minha prática, tendo em conta os interesses e necessidades das crianças e que me permitissem evoluir tanto enquanto pessoa, como enquanto futura profissional de educação, indo ao encontro da minha intenção de **aprender e apreender**.

As minhas intencionalidades foram concretizadas, uma vez que tanto a educadora cooperante como a auxiliar de ação educativa, acolheram-me de maneira a sentir-me desde cedo integrada no grupo, deixando-me à vontade em relação à minha participação com o grupo. Transmitiram-me segurança, pois através da confiança e da proximidade com as mesmas, foi possível dirigir algumas partes do dia a dia com o grupo, sentindo que confiavam em mim, como momentos de acolhimento, higiene, entre outros. Ambas as profissionais presentes na sala demonstraram estar disponíveis para me auxiliar e apoiar durante o meu período na organização socioeducativa. Ao longo das semanas, realizei diversas reuniões com a educadora cooperante, nas quais a mesma partilhava o seu feedback, sugestões de melhorias da minha prática. E ainda, existia troca de ideias para a planificação da semana seguinte, indo ao encontro da minha intenção de **promover a partilha de saberes, experiências e ideias**. De acordo com Roldão (2007), o trabalho de equipa consiste num “processo articulado e pensado em conjunto, que permite alcançar melhor os resultados visados” (p.27).

Para concluir, todos estes fatores proporcionaram a criação de uma boa relação com toda a equipa educativa, criando um bom clima, ambiente e bem-estar geral, com os objetivos em comum: o desenvolvimento e aprendizagem de todas as crianças, bem como o seu bem-estar e a satisfação das suas necessidades básicas.

3.2. Processo de intervenção da PPS em Jardim de Infância

A intervenção de um profissional é principalmente baseada pelas suas intencionalidades educativas (Silva et al., 2016), que emergem da sua própria avaliação. São as intencionalidades educativas que permitem ao educador atribuir um significado à sua ação. As suas intenções são delineadas através da concretização de diversas “etapas interligadas, desenvolvidas de forma sucessiva e interativa. Estas são, nomeadamente, “observar, registar, documentar, planear e avaliar.” (Silva et al., 2016, p. 13). De acordo com Parente (2012), o trabalho desenvolvido pelo educador deve sustentar-se nos interesses das crianças e focalizar-se nas respostas às necessidades, curiosidades e experiências do dia-a-dia.

Dessa forma, ao longo do meu processo de intervenção tive em consideração as características e necessidades das crianças, assim como as intenções para a ação que delineei, mencionadas anteriormente. Neste seguimento, em primeiro lugar tive como principal objetivo observar o grupo de crianças para identificar os seus interesses, necessidades e características individuais, o trabalho desenvolvido pela equipa educativa, as interações desta com as crianças e as intenções para a sua ação, assim como a organização do espaço, materiais e da rotina. Através desta observação, registei todas as informações adquiridas. Ao existir “uma articulação lógica entre a observação, a identificação de necessidades, interesses e capacidades, e a disponibilização de recursos” (Carvalho & Portugal, 2019, p. 27), consegue-se proceder a uma utilização mais adequada da informação obtida, o que me permitiu realizar uma caracterização reflexiva do contexto no qual iria intervir.

Após as observações e os momentos de interação com as crianças, com a equipa educativa e famílias, realizei notas de campo de momentos, que considerei mais significativos. Estes registos permitiram-me não só fazer uma avaliação do contexto educativo, como também adaptar a minha ação, no sentido de uma prática profissional de qualidade, planificar e, conseqüentemente, dinamizar propostas educativas, adequadas ao grupo de crianças. É fundamental após a planificação e concretização, avaliar.

Considero importante realçar a elaboração do portfólio de uma criança do grupo. Ao longo da sua construção procurei refletir sobre o desenvolvimento e a aprendizagem

e as interações da criança. Segundo Parente (2009) a elaboração de um portfólio individual representa uma estratégia de avaliação e tem como objetivo ilustrar as aprendizagens, comportamentos e atitudes demonstradas pela criança. Para dar início ao mesmo, foi necessário conversar com a família da criança e entregar um consentimento informado, de forma a que ficasse registado a autorização dos pais na realização do portfólio. No decorrer da construção do mesmo, conversei com a criança sobre o que estava a ser incluído no portfólio e se esta concordava ou não e o que gostava de acrescentar.

Na minha intervenção, depois de qualquer atividade realizei uma reflexão escrita sobre o desenvolvimento da atividade, no que se refere às estratégias e materiais utilizados, ao envolvimento e aprendizagem das crianças, à minha postura e aos pontos a melhorar.

Desde o primeiro dia de estágio, procurei interagir com cada criança, tendo sempre em consideração a vontade desta em interagir comigo. Nos primeiros contactos com as crianças tive atenção às suas características, interesses e necessidades. A comunicação foi um elemento crucial para a aproximação entre mim e as crianças, como também o afeto e carinho que fui demonstrando pelas mesmas. Ao longo das semanas, foi-me dada a oportunidade de intervir nos diferentes momentos da rotina diária do grupo, permitindo-me interagir com as crianças e estas aos poucos foram se sentindo confiantes e seguras com a minha presença. Nos diversos momentos da rotina, foi possível brincar com as crianças, reconfortá-las quando necessitavam, apoiando e elogiando as suas conquistas, auxiliando-as nos momentos de refeição, higiene e na resolução de conflitos, dando sempre espaço para que estas tivessem o seu momento de autonomia. Para além disso, nos momentos de brincadeira, tentei conversar com as crianças de forma calma, respeitando sempre os sentimentos de cada uma, para que pudessem brincar em conjunto e partilhar. Foi notório a evolução da minha relação com grupo.

Nesta sequência, considero que consegui estabelecer uma relação de respeito, confiança e afeto com o grupo de crianças, tentando sempre passar segurança, fortalecer a autoestima das crianças e promover o desenvolvimento das suas competências sociais.

No decorrer da minha intervenção propus atividades ao grupo de crianças, tornando-as o agente principal do seu processo educativo, dando total liberdade de escolher se queriam ou não participar nas atividades. Para além disso, procurei adaptar todas as atividades às necessidades e interesses do grupo. Em momentos de brincadeira, procurei interagir e criar pequenos jogos e dinâmicas, tal como potenciar novas explorações com os materiais disponibilizados, de forma diversificada.

Considero que durante a prática tive como principal objetivo o bem-estar das crianças, ou seja, respeitei sempre os ritmos de desenvolvimento, os interesses e as necessidades do grupo. Ademais, procurei sempre potenciar um desenvolvimento holístico, partindo das observações, registos e reflexões acerca da minha ação com as crianças, para que a cada dia pudesse melhorar a minha prática profissional supervisionada.

Ao longo da minha intervenção, procurei, também, dar resposta aos objetivos que delinee para a minha investigação. Neste sentido, procurei realizar leitura de histórias praticamente todos os dias, de diferentes temas, indo esses ao encontro dos interesses do grupo, de maneiras diversificadas. Após esses momentos, existia um momento, no qual realizava registos escritos e, posteriormente uma reflexão.

Para concluir, foi através da observação que foi possível conhecer as crianças e identificar as suas necessidades e interesses. E a partir de um dos interesses manifestados pelo grupo, surgiu a temática para a minha investigação: compreender a importância das histórias no jardim de infância. No próximo capítulo apresento a investigação realizada em contexto jardim de infância.

4. INVESTIGAÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA

| ' ' | | ' ' |

A investigação, na área da educação, representa uma “ferramenta imprescindível à análise das práticas e do saber educativos.” (Hamido & Azevedo, 2013, p. 1). As mesmas autoras afirmam que, a partir da investigação e do pensamento científico, é possível problematizar e compreender as situações educativas, de forma a construir e sistematizar o saber educativo. Numa investigação, é necessário existir uma reflexão, por parte de quem a realiza, acerca dos instrumentos, métodos e contextos educativos envolvidos na investigação (Alves & Azevedo, 2010).

Neste sentido, no presente capítulo será apresentada a investigação realizada na minha PPS II, iniciando-se na identificação e fundamentação da problemática da investigação, seguindo-se a revisão da literatura, na qual será aprofundada a problemática identificada considerando autores de relevo e uma bibliografia atualizada. Serão ainda descritas as opções metodológicas e éticas, sendo estas o meu principal guia durante a minha prática e, por fim, a análise e discussão dos resultados da investigação.

4.1. Identificação e fundamentação da problemática

“Uma investigação é conduzida para resolver problemas e para alargar conhecimentos sendo, portanto, um processo que tem por objectivo enriquecer o conhecimento já existente” (Bell, 1997, p. 14). Para que uma investigação seja significativa o educador deve escutar, observar e registar os interesses, necessidades, dificuldades e opiniões das crianças (Louro, 2013). Neste sentido, procurei adotar uma postura atenta, registando todas as informações importantes, de forma a identificar uma problemática pertinente.

Foi através dos meus registos e da minha observação atenta das crianças que me apercebi desde cedo que o grupo demonstrava bastante interesse em momentos de leitura de histórias. Todos os dias, a educadora cooperante realizava a leitura de uma história relacionada com a temática a ser desenvolvida e as crianças traziam livros de casa para a sala para contarem às restantes crianças. Este momento estava inserido no projeto “Contadores de histórias”, dinamizado pela educadora cooperante. E ainda, presenciei diversos momentos em que as crianças solicitavam, tanto a mim como à equipa educativa,

que lhes lesse uma história, como é possível verificar na seguinte nota de campo: “Joana, podes ler uma história?” (Nota de campo n.º 91).

Considerando o interesse demonstrado pelas crianças em ouvir histórias, assim como a atenção e o envolvimento que entregavam em cada leitura e audição, decidi debruçar-me sobre este tópico, definindo como problemática da investigação: “Qual é a importância das histórias no jardim de infância?”. Deste modo, defini três objetivos para a minha investigação, sendo esses: i) Conhecer e analisar as conceções da educadora e das famílias acerca da importância das histórias no jardim de infância; ii) Compreender e analisar o papel do educador de infância e das famílias na promoção de histórias às crianças; iii) Identificar as práticas pedagógicas que a educadora implementa com as crianças na promoção de histórias e no contacto com os livros.

4.2. Revisão da literatura

4.2.1. A importância da leitura de histórias no jardim de infância

As histórias fazem parte da infância da criança, assim como o brincar, uma vez que permite à criança fantasiar e lidar com as frustrações do seu dia a dia. Desta forma, é de extrema importância que as crianças tenham contacto com a literatura infantil, uma vez que permite às mesmas conhecer melhor o mundo que as rodeia, promove o desenvolvimento de competências a vários níveis e proporciona a construção de atitudes positivas, isto é, a autoestima, a tolerância para com os outros, a curiosidade perante a vida (Rigolet, 2009). A criança ao ter contacto com histórias nos primeiros anos de vida tem a oportunidade de vivenciar novas experiências, assim como, adquirir meios indispensáveis para o desenvolvimento da sua personalidade. Almeida (2002) refere que, “a audição e leitura de histórias representam uma elevada função educativa que se traduz na promoção das potencialidades naturais da criança.” (p. 140).

A leitura e exploração de histórias permite à criança adquirir valores que serão fundamentais ao longo da sua vida e ainda possibilita o seu desenvolvimento. Valores esses que dão “razão de ser aos comportamentos.” (Dohme, 2010, p. 23), como “alegria, amor, partilhar, confiabilidade, cooperação, coragem, cortesia, honestidade, igualdade, justiça, lealdade, misericórdia, paz, respeito, responsabilidade, solicitude,

tolerância.” (Santos, 2014, p. 26). As histórias estimulam a criatividade da criança, pois permite-lhe enriquecer o seu imaginário, tornando-a mais criativa, e ainda o enriquecimento do vocabulário, tornando-o mais diversificado (Almeida, 2002). Embora nesta faixa etária as crianças ainda não saibam ler nem escrever, ao terem contacto com livros descobrem o prazer da leitura e ao ouvirem histórias estão implicitamente a experimentar a relação entre a escrita e a leitura.

Quando o adulto proporciona a leitura de uma história à criança, esta presta atenção ao que o leitor lhe apresenta, está atenta a todos os pormenores do texto e das ilustrações, o que posteriormente leva ao “desenvolvimento da memória, a capacidade de atenção e a compreensão da criança.” (Almeida, 2002, p. 140). O contacto precoce das crianças com livros e ao vivenciarem momentos de audição de histórias, desenvolvem, gradualmente, “comportamentos e atitudes características de um leitor, baseadas na observação daquele que elege como modelo e lhe serve como ponto de referência.” (Cardoso, 2010, p. 13). Este contacto precoce é fulcral para o desenvolvimento da criança a nível social, cultural, afetivo e linguístico. O contar e ler histórias pode-se considerar que são momentos privilegiados de interação das crianças com a linguagem. De acordo com Albuquerque (2000), “uma criança ouvindo uma história, se envolve naturalmente na efabulação, vai aprender uma série de mecanismos conscientes que a impelem a revê-los, rearranjá-los e a fantasiar sobre eles, de modo a permitir-lhe encontrar respostas para os seus problemas.” (p. 17). Neste sentido, as histórias também auxiliam as crianças a superar os seus medos e angústias, no sentido em que encontram nos livros, através do que ouvem e observam, situações com as quais se identificam.

Mata (2008a) refere que “a leitura de histórias é uma actividade [sic] muito rica e completa, pois permite a integração de diferentes formas de abordagem à linguagem escrita, em geral, e à leitura, de uma forma específica”. (p. 78). Para além das vantagens já mencionadas acerca da leitura de histórias no jardim de infância, Hohmann e Weikart (2009) realçam que também se criam relações afetivas neste processo. O narrador, sejam familiares ou educadores, ao contar uma história às crianças, está intrinsecamente a estabelecer laços emocionais com as mesmas, “um laço emocional e pessoal muito forte, de forma que as crianças passam a associar a satisfação intrínseca a uma relação humana

muito significativa com as histórias e a leitura.” (Hohmann e Weikart, 2009, p. 547). Para além do mencionado, o contacto precoce com as histórias promove o desenvolvimento cognitivo e psicológico, isto é, a criança ao entrar nos possíveis mundos da ficção confronta-se com novas formas de representação do real. A criança revê-se nas personagens e nos seus modos de agir, levando a que esta aprenda por si, ou com auxílio do adulto, que a vida nem sempre é linear e que os problemas das personagens ou da própria criança, também podem ser resolvidos (Mendes & Velosa, 2016).

Mesquita (1999) acrescenta que a literatura infantil tem como grande finalidade “promover na criança o gosto pela beleza da palavra, o deleite pela criação de mundos de ficção.” (p. 3). Para além das potencialidades das histórias mencionadas acima, Cullinan (1995) e Galda e Cullinan (2000) acrescentam que, a leitura de histórias proporciona às crianças a audição de uma leitura fluente; oferece modelos e ideias; alarga o tipo de experiências das crianças, proporcionando-lhes oportunidades que possivelmente não teriam no seu quotidiano; incentiva o gosto pelos livros e por novas descobertas; desperta a curiosidade da criança para manusear e perceber as características de um livro.

Para completar todos estes benefícios, Almeida (2002) acrescenta que a criança ao ouvir histórias, desenvolve, ainda, a inteligência, uma vez que, atravessa diversos desafios mentais. Sousa (2015) apresenta os vários níveis de desenvolvimento, que o contacto com leitura diária proporciona à criança: i) Nível pessoal – na audição de uma história a criança “integra as vivências das personagens” (p. 65) desenvolvendo diversos sentimentos e emoções; ii) Nível linguístico – ouvir histórias diversificadas em temáticas e no tipo de texto “possibilita à criança alargar o vocabulário” (p. 65); iii) Nível conceptual – A variedade de histórias possibilita “novas ideias, novos conceitos, cultura, tradições e valores” (p. 65) à criança que, aprenderá a “explorar, a criar, a planear” (p. 65) mundos imaginários; iv) Nível corporal e artístico – a variedade de personagens existentes nas histórias influencia a criança na forma como vai utilizar o seu corpo e os objetos para criar diferentes personagens simbólicas; v) Nível textual – a leitura e o relato de histórias proporcionam à criança o desenvolvimento de “um registo de linguagem mais próximo do da escola.” (p. 65). Como tal, a Literatura Infantil, pode considerar-se um recurso pedagógico de aprendizagem, uma vez que através do seu

encanto, estimula a reflexão e o espírito crítico da criança em relação a si mesma e ao mundo que a rodeia.

Ao encontro do mencionado, Gonzalez et al. (2014) afirma que a leitura de histórias é uma prática que contribui para o desenvolvimento linguístico, no qual as crianças aprendem e descobrem palavras novas, alargando assim o seu vocabulário. Para além disso, aprendem, de forma indireta, o reconhecimento das letras, assim como vão compreendendo que existe uma direccionalidade da escrita. Ao explorar o livro, as crianças adquirem hábitos de leitura e comportamentos de leitor, como o segurar num livro, virar das páginas, entre outros.

Por fim, Mata (2008a) defende que “é indiscutível . . . a importância da prática de leitura de histórias, enquanto actividade [*sic*] regular, agradável e que proporciona interacções [*sic*] e partilha de ideias, concepções [*sic*] e vivências.” (p. 78). Na mesma linha de ideias, a leitura de histórias deve estar presente na rotina de um grupo de crianças, uma vez que “a escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas (...) além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil.” (Souza & Bernardino, 2011, p. 237). Para além de todas as potencialidades descritas, existem “outras aprendizagens fundamentais para as crianças que se dão através da leitura, desde os conhecimentos acerca do mundo até as dimensões inerentes à própria vida” (Albuquerque, 2010, p. 10), tornando a leitura de histórias um momento imprescindível, essencial e benéfico no quotidiano das crianças.

4.2.2. O papel dos educadores de infância enquanto promotores de leitura de histórias

O educador assume um papel fulcral na promoção de leitura de histórias, uma vez que este é visto como um adulto de referência para as crianças. Dessa forma, uma das suas intencionalidades educativas deve ser a promoção de leitura de histórias, a criação de hábitos de leitura e o contacto com diferentes tipos de textos, assim como partilhar “as suas estratégias de leitura” (Mata, 2008a, p. 65). A leitura de histórias é também uma atividade de comunicação, na qual o educador transmite à criança valores, costumes, tradições e estimula a sua formação enquanto cidadão. Desta forma, o educador assume um papel fundamental nesta temática, uma vez que este deve proporcionar momentos de

leitura, apresentando materiais diferentes e que potenciam a criança a desenvolver entusiasmo e gosto pela audição de histórias e, conseqüentemente pela leitura.

Lerner (2002) salienta que ao ler, o educador está a ensinar às crianças como se faz para ler. Neste sentido, a leitura ganha significado para as crianças, embora estas ainda não saibam ler por si próprias. Silva (2021) afirma, ainda,

que os educadores são os responsáveis por criar um ambiente apelativo e cativante, levando as crianças a viver a história para além da realidade, a dar asas à sua imaginação e aos seus sonhos e permitindo à criança fazer parte da história. (p. 38).

Assim sendo, cabe ao educador proporcionar à criança “um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, no qual o enredo e os personagens ganham vida, transformando tanto o narrador como o ouvinte” (Mateus et al., s.d., p. 56). O espaço físico deve ser confortável, com luz e seguro, de forma que a criança se sinta mais predisposta à leitura da história. É essencial que a história agrade ao educador, uma vez que este deve narrar com entusiasmo, com envolvimento e com gosto, de forma lúdica e cativante (Balça & Leal, 2014), pois a criança “se faz leitor e se apropria da leitura por mediação do educador” (Claudino, 2012, p. 317). É ainda fundamental que o educador crie uma relação de cumplicidade entre a história e as crianças, valorizando a narração pelo prazer que desperta nas crianças (Albuquerque, 2000).

Se o educador se revelar atento às emoções e ações das crianças, propicia a que estas, posteriormente, também contem as suas histórias, recontem histórias conhecidas e criem enredos. Enredos esses, resultantes das suas vivências familiares, imaginados e aguçados pelas histórias que escutam. Portanto, para que uma história seja narrada com encanto e sensibilidade, o narrador tem de a conhecer, previamente, antes de a contar ao grupo, tem de se identificar com o texto e dominar algumas técnicas.

No entanto, não é só a qualidade do texto que tem importância para a criança. As ilustrações “é um elemento preponderante, por facilitar a compreensão do texto verbal” (Mendes & Velosa, 2016, p. 121) e são fundamentais para que a criança compreenda melhor e se apaixone por uma história. No entanto, cabe ao adulto a tarefa de evidenciar

o olhar das crianças para as ilustrações, deixando-as explorar o livro, percebendo o que é e foi mais significativo para cada criança.

O educador ao realizar a leitura de histórias apenas com o livro como meio de narração de uma história, está a limitar a imaginação e a criatividade das crianças, isto é, utilizando o livro, os cenários são descritos, bem como o retrato das personagens são traçados (Albuquerque, 2000). Desta forma, Corsaro (2002) afirma que o educador, ao utilizar outros recursos para além do livro valoriza o conteúdo da história, mas também promove o envolvimento das crianças na história, a motivação destas para a hora do conto, a criatividade, a imaginação e facilita a captação da sua atenção.

Marchão (2013) refere que “a interação com o livro não tem hora marcada, deve acontecer sempre que a criança quiser e o trabalho da educadora é apoiá-la nessa descoberta.” (p. 31). Ademais, durante a leitura de histórias, segundo Kishimoto (2010), “as crianças gostam de ouvir histórias e também de fazer comentários. Não gostam de ficar apenas ouvindo, caladas. Querem participar da história. Vão se tornando leitoras, ouvindo, vendo, falando, gesticulando” (p. 7). Desta forma, o educador deve potenciar momentos de diálogos, de forma a motivar as crianças e a desenvolver a sua oralidade.

Mata (2008a) afirma ainda que, as crianças com idades compreendidas entre os zero e os seis anos relevam bastante interesse e apreço pela leitura de histórias. Neste sentido, o educador deve estimular este interesse, tornando os momentos dinâmicos e agradáveis, “fonte de inúmeras reflexões e partilhas e um elemento central na formação de “pequenos leitores envolvidos” que conseguem aproveitá-la para irem muito mais além do que aquilo que está escrito nas páginas.” (p. 80).

A prática da leitura ou conto de histórias precoce traz benefícios às crianças, ao nível do desenvolvimento das competências de leitura e ao nível do desenvolvimento pessoal. No entanto, este desenvolvimento depende das experiências leitoras ou das contadoras, que por norma, acontecem em dois contextos: o familiar e o educativo, pois “o leitor não nasce, faz-se: mas o não leitor também.” (Cerrillo, 2006, p. 72).

A leitura de histórias para as crianças, e com as crianças, não deve ser apenas um momento vivenciado no contexto escolar, deve ser realizado também no contexto

familiar. Segundo Cruz et al. (2012), os pais são modelos de excelência para os seus filhos, transmitem-lhes hábitos e práticas que condicionam os seus gostos e atitudes. Dessa forma é de extrema importância que o educador envolva as famílias nas práticas de leitura de histórias, promovendo a sua participação e colaboração.

4.2.3. O papel das famílias na promoção de leitura de histórias

As histórias tornam-se uma forma de linguagem materna por excelência, um modo das famílias reforçarem laços de afecto [*sic*] e momentos de intimidade; ao mesmo tempo na escola apresentam-se como uma poderosa estratégia educativa, já que é indiscutível o prazer com que as crianças escutam estas narrativas. (Albuquerque, 2000, p. 14).

Bastos (1999) afirma que os “primeiros mediadores possíveis [das crianças] serão, sem dúvida os pais” (p. 285), sendo o primeiro agente de socialização e, por consequência tendo uma relação privilegiada com os seus filhos, cabe a estes propiciar “o clima adequado para que a criança, desde muito pequena, seja capaz de ir vendo e lendo num clima de silêncio, de valorização, de sossego.” (Manzano, 1988, p. 18). O seio familiar desempenha um papel fulcral na criação de leitores, no desenvolver e inculcar hábitos de leitura. Fonseca (2013) salienta que, “os pais são os primeiros responsáveis por apresentar livros às crianças e devem ainda fazer leituras de livros para os filhos despertando o gosto pela leitura.” (p. 9).

É crucial que as famílias compreendam o poder do exemplo conjunto (Fonseca, 2013 citada por Silva e Gonçalves, 2020), ou seja, a criança ao observar um membro da sua família a ler um livro, o seu instinto será imitar, embora que as primeiras experiências não tenham significado. Ao longo do tempo, este momento tornar-se-á uma atividade prazerosa, podendo ser realizada em conjunto. Segundo Mata (2004), as “práticas de literacia familiar são também muito importantes na formação de atitudes positivas face à linguagem escrita, sendo estas um elemento base subjacente às características motivacionais para a literacia das crianças” (p. 95). Tal como nos referem Cruz et al. (2012), o contributo dos pais, não se resume à frequência em que são realizadas atividades de leitura de histórias, mas também pela qualidade das interações durante estes momentos.

Neste sentido, Silva et al. (2016) referem que “os pais/famílias, como principais responsáveis pela educação dos filhos/as, têm também o direito de participar no desenvolvimento do seu percurso pedagógico (...).” (p. 16). Dessa forma, cabe às famílias conversar com os educadores, para saber as preferências dos seus filhos, as histórias que apreciam, como gostam de ouvi-las, para que, em casa, também possam realizar práticas de leitura significativas para os seus filhos (Kaercher, 2010).

Deste modo, de acordo com Bastos (1999), é fundamental que a família adquira livros do interesse da criança, assim como ler histórias de diversos géneros, promovendo assim momentos de leitura. A criança ao ter acesso, no seu contexto familiar, a livros que pode explorar e folhear, sem que lhe seja imposto, tem mais probabilidade de desenvolver o prazer associado à leitura (Santos, 2000). Na mesma linha de ideias Cruz et al. (2012) revelam estratégias para que a família seja capaz de tornar o momento da leitura prazeroso: (i) incentivar as crianças a explorar livros, tendo em atenção os seus interesses, como o seu nível de desenvolvimento; (ii) associar o momento de leitura a algo positivo; e (iii) recorrer à leitura expressiva, utilizando jogos e vozes diferenciadas. Para além disso, as famílias devem proporcionar aos seus filhos momentos de aprendizagens através do contacto com livros, revistas, jornais, entre outros (Hannon, 1995, citado por Ribeiro & Viana, 2009) e promover a inserção dos filhos em ambientes de formação de leitores (feiras, bibliotecas públicas, livrarias, entre outros.).

Por fim, a família é a principal responsável pela criação e manutenção de uma rotina de leitura, assim como tornar este processo prazeroso (Cruz et al., 2012), mostrando que as histórias e os hábitos de leitura podem ser uma atividade de prazer e alegria compartilhada por todos em casa, de forma a criar experiências agradáveis ao ler e contar histórias (Kaercher, 2010). Posto isto, é fulcral que os educadores e as famílias trabalhem em conjunto, dada a importância destes no processo de ensino-aprendizagem das crianças.

4.2.4. As práticas pedagógicas e a organização do ambiente educativo na promoção do contacto com o livro e da leitura de histórias

O educador tem um papel crucial na promoção da leitura de histórias, assim como no contacto das crianças com a literatura infantil. Este ao assumir um papel de grande

importância no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento da criança, deve repensar tanto nas suas práticas pedagógicas como na organização do ambiente educativo, de forma que esta promoção seja significativa para as crianças. De acordo com Portugal (2012), a organização do ambiente educativo, pode promover como limitar as explorações das crianças

e as suas interações com os outros, pode facilitar ou não a sua autonomia e as rotinas, os momentos de aconchego, de conforto e bem estar, (...) facilitar aprendizagens, criar desafios, provocar a curiosidade, potenciar autonomia e relações interpessoais positivas. (p. 12).

Na sala de atividades, a área da biblioteca é essencial para a criação de hábitos de leitura e o contacto com os livros, uma vez que neste espaço a criança pode explorar livremente, no seu tempo e conforme a sua disposição os materiais de leitura existentes (Balça, 2011). Neste sentido, o educador deve estimular e incentivar as crianças a visitar e explorar a área da biblioteca.

No que diz respeito à área da biblioteca, esta deve-se caracterizar por um espaço acolhedor, estimulante, aberto, simples e acessível, de forma a permitir o manuseamento dos livros. Esta deve conter a quantidade de livros suficiente para dar resposta a todas as crianças, aos seus interesses, idades e níveis de maturidade. Para além da quantidade de livros, é fundamental que exista diversos tipos de livros e com várias funções. O educador deve incentivar a sua utilização e exploração, integrando-os no quotidiano e nas atividades com as crianças, assim como, construir livros com as crianças e integrá-los na área da biblioteca, explicitando às mesmas as particularidades de cada um, tal como as características dos textos (Mata, 2008b). Segundo Mendes (2015) na área da biblioteca devem ser disponibilizados diferentes tipos de livros, de forma a estimular o interesse das crianças, como “livros informativos, enciclopédias, clássicos da literatura infantil universal, contos tradicionais, álbuns, livros-objeto, livros pop-up, livros de pano, livros de grande qualidade estética e literária, livros sem texto, livros de banda desenhada, livros trazidos de casa pelas crianças” (p. 144). A organização e arrumação dos mesmos deve ser realizada com as crianças, de maneira que as mesmas consigam ver as capas dos livros,

isto é, encostados em armários ou prateleiras ao nível das crianças para que tenham acesso rápido aos livros para manipulá-los e arrumá-los facilmente (Post & Hohmann, 2011).

No que concerne à localização da área da biblioteca no ambiente educativo, de acordo com Post e Hohmann (2011) esta deve ser num dos cantos da sala, de modo a que seja um espaço calmo, sem que a movimentação nas outras áreas interfira com a exploração dos livros. Esta área deve ser delimitada por algum mobiliário e incluir alguns objetos, como almofadas ou umas cadeiras, de forma a tornar-se um espaço confortável, no qual as crianças podem explorar os livros, sentadas, sozinhas ou com os seus colegas, ou até mesmo com o educador (Post & Hohmann, 2011).

Existem algumas atividades que o educador pode realizar com as crianças para a promoção da literacia, tais como: “exposições de livros, visitas de autores/as, representações de marionetas e peças de teatro, elaboração de livros escritos pelos alunos, sessões de contos, debates sobre livros, confeção de marcadores, cartazes ou slogans” (Sobrinho, 2000, p. 70). E ainda, este pode recorrer a livros com as crianças para procurar respostas sobre uma determinada informação, na elaboração de projetos e na elaboração de receitas de culinária. Para além disso, é crucial, facultar às famílias “listas de obras recomendadas, bem como dar conselhos sensatos acerca da leitura.” (Sobrinho, 2000, p. 71).

O educador deve promover o contacto da criança com a leitura, através da Hora do Conto. Este deve ser um momento, no qual é imprescindível o cuidado, o rigor, a atenção e o envolvimento, de modo a acolher e envolver a criança (Cavalcanti, 2006). A Hora do Conto estabelece um momento de fascinação pelo livro e pela leitura e permite ao educador criar uma relação próxima com as crianças (Velo, 2001). O educador ao inserir na sua rotina a Hora do Conto proporciona às crianças o contacto e uma diversidade de experiências e sentimentos que levam ao gosto e prazer pela leitura.

Além do descrito anteriormente, o educador pode e deve criar dinâmicas e projetos na sala de atividades com as crianças. O projeto “Contadores de histórias” permite que a criança conte uma história, através da sua imaginação e memória. Traça (1992) afirma que a criança ao “contar põe em ação a memória, desenvolvendo a capacidade de

memorização e compreensão do que se ouve, a lógica do pensamento e a afectividade [sic] da criança.” (p. 141). Ao contactar com uma história, a criança vai ampliando as suas capacidades cognitivas, o mundo da fantasia mistura-se com o mundo real, dando origem a novas formas de pensar e agir, permitindo-lhes recontar ou criar os seus próprios enredos e, conseqüentemente, aprimorar a sua capacidade de improvisação.

A criança ao percorrer as páginas ilustradas e ao manipular os diversos recursos auxiliares das histórias, vai construindo a sua própria narrativa, expressando-a em voz alta, quer para si, quer para os outros. A leitura das ilustrações, precede à leitura do texto verbal, pois a criança começa por visualizar as imagens, antes de se expressar verbalmente (Mendes & Velosa, 2016). Por fim, de acordo com Traça (1992) “escutar e repetir, compreender e fixar, constituem os primeiros passos do processo de transmissão e memória, graduam o processo de iniciação à literatura oral” (p. 141). As crianças, enquanto contadoras de histórias, ampliam a sua capacidade de imaginação e ação quando confrontadas com acontecimentos reais, e sentem-se mais estimuladas a dialogar, interpretar e a ir mais além daquilo que está escrito.

4.3. Roteiro Metodológico e Ético

No presente capítulo, apresento, de forma fundamentada, as opções metodológicas tomadas para a realização da investigação com o grupo de crianças.

Numa investigação, é crucial apresentar e explicitar as opções éticas e metodológicas seguidas no decorrer da mesma. Neste sentido, para iniciar a investigação delineei as opções metodológicas que iria adotar, assim como o método, as técnicas e os instrumentos de recolha de dados e, por fim o roteiro ético (Anexo L). Neste sentido, o tópico que identifica a problemática de investigação, assenta numa questão “Qual a importância das histórias no jardim de infância?”. Tal como mencionado anteriormente, a minha investigação foi desenvolvida em contexto de jardim de infância, com 24 crianças, com idades compreendidas entre os 2 e os 5 anos. Todas as crianças do grupo foram incluídas na investigação, uma vez que todos os encarregados de educação deram autorização, através de um protocolo de consentimento elaborado por mim (Anexo M).

No que diz respeito aos objetivos para a investigação, estes foram delineados em função do que pretendia alcançar com a mesma. No final, é esperado que consiga dar resposta a estes objetivos. Assim sendo, os objetivos da investigação passam por: i) Conhecer e analisar as conceções da educadora e das famílias acerca da importância das histórias no jardim de infância; ii) Compreender e analisar o papel do educador de infância e das famílias na promoção de histórias às crianças; iii) Identificar as práticas pedagógicas que a educadora implementa com as crianças na promoção de histórias e no contacto com os livros.

A presente investigação trata-se de um estudo de caso. Este método é intrínseco (Stake, 1999), descritivo e explicativo (Yin, 2003). De acordo com Yin (2003) o estudo de caso trata-se de uma investigação empírica que incide numa ação ou fenómeno no contexto da vida real, nomeadamente quando as finalidades entre o fenómeno e o contexto não estão claramente delineadas. Segundo Merriam (1988, citado por Bogdan & Biklen, 1994), o estudo de caso consiste numa observação pormenorizada “de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico.” (p. 89). Na educação, o estudo de caso pode referir-se a um grupo, no qual o investigador tem como intuito compreender uma problemática do seu interesse detalhadamente, recorrendo, para tal, à observação detalhada do grupo (Bogdan & Biklen, 1994).

No que diz respeito à natureza da presente investigação, esta é qualitativa, uma vez que “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (Gerhardt & Silveira, 2009, p. 31). Uma investigação qualitativa é caracterizada por ser indutiva, holística, naturalista e descritiva. Meirinhos & Osório (2010) referem, ainda, que este tipo de natureza de investigação, requer um trabalho de campo, na qual se utiliza a observação atenta e detalhada para a obtenção de dados, refletindo acerca dos mesmos e realizando a sua própria análise, imitando juízos de valor. E ainda, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), na investigação qualitativa, o processo tem mais interesse para o investigador do que propriamente os resultados.

Definido o método da investigação e a natureza, importa apresentar as técnicas de recolha de dados e instrumentos utilizados e a sua importância ao longo da minha

investigação. De acordo com Aires (2015), a seleção das técnicas que se irá utilizar no decorrer de um processo de pesquisa constitui uma das etapas mais fundamentais, uma vez que é delas que depende a resposta dos objetivos da investigação. Ketele e Roegiers (1993) referem que a recolha de dados é um processo de obtenção de informações, tendo por base várias fontes, com o intuito de alcançar um novo nível de conhecimento. Importa mencionar que cada técnica tem os seus respetivos instrumentos, sendo esses fulcrais para a recolha de dados que irá sustentar a investigação.

Começo por referir que uma das técnicas que recorri foi a observação, tanto observação participante como não participante. A observação possibilita o conhecimento real de determinados acontecimentos que decorrem num determinado contexto (Máximo-Esteves, 2008). Ao longo da investigação realizei ambas as observações. Em momentos que foi possível intervir e, dessa forma, proporcionar momentos de leitura de histórias, realizei uma observação participante. Por outro lado, quando o grupo explora os livros, ou quando a educadora cooperante lê uma história, realizo uma observação não participante. A observação participante caracteriza-se por ser “um método interactivo de recolha de informação que requer uma implicação do investigador nos acontecimentos e fenómenos que está a observar.” (Rodríguez et al., 1999, citado por Meirinhos & Osório, 2010, p. 60). Segundo Flick (2004, citado por Meirinhos & Osório, 2010), na observação participante o investigador participa na ação, observando-a de um modo diferente, uma vez que faz parte da ação como elemento participante. Esta participação pode influenciar o modo como esta decorre. Correia (2009) acrescenta que a observação participante é realizada de forma espontânea e descritiva. Já na observação não participante, o investigador está apenas a observar, ficando de fora da ação, ou seja, não está a participar na ação. Dessa forma, o investigador não se deixa envolver pelas situações que ocorrem ao longo da ação, tendo um papel de espectador. Neste tipo de observação, é feita uma observação com uma descrição mais detalhada (Gerhardt & Silveira, 2009).

Ao recorrer à observação, utilizei como instrumento de recolha de dados, as notas de campo, que se tratam de registos escritos do que o investigador ouve, vê, experiência e pensa (Bogdan & Biklen, 1994). As notas de campo são cruciais, visto que estes registos

permitem que as memórias não se sobreponham. Ademais, através das notas de campo, o investigador pode proceder, posteriormente à sua análise.

Para dar resposta aos meus objetivos recorri a uma entrevista semiestruturada, que foi feita à educadora cooperante. Para Yin (2003) é um dos instrumentos de recolha de dados mais importante e essencial, nos estudos de caso. A entrevista foi feita à educadora cooperante com o intuito de obter informações fidedignas para elaborar o capítulo da caracterização, compreender as bases da sua prática, assim como a sua perspetiva acerca do tópico da minha investigação. A entrevista pode ser definida como uma conversa intencional (Morgan, 1998, Bogdan & Biklen, 1994), entre duas pessoas (o entrevistador e o entrevistado), em que o entrevistador pretende obter um conjunto de informações (Bogdan & Biklen, 1994). No que se refere às entrevistas semiestruturadas, são orientadas por um guião com questões abertas, em que o entrevistador tem liberdade para realizar questões que surjam no decorrer da entrevista e o entrevistado tem oportunidade para dar a sua opinião.

Para além de tudo o que foi referido, foi utilizado um inquérito por questionário às famílias, com o intuito de perceber se as famílias proporcionam aos seus filhos o contacto com livros e histórias e quais as conceções acerca da importância desse contacto nesta faixa etária. Os questionários foram compostos por questões de resposta fechada e aberta. De acordo com Freixo (2018), o questionário apresenta diversos benefícios, sendo esses: quantificar os resultados; sistematização dos resultados, tornando o tratamento de dados e sua análise mais facilitada; as respostas obtidas não estão sujeitas a interpretações incorretas. O questionário não é a técnica que melhor representa a investigação qualitativa, uma vez que está diretamente relacionada com a investigação quantitativa, todavia, trata-se de uma técnica de recolha de dados e por isso tem um papel fundamental nas investigações de carácter qualitativo. Segundo Meirinho e Osório (2010), o questionário é uma técnica associada a estudos quantitativos, porém, também “pode prestar um importante serviço à investigação qualitativa.” (p. 62). A concretização do inquérito por questionário às famílias sucedeu-se, tendo em conta que não seria viável fazer uma entrevista presencialmente a todas as famílias, por serem muitas e devido à disponibilidade das mesmas. O questionário destina-se à pessoa que é interrogada, sendo

lido e preenchido pela mesma. É, assim, fulcral “que as perguntas sejam claras e precisas, isto é, formuladas de tal forma que todas as pessoas interrogadas as interpretem da mesma maneira.” (Quivy & Campenhoudt, 2017, p. 181).

Outro instrumento utilizado durante a minha investigação foi a análise de conteúdo. Esta, segundo Silva e Fossá (2015), caracteriza-se por ser uma técnica de análise das comunicações, mais concretamente do que foi dito nas entrevistas e/ou observado pelo investigador. É nesta análise que se deve classificar por temas ou categorias, de modo a auxiliar na compreensão dos mesmos. Neste seguimento, foi feita uma análise de conteúdo das notas de campo relacionadas com a investigação, das perguntas de resposta aberta do inquérito por questionário e da entrevista. Em relação às perguntas de resposta fechada do inquérito por questionário, estas foram submetidas a uma análise estatística, mais especificamente a contagem de frequências (Marôco, 2018). Esta análise permite retirar conclusões e chegar à resposta pretendida (Silva & Fossá, 2015).

Ao longo de toda a minha investigação recorri à revisão da literatura, através da consulta de documentos publicados e científicos acerca do tema da minha investigação. Segundo Meirinhos e Osório (2010), a revisão da literatura tem como objetivo “contextualizar o caso, acrescentar informação ou para validar evidências de outras fontes.” (p. 62). É através de documentos, que são cientificamente autenticados, que o investigador consegue descrever ou comparar factos sociais, justificando o que foi investigado, com o que está relatado nos documentos (Piana, 2009).

Esta diversidade de técnicas e instrumentos permite uma melhor triangulação de dados e uma representação mais fiel da realidade. Vasconcelos (2016) revela que “através da triangulação da informação, a investigadora procura clarificar o significado da informação recolhida, sublinhando-a ou questionando-a” (p. 85). Nesta linha de ideias, após recolher todas as informações, realizei a triangulação das mesmas, visto que ao se cruzar os diversos dados obtidos garante uma maior validade à investigação.

Por fim, no que concerne às questões éticas, estiveram presentes diversos princípios éticos e deontológicos, sendo esta uma prática fulcral para qualquer educador

de infância. Dessa forma, elaborei um roteiro ético (Anexo L), no qual estão presentes os 10 princípios éticos e deontológicos no trabalho de investigação com crianças defendidos por Tomás (2011) e, relacionei esses mesmos princípios com os valores definidos na Carta de Princípios para uma Ética Profissional, contruídos pela Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI, 2011). O roteiro ético assume uma referência para a minha prática.

4.4. Apresentação e discussão dos resultados

Neste subcapítulo, serão apresentados e discutidos os dados, através das técnicas e instrumentos descritos no roteiro metodológico. A organização será realizada a partir dos objetivos definidos para a investigação, com o intuito de no final todos terem sido respondidos. Em cada objetivo será mobilizada fundamentação teórica que irá sustentar as análises realizadas. Portanto, a análise e a interpretação dos dados obtidos ao longo de toda a intervenção são cruciais para o processo de investigação, uma vez que através destes chegamos assim, às conclusões pretendidas.

Para recolher os dados apresentados e, posteriormente discutidos, recorri à observação, registada em notas de campo (Anexo A), à entrevista à educadora cooperante (Anexo D) e ao inquérito por questionário feito às famílias (Anexo O). Importa ainda mencionar, que a análise dos inquéritos por questionário às famílias foi feita com gráficos (Anexo Q) nas perguntas de carácter fechado e em árvore categorial nas perguntas de carácter aberto (Anexo P). A pluralidade de técnicas permite que a resposta dada aos objetivos delineados no início da investigação seja fidedigna e mais próxima da realidade.

Nesta linha de raciocínio, a apresentação e a discussão será organizada de acordo com objetivos anteriormente definidos: i) Conhecer e analisar as concepções da educadora e das famílias acerca da importância das histórias no jardim de infância; ii) Compreender e analisar o papel do educador de infância e das famílias na promoção de histórias às crianças; iii) Identificar as práticas pedagógicas que a educadora implementa com as crianças na promoção de histórias e no contacto com os livros.

Em relação ao primeiro objetivo, **conhecer e analisar as concepções da educadora e das famílias acerca da importância das histórias no jardim de infância,**

Almeida (2002) refere que, “a audição e leitura de histórias representam uma elevada função educativa que se traduz na promoção das potencialidades naturais da criança.” (p. 140). Em concordância, Rigolet (2009) afirma que é crucial que as crianças tenham contacto com a literatura infantil, pois permite às mesmas conhecer melhor o mundo que as rodeia, promove o desenvolvimento de competências a vários níveis e proporciona a construção de atitudes positivas, isto é, a autoestima, a tolerância para com os outros, a curiosidade perante a vida. Através da entrevista realizada à educadora cooperante, conseguimos perceber a sua opinião acerca da problemática a investigar. A educadora confessa que a presença da literatura infantil na vida das crianças “é muito importante” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante), e admite ainda que valoriza este domínio. A mesma refere “acho muito importante as histórias, porque é através das histórias que eles aprendem muitas coisas, sejam coisas reais, sejam coisas mais a desenvolver a parte do imaginário e desenvolve a linguagem. Para mim é muito importante em termos do desenvolvimento global da criança.” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante). À pergunta “considera importante as crianças terem contacto com os livros? Porquê?”, a educadora afirmou que sim e, explica que é “muito importante, primeiro que tudo, o cuidado, o gosto, o respeito pelo livro, o perceberem que um livro não é um brinquedo, mas sim um veículo de transmissão de ideias, de histórias, de emoções. Acho que é super importante.” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante). Observando, analisando e refletindo as respostas dadas pela educadora cooperante, pode-se afirmar que esta tem consciência da importância da leitura de histórias e do contacto das crianças com os livros em jardim de infância e, ainda defende a sua perspetiva criando diversas oportunidades ao grupo de ter contacto com os livros, seja com projetos na sala de atividade, exploração de livros, assim como leitura de histórias. Para confirmar, apresento várias notas de campo.

A educadora cooperante iniciou a parte da manhã com o conto de uma história “Caracolinhos de ouro” para introduzir a atividade do dia. A leitura de histórias é um momento realizado pela educadora cooperante diariamente. A história foi contada com apoio de um flanelógrafo e das personagens em feltro. Durante a leitura da história, a maioria do grupo

prestou atenção e participou ativamente no momento. (Nota de campo n.º 3).

A educadora cooperante apresenta o livro da “Coco Chanel” e antes de iniciar a sua leitura, conversa com as crianças sobre o que esta pessoa fez quando era viva, a sua história e profissão. De seguida, inicia a leitura da história, com recurso ao flanelógrafo, onde colocou algumas peças de roupa que a “Coco Chanel” costurou como malas, chapéus, camisolas, vestidos, entre outros. (Nota de campo n.º 283).

A educadora cooperante finalizou o acolhimento com a leitura de uma história como é feito regularmente, para dar início à atividade. A educadora procedeu à leitura de uma história bastante conhecida pelo grupo “A que sabe a lua”. (Nota de campo n.º 13).

No inquérito por questionário às famílias, na pergunta “qual a importância que atribui aos livros e à leitura de histórias no jardim de infância”, existia duas possíveis respostas, sendo estas: pouco importante e muito importante. Observando o gráfico Q7 (Anexo Q), verifica-se que 100% respondeu “muito importante”. Na árvore categorial, pode-se constatar que com oito incidências, as famílias consideram que as histórias potenciam a imaginação, com seis incidências, o vocabulário, com sete, a criatividade, com quatro, o desenvolvimento, com três, a criação de hábitos de leitura e, com uma incidência cada, o conhecimento, o gosto pela leitura e a ligação entre família. As famílias têm conhecimento e assumem que é de extrema importância as histórias na vida das crianças, assim como o contacto destas com os livros. Para além disso, estes benefícios para as crianças revelam-se nos comportamentos destas.

Neste sentido, é possível afirmar que a educadora cooperante e as famílias, são da mesma opinião que os autores apresentados.

A educadora cooperante informou o grupo que a S. trouxe um livro feito por si para a organização socioeducativa e que ia mostrar às restantes crianças. A S. sentou-se numa cadeira em frente ao grupo e mostrou o seu livro, feito em origami. A S. contou a história às crianças, mostrando-lhes

as diversas páginas. Durante este momento, a S. demonstrou-se bastante contente e orgulhosa em mostrar o seu livro ao grupo. Este esteve atento durante o conto da história, demonstrando bastante interesse. (Nota de campo n.º 135).

Na presente nota de campo é possível ver que tanto a criança demonstrou interesse em contar a história, assim como o grupo esteve atento e interessado em ouvir. Ao realizar esta ação a criança imitou as ações de um leitor, descodificou os desenhos que tinha elaborado, criou a sua história a partir da sua imaginação e verbalizo-a para as restantes crianças, desenvolvendo, assim, a imaginação, a criatividade, a linguagem e o vocabulário. Nesta linha de ideias, Almeida (2002) menciona que as histórias estimulam a criatividade da criança, pois permite-lhe enriquecer o seu imaginário tornando-a mais criativa, e ainda o enriquecimento do vocabulário, tornando-o mais diversificado. A mesma autora refere que quando a criança presta atenção ao que o leitor de histórias lhe está a apresentar, está atenta a todos os pormenores do texto e das ilustrações, o que posteriormente leva ao “desenvolvimento da memória, a capacidade de atenção e a compreensão da criança.” (Almeida, 2002, p. 140).

Ademais, Cullinan (1995) e Galda e Cullinan (2000) acrescentam que, a leitura de histórias proporciona às crianças a audição de uma leitura fluente; oferece modelos e ideias; alarga o tipo de experiências das crianças, proporcionando-lhes oportunidades que possivelmente não teriam no seu quotidiano; incentiva o gosto pelos livros e por novas descobertas; desperta a curiosidade da criança para manusear e perceber as características de um livro. A nota de campo n.º 160 comprova o que foi mencionado anteriormente, com a iniciativa da I. em explorar o livro e contá-lo às restantes crianças.

A I. dirigiu-se à estagiária.

I.: Quero o meu livro.

A estagiária deslocou-se ao cesto dos livros que as crianças trazem de casa e tirou o respetivo livro. A I. sentou-se numa cadeira à frente do tapete e fingiu contar uma história. (Nota de campo n.º 160).

A educadora acrescenta, ainda que a criança deve contactar com os livros e com a literatura infantil desde que nasce. “Obviamente, adequar o livro à idade e a forma de o contar e de manusear adequado à idade, mas eu acho que é uma coisa que se pode fazer até a um recém-nascido.” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante).

Concluindo, “é indiscutível . . . a importância da prática de leitura de histórias, enquanto actividade [*sic*] regular, agradável e que proporciona interacções [*sic*] e partilha de ideias, concepções [*sic*] e vivências.” (Mata, 2008a, p.78). A criança deve desde cedo ter contacto com a literatura infantil e, por isso a leitura de histórias deve estar incluída no dia a dia da criança, pois tem diversos benefícios no desenvolvimento e aprendizagem da mesma.

No que diz respeito a **compreender e analisar o papel do educador de infância e das famílias na promoção de histórias às crianças**, é possível fazê-lo através da entrevista feita à educadora cooperante e do inquérito por questionário às famílias. O papel de ambos os intervenientes na promoção da leitura às crianças é indiscutível.

Relativamente ao papel do educador, este assume um papel fulcral na promoção de leitura de histórias, uma vez que é visto como um adulto de referência para as crianças. Dessa forma, deve proporcionar momentos de leitura, apresentando materiais diferentes e que potenciam a criança a desenvolver entusiasmo e gosto pela audição de histórias e, conseqüentemente pela leitura. Como mencionado anteriormente, a partir da entrevista à educadora cooperante, esta reconhece a importância desta temática no processo de ensino da criança, assim como os benefícios para a sua vida pessoal. Para além disto, a mesma promove diversos momentos de leitura de histórias e exploração de livros ao grupo, como é possível verificar nas notas de campo descritas anteriormente. Na entrevista realizada à mesma, esta afirma que o papel do educador “é fundamental, é fulcral, o educador está a contar uma história e no fundo a forma como o educador está a contar a história, o entusiasmo que coloca naquela história, a emoção que passa a contar a história, isso tudo vai ter impacto na criança.” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante).

Mendes e Velosa (2016) afirmam que o educador deve escolher “livros que alimentam a imaginação e a sensibilidade das crianças e permitem estimular o gosto pela

leitura.” (p. 118). Para além disso, cabe ao educador, perceber quais as histórias adequadas a cada faixa etária, para estimular as dimensões cognitivas e afetivo emocionais. De acordo com a educadora cooperante, esta tem os seus critérios de seleção de histórias e reconhece essa importância. Na entrevista, a mesma refere “os livros que eu compro para mim ou que eu peço para adquirir ou que está na biblioteca da escola que vou contar às crianças, aí já é diferente aí quero que sejam primeiro que tudo a história em si, obviamente que acho que a história tem que ser adequada, eu tenho que me identificar com ela, tem que ter um tema que eu acho que seja o mais adequado possível e que seja pertinente e que seja interessante.” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante). Contudo, não é apenas a qualidade do texto, mas também as ilustrações têm um papel fulcral para que a criança compreenda melhor e se apaixone por uma história. Nesse sentido, Mendes e Velosa (2016) realçam que a ilustração “é um elemento preponderante, por facilitar a compreensão do texto verbal.” (p. 121). Desta forma, cabe ao adulto a tarefa de evidenciar o olhar das crianças para as ilustrações, deixando-as explorar o livro, percebendo o que é e foi mais significativo para cada criança. Para além do texto, a educadora revela que “as ilustrações para mim são também muito importantes, que não sejam bonecadas estereotipadas, que sejam livros diferentes.” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante). Desta forma, analisando e refletindo acerca das respostas dadas na entrevista, é possível afirmar que a educadora está em concordância com os autores e assume ter cuidado na escolha dos livros que lê às crianças, assim como os que disponibiliza na área da biblioteca para estas explorarem.

Para além do que foi referido, o momento de leitura de histórias deve ser rico, entusiasmante e interessante para as crianças. O educador ao realizar a leitura de histórias apenas com o livro como meio de narração de uma história, está a limitar a imaginação e a criatividade das crianças, isto é, utilizando o livro, os cenários são descritos, bem como o retrato das personagens são traçados (Albuquerque, 2000). Desta forma, Corsaro (2002) afirma que o educador, ao utilizar outros recursos para além do livro, valoriza o conteúdo da história, mas também promove o envolvimento das crianças na história, a motivação destas para a hora do conto, a criatividade, a imaginação e facilita a captação da sua atenção. Indo ao encontro do que os autores afirmam, a educadora cooperante refere que “o livro é um veículo da história. É onde está escrito e acho que é muito importante que

o livro apareça, mas acho que é muito interessante também eles perceberem e imaginarem e não verem as imagens, seja uma história só contada oralmente, seja com outros suportes.” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante).

Nas notas de campo é possível verificar que a educadora conta histórias com diferentes recursos e não apenas o livro, potenciando a imaginação e a criatividade das crianças.

A educadora cooperante iniciou a parte da manhã com o conto de uma história “Caracolinhos de ouro” para introduzir a atividade do dia. A leitura de histórias é um momento realizado pela educadora cooperante diariamente. A história foi contada com apoio de um flanelógrafo e das personagens em feltro. (Nota de campo n.º 3).

A educadora cooperante ao colocar em frente ao grupo o flanelógrafo, este reconhece o material e questiona à educadora cooperante que história é que esta vai contar. A educadora cooperante apresenta o livro da “Coco Chanel” e antes de iniciar a sua leitura, conversa com as crianças sobre o que esta pessoa fez quando era viva, a sua história e profissão. De seguida, inicia a leitura da história, com recurso ao flanelógrafo, onde colocou algumas peças de roupa que a “Coco Chanel” costurou como malas, chapéus, camisolas, vestidos, entre outros. (Nota de campo n.º 283).

Ademais, a educadora cooperante, à pergunta “com que frequência lê histórias ao grupo de crianças?”, a educadora cooperante respondeu “normalmente todos os dias, às vezes pode falhar um dia ou outro por alguma razão ou substituir uma história por uma atividade diferente de grupo no início do dia ou às vezes uma visualização de um vídeo ou uma canção animada. Às vezes posso saltar a história, mas a maior parte das vezes há sempre uma história todos os dias.” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante). À pergunta “Contempla na sua rotina diária um espaço/momento dedicado à Hora do Conto?”, esta afirmou “sempre.” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante). Analisando as respostas, podemos observar que esta insere na rotina do grupo a leitura de histórias. Desse modo, potencia regularmente o contacto das

crianças com livros. Dessa forma, a educadora reconhece e dá importância ao contacto das crianças em jardim de infância com os livros e à audição de histórias.

No que concerne ao papel da família na promoção de leitura de histórias às crianças, estas, como os “primeiros mediadores possíveis [das crianças]” (Bastos, 1999, p. 285), devem proporcionar diversos momentos de leitura aos seus filhos. Fonseca (2013) salienta ainda que, “os pais são os primeiros responsáveis por apresentar livros às crianças e devem ainda fazer leituras de livros para os filhos despertando o gosto pela leitura.” (p. 9). A educadora, à pergunta “na sua opinião, quais são as concepções das famílias sobre a importância do livro e da leitura/conto de histórias na vida dos/as seus/suas filhos/as” apresenta a sua opinião, “acho que dão alguma importância e nota-se muitas vezes.” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante).

A partir do inquérito por questionário às famílias, é possível verificar se estas promovem o contacto das crianças com livros, assim como a audição de histórias. À pergunta “compra livros ao/à seu/sua filho(a)?”, 95% respondeu “sim” e apenas 5% respondeu “às vezes”. À partida, temos conhecimento que todas as famílias compram livros aos seus filhos. Na pergunta “costuma ler/contar histórias ao/à seu/sua filho(a)?”, 100% respondeu “sim”. Antes de irmos para as restantes perguntas, analisando esta, verifica-se que este grupo de crianças tem contacto com livros no ambiente familiar. E sendo a família o principal agente de socialização da criança, cabe a esta propiciar “o clima adequado para que a criança, desde muito pequena, seja capaz de ir vendo e lendo num clima de silêncio, de valorização, de sossego” (Manzano, 1988, p. 18). Ainda a partir dos questionários, conheceu-se a frequência com que as famílias leem ou contam histórias às crianças, verificando-se no gráfico que 65% respondeu “todos os dias”, 25% respondeu “mais do que três vezes por semana”, 10% respondeu “uma vez por semana”.

Observando as percentagens, verifica-se que com a maior percentagem temos que os familiares leem todos os dias histórias aos filhos, com 65%. Dessa forma, verifica-se que as famílias compram livros e realizam leituras com frequência aos seus filhos. Para além disso, a partir dos questionários, e tal como é possível verificar no gráfico Q5 (Anexo Q) podemos constatar que as crianças têm oportunidade de explorar os livros autonomamente. A pergunta “permite que o/a seu/sua filho/a explore os livros de forma

autónoma?” teve 90% respostas “sim”. E no gráfico relativo à pergunta “o/a seu/sua filho(a) costuma pedir-lhe para ler histórias?”, 95% responderam “sim”, o que nos permite constatar que para além de as famílias lerem histórias aos seus filhos, dão-lhes oportunidade de explorarem livros autonomamente.

As famílias têm conhecimento dos géneros de livros que são adequados às crianças, assim como regem-se por critérios que beneficiem o seu desenvolvimento. Nos géneros, com cinco incidências, as famílias referiram “histórias infantis”, quatro “educativos”, três “fábulas” e com uma cada “a partir da imaginação” e “animais”. No que diz respeito aos critérios, com o número maior de incidências, as famílias compram livros por sugestões ou conversas com outras pessoas e outros pais. Para comprovar o contacto das crianças com os livros no seu ambiente familiar, foi feita a questão “em média, quantos livros infantis o/a seu/sua educando/a possui?” no inquérito por questionário, no qual as famílias responderam com maior percentagem, de 55%, a opção “entre 30 a 40 livros”.

Analisando o que os autores afirmam, assim como, analisando a árvore categorial das respostas abertas e os gráficos das respostas fechadas do inquérito por questionário, podemos concluir que, as crianças têm contacto com os livros no ambiente familiar e as famílias têm consciência da importância desse contacto no desenvolvimento dos seus filhos, assim como conhecem e identificam as potencialidades dos livros quando os compram e a tipologia de histórias que contam aos seus filhos.

Após a análise de todos os dados é verificado que neste grupo de crianças existe a promoção da literatura infantil, o que é bastante positivo. Tanto as famílias como a educadora reconhecem a importância desta temática.

As histórias tornam-se uma forma de linguagem materna por excelência, um modo das famílias reforçarem laços de afecto [*sic*] e momentos de intimidade; ao mesmo tempo na escola apresentam-se como uma poderosa estratégia educativa, já que é indiscutível o prazer com que as crianças escutam estas narrativas. (Albuquerque, 2000, p. 14).

Relativamente ao último objetivo, **identificar as práticas pedagógicas que a educadora implementa com as crianças na promoção de histórias e no contacto com os livros**, o educador tem um papel fundamental na promoção da leitura de histórias, assim como no contacto das crianças com a literatura infantil. Este ao assumir um papel de grande importância no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento da criança, deve repensar tanto nas suas práticas pedagógicas como na organização do ambiente educativo, de forma que esta promoção seja significativa para as crianças. De acordo com Balça (2011), na sala de atividades, a área da biblioteca é essencial para a criação de hábitos de leitura e o contacto com os livros, uma vez que neste espaço a criança pode explorar livremente, no seu tempo e conforme a sua disposição os materiais de leitura existentes. Neste sentido, o educador deve estimular e incentivar as crianças a visitar e explorar a área da biblioteca. A área da biblioteca, deve caracterizar-se por ser um espaço acolhedor, estimulante, aberto, simples e acessível, de forma a permitir o manuseamento dos livros. Na entrevista realizada à educadora, esta afirma que na sala de atividades existe a área da biblioteca e esta é composta por um armário com livros e um banco, no qual as crianças podem “estar mais calm[a]s a ver as histórias.” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante), estando em concordância com o autor.

Para além disso, de acordo com Sobrino (2000) existem algumas atividades que o educador pode realizar com as crianças para a promoção da literacia, tais como: “exposições de livros, visitas de autores/as, representações de marionetas e peças de teatro, elaboração de livros escritos pelos alunos, sessões de contos, debates sobre livros, confeção de marcadores, cartazes ou slogans.” (p. 70). Nesta linha de ideias, a educadora afirma que as histórias “são ótimos fios condutores de conteúdos. Portanto, gosto sempre que o projeto que estejamos a abordar ou a desenvolver esteja sempre envolvido com muitas histórias, daí quando eu tenho algum tema, das primeiras coisas que eu faço é uma pesquisa de histórias.” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante) e ainda, apresenta algumas atividades como a “história por si e depois vamos desenvolver alguma atividade que não tem de ter a ver com o livro, mas tem a ver no fundo com o conteúdo do livro ou então podemos também explorar um bocadinho a história, por exemplo ou construir um livro, ou partir de uma palavra. (...) Ilustrar uma história, ir

buscar um bocadinho de uma história.” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante).

A Hora do conto é uma das estratégias utilizadas pelo educador para promover o contacto da criança com a leitura. A Hora do Conto estabelece um momento de fascinação pelo livro e pela leitura e permite ao educador criar uma relação próxima com as crianças (Velooso, 2001). Como mencionado anteriormente, a educadora afirma “sempre” (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante), ou seja, que todos os dias de manhã introduz na sua rotina a Hora do Conto.

A educadora apresenta ainda, o projeto dinamizado por esta na sala com as crianças, “Contadores de histórias”.

É muito importante e daí fazer também aquele mini projeto de sala dos “contadores de histórias”. Portanto é uma tarefa que eles têm essa responsabilidade de trazer uma história, de contar aos amigos. Muitas vezes no início não contam grande coisa, mas só o querer trazer o livro, sentarem-se ali à frente de uma plateia que é sempre intimidante para eles também, o pedir ajuda a um amigo. Começam a perceber um bocadinho a sequência das imagens, começam a perceber que conseguem descodificar o que é que lá está, não sabem ler, mas sabem olhar para uma imagem e descodificar. Pronto daí eu também fazer sempre isto todos os anos, já há muitos anos que faço e acho que corre bem e nota-se muita evolução ao longo do ano deles a contarem as histórias. (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante).

O projeto “Contadores de histórias” permite que a criança conte uma história, através da sua imaginação e memória. Traça (1992) afirma que a criança ao “contar põe em ação a memória, desenvolvendo a capacidade de memorização e compreensão do que se ouve, a lógica do pensamento e a afectividade [sic] da criança.” (p. 141). Ao contactar com uma história, a criança vai ampliando as suas capacidades cognitivas, o mundo da fantasia mistura-se com o mundo real, dando origem a novas formas de pensar e agir,

permitindo-lhes recontar ou criar os seus próprios enredos e, conseqüentemente, aprimorar a sua capacidade de improvisação.

Em relação às famílias, estas têm o direito e o dever de participar no processo de aprendizagem dos seus filhos e, dessa forma, cabe aos educadores informar os pais da importância das histórias, assim como, os gostos dos seus filhos e as técnicas que devem usar. Para além disso, as famílias devem mostrar interesse e procurar informações acerca do mesmo junto da educadora. Dessa forma, cabe às famílias “conversar com os educadores para saber o que ocorre na escola: quais preferências seus filhos manifestam, quais histórias apreciam, como gostam de ouvi-las, para que, em casa, também possam implementar práticas de leitura significativas para as crianças.” (Kaercher, 2010, p.137). A educadora releva na entrevista que,

pelo menos tenho o cuidado de nos planeamentos, coloco sempre ou tento colocar a história que vou contar, não quer dizer que às vezes não possa alterar, porque posso ter essa liberdade de alterar a história, mas como para mim as histórias são muito importantes. (...) Então eu coloco no planeamento e este ano fizeram-nos o pedido colocar as histórias com os autores, isto para os pais que estão interessados (...) e que quiserem adquirir aquelas histórias podem mais facilmente encontrar o livro. (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante).

Para além desta estratégia, a educadora através dos correios semanais faz referência às histórias e como a partir destas surgem as atividades e dá a oportunidade de as famílias irem à sala contar histórias, assim como organiza e disponibiliza mesas para que essa dinâmica seja feita, como é possível verificar na seguinte transcrição.

Quem esteja atento aos correios da nossa sala percebe bem como as histórias são importantes e como partimos muito das histórias para desenvolver muitas coisas. Portanto, é uma forma de valorizar o livro e que eles percebam é muito trabalhado em sala. Eu disse na reunião que quem quiser ou tiver alguma atividade que quer vir fazer ou queira vir contar uma história às crianças, podemos sempre combinar, portanto está

sempre aberto. Há alturas em que fazemos mesmo e já fiz várias vezes envio um calendário para os pais que durante um mês vai haver estes horários e aos pais vêm cá contar histórias e aí eles inscrevem-se e vêm cá contar uma história. (Anexo D. Transcrição da entrevista à educadora cooperante).

Por fim, observando, analisando e refletindo sobre as respostas dadas pela educadora e o que é mencionado pelos autores, é possível afirmar que a educadora na sua prática implementa diversas estratégias que promovem o contacto das crianças com os livros, assim como a leitura de histórias. Estas estratégias são fruto da importância e da valorização que esta reconhece e atribui ao contacto das crianças com os livros e na audição de histórias. Para além disso, a educadora organiza o seu ambiente educativo de forma a garantir que as crianças têm um espaço no qual é possível explorarem os livros confortáveis, calmas e autonomamente.

Terminada a apresentação e discussão dos dados recolhidos, considero fundamental referir alguns aspetos, para que seja possível compreender a problemática que escolhi investigar. Não chega um educador escolher um livro sem ter em consideração a sua mensagem. A história deve ser contada de forma lúdica, através da entoação da voz, despertando o interesse da criança, estimulando a sua imaginação e proporcionando-lhe um momento de prazer. Ademais, a leitura de histórias deve estar presente na rotina de um grupo, uma vez que “a escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas (...) além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil.” (Souza & Bernardino, 2011, p. 237).

Através dos inquéritos por questionário realizados às famílias, compreendi que é frequente a leitura de histórias às crianças, sendo que o fazem regularmente e com a entrevista à educadora cooperante percecionei que esta valoriza a importância e o contributo que as histórias têm no desenvolvimento e aprendizagem da criança.

As crianças devem ter oportunidade de pegar num livro, folheá-lo e observar as imagens, despertando em si curiosidade. Tal como foi possível verificar pelos dados

recolhidos, as crianças têm este contacto autónomo com os livros quer em casa como na organização socioeducativa, o que é bastante positivo e enriquecedor.

O papel do educador e da família é fulcral na promoção da literatura para a infância, uma vez que para além de motivar as crianças a explorar os livros, acabam por promover a criação de uma relação adulto-criança, enquanto se lê ou se conta uma história. É evidente a importância da literatura infantil no jardim de infância, pois é fulcral no desenvolvimento das crianças: permite enriquecer a personalidade da criança, promove a sua imaginação e criatividade, desenvolve a atenção, espírito crítico e o vocabulário.

Por fim, após a apresentação e discussão dos dados, afirmo que os objetivos pretendidos para a presente investigação foram atingidos. No fim, consegui dar resposta aos mesmos, com uma diversidade de dados que tornam as respostas aos objetivos mais fidedignas

5. CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE COMO EDUCADORA DE INFÂNCIA

| | ' ' | | ' ' |

Em 2019 dei início à minha longa caminhada na Escola Superior de Educação de Lisboa. Naquele momento, eram muitas as emoções que sentia, entre as quais receio, nervosismo e ansiedade, no entanto estava determinada a aprender e a expandir os meus horizontes e conhecimentos sobre esta grande área, a educação. Ao longo destes cinco anos, com esforço e determinação, enfrentei e ultrapassei desafios que para mim ao início eram impensáveis alcançar. Para além disso, adquiri bastantes aprendizagens e acima tudo cresci a nível pessoal. O caminho percorrido foi longo, intenso, cheio de memórias e repleto de altos e baixos, dúvidas e conquistas. Agora, olhando para trás, consigo afirmar que este caminho não foi feito sozinha. Foi feito com os docentes da Escola Superior de Educação de Lisboa, com as educadoras das organizações socioeducativas por onde passei, com as professoras orientadoras, com as crianças e as suas famílias e também com amigos e família, sendo estes o meu maior apoio.

Desta forma, no presente capítulo, será apresentada uma análise reflexiva e fundamentada sobre a construção da minha identidade profissional, enquanto estagiária nos contextos de creche e de pré-escolar. Para tal, irei recorrer às notas de campo, bem como às reflexões semanais realizadas no decorrer da PPS II, uma vez que irão sustentar e enriquecer o que for mencionado. Considero, ainda importante identificar e refletir acerca das minhas principais fragilidades e potencialidades, inquietações e preocupações, pois através destas consegui crescer e compreender de forma significativa a minha identidade enquanto futura educadora de infância. E ainda, os valores que tive como base na minha prática pedagógica.

No decorrer do meu percurso, desenvolvi uma atitude reflexiva e crítica ao olhar para toda a minha prática. Nesta linha de ideias e, de acordo com Júnior (2010), ao nos afastarmos da prática concretizada, possibilita uma melhor visualização e por consequência uma melhor análise e interpretação da nossa ação. Segundo o mesmo autor, ao refletirmos percebemos “novas formas de apreender, de compreender, de atuar e de resolver problemas, [levando a] que se adquira maior consciência e controle sobre o que se faz.” (p. 581).

Segundo Sarmiento (2009), a identidade profissional de um indivíduo começa a ser construída desde que nasce e trata-se de “uma construção inter e intra pessoal, não

sendo, por isso, um processo solitário: desenvolve-se em contextos, em interações [*sic*], com trocas, aprendizagens e relações diversas da pessoa com e nos seus vários espaços de vida profissional, comunitário e familiar.” (p. 48). Todas estas interações, potenciaram a minha aprendizagem e crescimento nas diferentes experiências enriquecedoras, permitindo-me assim, evoluir a minha capacidade reflexiva, no sentido de observar e priorizar determinadas situações. Nesta linha de ideias, é então a partir da componente prática que os estagiários têm experiências na sua profissão e tomam consciência das responsabilidades que a mesma acarreta.

Desta forma, como mencionado acima, a componente prática é crucial na vida de um estudante, na medida em que este pode colocar em prática a componente teórica que adquiriu no seu percurso académico. É de extrema importância para os estagiários que estes estejam em contacto com profissionais experientes, com diretores de escola, com pais, entre outros (Perrenoud, 1993) dado que todos eles contribuem para a sua formação.

O meu percurso, em contexto de creche como em jardim de infância, foi bastante acolhedor e positivo. Ter tido o apoio de todos os profissionais foi essencial para a minha aprendizagem. Considero ainda, que foi essencial a relação que criei com ambas as equipas educativas da sala que trabalhei, pois através de todas as reuniões, conversas, sugestões e apoio permitiu-me adquirir bases cruciais para a minha futura profissão. Para além disso, é importante referir que as educadoras cooperantes, assim como as auxiliares de ação educativa, em ambos os contextos, foram, sem dúvida alguma, os elementos-chave deste meu percurso. Aprendi muito com estas profissionais e fizeram-me crescer, tanto a nível profissional, como a nível pessoal. São profissionais que se tornaram um modelo a seguir e ambas se mostraram disponíveis para me ajudar em qualquer momento, transmitiram-me novos conhecimentos e deixaram-me sempre à vontade para participar em todos os momentos da rotina do grupo.

Considero pertinente realçar que, na PPS II, a Educadora de Infância foi um exemplo para mim, pois, diariamente, pude testemunhar o seu compromisso, dedicação, entrega, empenho e amor pelo que faz, com as crianças e para as crianças. Criámos uma

relação com base no afeto²³, respeito, cooperação, partilha e apoio²⁴, tendo sido fundamental para o meu crescimento e desenvolvimento profissional. Durante o período de prática, partilhei com a educadora as minhas preocupações, dúvidas relacionadas com as crianças e dificuldades sentidas na minha prática. Ainda tive a sorte de colaborar com outra excelente profissional, a Auxiliar de Ação Educativa, que sempre esteve disponível para me auxiliar e apoiar, partilhando conhecimentos e ideias, estabelecendo assim, uma relação de apoio e cooperação.

Neste sentido, em ambos os contextos, foi possível observar um trabalho colaborativo entre as duas profissionais, em que a opinião de ambas era tida em consideração e as diversas tarefas eram partilhadas, caracterizando-se por um trabalho de respeito mútuo. Quando estes valores estão presentes numa prática colaborativa, refletem-se na prática pedagógica, uma vez que é transmitido às crianças segurança num meio autêntico e recetivo (Malaguzzi, 1999). Nesta linha de pensamento, enquanto futura educadora, irei valorizar a importância do trabalho em equipa, baseado no respeito, na entreajuda, na cooperação, na colaboração, e na confiança, desenvolvendo uma ação conjunta e uníssona.

É importante mencionar que, embora já tenha tido contacto com ambas as valências, em situação de voluntariado e em estágios anteriores enquanto frequentava o ensino secundário, as Práticas Profissionais Supervisionadas representaram um desafio para mim, uma vez que estaria a representar uma educadora de infância e pressupunha-se uma maior intervenção e cuidado da minha parte. Na PPS II, senti-me bastante ansiosa e entusiasmada, pois nesta faixa etária as crianças são bastante comunicativas e curiosas sobre o mundo que as rodeia. O grupo de crianças que acompanhei ao longo deste percurso, acolheu-me bastante bem e estiveram sempre dispostos a todas as atividades que propus, fizeram-me acreditar que fiz alguma diferença no percurso de aprendizagem

²³ A estagiária colocou a M. ao seu colo. A M. começou a dar afeto e carinho à estagiária.
ESTAGIÁRIA: És muito querida.

A M. deu bastantes abraços, festinhas e beijinhos à estagiária. (Nota de campo n.º 201).

²⁴ M.: Joana, já estou no fim podes ajudar?

ESTAGIÁRIA: Posso, só faltam duas colheres de sopa.

M.: Gosto muito de ti Joana. (Nota de campo n.º 208).

de cada criança. E com todos os gestos e palavras de carinho que partilharam, permitiram-me acabar este estágio com o coração quente e cheio de memórias. Em creche, as crianças acolheram-me bastante bem e embora estas ainda não comunicassem verbalmente mostraram-me que a comunicação por gestos²⁵ e ações são por vezes muito mais importantes do que a linguagem verbal em si. Considero que ambos os grupos de crianças que acompanhei tem características muito especiais e sinto que aprendemos e descobrimos coisas juntos.

E ainda, não posso deixar de realçar o quão importante e especial foi ter tido no meu caminho contacto com uma criança com Necessidades Específicas de Saúde, na PPS II. Viver essa experiência no meu percurso académico foi crucial, sinto que ganhei uma grande bagagem, pois levou-me a repensar na minha prática e em estratégias de inclusão essenciais para a minha futura profissão. Neste processo, tive sempre o apoio da educadora cooperante que sempre se demonstrou disposta a esclarecer-me todas as dúvidas sobre a criança e como auxiliar a mesma no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Importa, agora, refletir acerca das minhas fragilidades e potencialidades. Considero que estas foram bastante idênticas em ambos os contextos. No início, as minhas maiores fragilidades eram não comunicar totalmente com a equipa educativa por ter insegurança no que estas poderiam dizer e ter medo de errar. Ao longo dos estágios, pelo contrário, percebi que não havia razão para existir este receio, uma vez que as educadoras cooperantes estiveram sempre a acompanhar o meu percurso e a auxiliar-me em tudo o que precisava, levando-me a melhorar a minha prática pedagógica todos os dias. Além disso, considero-me uma pessoa cuja identidade pessoal está intrinsecamente ligada à minha profissão, ou seja, não existe distanciamento entre os meus valores pessoais, bem como as minhas características individuais e a minha prática profissional. Uma dessas características pessoais é a timidez, que desde a Prática Profissional Supervisionada I tem vindo a ser combatida devido ao levantamento de valores mais altos. Outra fragilidade,

²⁵ O M.S. demonstrou-se com sono e tímido. Olhou para a estagiária e foi em direção à mesma. Quando chegou ao pé da estagiária levantou os braços para subir para o colo da estagiária, a mesma colocou-o sentado sobre as suas pernas e o M.S. começou a dar abraços e carinho à estagiária. (Nota de campo n.º 56 – PPS I).

sendo esta sentida na PPS II, foi conseguir implementar tudo o que era solicitado no meu percurso a tempo e com qualidade, não prejudicando a aprendizagem das crianças. Esta fragilidade está diretamente ligada a outra que senti em ambos os contextos, que diz respeito à insegurança na minha intervenção, pois tinha receio que esta não fosse adequada e promotora de aprendizagens às crianças. Esta fragilidade foi superada com sucesso ao longo do tempo, uma vez que todos os dias conhecia melhor o grupo e, os seus interesses e contava sempre com o apoio das educadoras cooperantes que através de todos os conselhos e conversas, fizeram com que acreditasse em mim mesma e na futura profissional que me irei tornar e deixar todas as inseguranças para trás das costas.

No que concerne às potencialidades, considerar-me uma pessoa afetiva, preocupada, atenta, observadora e disponível para ouvir, levou a que conseguisse chegar às crianças facilmente, criando uma relação de proximidade e afetividade com cada uma, assim como conhecer os seus interesses e necessidades. Em ambos os contextos criei atividades dinâmicas que iam ao encontro dos interesses do grupo, do que gostavam, e das suas necessidades.

Em ambos os contextos, delineei as intenções para a minha ação, tendo em consideração o grupo, a equipa educativa e a organização socioeducativa. No que se refere às minhas intenções para as crianças, considero ter conseguido alcançá-las, cada uma a seu tempo, respeitando sempre as crianças e as suas vontades. Ao início, optei por lhes dar o espaço que necessitavam para se habituarem à minha presença, ainda assim mantive sempre uma postura tranquila, atenciosa, disponível e observadora. Procurei brincar²⁶ com as crianças, apoiá-las e respeitá-las em momentos de conflito²⁷ e de frustração e, procurei garantir a resposta às suas necessidades físicas e psicológicas, o que de acordo

²⁶ L.P.: Quero ir para a sala agora.

ESTAGIÁRIA: Temos de esperar que a auxiliar de ação educativa diga que é para ir.

A L.P começou a brincar com a estagiária, dando-lhe as mãos, mexendo nos bolsos do seu casaco e na cara.

A S. aproximou-se e começou a brincar também com a estagiária. (Nota de campo n.º 108).

A estagiária ficou bastante contente por estar a construir uma relação de proximidade e afetividade com o A., especialmente por ser a criança escolhida para o seu portfólio. O A. continuou durante o momento do recreio todo a brincar com a estagiária. (Nota de campo n.º 148 - PPS I).

²⁷ ESTAGIÁRIA: M.P. o que é que se passa entre vocês as duas?

M.P: A C. está sempre a dizer-me coisas para eu falar.

ESTAGIÁRIA: Vocês são tão amigas, têm de conversar para se resolverem, digam uma à outra quando não gostam de alguma coisa, não precisam de se chatear. (Notas de campo n.º 119).

com Portugal (2012) só é possível após o estabelecer de uma relação. O amor e a autoestima são aspetos fulcrais para o desenvolvimento intelectual e emocional das crianças, isto é, “necessitam de se sentir emocionalmente seguras e de sentimento de controlo” (Whitebread, 1996, citado por Portugal, 2008, p. 44).

Confesso ainda que, nem sempre foi fácil sair de casa e dirigir-me aos estágios por cansaço, problemas pessoais, ansiedade, entre outros, com um sorriso no rosto, mas era nesses dias que o sorriso, a conversa, o abraço, o carinho das crianças²⁸, mostravam-me que estas gostavam de mim, que pertencia ali, que aquele era o meu lugar e que este é o meu futuro.

Por outro lado, as intenções para as famílias, sendo estas a principal entidade com a qual a criança socializa (Sarmiento & Carvalho, 2017), foram conseguidas em diversos momentos e iniciativas que a organização socioeducativa dinamizou. Considero que assisti ao exemplo da relação equipa educativa-família que pretendo desenvolver enquanto futura educadora. As educadoras e as auxiliares de ação educativa estavam sempre disponíveis para conversar com as famílias e partilhar informações. Na PPS II, foi difícil estabelecer ligação e contacto com as famílias, uma vez que nos horários de entradas e saídas eu não estava presente, contudo através das iniciativas da organização socioeducativa como a festa de Natal, consegui estabelecer, ainda que pouco, algum contacto com as famílias das crianças. Por outro lado, em creche, consegui estabelecer uma relação de proximidade, partilha e respeito com as famílias. Um dos momentos em que tive a oportunidade de estabelecer contacto com as famílias, foi no acolhimento, tendo demonstrado estar sempre disponível para o que fosse necessário. As famílias das crianças transmitiam-me recados sobre os seus educandos ou partilhavam informações. Dessa forma, destaco a importância de estabelecer uma relação de confiança e partilha com as famílias das crianças, sendo sempre positivo para o desenvolvimento e aprendizagem das mesmas.

²⁸ ESTAGIÁRIA: Está aqui D., este é o teu prato.
D.: Joana, tu és muito querida.
ESTAGIÁRIA: Obrigada. (Nota de campo n.º 238).

Por último, relativamente às minhas intenções para com a equipa educativa, na minha perspetiva é fulcral que exista uma boa relação entre a equipa educativa, de modo a contribuir da melhor forma possível para o bem-estar das crianças, como referido anteriormente. Assim sendo, adotei uma atitude observadora nas primeiras semanas, para compreender a dinâmica das equipas educativas, respeitei o trabalho desenvolvido e estive aberta às sugestões acerca da minha prática e das minhas propostas de atividades.

Sinto que as reflexões semanais levaram-me a adquirir um olhar crítico e reflexivo, que me proporcionou fazer uma construção de conhecimento, procurando soluções de diferentes formas de atuar, ou até mesmo de melhorar. As mesmas contribuíram para o meu desenvolvimento e aprendizagem.

Considero ambas as experiências muito gratificantes, bastante enriquecedoras, e, principalmente fizeram-me crescer como futura educadora de infância, pois possibilitou-me adquirir aprendizagens, através da prática. Permitiu-me criar ferramentas, contudo ainda tenho muito para aprender. Ademais, sinto-me contente e realizada com todo o trabalho que consegui desenvolver, tenho consciência que todas as minhas ações tiveram como propósito o bem-estar das crianças e o seu desenvolvimento e aprendizagem. É de coração apertadinho e lágrima no canto do olho, que escrevo esta reflexão, sinto que é impossível expressar em palavras tudo o que vivi, aprendi, as pessoas que para sempre levarei no coração, as palavras que escutei, os abraços partilhados e o apoio incansável que me deram ao longo desta minha caminhada. As crianças, as famílias e a equipa educativa tornaram este caminho mais rico em conhecimento, em sorrisos, em querer trabalhar num lugar feliz como me senti neste. Sem sombra de dúvida, que cada criança terá um lugar especial no meu coração.

Ao terminar a minha caminhada na Escola Superior de Educação de Lisboa, consigo afirmar que ganhei certezas do que quero fazer, ser e transmitir. Enquanto futura educadora de infância, tenciono valorizar uma relação de proximidade com todos os agentes educativos, bem como ter em consideração as especificidades, interesses e necessidades de cada criança, observando-as sempre como o centro da ação de um educador de infância. Pretendo escutar as crianças, dar-lhes tempo, dar atenção, agir com calma, com o coração e acima de tudo com muita paixão e diversão pela profissão e pelas

crianças. No futuro, espero construir uma relação de aprendizagem mútua, entre mim e as crianças, uma vez que ambas as partes podem dar e receber.

Ao fim destes cinco anos, confesso que cresci, aprendi e tornei-me numa profissional melhor, mais atenta, reflexiva e aberta a aprender continuamente. No entanto, ainda tenho muito para aprender, refletir e viver. Neste período, superei algumas inseguranças, desafiei-me diariamente de forma a tornar-me numa profissional melhor para as crianças. Terminei esta caminhada com a certeza de que dei tudo de mim e sinto-me bastante orgulhosa de mim mesma. O melhor de tudo, é fazer o que mais gosto, e nunca na vida vou ter de trabalhar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

| ' ' | | ' |

Terminada a minha intervenção na prática profissional supervisionada II, assim como a presente investigação, é importante refletir acerca de todo este meu percurso e as aprendizagens adquiridas que contribuíram para a construção da minha identidade profissional, enquanto futura educadora de infância e a importância da problemática investigada.

Em primeiro lugar, é relevante destacar a importância das práticas profissionais supervisionadas na formação dos estudantes e na construção da sua identidade profissional. Ao vivenciarem a realidade do seu futuro profissional, têm a oportunidade de adquirir aprendizagens e conhecimentos fundamentais para o seu futuro. Desta forma, realço que foi fulcral todas as experiências vivenciadas para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Começo por mencionar que este estágio foi um grande desafio, no sentido em que este foi realizado com um grupo com diferentes idades, características, interesses e níveis de desenvolvimento. Desta forma, foi crucial ao longo da minha intervenção adotar uma postura atenta, observadora e reflexiva para que a minha prática fosse adequada e respondesse às características do grupo. Chegando ao final, consigo afirmar mais ainda, a importância de respeitar os ritmos individuais de cada criança, adaptando cada momento às suas necessidades e interesses, assim como encarar a criança como sujeito ativo no seu processo de ensino-aprendizagem e valorizar os seus direitos, dando iguais oportunidades a todas as crianças.

No decorrer da minha intervenção propus atividades com base nas necessidades e interesses do grupo, tendo que para isso estar atenta a tudo o que as crianças nos dão. Para além disso, criei uma relação próxima e afetiva com o grupo de crianças e através do meu envolvimento com as mesmas, foi possível promover interações entre estas e incentivar a resolução de conflitos de forma autónoma. No que diz respeito a este assunto, considero ter evoluído na minha capacidade de mediação de conflitos entre as crianças, respeitando sempre as emoções de cada uma.

Terminada a minha intervenção, considero que a observação e reflexão, realizadas, por meio das notas de campo e das reflexões semanais revelaram-se essenciais

para o meu desenvolvimento, na medida que desenvolvi novas maneiras de pensar, agir e compreender, que por sua vez são competências fulcrais para a minha profissão. Durante a minha intervenção optei por uma postura reflexiva diária, crucial para adequar a minha prática, estando em constante questionamento acerca das minhas ações, proporcionado a minha evolução enquanto estagiária e a construção de um perfil profissional coerente e apropriado, como também na investigação realizada.

É ainda, importante mencionar que, ao longo do meu percurso procurei que todas as minhas intenções fossem alcançadas, uma vez que estas são o princípio base na prática de uma educadora de infância como Silva et al. (2016) menciona, “a ação profissional do/a educador/a caracteriza-se por uma intencionalidade, que implica uma reflexão sobre as finalidades e sentidos das suas práticas pedagógicas e os modos como organiza a sua ação.” (p. 5).

Após terminar a minha investigação, é possível concluir que as histórias são fundamentais na vida das crianças. Dessa forma, deve-se criar hábitos de leitura de histórias e permitir às crianças o contacto frequente com livros e histórias, visto que estes momentos além de apresentarem um carácter lúdico, também apresentam bastantes benefícios a diversos níveis. Para isso, cabe ao educador e às famílias promover leituras de histórias às crianças, criando hábitos regulares. “A prática de leitura deve estar presente na vida das crianças desde a pré-escola, para que possam desenvolver a construção da sensibilidade, o domínio de linguagens e também sua inserção na sociedade.” (Guilherme & Daverni, 2017, p.32).

A realização das entrevistas e do inquérito por questionário foram essenciais para validar e enriquecer a investigação, dando assim resposta aos objetivos definidos inicialmente. Como principais conclusões, é de destacar que as famílias revelam ter hábitos de leitura no âmbito familiar e reconhecem a importância da leitura de histórias e o contacto das crianças com os livros. As mesmas têm consciência dos diversos benefícios que as histórias potenciam às crianças, partilhando nas suas respostas o desenvolvimento da imaginação, criatividade, curiosidade, vocabulário e a memória das crianças. Relativamente, à educadora cooperante, esta revela que é essencial a integração da leitura no jardim de infância, apresentado diversas práticas pedagógicas que implementa na sua

sala. Afirma ainda que, a leitura de histórias é um momento incluído na rotina do grupo diariamente. Desta forma, a investigação contribuiu para a construção da minha identidade profissional, na medida em que a investigação com crianças assume um lugar importante “na teorização social sobre a infância” (Fernandes & Tomás, 2011, p. 2).

Quero referir ainda, que me encontro eternamente grata a todas as pessoas que me apoiaram neste meu percurso. Considero que foi uma experiência bastante enriquecedora e positiva, na medida que me fez gerir emoções, ouvir as crianças, mas também a equipa educativa, o que me levou a crescer em diversos aspetos. Criei relações profundas com o grupo. Por outro lado, a relação que criei com a educadora cooperante e com a auxiliar de ação educativa também foi muito especial. Sinto-me uma sortuda por ter vivenciado toda esta experiência e ter sido acolhida de forma acolhedora e positiva por todos os intervenientes. As crianças aprenderam comigo, contudo definitivamente eu também aprendi com elas. Realço que a professora orientadora foi fundamental no meu percurso e ficarei grata por todo o apoio. Termino assim, a minha PPS II com um sentimento de gratidão ao grupo, às famílias e a toda a equipa educativa.

Por último, e tal como referido anteriormente, esta experiência foi bastante enriquecedora no meu percurso académico, assim como permitiu-me crescer tanto a nível profissional como individual. Relativamente ao meu processo de aprendizagem, tenho consciência que tenho ainda bastante para apreender e um longo caminho a percorrer, sendo este construído através da prática e da formação contínua.

REFERÊNCIAS

| | ' ' | | ' '

- Aires, L. (2015). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Universidade Aberta.
- Albuquerque, F. (2000). *A Hora do conto: reflexões sobre a arte de contar histórias na escola*. Editorial Teorema.
- Almeida, A. (2002). *Abordar o Ambiente na Infância*. Universidade Aberta.
- Almeida, L. S. & Rossetti-Ferreira, M. C. (2014). *Transformações da relação afetiva entre o bebé e a educadora na creche*. ISPA – Instituto Universitário.
- Alves, M. G. & Azevedo, N. R. (2010). Introdução: (Re)Pensando a Investigação em Educação. In M. G. Alves & N. R. Alves (Eds.), *Investigar em Educação: Desafios da Construção de Conhecimento e da Formação de Investigadores num Campo Multi-Referenciado* (pp. 1-29). UIED.
- Associação de Profissionais de Educação de Infância. (2011). *Carta de Princípios dos Associados da APEI para a Tomada de Decisão Eticamente Situada*. APEI.
- Balça, A. C. (2011). Vamos à biblioteca! - O papel da biblioteca escolar na formação de crianças leitoras. *Revista Nuances*, 13(14), 207-220.
- Balça, A. & Leal, E. (2014) A leitura no contexto da educação pré-escolar. *Álabe*, 10, 1-11.
- Bastos, G. (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Universidade Aberta.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto em investigação*. Gradiva.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Caixeiro, M. C. (2014). *Liderança e cultura organizacional: O impacto da liderança do diretor na(s) cultura(s) organizacional(ais) escolar(es)*. Universidade de Évora.
- Cardona, M. J. (1999, março). O espaço e o tempo no Jardim de Infância. *Pro-Posições*, 10(1), 132-138.

- Cardoso, G. (2010). Pedagogias participativas em creche. *Cadernos de Educação de Infância*, 91(3), 4-7.
- Carvalho, C. M. & Portugal, G. (2019). *Avaliação em creche: CRECHendo com qualidade*. Porto Editora (Obra original publicada em 2017).
- Cavalcanti, J. (2006). *Malas que contam histórias: propostas de actividades para a dinamização de contextos lúdicos de aprendizagem*. Paulus.
- Cerrillo, P. (2006). Literatura infantil e mediação leitora. In F. Azevedo (Ed.). *Língua Materna e Literatura infantil* (pp. 33-46). LIDEL
- Claudino, S. (2012). Narrativas infantis: um convite a descobertas e aventuras. In Coutinho, A., Day, G. & Wiggers, V. *Práticas Pedagógicas na Educação Infantil: diálogos possíveis a partir da formação profissional* (pp. 321-332). Nova Metrópolis: Nova Harmonia.
- Coelho, A. & Vale, V. (2017). Reflexões em torno do Brincar em Contextos de Educação de Infância. *Revista Observatório*, 3(6), 316-337.
- Corsaro, W. (2002). A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. *Associação de Sociologia e Antropologia da Educação*, 17, 113-134.
- Correia, M. (2009). A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar Enfermagem*, 13(2), 30-36.
- Cruz, J., Ribeiro, I., Viana, F. L., & Azevedo, H. (2012). *A Leitura de Histórias. Qualidade das interações entre pais e filhos*. Universidade do Minho.
- Cullinan, B. (1995). Literature for young children. In D. Strickland & L. Morrow (Eds.) *Emerging Literacy: Young children learn to read and write* (7^a ed) (pp. 35-51). International Reading Association.
- Decreto-Lei n.º 172-A/2014, de 14 de novembro. *Diário da República*, 1.^a série - N.º 221.
- Decreto-Lei n.º 184/2004, de 29 de julho. *Diário da República*, 1.^a série.

- Dohme, V. (2010). *Técnicas de contar histórias. Um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história*. Editora Vozes.
- Fernandes, N. & Tomás, C. (2011). Questões conceituais, metodológicas e éticas na investigação com crianças em Portugal. In European Sociological Association (Eds.), *Congress proceedings 10th Conference of the European Sociological Association* (pp. 1-18). ESA.
- Ferreira, M. (2004). “À porta do JI da Várzea” ou... retratos da heterogeneidade social que envolve e contém o grupo de crianças. In M. Ferreira (Ed.), “*Agente gosta é de brincar com os outros meninos!*” *Relações sociais entre crianças num jardim de infância* (pp. 65-102). Edições Afrontamento.
- Flick, U. (2004). *Introducción a la investigación cualitativa*. Morata.
- Folque, M. A., Bettencourt, M. & Ricardo, M. (2015, julho). A prática educativa na creche e o modelo pedagógico do MEM. *Escola Moderna*, (3), 13-34.
- Fonseca, N. (2013). *Convite à Leitura Infantil: Da importância ao incentivo dos pais* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas]. Repositório da Universidade Federal de Paraíba.
http://www.ccsa.ufpb.br/biblio/contents/tcc/tcc_2013/convite-a-leitura-infantil-da-importancia-ao-incentivo-dos-pais.pdf
- Freixo, M. J. (2018). *Metodologia científica. Fundamentos, métodos e técnicas* (5.^a ed.). Edições Piaget.
- Galda, L. & Cullinan (2000). Reading aloud from culturally diverse literature. In D. Strickland. & L. Morrow (Eds.) *Beginning reading and writing* (pp. 134-142). International Reading Association.
- Gerhardt, T. & Silveira, D. (2009). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre.
- González, M. (2003). Las organizaciones escolares: dimensiones y características. In M. González, J. Nieto & A. Portela (Eds.). *Organización y gestión de centro escolares: dimensiones y procesos* (pp. 25-40). Pearson Educación.

- Gonzalez, E., Pollard-Durodola, S., Simmons, C., Taylor, B., Davis, J., Fogarty, M., & Simmons, L. (2014). Enhancing preschool children's vocabulary: Effects of teacher talk before, during and after shared reading. *Early Childhood Research Quarterly*, 29(2), 214-226.
- Guilherme, L. C. & Daverni, R. F. (2017). A utilização da leitura na pré-escola. *Research, Society and Development*, 4(1), 28-37.
- Hamido, G. & Azevedo, N. (2013). Investigar em Educação: Reflexões e Perspetivas Multidisciplinares. *Revista Interações*, 9(27), 1-12.
- Hohmann, M & Weikart, D. (2009). *Educar a criança* (5.^a ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Júnior, V. C. (2010). Rever, Pensar e (Re)significar: a Importância da Reflexão sobre a Prática na Profissão Docente. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 34(4), 580-586.
- Kaercher, G. E. (2010). Literatura Infantil e Educação Infantil: Um grande encontro. *Univesp*, 135-142.
- Ketele, J. & Roegiers, X. (1993). *Metodologia de Recolha de Dados – fundamentos dos métodos de observações, de questionários, de entrevistas e de estudo de documentos*. Instituto Piaget.
- Kishimoto, T. M. (2010). *Brinquedos e brincadeiras na educação infantil*. I Seminário nacional do Currículo em Movimento. Belo Horizonte.
- Leite, C. (2003). Relação entre Avaliação e Currículo. In C. Leite (Ed.), *Avaliação de Projetos: Porquê?* (pp. 45-60). Edições Asa.
- Lerner, D. (2002). *Ler e escrever na escola. O real, o possível e o necessário*. Porto Alegre.
- Lopes, K., Mendes, R. & Faria, V. (Orgs.). (2006). Livro de Estudo. *Coleção Proinfantil*, 2(6) 1-69.

- Louro, D. (2013). *Aprender a Escutar as Crianças* [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação] Repositório Científico do Instituto Politécnico de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10400.26/12702>
- Malaguzzi, L. (1999). História, Ideias e Filosofia Básica. In G. Edwards, C., Gandini, L., Forman (Eds.), *As cem linguagens da criança* (pp. 59–104). Artmed.
- Manzano, M. G. (1988). *A criança e a leitura. Como fazer da criança um leitor*. Porto Editora.
- Marchão, A. J. (2013). O lugar dos livros no jardim de infância. *Aprender*, (33), 25-34.
- Marôco, J. (2018). *Análise Estatística com o SPSS Statistics* (7ª ed.). ReportNumber.
- Mata, L. (2004). *Era uma vez... Análise Psicológica*, 1(22), 95-108.
- Mata, L. (2008a). *A descoberta da escrita: textos de apoio para educadores de infância*. Ministério da Educação.
- Mata, L. (2008b). *Hábitos e práticas de leitura de histórias: como caracterizar*. Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Matos, M. (2003). *Relação Escola-Família-Comunidade*. Seminário da FERSAP Municipalização da Educação.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-ação*. Porto Editora.
- Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EDUSER – Revista de Educação*, 2(2), 49-65.
- Mendes, T. (2015). Literatura infantil na educação pré-escolar: fruição, leitura literária e compreensão leitora. *Textura*, 17(35), 140-150.
- Mendes, T. & Velosa, M. (2016). Literatura para a infância no jardim de infância: contributos para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar. *Proposições*, 27(2), 115-132.
- Mesquita, A. (1999). *A estética da recepção na literatura infantil*. UTAD.

- Niza, S. (2013). O Modelo Curricular de Educação Pré-escolar da Escola Moderna Portuguesa. In J. Oliveira-Formosinho (org.). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância. Construindo uma práxis de participação* (4.^a ed.) (pp. 141-160). Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. & Araújo, S. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto Editora.
- Parente, C. (2012). *Observar e escutar na creche para aprender sobre a criança*. Universidade do Minho.
- Parente, M. C. (2009). Portfólios na Educação Infantil: Uma estratégia de Avaliação Alternativa. In M. C. Parente (Ed.), *Encontros Internacionais – Portefólios: uma estratégia de avaliação alternativa* (pp. 3-13). Universidade do Minho.
- Perrenoud, P. (1993). *Práticas Pedagógicas, Profissão Docente e Formação: perspectivas sociológicas*. Publicações Dom Quixote.
- Pessoa, A. M. (1999). *Movimento da Escola Moderna Portuguesa (1966-1996)* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação] Repositório Científico da Universidade de Lisboa.
- Piana, M. C. (2009) *A construção do perfil do assistente social no cenário educacional*. UNESP.
- Portugal, G. (2000, janeiro). Educação de Bebés em Creche: Perspectivas de Formação Teóricas e Práticas. *Revista GEDEI*, 1, 85-106.
- Portugal, G. (2008). Desenvolvimento e Aprendizagem na infância. In: I. Alarcão (Ed.), *Relatório do Estudo: A educação das Crianças dos 0 aos 12 anos* (pp. 7-67). CNE.
- Portugal, G. (2012). *Finalidades e Práticas Educativas em creche: das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade.

- Portugal, G. (2017). O currículo em creche- Que cidadão do século XXI, aos 3 anos de idade. *Revista Humanidades e Inovação*, 4(1), 56-65.
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários – Cuidados e Primeiras Aprendizagens* (4ª ed.). (S. Baia, Trad.). Fundação Calouste Gulbenkian. (Obra original publicada em 2000).
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2017). *Manual de Investigação em Ciências Sociais: Trajectos*. Gradiva.
- Resendes, L. G. & Soares, J. (2002). *Diferenciação pedagógica*. Universidade Aberta.
- Ribeiro, I., & Viana, L., F. (2009). *Dos leitores que temos aos leitores que queremos. Ideias e projetos para promover a leitura*. Edições Almedina.
- Rigolet, S. A. (2009). *Ler livros e contar histórias com as crianças - Como formar leitores ativos e envolvidos*. Porto Editora.
- Roldão, M. (2007). Colaborar é preciso: questões de qualidade e eficácia no trabalho dos professores. In Dossier: Trabalho colaborativo dos professores, *Revista Noesis*, (71), 24-29.
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/CDIE/RNoesis/noesis_miolo71.pdf
- Santos, E. (2000). *Hábitos de leitura em crianças e adolescentes*. Editora Quarteto.
- Santos, S. (2014). “Era uma vez”: *O Contributo das Histórias para a Educação Pré Escolar* [Dissertação de mestrado não publicada]. Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Sarmiento, T. (2009). As Identidades Profissionais em Educação de Infância. *Locus Social*, (2), 47-65.
- Sarmiento, T. & Carvalho, L. (2017). Diferentes olhares sobre crianças e creches. *Revista Humanidades e Inovação*, 4(1), 8-12.
- Sequeira, M. F. (2000). *Formar leitores - O contributo da biblioteca escolar*. Instituto de Inovação Educacional.

- Silva, M. (2021). *A Introdução de Hábitos de Leitura no Ensino Pré-Escolar – Alguns Contributos*. [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação] Repositório Científico do Instituto Politécnico de Coimbra.
https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/36899/1/MARIANA_SILVA.pdf
- Silva, A. H. & Fossá, M. I. T. (2015). Análise de Conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualitas Revista Eletrônica*, 16(1).
- Silva, D. & Gonçalves, R. (2020). O papel da literatura infantil no contexto da educação infantil e na formação da criança: uma revisão bibliográfica. *Research, Society and Development*, 9(5), 1-18.
- Silva, I. L. (Coord.), Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação, Direção-Geral da Educação.
- Smith, P. & Pellegrini, A. (2013). Learning through play. In R. E. Tremblay, R. G. Barr, R. Peters, & M. Boivin (Eds.), *Encyclopedia on early childhood development* (pp. 1–6). Centre of Excellence for Early Childhood Development.
- Sobrinho, J. G., (2000). *A criança e o livro, a aventura de ler*. Porto Editora.
- Sousa, O.C. (2015). *Textos e contextos: Leitura, Escrita e Cultura Letrada*. Media XXI.
- Souza, L. O., & Bernardino, A. D. (2011). A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. *Educere et Educare*, 6(12), 235-249.
- Stake, R. E. (1999). *Investigación con estudio de casos* (2.^a ed.). Ediciones Morata.
- Tomás, C. (2011). *“Há muitos mundos no mundo” Cosmopolitismo, participação e direitos da criança*. Edições Afrontamento.
- Traça, M. (1992). *O fio da memória. Do Conto Popular ao Conto para Crianças*. Porto Editora.

Vala, A. (2012). O contexto educativo e a aprendizagem na Educação Pré-Escolar.
Escola Moderna, (42), 5 -10.

Vasconcelos, T. (2016). *Aonde pensas tu que vais? Investigação etnográfica e estudos de caso*. Porto Editora.

Veloso, R. M. (2001). *Curtir Literatura Infantil no Jardim de Infância*. Casa da Leitura.

Yin, R. K. (2003). *Estudos de caso. Planejamento e Métodos* (2.^a ed.) (D. Grassi, Trad.). Bookman (Obra original publicada em 2001).

Zenhas, A. (2010). “Porquês” e “comos” de uma relação família-escola. *Ozarfaxinars e revista*, (18), 1-9.

Outros documentos:

Projeto Educativo, 2021-2024.

Plano de grupo, 2023-2024.

ANEXOS

| ' ' | | ' |

ANEXO A
Notas de campo
| " | | " |

Notas de Campo 1.ª Semana: 2 a 06 de Outubro

Dia 2 de outubro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
1	Entrada na organização socioeducativa Interação entre coordenadora do pré-escolar e estagiária	Jardim de infância	<p>A estagiária entrou na organização socioeducativa pela porta principal, uma vez que esta tem mais do que uma entrada. A estagiária aguardou pela chegada da pessoa responsável pela sua receção. A coordenadora do pré-escolar dirigiu-se às duas estagiárias.</p> <p>COORDENADORA DO PRÉ-ESCOLAR: Olá, sejam bem-vindas, eu sou a F., sou coordenadora do pré-escolar. Vou-vos fazer uma pequena apresentação do nosso espaço, depois as educadoras mostram-vos o resto. Aqui é a receção, deste lado temos as salas da creche e o berçário, e o recreio ali ao pé da entrada é dos dois anos. Deste lado temos a cozinha e os dois refeitórios divididos por salas, mais ao fundo temos o 1.º ciclo e a unidade de apoio às crianças com necessidades especiais, depois ainda temos um outro recreio. Depois, aqui temos mais salas de creche e o respetivo recreio. Por fim, temos a zona do jardim de infância, com o recreio e seis salas, três em cima e três em baixo.</p> <p>De seguida, a coordenadora do pré-escolar, levou as estagiárias aos respetivos educadores.</p>	A apresentação da organização socioeducativa foi feita pela coordenadora do pré-escolar, percorrendo os diversos espaços com ambas as estagiárias.
2	Acolhimento Interação entre educadora cooperante,	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante apresentou-se à estagiária e vice-versa.</p> <p>Mais tarde, o grupo de crianças começou a entrar na sala de atividades com a auxiliar de ação educativa.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: A. é a nossa estagiária, a Joana. Vai ficar connosco até janeiro. Meninos, vamos fazer a presença no mapa e depois vamos sentar no tapete.</p>	O grupo de crianças estava sentado no tapete, formando um quadrado e cinco

	<p>auxiliar de ação educativa e estagiária</p> <p>Interação entre educadora cooperante, estagiária e crianças</p>	<p>À medida que as crianças marcavam a sua presença no mapa, com apoio da auxiliar de ação educativa e da educadora cooperante, sentavam-se no tapete. A estagiária observava a rotina de acolhimento do grupo.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Tenho aqui uma pessoa para vocês conhecerem. Queres dizer o teu nome e fazeres uma pequena apresentação?</p> <p>ESTAGIÁRIA: Olá, eu sou a Joana, tenho 22 anos, sou estagiária. Ando numa escola de crescidos, a aprender a ser educadora como a M. e, por isso venho aprender com vocês. Gostava muito de vos conhecer e que vocês me conhecessem também.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: O que acham de cada um dizer o seu nome e a sua idade à Joana? O grupo concordou. Cada criança disse o seu nome e idade.</p> <p>De seguida, a educadora cooperante marcou o dia no calendário com todo o grupo e realizou a divisão de tarefas (chefe do dia, professor zen, apoio na sesta e contar uma história). A mesma é feita pela educadora cooperante que atribui cada tarefa a uma criança. O chefe do dia é responsável pela contagem das crianças, marcar o tempo no mapa e ajudar em pequenas ações a pedido dos adultos da sala. O professor zen coloca-se à frente do grupo e realiza alguns gestos zen, tornando um momento calmo e relaxante. O apoio na sesta, destina-se a crianças mais velhas, que auxiliam as crianças mais novas (dois e três anos) a preparar-se para a sesta, como colocar-lhes a fralda ou ajudar a deitar. O contar a história, a criança escolhida ao final da tarde conta uma história ao restante grupo.</p>	<p>crianças num banco ao lado do tapete.</p> <p>A maioria do grupo, demonstrou-se tímido e reticente, ao dizer o nome e a idade.</p> <p>A educadora cooperante auxiliou as crianças mais novas na sua apresentação.</p> <p>A educadora cooperante assinala num papel as crianças que já realizaram a tarefa para não existir repetições e dessa forma todas as crianças realizarem todas as tarefas.</p>
--	---	--	--

3	<p>Leitura de uma história</p> <p>Interação entre educadora cooperante e crianças</p>	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante iniciou a parte da manhã com o conto de uma história “Caracolinhos de ouro” para introduzir a atividade do dia. A leitura de histórias é um momento realizado pela educadora cooperante diariamente. A história foi contada com apoio de um flanelógrafo e das personagens em feltro. Durante a leitura da história, a maioria do grupo prestou atenção e participou ativamente no momento. Contudo, algumas crianças apresentaram comportamentos de desvio, demonstrando-se desconcentradas e a conversarem com outras crianças. Ao longo da história, a educadora cooperante interagiu com as crianças, de forma a captar a sua atenção.</p>	O grupo estava sentado no tapete.
4	<p>Atividade dirigida pela educadora cooperante</p> <p>Interação entre educadora cooperante, estagiária e crianças</p> <p>Interação entre crianças</p>	Sala de atividades	<p>Após a leitura da história, a educadora cooperante procedeu à explicação da atividade. Começou por mostrar ao grupo vários cartões de cidadão, explicando o que constava nos mesmos. Depois, explicou ao grupo que teriam uma folha com dois quadrados, num teriam de desenhar a cara e no outro a sua impressão digital, ficando assim igual a um cartão de cidadão. Posteriormente, a educadora cooperante informou o grupo que podiam ir brincar e que seriam chamadas crianças para irem realizar a atividade, quando essas acabassem outras seriam chamadas e, assim sucessivamente. A maioria do grupo conseguiu realizar a atividade autonomamente e, de forma correta. As crianças mais novas necessitaram do auxílio dos adultos presentes na sala de atividades.</p>	<p>As crianças brincaram nas diversas áreas da sala.</p> <p>A impressão digital foi feita sempre com auxílio de um adulto.</p>

5	<p>Conversa informal</p> <p>Interação entre educadora cooperante e estagiária</p>	Sala de atividades	<p>Durante o recreio, a educadora cooperante e a estagiária ficaram na sala a conversar acerca de alguns aspetos do funcionamento da sala, organização socioeducativa e grupo. A estagiária explicou que teria de realizar uma investigação com o grupo e um projeto com o mesmo. A educadora cooperante começou por referir a sua maneira de trabalhar, como introduz as suas atividades (leitura de histórias), referiu que existia uma criança no grupo com problemas motores e, ainda como funciona o dia a dia do grupo. A estagiária questionou se era necessário criar uma carta de apresentação para ser dada às famílias, assim como um protocolo de fotografias que possam ser retiradas ao longo da sua prática profissional supervisionada. A educadora cooperante explicou que não havia essa necessidade, uma vez que é feito um correio que é enviado para as famílias semanalmente com os acontecimentos da semana e nesta semana iria ser posto no mesmo a informação acerca da estagiária. E ainda, que já existia um protocolo com a organização socioeducativa destinado a fotografias. A educadora cooperante esclareceu também, o que é esperado que se faça em cada tarefa, isto é, nas tarefas diárias que são divididas pelas crianças. A educadora cooperante reforçou que é a primeira vez que faz tarefas diariamente e que até ao momento tem um feedback positivo, anteriormente fazia tarefas semanais. Por fim, esclareceu à estagiária que estaria pronta para a ajudar em tudo o que fosse preciso.</p>	
6	<p>Almoço</p> <p>Interação entre equipa</p>	Refeitório	<p>Por volta das onze horas e cinquenta minutos, a auxiliar de ação educativa, pediu a todas as crianças que arrumassem o recreio e se preparassem para ir almoçar. A estagiária auxiliou o grupo na arrumação do recreio e organizou o comboio para o refeitório, juntamente com a auxiliar de ação educativa e a educadora cooperante. O grupo foi encaminhado para o refeitório. As crianças</p>	Os lugares no refeitório foram definidos, anteriormente e, as crianças sentam-se

	educativa e crianças		foram lavar as mãos e sentaram-se nas cadeiras à mesa, todas as crianças sabiam o seu lugar. Ao longo do almoço, a estagiária entregou os pratos, assim como a sobremesa, auxiliou as crianças que necessitavam de ajuda, levantou os pratos, colocou mais comida às crianças que assim o desejavam e controlou os comportamentos de desvio. Todas as crianças comem sozinhas, exceto o Z. que é ajudado por um auxiliar de ação educativa, que está a acompanhá-lo durante o almoço todo.	sempre no mesmo lugar.
7	Hora dos cinco – Aula de teatro Interação entre professora e crianças Interação entre crianças	Sala de teatro	No período da tarde, as salas do jardim de infância são divididas por idades. As crianças dos três anos fazem a sesta, enquanto as crianças dos quatro e dos cinco anos formam grupos e são distribuídos pelos educadores da organização socioeducativa, que fazem atividades destinadas ao desenvolvimento de cada grupo. À segunda-feira o grupo dos cinco anos tem trinta minutos de teatro com uma professora da especialidade. A estagiária, juntamente com a professora, acompanhou o grupo até à sala destinada às aulas de teatro. A professora e a estagiária apresentaram-se e conversaram acerca de como são organizadas as aulas de teatro. A professora iniciou a aula com um aquecimento, que consistiu em movimentos aleatórios ao som de uma música. Posteriormente, a professora fez a leitura de uma história “A caixa” e, de seguida realizaram um jogo. A professora colocou uma caixa no meio da roda formada pelas crianças e cada criança tinha de imaginar que a caixa era outra coisa. Cada criança foi ao meio da roda e fez mímica. As restantes crianças adivinharam qual era o papel da caixa na mímica. Durante o jogo, todas as crianças quiseram participar e demonstraram-se bastante participativas, contudo nos	As crianças imaginaram a caixa como um carro, um avião, uma piscina, entre outros.

			momentos de mímica as crianças imitaram o colega anterior. A professora chamou à atenção das crianças e, essas tiveram de pensar noutra possibilidade que a caixa poderia ser.	
8	Hora dos cinco Interação entre educadora cooperante, estagiária e crianças	Sala de atividades	Após a aula de teatro, as crianças regressaram à sala de atividades acompanhadas pela estagiária. A educadora cooperante, juntamente com o grupo, explicou à estagiária a que se destina a hora dos cinco anos e o que tinham feito até à data. A educadora cooperante informou que o grupo trabalha a partir de uma história e realiza atividades sobre a mesma. Neste momento o grupo está a trabalhar a história “Orelhas de Borboleta”.	O grupo é constituído por dez crianças, de duas salas diferentes. As atividades propostas são a partir da história a ser trabalhada no momento.
Dia 3 de outubro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
9	Leitura de uma história e atividade dirigida pela educadora cooperante Interação entre educadora	Sala de atividades	O grupo estava sentado no tapete e a educadora cooperante sentou-se em frente deste. Iniciou a manhã com a organização do calendário do mês, colando nos mesmos os aniversários e os dias importantes. De seguida, fez a leitura de uma história “Porque é que sou tão pequeno?”. Ao longo da história, a educadora cooperante interagiu com o grupo, realizou questões, captando a atenção do mesmo. No final da leitura da história, conversou com o grupo acerca das alturas. EDUCADORA COOPERANTE: T.M. anda cá ao pé de mim. Como podem ver o T.M. é dos meninos mais altos do grupo. D. anda cá. Metam-se lado a lado. Meninos? Quem é o mais alto? GRUPO DE CRIANÇAS: O T.M.	O pedaço de lã foi medido e cortado pela educadora cooperante.

	cooperante e crianças Interação entre crianças		<p>EDUCADORA COOPERANTE: Muito bem! É o T.M.! Para vermos quem é mais alto, vamos sempre pela (apontando para a cabeça)?</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Cabeça.</p> <p>A educadora cooperante questionou o grupo como achavam que se media a altura das pessoas.</p> <p>C.: Régua.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Utilizamos uma régua para medir coisas pequenas, não dá para nos medirmos com uma régua, olhem aqui! (coloca uma régua ao pé do corpo do T.M.) Nós utilizamos uma? (retira do bolso uma fita métrica).</p> <p>S.: Fita métrica.</p> <p>Momentos mais tarde, a educadora cooperante explicou a atividade. Esta consistia na medição da altura de cada criança e em cortar um pedaço de lã da altura da mesma, para ser colocado, também, no cartão de cidadão (atividade iniciada no dia anterior).</p> <p>O grupo dividiu-se, algumas crianças brincaram nas diversas áreas da sala e as restantes crianças acabaram a atividade do dia anterior e iniciaram a atividade do dia.</p>	
10	Recreio Interação entre educadora cooperante e crianças	Exterior	<p>A educadora cooperante, anteriormente, realizou com as crianças uma atividade de pares e esses pares foram feitos de forma estratégica por esta. Foram colocadas fotografias das crianças na parede com o seu par, para que não se esquecessem. Na ida para o recreio, a educadora cooperante disse que iria chamar uma criança de cada vez para o comboio e, essa criança ia com o seu par.</p> <p>As crianças quando foram chamadas, o par levantou-se automaticamente, o que demonstrou que sabiam quem era o seu par. Estes pequenos exercícios a pares são utilizados frequentemente pela</p>	<p>Os pares são compostos por uma criança mais velha com uma criança mais nova.</p> <p>O Z. é uma criança com paralisia cerebral,</p>

	Interação entre crianças		educadora cooperante em diversos momentos do dia. No recreio, as crianças brincaram com os diversos objetos e recursos disponibilizados no exterior. Durante o recreio, as crianças por iniciativa própria, brincam e auxiliam o Z. a deslocar-se pelo espaço. O grupo demonstra um sentimento de entreajuda, espírito de grupo e, compreendem as necessidades educativas como a reduzida mobilidade motora do Z. S.: Eu levo o Z. (empurrando a cadeira do Z. pelas costas).	utiliza uma cadeira de apoio para a sua mobilidade (idêntica a uma cadeira de rodas), que pode ser manuseada pelo mesmo.
11	Recreio Interação entre estagiária e criança	Exterior	As crianças estavam dispersas pelo espaço do recreio a brincarem com os diferentes materiais e brinquedos. A L.P. dirigiu-se à estagiária a chorar. ESTAGIÁRIA: O que se passa L.P.? L.P.: Magoei-me. ESTAGIÁRIA: Como? L.P.: A brincar com a S. ESTAGIÁRIA: Senta-te aqui ao pé de mim, isso já vai passar. A S. de certeza que não fez por mal, vocês estavam a brincar. A L.P. sentou-se ao pé da estagiária. Com tempo, a L. acabou por se acalmar. L.P.: Vou-te fazer uma trança. ESTAGIÁRIA: Está bem, podes fazer o que quiseres. És a minha cabeleireira.	
Dia 4 de outubro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações

12	<p>Acolhimento</p> <p>Interação entre educadora cooperante e crianças</p>	Sala de atividades	<p>O grupo estava sentado no tapete nos lugares habituais. A educadora cooperante sentou-se em frente ao grupo para proceder à divisão de tarefas diárias.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Hoje o chefe do dia vai ser.... M., queres ser tu?</p> <p>M.: Sim.</p> <p>A M. é uma das crianças mais novas e, por isso tanto a educadora cooperante como a auxiliar de ação educativa demonstraram-se felizes pelo entusiasmo da criança ao querer assumir esta tarefa.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: M. vamos fazer a contagem dos amigos.</p> <p>A M. realizou a contagem colocando a mão na cabeça de cada criança que contava. A educadora cooperante demonstrou-se bastante admirada, uma vez que a M. conseguiu contar os amigos até ao número dezoito sem ajuda, sendo apenas depois necessário o apoio da educadora para não trocar os números até ao vinte e quatro. Foi um momento bastante feliz e de admiração pelo desenvolvimento daquela criança.</p>	
13	<p>Leitura de uma história</p> <p>Interação entre educadora cooperante e crianças</p>	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante finalizou o acolhimento com a leitura de uma história como é feito regularmente, dando início à atividade. A educadora procedeu à leitura de uma história bastante conhecida pelo grupo “A que sabe a lua”. A história abordava o tema das alturas, falado no dia anterior, dando assim início ao tema das idades. Durante a história, o grupo participou bastante, pois todos tinham grande interesse e conhecimento sobre a mesma. A educadora cooperante questionava qual o animal que iria ser chamado a seguir e, maioria do grupo respondeu corretamente. No fim, a educadora cooperante deu a cada menino um pedaço de bolacha de arroz.</p>	<p>As crianças mais velhas souberam que se tratava de bolachas de arroz.</p> <p>As crianças mais novas demonstraram-se entusiasmadas no momento de comer a bolacha de arroz.</p>

			EDUCADORA COOPERANTE: Todos de olhos fechados. Vamos provar um bocadinho da lua. Olhos fechados e boca aberta.	
14	Atividade dirigida pela educadora cooperante Interação entre educadora cooperante, estagiária e crianças	Sala de atividades	Após a leitura da história, a educadora cooperante informou o grupo que podia ir brincar nas diversas áreas da sala. Contudo, ia chamar algumas crianças para acabarem as atividades atrasadas dos dias anteriores. Isto é, o desenho da cara, a impressão digital e a altura. Mais tarde, iniciou com algumas crianças a atividade das idades, que consistia em cada criança colar numa folha o número de bolas em feltro, de acordo com sua idade (anos). Na atividade, a maioria das crianças conseguiu colar o número correto de bolas, sem necessitar de apoio dos adultos. As crianças mais novas demonstraram algumas dificuldades, colando bolas a mais ou a menos no local correspondente.	A educadora cooperante questionava “quantos anos tens” e, de seguida “quantas bolas vais colar”.
15	Recreio Interação entre crianças	Exterior	No recreio, todas as salas do jardim de infância estão juntas. Os grupos estão juntos e, dessa forma as crianças conseguem brincar todas juntas e criar interações sociais com criança de idades e salas diferentes. Todas as crianças demonstram conhecer-se umas às outras, sabendo o nome e de que sala são. No recreio, existem diversas brincadeiras e interações com os materiais, desde: andar de bicicleta; fazer construção; jogar à bola; brincar na casinha; entre outros.	
16	Sesta	Sala de atividades (Dormitório)	A hora do almoço termina perto do meio dia e meio. Posteriormente, as crianças com três anos vão para a hora da sesta. A educadora cooperante e a estagiária encaminham as crianças até ao dormitório. A sesta é feita numa sala de atividades de outro educador com crianças de três salas	Os adultos dão sempre apoio na colocação da fralda.

	Interação entre educadora cooperante, estagiária e crianças		<p>juntas. Ao chegar ao dormitório, as crianças dirigiram-se à sanita e, de seguida para a cama. A estagiária, a educadora cooperante, assim como a criança com a tarefa de apoiar na sesta auxiliam as crianças a colocar a fralda, a deitar, a tapar, a entregar a chucha, entre outros. A maioria do grupo é autónomo, vai para a sanita sozinho, pedindo apenas auxílio para limpar se for necessário. O Z. necessita de auxílio total e a educadora cooperante ajuda neste processo, ou outro adulto presente. A educadora cooperante e a estagiária estavam sentadas ao pé das crianças a manter a calma e a ajudar à adormecer. O grupo demonstrava-se agitado, por isso foi difícil adormecer.</p>	
17	Hora dos cinco Interação entre educadora cooperante, estagiária e crianças	Sala de atividades	<p>Na hora dos cinco anos, a estagiária dirigiu-se ao recreio para chamar o grupo para ir para a sala de atividades. Esta solicitou que entrassem na sala e se sentassem nos lugares à mesa. A educadora cooperante, para dar continuidade ao livro abordado nos dias anteriores, colocou em cima da mesa uma caixa com diversos produtos alimentares. O grupo juntamente com a educadora cooperante falaram acerca dos alimentos saudáveis e não saudáveis e os gostos pelos mesmos. A educadora iniciou um jogo com o grupo, que consistia em cada criança retirar um alimento que gostava e um que não gostava.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Eu já tirei, toma M. depois passa ao amigo do lado.</p> <p>Todas as crianças retiram da caixa inclusive a estagiária.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Agora, vamos todos colocar o que gostamos no lado direito e o que não gostamos no lado esquerdo.</p> <p>O grupo realizou a ação pedida pela educadora cooperante.</p> <p>Cada criança apresentou o que gostava e o que não gostava, iniciando pela educadora cooperante.</p>	<p>A educadora cooperante corrigiu as crianças que não colocaram corretamente a fruta no lado certo.</p> <p>A educadora cooperante para ajudar as crianças a saberem o lado direito e o esquerdo, levantou as suas mãos (uma de cada vez).</p>

			<p>ESTAGIÁRIA: Eu gosto de frango, não gosto de malagueta.</p> <p>Ao terminaram as apresentações, a educadora cooperante entregou a cada criança uma folha com uma tabela de dupla entrada, na qual tinha imagens de diferentes alimentos, uma cara feliz e outra triste. Cada criança tinha de completar a tabela, indicando se gostava ou não dos alimentos lá expostos. A educadora cooperante e a estagiária auxiliaram as crianças sempre que estas solicitavam e, no fim verificaram juntamente com as crianças se a tabela estava preenchida corretamente, questionando as respostas das mesmas. Durante a atividade, as crianças não demonstraram dúvidas, preencheram sozinhas. No fim, verificou-se a existência de alguns erros como a colocação das cruzes no sítio errado (dizerem que gostam e colocam a cruz no sítio que não gostam).</p>	
Dia 6 de outubro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
18	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	A estagiária chegou à organização socioeducativa e a educadora cooperante encontrava-se na sala de atividades. A educadora cooperante solicitou à estagiária, caso se sentisse à vontade, que iniciasse o dia com o grupo, fizesse a leitura de uma história e as divisões das tarefas. Este dia foi marcado por ser um dia não letivo, ou seja, não existem atividades letivas. Desta forma, muitas crianças faltaram, estando apenas dez presentes. A estagiária aceitou dirigir o acolhimento, realizou a divisão das tarefas com o grupo, preencheu o mapa das presenças e realizou a leitura da história “Todos no sofá”. A escolha desta história partiu da estagiária e durante a leitura da mesma interagiu com o grupo, proporcionando momentos de contagem em grupo e questões acerca dos animais. O	

			grupo acompanhou a história e participou ativamente. E por estarem menos crianças presentes, não houve comportamentos de desvio.	
19	<p>Brincadeira</p> <p>Interação entre auxiliar de ação educativa, estagiária e crianças</p> <p>Interação entre crianças</p>	Sala de atividades	<p>Terminado o acolhimento, a estagiária informou o grupo que poderiam ir brincar nas diversas áreas da sala. O grupo separou-se autonomamente pela sala. As crianças brincaram na área do faz de conta, sentaram-se nas mesas a realizar desenhos no caderno e a explorar a plasticina. A estagiária percorreu os vários grupos, observou as crianças, realizou questões e ajudou no que fosse necessário. Nos momentos de brincadeira, o grupo sabe que existem regras, sendo uma delas não levar os brinquedos/materiais de uma área para outra, isto é, os objetos de cada área destinam-se somente àquela área. As crianças foram para o tapete com diversos bonecos e louças de plástico.</p> <p>AUXILIAR DE AÇÃO EDUCATIVA: Não estou a ver bem! Um intruso no tapete. Meninas levem os brinquedos para a área da casinha, vocês já sabem.</p> <p>As crianças fizeram o que foi solicitado pela auxiliar de ação educativa.</p> <p>O D, dirigiu-se à estagiária.</p> <p>D.: Joana, ainda não leste a minha história.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Não li? Os livros que vocês trazem é para vocês contarem aos amigos. Temos de dizer à M. para tu leres o teu livro.</p> <p>D.: Eu não sei.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Não é preciso ler, tu conheces a história?</p> <p>D.: Sim.</p> <p>ESTAGIÁRIA: É só contares aos amigos.</p>	<p>O grupo conhece o significado da palavra “intruso”. As próprias crianças chamam à atenção umas às outras, acerca dos brinquedos na área errada.</p>

20	<p>Recreio</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p> <p>Interação entre crianças</p>	Exterior	<p>No recreio, a estagiária observava as crianças e interagia com as mesmas, tentando desenvolver a relação com as crianças. A M. dirigiu-se à estagiária para esta a ajudar a vestir um vestido. A estagiária auxiliou-a. A M. colocou-se em cima do banco para andar de uma ponta à outra, agarrando-se ao corrimão.</p> <p>ESTAGIÁRIA: M. dá-me as mãos, vamos tentar fazer isto sem mãos.</p> <p>A M. demonstrou-se reticente e com medo.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Não tenhas medo, eu ajudo-te. Vês como conseguiste! Andaste sozinha e sem agarrar em lado nenhum.</p> <p>A M. repetiu o movimento diversas vezes.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Cuidado! (Colocando-se ao pé da M.)</p> <p>M.: Eu consigo fazer sozinha.</p> <p>A estagiária estava sentada num banco no recreio a observar o grupo. Observou a M.P. e a S. no recreio por momentos. A M.P. encontrava-se a chorar e a S. a conversar com a M.P., tentando-a acalmar.</p> <p>ESTAGIÁRIA: M.P anda cá! O que se passa?</p> <p>S.: Ela bateu-me com o pé, mas eu ia contar à educadora M., mas não ia dizer que foi ela.</p> <p>ESTAGIÁRIA: M.P deste com o pé à S.?</p> <p>M.P acenou com a cabeça.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Mas foi sem querer?</p> <p>M.P acenou com a cabeça.</p>	
----	---	----------	---	--

			<p>S.: Ela está a chorar porque eu disse que ia contar à educadora M., mas eu não ia dizer que foi ela.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Ela fez sem querer S.! Não faz mal M.P, a S. não está a chorar, ela está bem. Só queria informar a M., não estejas assim.</p> <p>S.: Não me doeu, eu não estou a chorar.</p>	
21	Almoço Interação entre crianças	Refeitório	O almoço neste dia foi calmo. O grupo era reduzido e, por isso sentou-se todo na mesma mesa, o que permitiu existir interação com crianças diferentes. O grupo comeu sozinho e não existiu agitação, mantendo-se calmo, comunicativo com os adultos presentes.	
22	Hora dos cinco Interação entre educadora cooperante, estagiária e crianças Interação entre crianças	Sala de atividades	A parte da tarde foi marcado pela brincadeira, uma vez que era dia não letivo não houve a hora dos cinco nem dos quatro com atividades. As crianças estiveram a brincar nas diversas áreas da sala, enquanto o grupo dos três realizava a sesta. O grupo dividiu-se pelas áreas: sentaram-se nas mesas a desenhar no caderno, foram para o tapete realizar construções e na área da garagem a brincar com os carros e com pistas de carros. A estagiária e a educadora cooperante interagiam com o grupo, respondendo ao que este solicitava e às conversas por parte do mesmo.	

Notas de Campo 2.ª Semana: 9 a 13 de Outubro

Dia 9 de outubro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
23	Recreio Interação entre estagiária e criança	Exterior	<p>A estagiária chegou à organização socioeducativa e dirigiu-se ao recreio antes do grupo entrar para a sala de atividades. Observou a C. encostada a uma parede a chorar e foi ao seu encontro.</p> <p>ESTAGIÁRIA: O que se passa C.?</p> <p>A C. continuou a chorar e não respondeu à estagiária.</p> <p>ESTAGIÁRIA: O que se passa C.? Estás triste? Queres ir sentar-te ali comigo?</p> <p>C.: Quero os meus pais.</p> <p>ESTAGIÁRIA: É normal estares triste. Os teus pais deixaram-te aqui na escola para tu brincares com os amigos e te divertires, à tarde eles vêm-te buscar para ires brincar com eles para casa.</p> <p>A C. continuo a chorar, demonstrando-se triste.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Queres ir comigo para a sala?</p> <p>A C. não respondeu.</p> <p>A estagiária deu espaço à criança, uma vez que a mesma demonstrava-se triste e era importante respeitar a sua tristeza e, dessa forma a estagiária afastou-se um pouco da criança. Contudo, ficou a observar a criança. Minutos depois a criança levantou-se e foi brincar com as outras crianças.</p>	
24	Recreio	Exterior	<p>A estagiária estava a observar as crianças no recreio. A M. passou ao pé da estagiária.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Bom dia M. Como estás?</p> <p>A M. não respondeu, ficou apenas a olhar para a estagiária, demonstrando-se tímida.</p>	

	Interação entre estagiária e criança		<p>ESTAGIÁRIA: Estás tímida? Já não te lembras de mim?</p> <p>A M. ficou apenas a olhar. A estagiária respeitou a criança e deu-lhe espaço. Momentos mais tarde, a M. dirigiu-se à estagiária.</p> <p>M.: Tenho vergonha!</p> <p>ESTAGIÁRIA: Não tenhas vergonha, daqui a pouco já te lembras de mim (deu um abraço à M.).</p>	
25	<p>Acolhimento</p> <p>Interação entre educadora cooperante e crianças</p>	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante iniciou o dia com o aniversário de uma criança, o F., deu-lhe os parabéns. E por isso, ficou encarregue de todas as tarefas diárias. Tanto o chefe do dia, como o professor zen e ia auxiliar na sesta. A educadora cooperante sentou-se em frente ao grupo.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Vamos saber como foi o vosso fim de semana. Quem é que quer contar alguma coisa que fez no fim de semana?</p> <p>T.M.: Educadora M. eu fui para o Alentejo com os meus tios, para um hotel e lá tinha uma horta, trouxe umas beringelas gigantes.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Que giro. Tens de pedir à tua mãe se podes trazer para a sala, para os amigos verem.</p> <p>A maioria das crianças participou, contando alguns acontecimentos do seu fim de semana.</p>	O grupo estava sentado no tapete.
26	<p>Brincadeira</p> <p>Interação entre educadora</p>	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante informou as crianças que não iam realizar nenhuma atividade, porque havia a festa de anos do F. e, por isso poderiam ir brincar. Um pequeno grupo de crianças dirigiu-se à área do faz de conta e brincou com a sua imaginação. A S. era a mãe e a L., M.A., L.P., B. e I. eram as filhas e, outros ficaram na área das construções.</p> <p>O A. dirigiu-se à estagiária.</p>	A educadora cooperante explicou a intenção do desenho à estagiária.

	cooperante e crianças Interação entre crianças		<p>A.: Joana o F.D. não me deixa brincar.</p> <p>ESTAGIÁRIA: F.D., o A. também pode brincar com esses brinquedos. É mais engraçado brincarem juntos, façam as construções juntos.</p> <p>Durante a brincadeira, a educadora cooperante chamou algumas crianças para se sentarem à mesa e desenharem como elas são.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Todos os meses eu faço este desenho com eles “como sou” e no final do ano, conseguimos ver a evolução das crianças a desenhar e como elas se vêem. Isto é um bom medidor de desenvolvimento.</p>	
27	Aniversário Interação entre equipa educativa e crianças	Sala de atividades	<p>Na hora do lanche da manhã, a mãe do F. mais a sua irmã vieram à sala para cantarem os parabéns ao F. A educadora cooperante apresentou a estagiária à mãe do F. e à irmã. A equipa educativa preparou a sala, organizou o grupo e colocou os enfeites no bolo. O grupo e os adultos presentes cantaram os parabéns ao F.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: F. vai dar o bolo aos amigos. Quando o F. der o bolo é para comer?</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Não, temos de esperar que o F. diga.</p>	O grupo em diversos momentos demonstra espírito de grupo.
28	Sesta Interação entre estagiária e crianças	Organização socioeducativa	<p>Após o grupo terminar de almoçar, a educadora cooperante chamou as crianças que dormem a sesta e pediu à estagiária que esperasse pelo Z. e o levasse ao colo. A estagiária esperou que o Z. acabasse de comer e levou-o ao colo para o dormitório. Durante o caminho, a estagiária interagiu com o Z., com a intenção de criar uma relação de proximidade e afetividade.</p>	O Z. necessita de auxílio na sua deslocação.

29	<p>Hora dos cinco – Aula de teatro</p> <p>Interação entre professora e crianças</p> <p>Interação entre crianças</p>	Sala de teatro	<p>Na hora dos cinco anos, a estagiária deslocou-se ao recreio, chamou o grupo para a aula de teatro. A sessão de teatro foi bastante interessante, realizaram um pequeno aquecimento a pares com umas massagens. O grupo participou ativamente, contudo demonstrava-se agitado e, por isso não conseguiam ouvir as indicações da professora. Na atividade principal da aula, realizaram o jogo do espelho. Primeiro, o espelho era o grupo e tinham de imitar a professora, posteriormente as crianças fizeram pares para realizarem o jogo. No final, a professora pediu a todas as crianças que se deitassem no chão para relaxarem.</p>	<p>A aula foi bastante agitada e com várias interrupções.</p> <p>As crianças imitavam os movimentos a seguir da outra crianças produzir e não ao mesmo tempo.</p>
30	<p>Hora dos cinco</p> <p>Interação entre educadora cooperante, estagiária e crianças</p>	Sala de atividades	<p>A estagiária conduziu o grupo até à sala de atividades. A educadora cooperante informou que iam continuar a trabalhar na história da semana passada.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Lembram-se como era o vestido da menina?</p> <p>S.: Vermelho e branco</p> <p>M.: Aos quadrados.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Muito bem!</p> <p>A educadora cooperante mostrou diversos tecidos e explicou o que era um padrão, dando o exemplo do vestido da estagiária. De seguida, informou as crianças que iam realizar uma atividade acerca do vestido da menina, mostrando a folha.</p> <p>A estagiária e a educadora cooperante auxiliaram as crianças na pintura do padrão.</p>	<p>O grupo é constituído por dez crianças, de duas salas diferentes. As atividades propostas são a partir da história a ser trabalhada no momento.</p>

			<p>ESTAGIÁRIA: M. se está aqui um branco, a seguir vem o?</p> <p>M.: Vermelho.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Muito bem, podes pintar. M. está vermelho, branco, vermelho ...?</p> <p>A estagiária auxiliou as crianças na concretização da atividade, fazendo diversas questões que impulsionaram a aprendizagem das crianças.</p>	
Dia 10 de outubro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
31	<p>Acolhimento</p> <p>Interação entre educadora cooperante e crianças</p>	Sala de atividades	<p>O dia começou com o preenchimento do mapa das presenças. A estagiária auxiliou as crianças mais novas nesta tarefa. De seguida, a educadora cooperante procedeu à divisão das tarefas com o grupo e preencheu os restantes quadros, como o da contagem das crianças e o mapa do tempo que é feito pela criança que está encarregue por ser o “chefe do dia”. A educadora cooperante para iniciar a atividade do dia, contou uma história “O monstro das cores”. Para contar a história, a educadora cooperante utilizou um recurso, uns cartões com imagens das diferentes cores que o monstro poderia estar e mais dois monstros. A educadora cooperante adaptou a história à sua maneira, de modo a abordar as diferentes cores. O grupo de crianças demonstrou-se bastante entusiasmado do início ao fim da história e alegre, participando ativamente nas interações da educadora.</p> <p>No final, as crianças disseram a sua cor favorita e falaram acerca das cores juntamente com a educadora cooperante.</p>	<p>A utilização do recurso no conto da história chamou a atenção do grupo, estando este mais concentrado durante o momento.</p>

32	<p>Atividade dirigida pela educadora cooperante</p> <p>Interação entre educadora cooperante e crianças</p> <p>Interação entre crianças</p>	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante escreveu em diferentes papéis a cor preferida de cada criança, de modo a não se esquecerem ou modificarem. A educadora cooperante começou por explicar a atividade que iam realizar.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: O nosso cartão de cidadão está cada vez mais completo. Hoje vamos fazer a nossa cor favorita. Cada um de vocês disse a sua cor preferida. Agora vou chamar cada grupo que escolheu a mesma cor para fazerem uma pintura neste papel (mostra o papel) apenas com os vossos dedos e apenas com uma cor, que será a que vocês escolheram.</p> <p>A educadora cooperante informou o grupo que podia ir brincar. Este, automaticamente, levantou-se do tapete e dividiu-se pelas áreas da sala. A área do faz de conta e da garagem são as favoritas do grupo. Contudo, existiram crianças que não saíram de ao pé da mesa, demonstrando entusiasmo e a questionar a educadora cooperante quando seria a sua vez.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Todos vão fazer, um grupo de cada vez. As meninas do rosa, venham fazer a vossa pintura.</p> <p>A educadora cooperante colocou em cima da mesa a tinta e as crianças com apenas os dedos desenharam na folha com a tinta da sua cor favorita. A estagiária auxiliou a educadora cooperante na atividade, preparando as tintas e auxiliando as crianças. Na concretização da atividade todas as crianças souberam realizar autonomamente, no entanto a educadora cooperante teve de finalizar a tarefa, pois algumas crianças queriam pintar a folha toda e não desenharam concretamente algum desenho.</p>	O grupo demonstra interesse e facilidade na concretização de atividades na área da expressão plástica.
----	--	--------------------	--	--

			EDUCADORA COOPERANTE: Têm de saber parar meninas, quando já fizeram o que é pedido, acabam a tarefa.	
33	Recreio Interação entre estagiária e criança	Exterior	<p>Na hora do recreio, a estagiária ficou a observar as crianças, as suas interações e ações. O F.D. dirigiu-se à estagiária a chorar.</p> <p>ESTAGIÁRIA: O que foi?</p> <p>F.D.: Aleijei-me no dedo, foi o ...</p> <p>ESTAGIÁRIA: Eu não percebo o que estás a dizer. Vamos nos acalmar e depois contas-me melhor. O F.D. ficou calmo e mostrou o dedo à estagiária, explicando melhor a situação.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Já passou, foi sem querer. Daqui a pouco tempo já não dói nada.</p> <p>O F.D parou de chorar, contudo ficou ao pé da estagiária agarrado à sua perna.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Não queres ir brincar?</p> <p>F.D.: Não.</p> <p>O F.D. demonstrou-se triste e ficou o resto do recreio ao pé da estagiária agarrado a si a fazer carinhos na sua perna. A estagiária respeitou a sua vontade e retribuiu-lhe os carinhos e continuou a interagir com a criança, na tentativa de criar uma relação de proximidade e afetividade.</p>	Foi a primeira vez que o F.D. recorreu à estagiária para demonstrar a sua tristeza.
34	Hora dos cinco Interação entre educadora	Sala de atividades	<p>Na hora dos cinco, a estagiária encaminhou o grupo até à sala de atividades, pedindo que este se sentasse nos lugares habituais. A educadora cooperante questionou cada criança de quem eram os amigos na escola, que brincavam e que gostam muito deles. Cada criança disse os seus e enquanto isso, a educadora escrevia numa folha os nomes dos amigos escolhidos. De seguida, solicitou às crianças que copiassem o nome dos amigos que escolheram e desenhassem por cima do nome o</p>	É possível observar que os desenhos realizados pelo grupo são perceptíveis e que têm

	cooperante e crianças		amigo com canetas de feltro. O grupo demonstrou-se entusiasmo e interessado na realização da atividade. Ao longo da atividade, o grupo sabia identificar o nome do amigo e a quem correspondia aquele nome, assim como copiar os diversos nomes que tinham nos papéis.	noções do corpo nos seus desenhos.
	Interação entre crianças		T.M.: D. queres que te faça de que cor? Na parte do desenho, as crianças para além de perguntarem a cor ao amigo, assim que faziam o desenho ou acrescentavam alguma coisa, avisavam o amigo de como tinham feito o desenho dele. Foi um momento que proporcionou interação entre crianças e desenvolveu aprendizagens.	
Dia 11 de outubro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
35	Acolhimento	Sala de atividades	A estagiária chamou o grupo, que se encontrava no recreio, e informou que era a hora de se dirigirem à sala. O grupo foi para a sala e como é habitual as crianças dirigiram-se ao mapa das presenças e, assim que o preencheram, deslocaram-se para o tapete. A estagiária auxiliou as crianças que demonstravam dificuldade em preencher o mapa, explicando como se fazia e em que sítio teriam de marcar a sua presença. As crianças foram recetivas às indicações da estagiária e algumas solicitaram a sua ajuda.	
	Interação entre educadora cooperante e crianças			
36	Atividade dirigida pela educadora cooperante	Sala de atividades e biblioteca	A educadora cooperante iniciou a atividade mostrando o cartão de cidadão de uma criança, aleatoriamente, mostrou cada parte já preenchida e explicou o que iam fazer a seguir. Informou o grupo que faltava no cartão de cidadão a informação do que nós gostamos mais e, para isso a educadora cooperante começou por dizer o que ela gostava mais. O grupo foi juntamente com a equipa educativa para a biblioteca da organização socioeducativa. A educadora cooperante disse	Quando é feito pares, são sempre os que estão identificados com fotografias na parede da sala de atividades.

	Interação entre educadora cooperante e crianças		que era ali que estava a coisa que ela mais gostava, os livros. De seguida, pediu que cada criança dissesse o que mais gostava, mas para isso iam jogar o “Jogo do novelo”. Neste jogo as crianças estavam sentadas em roda no chão e uma criança tinha o novelo mão e dizia o que gostava mais, depois tinham de passar o novelo para outra criança e a mesma teria de dizer também o que gostava mais e, assim sucessivamente. As crianças demonstraram interesse no jogo, contudo distraíam-se facilmente com o novelo e acabaram por ter comportamentos de desvio que não permitia muitas vezes que as crianças se ouvissem umas às outras, nem a educadora cooperante. Posteriormente, a educadora cooperante falou com o grupo acerca das suas respostas no jogo. Na parte final, entregou às crianças livros para os mesmos explorarem. Neste momento, o grupo demonstrou interesse e curiosidade na exploração dos livros. A equipa educativa chamou algumas vezes à atenção para o comportamento das crianças nas suas explorações, pois existiram crianças a virar as páginas com muita força e a dobrar os livros. O caminho de volta à sala de atividades foi feito a pares.	
Dia 13 de outubro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
37	Sobre a rotina	Exterior	O grupo teve uma manhã diferente, uma vez que todos os dias antes da hora de entrada na sala de atividades, costuma brincar no recreio. Neste dia, estavam a decorrer reuniões de pais nas salas de atividades e, por isso o grupo esteve algum tempo no recreio da creche e momentos mais tarde esteve no outro recreio da creche. Foi uma manhã diferente e as crianças demonstraram-se entusiasmadas por brincarem com novos materiais e num novo espaço.	Os dois recreios são destinados à sala de creche.

38	<p>Atividade dirigida pela educadora cooperante</p> <p>Interação entre equipa educativa e crianças</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p>	Sala de atividades	<p>O grupo estava sentado no tapete. A educadora cooperante informou que não iam ser feitas divisões de tarefas, uma vez que já era tarde e que tinha uma história para lhes ler. Antes de iniciar a leitura da história, fez alguns gestos de “professor zen” para o grupo relaxar e acalmar-se da agitação do recreio. A educadora cooperante iniciou a leitura da história “O mundo é teu!” e, durante a mesma o grupo esteve maioritariamente em silêncio e concentrado na história. As interações da educadora cooperante com o grupo foram bastante interessantes, pois o grupo participou ativamente e respondia corretamente ao que a educadora cooperante questionava. No final, a educadora cooperante conversou com o grupo sobre a história e sobre o que estes queriam ser quando fossem grandes.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Vocês podem ser o que quiserem.</p> <p>D.: Eu quero ser piloto de aviões.</p> <p>S.: Eu quero dançar nas nuvens.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: E acham que é possível fazer o que a S. disse?</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Não.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: S. tu podes dançar onde quiseres, em casa, na escola, na dança. E quando fores grande podes ser uma bailarina famosa.</p> <p>A educadora cooperante vestiu um avental com diversos bolsos, nos quais estavam guardados vários cartões com imagens de personagens famosas inspiradoras. A educadora cooperante solicitou o auxílio de algumas crianças para retirarem um cartão do seu bolso, dando a</p>	<p>Os cartões das personagens continham os meses e as crianças que faziam anos nesse mês.</p> <p>O projeto educativo da organização socioeducativa é acerca das personagens famosas inspiradoras.</p> <p>Os cartões com as personagens, constituem o mapa dos aniversários do grupo.</p>
----	---	--------------------	---	--

			<p>oportunidade às crianças de participarem no momento. Em cada cartão a educadora cooperante explicou quem era a personagem inspiradora e o que tinha feito na sua vida.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Z. tira um cartão deste bolso.</p> <p>O Z. conseguiu retirar o cartão, o que deixou a equipa educativa bastante contente.</p> <p>Posteriormente, a educadora cooperante disse ao grupo que aqueles cartões também iam fazer parte do mapa dos aniversários e, que mais tarde a equipa educativa ia colocar na parede organizado. Ademais, mostrou diversos papéis de imagens impressas de profissões para cada criança escolher a que queria ser e colar no papel para completar o cartão de cidadão. A estagiária auxiliou a educadora cooperante na realização da atividade com o grupo. Enquanto a atividade decorria, a auxiliar de ação educativa ia chamando uma criança de cada vez para lhe mostrar a sua altura que estava exposta na porta da sala com papel autocolante, todos uns ao lado dos outros.</p>	
39	<p>Arrumação da sala e lanche</p> <p>Interação entre educadora cooperante, estagiária e crianças</p>	Sala de atividades	<p>Após a atividade acabar, a educadora cooperante informou as crianças que estava na hora de arrumar a sala para irem lanche. O grupo arrumou a sala. O S. estava a brincar na área das construções e deu um pontapé num cubo.</p> <p>ESTAGIÁRIA: S. não faças isso, vais estragar. Leva o cubo para a caixa, para arrumares no sítio.</p> <p>O S. demonstrou-se revoltado e começou a chorar no chão. A educadora cooperante tentou acalmá-lo e conversar com o S. O S. continuou a chorar e demonstrar-se chateado. O restante grupo estava sentado à mesa para lanche. O Z. ao ver o S. com aquele comportamento, assustou-se e começou também a chorar.</p>	O S. é uma criança com três anos, e tem dificuldade em lidar com a sua tristeza e em ser contrariado.

			<p>EDUCADORA COOPERANTE: S. anda cá, anda ver o Z. Estás assustá-lo vem-lhe dar um abraço (a educadora cooperante deu um abraço ao S.). O Z. fica assustado contigo.</p> <p>O S. acalmou-se e deu um abraço ao Z.</p>	
40	<p>Aula de inglês</p> <p>Interação entre professora e crianças</p>	Sala de atividades	<p>A professora de inglês chegou à sala de atividades e o grupo de três anos sentou-se no tapete. A aula de inglês foi maioritariamente acompanhada por canções. Inicialmente, começou com uma canção sobre os números, tanto a professora como grupo cantaram e realizam gestos para acompanhar.</p> <p>M.: Tenho vergonha de cantar.</p> <p>PROFESSORA: Não tenhas vergonha, tu cantas tão bem. Mas canta quando te sentires preparada.</p> <p>Posteriormente, a professora colocou uma canção sobre as cores e dinamizou um jogo com as crianças sobre o mesmo tema. A maioria do grupo já adquiriu grandes conhecimentos a nível do inglês e, demonstra-se participativo a responder às questões colocadas pela professora. O S.V. e a M.A. são das crianças mais participativas e com conteúdos de inglês adquiridos.</p> <p>No final da aula, a professora informou o grupo que poderiam ir para o recreio. A mesma colocou o Z. na cadeira de rodas. A M. e a B. entraram em conflito, uma vez que as duas queriam levar o Z. A professora observou este comportamento e disse que podiam levar as duas, uma de cada lado.</p>	<p>À sexta-feira perto das onze horas, o grupo tem aula de inglês.</p> <p>O grupo é dividido em crianças de três anos e crianças de quatro e cinco anos.</p> <p>As crianças mais novas demonstram espírito de ajuda e preocupação com o Z.</p>
41	<p>Hora dos cinco</p> <p>Interação entre educadora</p>	Sala de atividades	<p>O grupo estava sentado à mesa nos lugares habituais.</p> <p>D.: Educadora M. eu sei dizer o nome de todos os dedos da mão.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Diz.</p> <p>D.: Polegar, indicador, dedo do meio, anelar e mindinho.</p>	

	cooperante, estagiária e crianças Interação entre crianças		<p>EDUCADORA COOPERANTE: Muito bem D.!</p> <p>A educadora cooperante informou que tinha terminado a história “Orelhas de borboleta” e que cada criança ia organizar a sua capa para levar para casa com os trabalhos que fizeram para os pais. A educadora deu a cada criança os seus trabalhos e pediu que colocassem uns por cima dos outros. De seguida, pediu que cada criança escrevesse o seu nome num papel para ser colocado na sua capa. O grupo sabe escrever o seu nome e a maioria das crianças consegue fazê-lo sem apoio à placa do nome. Posteriormente, a educadora cooperante conversou com o grupo acerca da letra A e que palavras iniciavam-se com essa letra. Entregou cartões com palavras iniciadas com a letra A e imagem da respetiva palavra, solicitando às crianças que copiassem para o seu caderno a palavra e fizessem a ilustração. O grupo demonstrou-se interessado na atividade, pedindo sempre outro cartão aos amigos assim que terminavam o seu.</p>	
--	---	--	--	--

Notas de Campo 3.ª Semana: 16 a 20 de Outubro

Dia 16 de outubro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
42	Recreio Interação entre estagiária e criança	Exterior	A manhã do grupo começou no recreio antes da entrada na sala de atividades. Igual à semana anterior, as crianças brincaram no recreio da creche, uma vez que estava a acontecer uma reunião de pais. Ademais, como estava a chover o grupo ficou no recreio da creche coberto.	

43	Recreio Interação entre estagiária e crianças	Exterior	<p>A estagiária estava sentada num banco a observar as crianças. A L.P. dirigiu-se à estagiária e mostrou a sua pulseira de entrada na KidZania.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Que giro, foste à KidZania, foi uma festa ou foste com os teus pais?</p> <p>L.P.: Foi uma festa de anos.</p> <p>A L.P. e a S. foram ao encontro da estagiária e começaram a fazer penteados no seu cabelo.</p> <p>S.: Fazemos risco ao meio, e fica metade para cada uma.</p> <p>L.P.: Está bem.</p> <p>S.: Queres trocar de lado, este já não está embaraçado.</p> <p>Mais tarde, a L., a M. e a M.C. também foram ter com a estagiária para fazer penteados. As crianças interagiram umas com as outras.</p> <p>L.: Joana vou fazer uma trança.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Não faças nós no cabelo!</p> <p>M.C.: Eu estou a esticar, não faz nós.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Vou-te ensinar a esticar o cabelo (fez os gestos).</p> <p>A criança imitou os gestos.</p> <p>M.C.: O cabelo está a ficar todo esticado. Tens um cabelo grande.</p> <p>A.: Tens oito unhas.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Oito, não contas-te bem, tens de contar outra vez.</p> <p>S.: Joana comprei uns ténis novos, comprei hoje.</p>	Este momento, proporcionou diversas interações entre as crianças.
----	--	----------	---	---

			<p>ESTAGIÁRIA: Hoje não, quando vieste para a escola estava tudo fechado, deves ter comprado ontem. Trouxeram as coisas que a educadora M. pediu?</p> <p>L.P: Trouxe folhas.</p> <p>S.: Eu trouxe uma cenoura.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Mas a M. pediu coisas do outono, a cenoura não é.</p> <p>S.: Mas eu trouxe uma cenoura da horta do meu tio.</p> <p>No recreio, existiram diversas interações entre a estagiária com algumas crianças, desde brincarem com o seu cabelo, falar acerca do fim de semana e das coisas que trouxeram a pedido da educadora cooperante.</p>	
44	<p>Atividade dirigida pela educadora cooperante</p> <p>Interação entre educadora cooperante, estagiária e crianças</p>	Sala de atividades	<p>O grupo chegou à sala de atividades, a educadora cooperante colocou em cima da mesa uma travessa com diversas frutas características do outono. O grupo colocou-se à volta da mesa.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Não é para sentar nas cadeiras, para todos conseguirem ver. Vamos ouvir a chuva. Está a chover e tem estado mais frio. O verão já foi embora, já se despediu do outono. Hoje nós vamos fazer uma salada de frutas com frutas do outono. No lanche da manhã não vem fruta, nós é que vamos fazer o lanche todos juntos. Digam-me uma coisa, nós podemos comer maçã todo o ano?</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Sim.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Podemos, mas a maçã tem um sabor melhor no outono. E a romã, podemos comer todo o ano?</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Não.</p>	<p>Na sala de atividades é possível ouvir o barulho da chuva.</p> <p>Foi uma atividade bastante interessante e as crianças demonstraram alegria na realização da mesma e proporcionou diversas aprendizagens.</p>

			<p>EDUCADORA COOPERANTE: A romã, é uma fruta só do outono.</p> <p>A educadora cooperante conversou com o grupo sobre cada fruta que tinha na travessa.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Quantas frutas temos aqui (faz o número com os dedos)? Vamos contar todos juntos as frutas. 1, 2, 3, 4, 5, 6, e 7. Para fazermos a salada de frutas, vamos fazer pequenos grupos, não vão fazer todos ao mesmo tempo. Um grupo de cada vez vai cortar uma fruta diferente. Vamos começar pela maçã, sentem-se aqui! Os restantes podem ir brincar que a seguir eu já chamo.</p> <p>O grupo dividiu-se e todas as crianças cortaram com ajuda da faca de barrar a manteiga as frutas em bocados pequenos. A estagiária e a educadora cooperante auxiliaram as crianças nesta atividade e estiveram a supervisionar as crianças a manusear a faca. As crianças mais velhas não demonstraram dificuldades em cortar a fruta, no entanto as crianças mais novas demonstraram muitas dificuldades, precisando de um adulto para conseguirem realizar a atividade. Para além disso, perderam o interesse facilmente e disseram que não queriam cortar mais fruta.</p> <p>Na hora do lanche, cada criança serviu a sua salada de fruta. Em cima do armário tinham várias taças com as frutas cortadas e separadas e cada criança colocou na sua taça as frutas à sua escolha.</p>	
45	Brincadeira Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	<p>Neste dia estava mau tempo com grandes períodos de chuva. Dessa forma, o recreio teve de ser como de manhã, no recreio coberto da creche, contudo na hora do recreio a creche estava a ocupar o espaço e, por isso a educadora cooperante informou as crianças que tinham de ficar na sala de atividades a brincar. Durante a brincadeira, existiram diversos conflitos entre as crianças,</p>	O grupo necessita da intervenção do adulto na resolução dos conflitos.

	Interação entre crianças		<p>principalmente por brinquedos. As crianças recorriam à educadora cooperante, assim como à estagiária para auxiliar na resolução dos conflitos.</p> <p>O V. tirou o brinquedo ao R. Este começou a chorar e a magoar o V., a estagiária observou este comportamento.</p> <p>ESTAGIÁRIA: R. anda cá! Não magoes o V., ele tirou-te os brinquedos eu vi e quando é assim falas comigo ou com a educadora M., não aleijes os amigos. V. não tires os brinquedos aos amigos, existe muitos na sala e chega para todos.</p> <p>Mais tarde, o A. dirigiu-se à estagiária.</p> <p>A.: Joana, a S. não me deixa brincar.</p> <p>ESTAGIÁRIA: S. dá para brincarem os dois, deixa o A. brincar.</p> <p>A.: Joana, a S. e o T.M. chamaram-me de queixinhas.</p> <p>ESTAGIÁRIA: S. e T.M. aqui não há queixinhas, é para brincarem os três, senão ninguém brinca com esses brinquedos, têm de saber partilhar.</p>	
46	Sobre a rotina Interação entre estagiária e crianças	Refeitório	<p>Os educadores do jardim de infância criaram uma iniciativa com as crianças mais velhas (cinco anos). Cada sala tem um dia específico da semana e a educadora cooperante dirige-se ao refeitório com as crianças mais velhas e, estas colocam a mesa do grupo. Neste dia, a estagiária foi com as crianças realizar esta tarefa, colocaram os talheres, copos, guardanapos e as sopas no lugar correto. A estagiária apenas auxiliou de que lado eram os talheres e organizou as crianças para não estarem todas a fazer o mesmo.</p>	Esta iniciativa proporciona às crianças diversas aprendizagens.

47	<p>Hora dos cinco – Aula de teatro</p> <p>Interação entre professora e crianças</p>	Sala de teatro	<p>A aula de teatro iniciou-se com o grupo sentado no chão. A professora iniciou o aquecimento com diversos gestos que as crianças tinham de reproduzir olhando para a mesma ao som de uma canção. Depois, realizaram um jogo “Mar e Terra”, é um jogo de concentração e coordenação motora. A professora disse as palavras (mar, terra, sol e lua) e as crianças tinham de realizar uma pequena ação em cada palavra. A criança que se enganava perdia e saía do jogo. O jogo foi feito por duas vezes com dois grupos diferentes, uma vez que era um grupo grande. A maioria das crianças demonstrou-se concentrada nas palavras da professora, com o objetivo de não perder o jogo. O grupo é composto por 18 crianças e, uma vez que a sala é pequena, é uma aula agitada e o grupo demonstra-se desconcentrado, necessitando que a professora diversas vezes interrompa a aula para chamar à atenção.</p>	
48	<p>Hora dos cinco</p> <p>Interação entre educadora cooperante e crianças</p>	Sala de atividades	<p>Na hora dos cinco, o grupo iniciou uma nova história. A educadora cooperante fez a leitura do livro “A árvore”. É uma história que aborda as estações do ano e as características de cada uma. As crianças demonstraram-se atentas e interessadas na história. No fim, a educadora cooperante conversou com o grupo sobre as estações e a história.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: As estações do ano vêm sempre umas a seguir às outras. Inverno, primavera, verão e outono. Cada uma tem duração de mais ou menos 3 meses. Agora, que ainda temos tempo, vão se sentar na mesa e fazer a ilustração da história.</p> <p>A estagiária colocou os materiais em cima da mesa, arrumou as capas dos desafios da história anterior no saco de cada criança para levarem para casa e auxiliou as crianças no que era necessário.</p>	

Dia 17 de outubro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
49	Recreio Interação entre estagiária e crianças	Exterior	<p>A estagiária estava no recreio antes de entrarem para a sala de atividades. A L. foi ao encontro da estagiária, que estava a observar o grupo.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Bom dia L.</p> <p>A L. dá um abraço à estagiária.</p> <p>L.: Eu trouxe azeitonas.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Tu gostas de azeitonas?</p> <p>L.: Gosto.</p> <p>Algumas crianças dirigiram-se à estagiária para contar novidades e interagir com esta. O A. e o S.V sentaram-se no banco ao pé da estagiária.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Não vão brincar?</p> <p>A.: Não queremos brincar mais.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Está bem, fiquem aqui sentados. Daqui a pouco já vamos para a sala.</p>	
50	Acolhimento Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	<p>O grupo entrou na sala, marcou as presenças e sentou-se no tapete. A estagiária auxiliou as crianças mais novas, indicado o sítio onde tinham de marcar a presença. De seguida, a educadora cooperante sentou-se em frente ao grupo para realizarem as divisões das tarefas. A criança que foi escolhida para professor zen, sentou-se em frente do grupo e fez alguns gestos de relaxamento. O A. que foi escolhido para ser o “chefe do dia” fez a contagem das crianças corretamente e não</p>	<p>A tarefa da contagem das crianças consiste em contar quantas estão presentes e quantas faltam. Depois, colocar</p>

			demonstrou qualquer dificuldade em contar, contudo demonstrou dificuldades na colocação da marcação no número certo e preencheu o mapa do tempo.	a marcação no número correto do mapa.
51	Atividade dirigida pela educadora cooperante Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante informou que ia ler a história “Leaves”, que o V. trouxe.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Esta história é muito gira, é sobre o outono e tem muitas surpresas.</p> <p>A educadora cooperante contou a história ao grupo, interagindo com este, fazendo diversas questões. No final, conversou com este acerca do tema do outono, as folhas, o vento e as cores.</p> <p>Após este momento, a educadora cooperante apresentou a atividade exploratória às crianças.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: No fim de semana, vocês foram com os pais passear e apanharam diversos elementos do outono. E todos os meninos trouxeram coisas que estão ali naqueles sacos. E nós hoje vamos ver tudo o que vocês trouxeram. Vai um de cada vez, eu vou dizer o nome, vai buscar o seu saco e colocar o que trouxeram em cima da mesa.</p> <p>As crianças fizeram o que a educadora cooperante solicitou e voltaram-se a sentar no tapete.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Olhem o que tenho aqui. Contem até três.</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: 1, 2 e 3.</p> <p>A educadora cooperante acendeu duas caixas de luz que estão dispostas em cima da mesa.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Temos aqui duas caixas com luz lá dentro. Vamos desligar a luz da sala e colocar em cima das caixas os elementos que trouxeram. Vocês vão explorar, mexer e observar utilizando lupas, para verem melhor. Vamos fazer as explorações com grupo de cinco meninos de cada vez.</p>	O livro era em pop-up. Foi uma atividade de exploração sensorial bastante animada, interessante e rica em aprendizagens para as crianças.

			<p>As crianças foram brincar e iam realizar a exploração conforme a educadora cooperante e a estagiária chamavam. O grupo demonstrou-se interessado e curioso com a exploração sensorial, usaram a lupa para ver cada elemento. O grupo procurava entre os elementos, aquele que gostava e colocava em cima da caixa de luz para observar o elemento ao detalhe com a lupa. Todas as crianças demonstraram interesse em participar na atividade. Durante a exploração, o grupo interagiu com a educadora cooperante e com a estagiária, contaram o que estavam a observar e algumas curiosidades.</p>	
52	<p>Hora dos cinco</p> <p>Interação entre educadora cooperante e crianças</p>	<p>Sala de atividades</p>	<p>Na hora dos cinco, a educadora cooperante informou as crianças para se sentarem nos lugares habituais.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: A B. faltou ontem, vou lhe mostrar a nossa história e vocês vão me ajudar a contar o que se passou. Esta história fala nas...</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Estações do ano.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Muito bem, a história é sobre uma árvore que passa por todas as estações do ano, no inverno tem gelo, na primavera flores, no verão fruto e no outono as folhas secam e caem. Nós ontem fizemos a ilustração da história.</p> <p>S.: Eu não acabei.</p> <p>T.M: Eu também não acabei.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Ninguém acabou. Vamos fazer este desafio e depois acabam a ilustração. Então, hoje os amigos da sala da educadora M. estiveram a ver as folhas do outono, com várias cores. Acham que as folhas são todas do mesmo tamanho?</p>	

		<p>GRUPO DE CRIANÇAS: Não.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Pois não, têm vários tamanhos. Olha aqui estas folhas da natureza nesta folha de papel, acham que são todas do mesmo tamanho?</p> <p>T.M.: Não, é uma gigante, uma média, uma pequena e uma miniminorca.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Vocês vão cortar e colar nesta folha por ordem crescente. O que é ordem crescente?</p> <p>C.: É pôr em fila.</p> <p>T.M: Eu sei, é gigante, média, pequena e miniminorca.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Isso é decrescente e crescente será o que?</p> <p>T.M: Miniminorca, pequena, média e gigante.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Muito bem, andem para trás com a cadeira e metam-se como eu, ao pé dos joelhos. Começamos cá em baixo e vamos ficando maiores. Crescente é do mais pequeno para o maior.</p> <p>O grupo de crianças, cortou as folhas e colocou-as por ordem crescente. A estagiária e a educadora cooperante confirmavam a ordem antes de colarem na folha de papel. As crianças acertaram na ordem, contudo algumas crianças começaram a ordem no lado da folha de papel errado. O grupo realizou a atividade rapidamente e demonstrou-se interessado. A educadora cooperante informou que quem já tinha acabado podia ir buscar os lápis e acabar a ilustração da história.</p> <p>T.M.: Joana, vou desenhar o vento. É de que cor?</p> <p>ESTAGIÁRIA: Não tem cor.</p>	
--	--	--	--

			L.P.: É transparente. D.: É branco. T.M.: Vou desenhar de azul.	
Dia 18 de outubro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
53	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	O grupo de crianças entrou na sala de atividades e marcaram as presenças no mapa exposto na parede. É uma tarefa diária e todas as crianças assim que entram na sala de atividades dirigem-se logo ao mapa e marcam a sua presença. A estagiária colocou-se ao pé do mapa das presenças, para auxiliar as crianças mais novas. Estas demonstraram iniciativa, foram buscar a caneta e colocaram-se em frente à sua coluna, contudo necessitaram de apoio da estagiária para saber em que sítio deveriam marcar. As crianças mais velhas não demonstraram dificuldade, marcando a presença no sítio correto.	
54	Acolhimento Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	A educadora cooperante pediu ao grupo que se sentasse no tapete, para procederem à divisão de tarefas. Informou ainda, que a estagiária iria-lhes ler uma história e fazer uma atividade com o grupo. EDUCADORA COOPERANTE: Hoje o “chefe do dia” vai ser a B. que é uma menina crescida e muito linda. O professor zen vai ser a I. que já está aqui ao pé de mim. A ajudar na sesta vai o F.D., mas tem de se portar bem. E contar uma história vai ser a C. A.: Eu posso contar uma história também?	A B. é das crianças mais novas da sala.

			<p>EDUCAÇÃO COOPERANTE: Todos os meninos querem contar a sua história, tem de ser um por dia. Não vai dar tempo para duas pessoas. B. vem contar os amigos.</p> <p>A B. fez a contagens dos amigos com auxílio da educadora cooperante. A criança apontou para todas as crianças, contudo não sabia os números e, dessa forma a educadora cooperante ajudou.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Sabem o que eu vi hoje quando estava a vir para a escola? Um arco-íris. Temos de colocar um arco-íris aqui na sala. Então B. vamos ver como está o tempo. Se estava um arco-íris no céu é porque está de chuva e um bocadinho de s...</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Sol.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Vamos ao professor zen, I. vamos lá.</p> <p>A I. não realizou gestos, no entanto a educadora cooperante imitou algumas ações da I. e disse ao grupo para imitar. A educadora cooperante incentivou a I. a realizar gestos e acrescentou alguns, de modo a ajudar a I. na sua tarefa. As crianças reproduziram os gestos da educadora cooperante.</p>	
55	Leitura de uma história e atividade dirigida pela estagiária	Sala de atividades	<p>A estagiária colocou-se em frente ao grupo sentada numa cadeira. Iniciou a leitura da história “Ladrão de folhas”, mostrando a capa do livro. A estagiária conversou com o grupo acerca da capa, dos animais e das cores. Algumas crianças reconheceram a história, dizendo logo o nome e o que acontecia da mesma. A estagiária contou a história, utilizando uma leitura expressiva para captar a atenção do grupo e interagiu com as crianças, fazendo questões acerca da história. O grupo demonstrou interesse, ficando calmo e atento à estagiária. Ao terminar a história, a estagiária conversou com o grupo sobre a história, o que gostaram, o que não gostaram e o outono.</p>	<p>Durante a história, o grupo não teve comportamentos de desvio, demonstrando-se atento e concentrado.</p>

	Interação entre estagiária e crianças		<p>ESTAGIÁRIA: Afinal o ladrão de folhas é quem?</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: O vento.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Uma das características do outono é o vento. E quando está vento, as coisas abanam e o nosso cabelo fica no ar, para trás, para à frente, para todo o lado. Hoje nós vamos fazer o cabelo ao vento com tintas e uma palhinha, vamos soprar.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Experimentem lá soprar, para ver se todos conseguem?</p> <p>O grupo experimentou e todas as crianças conseguiram.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Podem ir brincar e eu vou chamando para virem fazer a atividade.</p> <p>O grupo demonstrou bastante interesse e entusiasmo para realizar a atividade.</p> <p>Na concretização da mesma, as crianças mais velhas pediram à estagiária várias cores e sopraram corretamente fazendo o efeito com a tinta pretendido. Por outro lado, as crianças mais novas demonstraram também interesse em realizar a atividade, mas mostraram dificuldades em fazer o efeito pretendido com as tintas porque não conseguiam soprar com força suficiente.</p>	
56	Recreio Interação entre estagiária e crianças	Exterior	<p>No recreio, a estagiária sentou-se no banco ao pé do F.D.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Porquê é que estás com o gelo?</p> <p>A S. dirigiu-se à estagiária.</p> <p>S.: O F.D está de castigo porque foi buscar gelo à receção sem pedir.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Pois, se foi sem pedir, está mal. F.D. tens de pedir a um adulto.</p> <p>As crianças durante este período dirigiram-se diversas vezes à estagiária para resolver conflitos e interagir com esta. A estagiária brincou com as crianças e auxiliou no que era solicitado por estas.</p>	

	Interação entre crianças		A estagiária observou a C. sentada numa cadeira sozinha com uma peça de construção a imitar e imaginar que contava uma história, fazia o movimento de mudar a página e falava como se estivesse a contar a história. A C. imitava o adulto a contar histórias e, por isso colocou a peça ao seu lado, imaginado que as restantes crianças estavam a observar o livro. A estagiária demonstrou-se surpreendida e contente pela brincadeira e imaginação da C., podendo afirmar que a C. gosta de livros e de contar histórias.	
57	Hora dos cinco Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	<p>A hora dos cinco anos iniciou com um jogo dirigido pela educadora cooperante, esta colocou em cima da mesa dois paus e informou as crianças que seriam duas árvores e dividiu o grupo pelas mesmas. Depois, colocou em cima da mesa diversas folhas de árvores e disse que ambos os grupos teriam de tirar as folhas do mesmo monte e fazer uma árvore com poucas folhas e outra com muitas folhas. Ao sinal da educadora cooperante, ambos os grupos tiraram as folhas, pondo ambas as árvores com as mesmas folhas.</p> <p>S.: Precisamos de mais folhas.</p> <p>T.M: Pois é!</p> <p>O grupo deu algumas folhas ao outro grupo.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Já está? Vamos contar as folhas. Está certo. E vocês perceberam que um grupo tinha de dar folhas ao outro grupo. Esta árvore tem muitas folhas e esta tem poucas folhas. Agora vão fazer dois desafios, no primeiro têm aqui duas árvores: uma grande e uma pequena. Vão ter de desenhar na árvore grande muitas folhas e na pequena poucas folhas. O segundo desafio tem um código de cores, cada cor corresponde a um número e no desenho</p>	O caderno dos cinco anos destina-se a desenhos, palavras e números. As crianças fazem desenhos, o adulto escreve o que é e depois a criança copia. Na sala existe vários ficheiros com palavras e a imagem a identificar que as crianças usam para copiar as palavras e fazerem desenhos a ilustrar.

			<p>também têm números, têm de pintar onde está o número da mesma cor que está no código de cores. Perceberam?</p> <p>T.M: O número 1 é amarelo, então pintamos todos os números 1 de amarelo.</p> <p>O grupo não demonstrou dificuldade na concretização dos desafios. É um grupo bastante desenvolvido e, por ser composto por dez crianças conseguem ter mais apoio dos adultos presentes na sala. A educadora cooperante informou o grupo que quem terminasse os dois desafios, podia ir buscar o seu caderno para desenhar.</p> <p>O D. e o T.M, conforme desenhavam iam dizendo o que estavam a fazer.</p> <p>EDUCAÇÃO COOPERANTE: Quando acabarem de desenhar, têm de dizer o que é para eu escrever no caderno.</p> <p>T.M.: São explosões.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Vem cá para escrever no teu caderno. Depois, tens de copiar o que escrevi em baixo.</p>	
Dia 20 de outubro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
58	<p>Conversa informal</p> <p>Interação entre educadora</p>	Sala de atividades	<p>A estagiária chegou à sala de atividades antes da hora da sua entrada. A educadora cooperante encontrava-se na sala de atividades a organizar o planeamento da próxima semana. A educadora cooperante e a estagiária durante este momento conversaram acerca das atividades que iriam ser feitas na próxima semana, uma vez que iria ser a semana do Halloween. A estagiária pensou em algumas atividades para realizar com o grupo. A educadora cooperante deu a sua opinião e</p>	

	cooperante e estagiária		juntamente com a estagiária definiram os dias que iriam decorrer as atividades, assim como o seu nome, materiais e a maneira como se iria introduzir as mesmas ao grupo. A educadora cooperante informou a estagiária que podia introduzir a atividade de terça-feira com a leitura de uma das suas histórias. A estagiária concordou e explorou o livro para conhecer a história. A estagiária demonstrou-se bastante entusiasmada e motivada para dirigir as atividades com o grupo na próxima semana	
59	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças Interação entre crianças	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante solicitou à estagiária que dirigisse o início da manhã com a divisão de tarefas para conseguir finalizar o planeamento da próxima semana, dando também oportunidade à estagiária de intervir. A estagiária aceitou e auxiliou o grupo a marcar as presenças no mapa. De seguida, pediu ao grupo que se sentasse no tapete para procederem à divisão das tarefas diárias. A estagiária sentou-se numa cadeira em frente às crianças.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Hoje o “chefe do dia” vai ser a S., o professor zen vai ser a L.P que já está aqui ao meu lado e quem vai ajudar na sesta vai ser o T.M.</p> <p>T.M.: Hoje são todos os de cinco anos.</p> <p>ESTAGIÁRIA: É verdade, vocês ainda não fizeram estas tarefas, por isso é que foram vocês. Educadora M. hoje eles contam a história?</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Não, hoje é dia de música.</p> <p>ESTAGIÁRIA: S. vem contar os amigos e ver o tempo.</p> <p>A S. concretizou a contagem sozinha e corretamente, contudo teve dificuldades em colocar a marca no número certo. O T.M. ajudou-a nesta tarefa.</p>	Na divisão de tarefas as crianças demonstram bastante entusiasmo e interesse em serem as escolhidas.

			<p>S.: Hoje vi o arco-íris quando estava a vir para a escola, por isso está sol e chuva.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Muito bem! Toma, coloca no mapa do tempo. Vamos fazer o professor zen. Todos a olhar para a L.P.</p> <p>A L.P iniciou os gestos e algumas crianças começaram a imitar, contudo existiu crianças a brincar e a conversarem durante o momento.</p> <p>ESTAGIÁRIA: T.M. quando és tu o professor zen, os amigos fazem e estão em silêncio, agora é a tua vez de imitar os gestos da L.P. Vamos todos fazer silêncio e imitar os gestos da professora zen.</p>	
60	<p>Leitura de uma história e atividade dirigida pela educadora cooperante</p> <p>Interação entre educadora cooperante, auxiliar de ação educativa,</p>	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante foi ter com o grupo com um livro na mão e sentou-se em frente do mesmo.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Já fizeram as tarefas todas, agora eu tenho aqui um livro novo, muito giro que está escrito em inglês. A história chama-se “If you find a leaf”, que quer dizer “se eu apanhasse uma folha”.</p> <p>A educadora cooperante fez a leitura da história ao grupo, mostrando as imagens às crianças. A história abordava as possibilidades que uma folha podia ser na nossa imaginação. As crianças demonstraram-se fascinadas e participaram ativamente nas interações da educadora cooperante.</p> <p>No final da história a educadora cooperante falou com o grupo sobre a mesma e as diversas possibilidades que uma folha poderia ser. Depois, deixou cair várias folhas da natureza para o meio do grupo no tapete, pedindo que cada criança apanhasse uma folha. Posteriormente, perguntou a cada criança o que a sua folha seria, escreveu numa folha e colou a folha da natureza</p>	

	estagiária e crianças		<p>na folha de papel. Explicou também que, de seguida iam pintar na folha com aguarelas o resto do desenho, isto é, se a folha fosse um chapéu, tinham de pintar uma cara.</p> <p>A maioria das crianças pintou o desenho não tendo em conta o que a folha representava, fez uma pintura livremente. Os adultos presentes na sala chamaram as crianças à atenção para pintarem conforme o que a folha representava. As crianças mais velhas conseguiram realizar a pintura, de acordo com o que a folha representava. Foi uma atividade bastante dinâmica e enriquecedora para o grupo.</p>	
61	Lanche Sobre a rotina	Sala de atividade	<p>Na hora do lanche, o grupo senta-se nas cadeiras à mesa. Cada criança tem o seu lugar e sentam-se sempre nos mesmos lugares, tanto na sala de atividades como no refeitório. A educadora cooperante ou outro adulto auxilia na distribuição do lanche pelas crianças. Neste dia, a educadora cooperante colocou a fruta nos pratos e a criança que estava responsável por ser o “chefe do dia” ajudou neste momento. A criança escolhida para ser “chefe do dia” auxilia em vários momentos do dia os adultos e na hora do lanche é responsável por dar o lanche, recolher os pratos utilizados e entregar a louça na cozinha. Quando são crianças mais novas, uma das crianças mais velhas ajuda.</p>	
62	Hora dos cinco Interação entre educadora cooperante,	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante iniciou a hora dos cinco questionando o grupo acerca do que tinham feito no dia anterior para a estagiária ter conhecimento. As crianças demonstraram ter dificuldades em lembrar, mas com as pistas da educadora cooperante conseguiram se lembrar e contaram à estagiária. De seguida, a educadora cooperante falou com o grupo sobre o que o esquilo andava a guardar na história.</p>	

	<p>estagiária e crianças</p> <p>Interação entre crianças</p>		<p>EDUCADORA COOPERANTE: O esquilo andava a guardar bolotas. Aqui tem várias bolas, todas diferentes. Vamos contar quantas são. Vou escrever aqui a palavra “bolota”, digam-me palavras começadas pela letra “B”.</p> <p>As crianças começaram a dizer diversas palavras iniciadas com a letra “B” e também algumas que não começavam com “B”. A educadora cooperante explicou que as palavras não começam com “B”, dizendo as palavras com a letra “B” para o grupo entender que assim não soavam corretamente.</p> <p>Posteriormente, a educadora cooperante distribuiu pelas crianças dois desafios. O primeiro tiveram de escrever a letra “B” e recortar e colar dentro do “B” grande as bolotas entregues pela educadora cooperante. O segundo era uma sopa de letras, na qual as crianças tiveram de encontrar as letras “B”. O grupo concretizou os desafios corretamente, no entanto a educadora cooperante e a estagiária auxiliaram-no a escrever a letra “B” com os movimentos corretos.</p>	
--	--	--	--	--

Notas de Campo 4.^a Semana: 23 a 27 de Outubro

Dia 23 de outubro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
63	<p>Acolhimento</p> <p>Interação entre educadora</p>	Sala de atividades	<p>O grupo de crianças entrou na sala de atividades perto das nove e vinte. Este marcou as respetivas presenças no mapa de registo e sentou-se no tapete. A educadora cooperante tinha o Z. no seu colo e foi com este colocar o dia no calendário. De seguida, sentou-se numa cadeira em frente ao grupo e chamou a S. para contar o seu fim de semana. A S. sentou-se numa cadeira ao seu lado.</p>	<p>A educadora cooperante informou a estagiária de que na quinta pedagógica fazem uma</p>

	<p>cooperante e crianças</p> <p>Interação entre crianças</p>	<p>EDUCADORA COOPERANTE: Vamos todos ouvir a S., vai-nos mostrar uma coisa que trouxe do seu fim de semana.</p> <p>S.: Eu fui com os meus pais, trouxe lã e temperei de laranja.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Temperas-te? Temperar nós fazemos na salada, com o azeite e o vinagre. Tingiste. E foste onde?</p> <p>S.: Fui à quinta pedagógica dos olivais.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Lembram-se quando fomos lá no ano passado e o pato foi atrás da A.</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Sim!</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: A lã vem de que animal?</p> <p>S.: Da ovelha.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: A partir da lã podemos fazer camisolas, novelos de lã, muita coisa.</p> <p>A educadora cooperante conversou com o grupo sobre a lã. Posteriormente, explicou que a S. tinha dificuldade na palavra “tingir”. Nesse caso, existe um dicionário na sala que serve para quando não souberem uma palavra, o grupo escreve a mesma num papel e o que quer dizer com apoio da educadora cooperante, ilustram e colocam no dicionário. Por fim, pediu à S. que entregasse aos colegas os bocados de lã que trouxe para os amigos mexerem e depois passarem ao colega do lado.</p>	<p>atividade muito interessante com as crianças. Duas vezes por ano, as escolas inscrevem-se e as crianças veem a retirarem o pelo às ovelhas.</p> <p>Todas as crianças tiveram oportunidade de explorar a lã.</p>
--	--	--	--

64	<p>Acolhimento</p> <p>Interação entre educadora cooperante e crianças</p> <p>Interação entre crianças</p>	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante informou o grupo que iam proceder à divisão de tarefas. A L.P. levantou-se do tapete e dirigiu-se à educadora cooperante solicitando que esta mostrasse a sua fotografia ao grupo.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Meninos, vou mostrar-vos uma fotografia que a mãe da L.P. mandou-me no fim de semana. A L.P. já consegue andar de bicicleta sem rodinhas. Bem, vamos agora às tarefas. O “chefe do dia” vai ser ...</p> <p>M.A.: Posso ser?</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Podes, que ainda não foste.</p> <p>A M.A., levantou-se do tapete foi buscar a placa do seu nome à educadora cooperante e colocou no mapa das tarefas. O professor zen vai ser a M.C., ajudar na sesta vai o A. e ler uma história antes da ginástica vai ser ... tem de ser uma história pequena porque não temos muito tempo. Vai ser a C.F.</p> <p>A M.A. e a M.C. realizaram as respetivas ações que fazem parte da sua tarefa.</p>	O grupo revela bastante interesse em contar as suas novidades ao restante grupo.
65	<p>Atividade dirigida pela educadora cooperante</p> <p>Interação entre educadora</p>	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante informou o grupo que ia colocar uma canção na coluna para este ouvir com atenção. Ao terminar a canção a educadora cooperante falou acerca da mesma com as crianças. De seguida, colocou outra canção.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Esta canção fala sobre o que?</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Halloween.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Vamos dizer todos em conjunto as personagens que apareceram na canção. 1 bruxa, 2 monstros, 3</p>	A educadora cooperante encostou as mesas à parede da sala para criar um espaço amplo para a dinâmica com o grupo.

	cooperante e crianças		Ambas as canções abordavam o tema do Halloween. A segunda canção era acumulativa, cada número correspondia a uma personagem associada ao Halloween. A educadora cooperante conversou com o grupo sobre a ordem e a quantidade de personagens que eram referidas na canção. Posteriormente, fez uma dinâmica com o grupo que consistia em representar a canção pelo espaço da sala de atividades e com gestos. As crianças demonstraram-se bastante entusiasmadas e alegres durante a dinâmica. No final, o grupo conseguia dizer todas as personagens e a respetiva quantidade de cada uma.	
66	Atividade dirigida pela educadora cooperante Interação entre educadora cooperante, estagiária e crianças	Sala de atividades	A educadora cooperante iniciou a atividade, mostrando ao grupo três modelos recortados em cartolina (abóbora, morcego e aranha). De seguida, explicou que na sexta-feira iam comemorar o Halloween na organização socioeducativa e, por isso iam fazer um acessório para colocarem no cabelo nesse dia. Cada criança escolheu o molde que queria pintar, utilizando uma esponja e tintas das respetivas cores do Halloween. Há medida que cada criança escolhia o seu molde, podia ir brincar. A educadora cooperante preparou o material e o espaço e foi chamando as crianças para realizarem a atividade. A estagiária auxiliou o grupo, colocando mais tinta e apoiando as crianças mais novas. Durante a atividade, a educadora cooperante colocou música no computador e as crianças aproximaram-se para assistir ao vídeo. EDUCADORA COOPERANTE: Já estiveram a ver um bocadinho, agora vão brincar e ouvir a música. Não vão estar muito tempo em frente ao ecrã. Todas as crianças realizaram a atividade sem grandes dificuldades, demonstraram-se entusiasmadas para concretizar as suas pinturas. A I. demonstrou reprovção pela atividade, uma	A educadora cooperante demonstra preocupação pelo grupo estar ligado ao mundo digital.

			vez que esta sujava as mãos e nesse caso a educadora cooperante adaptou a atividade e a criança fez com um pincel.	
67	Lanche Interação entre educadora cooperante e crianças Interação entre crianças	Sala de atividades	Na hora do lanche, a M.A. que estava responsável por ser o “chefe do dia” entregou os pratos com a fruta aos colegas. Durante a refeição, a educadora cooperante informou que a M. tinha trazido um doce para dar aos amigos e que esta podia distribuir pelos amigos depois de comerem a fruta e o pão. T.M.: Eu não posso comer. EDUCADORA COOPERANTE: Pois não, M. o T.M. não pode comer frutos secos.	As crianças demonstram ser um grupo unido e regularmente trazem doces ou lembranças para dar aos restantes amigos. A educadora cooperante demonstrou-se preocupada com as características de cada criança e as suas restrições alimentares.
68	Almoço Interação entre equipa	Refeitório	Ao almoço, o grupo estava disperso pelas mesas, uma vez que faltavam algumas crianças. Durante a refeição, existiram crianças a chorar por não gostarem da comida e, por isso não queriam comer. A educadora cooperante conversou com cada criança, tentando-a acalmar e arranjou estratégias para cada uma. No final do almoço, a educadora cooperante colocou o Z. no seu colo para o levar para a sesta e chamou as restantes crianças. O grupo levantou-se e seguiu a educadora cooperante.	

	educativa e crianças		<p>EDUCADORA COOPERANTE: A. és tu hoje o ajudante na sesta. Espera pela M. que está acabar de beber água.</p> <p>A M. é uma das crianças mais novas e necessita de apoio para ir até ao dormitório. O A. é dos meninos mais velhos e demonstrou o seu apoio à M., dando-lhe a mão e tendo a preocupação se a mesma estava bem e conseguia subir as escadas. No dormitório, o A. ajudou as crianças a retirar os sapatos, a roupa, a deitá-las e a tapá-las com o lençol no fim. A estagiária e a educadora cooperante auxiliaram as crianças na colocação das fraldas e a controlar os comportamentos de desvio para conseguirem adormecer.</p>	
69	<p>Hora dos cinco – Aula de teatro</p> <p>Interação entre professora e crianças</p> <p>Interação entre crianças</p>	Sala de teatro	<p>A aula de teatro, realizou-se numa sala nova da organização socioeducativa, o que provocou no grupo bastante curiosidade e interesse. A professora iniciou o aquecimento com o grupo, fazendo alguns movimentos para este imitar. O grupo imitou os gestos, contudo demonstrou-se agitado. A atividade principal da aula consistiu em mímica das personagens que se iam mascarar no Halloween. As crianças demonstraram bastante vergonha, não tendo iniciativa em participar na atividade. A professora auxiliou as crianças, motivando-as e respeitando a sua vontade em não participar. Para terminar a aula, o grupo fez um relaxamento a pares, no qual tinham de fazer massagens nas costas do amigo e vice-versa. Uma criança não quis fazer a aula, ficando distanciado do grupo apenas a observar. A professora respeitou a sua vontade, deixando-o ficar no seu espaço.</p>	
70	Hora dos cinco	Sala de atividades	<p>Na hora dos cinco, o grupo analisou diversas palavras começadas com a letra “B” e encontraram o número de sílabas de cada palavra. A educadora cooperante usou como estratégia de contagem</p>	

	Interação entre educadora cooperante, estagiária e crianças		de sílabas as palmas. As crianças aprenderem rápido e entenderam como se faz a contagem de sílabas. De seguida, entregou um desafio que consistia em dividir as palavras “árvore” e “outono” em sílabas e pintar o número dos respetivos quadrados, finalizando com a escrita do número de sílabas de cada palavra. As crianças realizaram o desafio corretamente, contudo algumas crianças solicitaram o auxílio da estagiária para terem a certeza do que era para fazer e como se escrevia o número três. A estagiária escreveu no papel e as crianças copiaram. Durante este momento, a educadora cooperante informou a estagiária que daqui a duas semanas iria assistir à hora dos quatro anos para vivenciar uma experiência diferente.	
Dia 24 de outubro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
71	Recreio Interação entre estagiária e crianças	Exterior	<p>A manhã iniciou-se no recreio, uma vez que a educadora cooperante estava numa reunião com os pais de uma criança, a estagiária e a auxiliar de ação educativa ficaram com o grupo. As crianças interagiram com a estagiária e solicitaram a ajuda desta para a resolução de conflitos.</p> <p>T.M.: L.P anda cá ver a tua prima.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Quem é a prima da L.P?</p> <p>T.M.: É a bebé de vestido.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Vocês têm todos família aqui na escola? É tão giro. Tu tens a tua irmã. A S. também tem a irmã. A M. e a B. têm os irmãos.</p> <p>T.M.: A L.P também tem o irmão no jardim de infância.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Vocês nunca me tinham dito que tinham família cá na escola. É muito giro.</p>	No recreio do jardim de infância é possível observar uma das salas da creche, através das janelas grandes que dão acesso ao recreio do jardim de infância. A maioria das crianças tem familiares na organização

			<p>T.M: A minha irmã anda na creche e tem onze meses. Também tenho o meu primo V. que é da sala da educadora C.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Eu sei, o V. está na hora dos cinco com a educadora M.</p> <p>S.: A minha irmã anda na creche e tem um ano.</p>	socioeducativa (irmãos, primos e mães).
72	<p>Leitura de uma história</p> <p>Interação entre educadora cooperante e crianças</p>	Sala de atividades	<p>O grupo entrou na sala de atividades com a estagiária e a auxiliar de ação educativa. As crianças marcaram a sua presença no mapa de registo e sentaram-se no tapete. A C. demonstrou-se triste e começou a chorar.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: O que se passa C.?</p> <p>C.: Quero a mãe.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Anda cá, a educadora M. também quer estar com a mãe, mas não pode ser. Os pais precisam de trabalhar para ganharem dinheiro. Olha, eu também venho trabalhar aqui com vocês, estar aqui é o meu trabalho. Ok querida?</p> <p>S.: Os pais trabalham para ganhar dinheiro.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Hoje não vamos fazer tarefas, porque me atrasei na reunião com os pais da M., vamos passar já para a história. O livro que tenho aqui chama-se “Nesta casa há um fantasma”. O senhor que a escreveu é inglês e já escreveu mais livros que são muitos giros.</p> <p>A educadora cooperante leu a história ao grupo com recurso ao livro. Este era imprescindível para a leitura da história, uma vez que em cada página existia uma folha de papel vegetal que ao ser colocada em cima da página aparecia fantasmas na ilustração. A educadora interagiu com o grupo dizendo que não conseguia ver nenhum fantasma e as crianças afirmavam que conseguiam ver os</p>	<p>O grupo demonstra interesse no tema do Halloween.</p> <p>A leitura de histórias promove a participação oral do grupo.</p>

			fantasmas, criando uma pequena brincadeira com o grupo. Este demonstrou-se bastante interessado, entusiasmado e participativo durante a leitura da história. A mesma captou a atenção do grupo.	
73	Atividade dirigida pela educadora cooperante Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	<p>Após a leitura da história, a educadora cooperante conversou com o grupo sobre a mesma e explicou o porquê de conseguirem ver os fantasmas, através do papel vegetal. E ainda, mostrou ao grupo um bocado de tecido, informando que era a “roupa” dos fantasmas da história e para enfeitar a sala todos iriam criar o seu fantasma, utilizando o tecido da “roupa” dos fantasmas, tinta branca e papel vegetal.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Os primeiros meninos a fazer a atividade podem-se sentar na mesa. Cada criança vai colocar o tecido à volta da mão e depois vai tocar na tinta e bater à porta várias vezes em cima deste papel que é papel vegetal.</p> <p>As crianças demonstraram-se interessadas e com vontade de participar. Todas as crianças conseguiram realizar a atividade sem demonstrar qualquer dificuldade. No final, a estagiária chamou cada criança e questionou qual dos modelos de fantasma queria, para se colocar a pintura no modelo de fantasma. Este era um género de um stencil de cartolina preta de corpos de fantasmas diferentes. A pintura foi colocada atrás e ficou o corpo do fantasma pintado pelas crianças.</p> <p>ESTAGIÁRIA: D., F., e S. venham cá para escolherem o vosso fantasma.</p> <p>D.: Eu quero este.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Está bem e tu S.?</p> <p>S.: Quero este.</p>	<p>O grupo participa na decoração da sala.</p> <p>A educadora cooperante coloca nas paredes da sala as produções feitas pelas crianças. A sala de atividades é decorada com as produções das crianças.</p>

			<p>ESTAGIÁRIA: Está bem, mas espera para escreveres o teu nome aqui.</p> <p>A educadora cooperante nas suas atividades promove o desenvolvimento da escrita das crianças mais velhas, em situações de escrever o nome, as próprias crianças fazem-no. A estagiária foi informada no início da atividade e proporcionou esse pequeno exercício às crianças mais velhas.</p>	
74	<p>Lanche</p> <p>Interação entre educadora cooperante e crianças</p>	Sala de atividades	<p>Na hora do lanche, a educadora cooperante informou o grupo que o M.T. fazia anos, contudo não veio à escola por estar doente. Dessa forma, todos juntos iriam fazer um vídeo para ser enviar à família do M.T.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Vamos todos dizer, parabéns M.T., beijinhos. Vamos treinar primeiro 1, 2 e 3. Agora vou gravar, quando eu disser três vocês dizem todos juntos.</p> <p>O grupo realizou o vídeo. A maioria das crianças chegou à sala de atividades no início da manhã a dizer que sabiam que era o dia do aniversário do M.T., demonstrando que são um grupo unido e preocupado uns com os outros.</p>	
75	<p>Conversa informal</p> <p>Interação entre educadora cooperante e estagiária</p>	Sala de atividades	<p>Na hora do recreio, a estagiária e a educadora cooperante conversaram acerca do percurso da estagiária até ao momento, os pontos fortes e os fracos, planeamentos futuros e os documentos feitos pela mesma. A educadora cooperante partilhou a sua opinião e auxiliou a estagiária nas suas dúvidas. Ademais, a estagiária partilhou as suas ideias para a realização do projeto com o grupo, uma vez que estava indecisa entre dois. A educadora cooperante deu o seu ponto de vista e algumas sugestões. A estagiária escolheu e organizou o projeto que irá realizar com o grupo e o planeamento das próximas semanas. Para além disso, a estagiária informou a educadora cooperante da problemática que tinha interesse em investigar com o grupo de crianças, os</p>	

			objetivos definidos para a sua investigação, assim como os métodos, técnicas e instrumentos de recolha de dados. A educadora cooperante partilhou o seu feedback e sugestões de melhoria.	
76	Sesta Interação entre estagiária e crianças Interação entre crianças	Sala de atividades (Dormitório)	Na hora da sesta, o grupo dirigiu-se para o dormitório com a educadora cooperante e a estagiária. O grupo demonstrou-se agitado e com energia. As crianças foram à casa de banho e prepararam-se para dormir. A estagiária e a educadora auxiliaram as crianças. Para ajudar a adormecer, a educadora cooperante e a estagiária sentaram-se em sítios estratégicos para as crianças não conversarem e brincarem. Neste dia, o grupo estava mais desperto que o normal, dessa forma a estagiária colocou-se ao pé das crianças com mais dificuldade em adormecer para controlar a brincadeira.	A estagiária observou ao longo dos dias que existem cinco crianças que demoram a adormecer e que ficam deitadas a conversar e a brincar.
77	Hora dos cinco Interação entre educadora cooperante, estagiária e crianças	Sala de atividades	Na hora dos cinco, o grupo realizou três desafios que abordaram os temas da simetria, pares e o número dois. A educadora cooperante iniciou a atividade passando uma maçã por todas as crianças e, pedindo que estas observassem a mesma com atenção. EDUCADORA COOPERANTE: Tenho aqui uma maçã, se eu a dividir ao meio fico com? GRUPO DE CRIANÇAS: Duas metades. EDUCADORA COOPERANTE: Muito bem, se só tiver uma das metades e quiser uma maçã inteira, temos de desenhar a outra metade como podem ver (mostra o papel com o desafio). Isto chama-se simetria, é uma palavra de crescidos. Neste desafio vão desenhar a simetria da maçã e depois podem pintar. No segundo desafio têm aqui árvores todas diferentes, vamos contar quantas	

			<p>são em conjunto (contam em conjunto). Temos 13 árvores e vocês vão fazer uma círculo à volta das árvores para criarem pares. Um par são?</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: 2 árvores.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Pode ser duas árvores, duas meias, tudo... um par são duas coisas. Vão depois escrever o número dois em cima destas prateleiras. O terceiro desafio, se tivermos tempo é uma sopa de número que vocês já conhecem. Vão encontrar o número dois e contar quantos encontraram.</p> <p>As crianças conseguiram realizar os três desafios, contudo algumas crianças tiveram dificuldades na concretização da simetria da maçã e a desenhar o número dois para o lado correto. A educadora cooperante e a estagiária auxiliaram o grupo nas suas dificuldades. Nesta hora, a educadora cooperante colocou no seu computador a reunião de pais para a estagiária ter acesso, uma vez que não pode estar presente na mesma.</p>	
Dia 25 de outubro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
78	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	<p>A estagiária chegou à sala de atividades e o grupo estava a brincar e a explorar os materiais nas diferentes áreas. A L. dirigiu-se à estagiária, assim que esta chegou. Era a primeira vez, na presente semana, que a L. veio à organização socioeducativa.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Olá L., bom dia, estás boa?</p> <p>L.: Sim.</p> <p>A estagiária e a L. trocaram alguns carinhos e interagiram uma com a outra.</p>	A L. é a criança escolhida pela estagiária para o portfólio individual da criança. Esta é das

			<p>ESTAGIÁRIA: Tiveste de férias?</p> <p>L.: A minha mana já foi batizada.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Que giro e tu foste?</p> <p>A L. consentiu com a cabeça.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Tive saudades tuas L.!</p> <p>L.: Ainda não comi.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Daqui a pouco já vamos comer a fruta.</p>	<p>crianças mais novas do grupo.</p> <p>A estagiária tem uma relação de proximidade e afetividade com a L., a mesma dirige-se à estagiária quando chega à organização socioeducativa e ao longo do dia recorre à mesma quando necessita.</p>
79	<p>Brincadeira e exploração dos materiais</p> <p>Interação entre crianças</p>	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante encontrava-se numa reunião com os pais de uma criança noutra sala da organização socioeducativa. Dessa forma, a estagiária e a auxiliar de ação educativa ficaram na sala de atividades com o grupo. A estagiária informou as crianças que tinham de marcar as presenças no mapa de registo e depois podiam brincar até a educadora cooperante chegar. Neste momento o grupo dividiu-se pela sala: no tapete realizaram construções, nas mesas exploraram a plasticina e os jogos de mesa. Entretanto, a auxiliar de ação educativa chamou o M.T ao seu encontro para decorar a sua coroa de aniversariante, uma vez que faltou no dia do seu aniversário utilizou a coroa neste dia. O M.T escolheu alguns amigos para ajudá-lo a decorar a sua coroa. A</p>	<p>A iniciativa da “coroa” é realizada sempre que uma criança do grupo faz anos.</p>

			estagiária interagiu e brincou com as crianças do grupo. O Z. estava na zona do tapete a explorar o espaço e a M.C. estava sentada ao pé deste a brincar. A M.C começou a brincar com o Z., mandando uma peça de lego para este. O Z. agarrava na peça e devolvia, atirando a mesma à M.C. A estagiária sentou-se no banco da sala ao pé da L.P. e interagiu com esta.	
80	<p>Leitura de uma história e atividade dirigida pela estagiária</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p>	Sala de atividades	<p>A estagiária iniciou a manhã com a leitura de uma história “A bruxa Mimi e a varinha mágica”. A estagiária utilizou uma linguagem expressiva e interagiu com o grupo durante a leitura da história, o que captou a atenção do grupo estando este focado e atento à mesma. O grupo participou oralmente nas interações da estagiária, demonstrou-se alegre, concentrado e interessado. No final da história, a estagiária conversou com o grupo sobre a mesma e criou uma dinâmica que consistia em fazerem um feitiço mágico. Esta questionou qual era o feitiço que o grupo gostava de fazer e se gostava de fazer aparecer um esqueleto. O grupo demonstrou-se entusiasmado e seguiu exatamente as indicações da estagiária.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Vamos fechar os olhos, agitar a varinha e dizer...</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Abracadabra.</p> <p>A estagiária mostrou um esqueleto que tinha escondido, falou sobre ele e deu a oportunidade de todas as crianças tocarem e explorarem o esqueleto. Posteriormente, informou o grupo que iam fazer um jogo.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Tenho aqui vários cartões, e vou mostrar um de cada vez. Todos contêm uma imagem de um esqueleto numa posição corporal diferente. Vocês vão ter de fazer a mesma posição que veem no cartão e ficar em estátua. Será que conseguem?</p>	A maioria das crianças conseguiu realizar as posições corporais iguais às dos cartões, sem demonstrar dificuldades.

			<p>GRUPO DE CRIANÇAS: Sim!</p> <p>O grupo durante a atividade demonstrou-se entusiasmado, divertido e interessado. Todas as crianças participaram, contudo a meio da atividade algumas crianças não quiseram fazer mais. Na parte final do jogo o grupo estava agitado, tendo comportamentos de desvio. Houve a necessidade de a estagiária chamar a atenção e motivar as crianças para continuarem a concretizar a atividade.</p>	
81	<p>Atividade dirigida pela estagiária</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p>	Sala de atividades	<p>Após a atividade dirigida pela estagiária, o grupo dispersou e foi brincar nas diversas áreas da sala de atividades. A educadora cooperante solicitou à estagiária que fizesse com o F.D., a L. e o M.T. a atividade de segunda-feira, uma vez que estes ainda não tinham feito porque faltaram à organização socioeducativa naquele dia. A estagiária chamou as três crianças para a mesa, preparou os materiais e deu a instrução da atividade. As restantes crianças demonstraram interesse, pedindo para realizarem também.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Vocês já fizeram esta atividade na segunda-feira, estes meninos não fizeram porque não vieram.</p> <p>O pequeno grupo realizou a atividade sem demonstrar dificuldades. A L. não concretizou, várias vezes, o movimento da mão corretamente. A estagiária chamava a atenção e esta corrigia.</p>	A L. utilizava a esponja como se fosse um pincel. A maneira correta era movimento de “bater à porta”.
82	<p>Lanche</p> <p>Interação entre educadora cooperante,</p>	Sala de atividades	<p>Durante o lanche, o grupo estava sentado nas cadeiras à mesa. As crianças estavam a comer a fruta e o pão. Existem três mesas na sala de atividades e o Z. senta-se na que está mais próxima da porta e do local de arrumação da educadora cooperante para receber um maior auxílio. O grupo de crianças estava a interagir entre si.</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: O Z. é lindo. O Z. é lindo.</p>	O grupo demonstra um grande carinho pelo Z.

	estagiária e crianças		A educadora cooperante repetiu a frase com o grupo diversas vezes. O Z. demonstrou-se contente. S.: Educadora M., o Z. está contente. EDUCADORA COOPERANTE: É normal, quem é que não gosta de ouvir o que vocês estão a dizer. Ele está a gostar de ouvir.	
	Interação entre crianças			
83	Hora dos cinco	Sala de atividades	Neste dia, na hora dos cinco o grupo incluiu mais quatro crianças de outra sala. A educadora cooperante organizou a sala de atividades e pediu ao grupo que se sentasse nas cadeiras à mesa. EDUCADORA COOPERANTE: Os meninos da outra sala já trabalharam uma letra que o grupo da educadora M. ainda não trabalhou. Querem dizer qual é a letra? L.: É a letra “C”. A educadora cooperante conversou com o grupo acerca da letra e os seus sons. De seguida, entregou dois desafios ao grupo. O primeiro consistia em escrever a letra “C” e o segundo era uma sopa de letras, na qual as crianças tinham de encontrar a letra “C” e contar, posteriormente quantos “C” encontraram. As crianças da outra sala realizaram uma lista de palavras, utilizando os ficheiros da letra “C”, tiveram de copiar as palavras e ilustrá-las. Todas as crianças realizaram os desafios sem demonstrar grandes dificuldades.	
Dia 27 de outubro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações

84	<p>Recreio</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p> <p>Interação entre crianças</p>	Exterior	<p>A estagiária chegou à organização socioeducativa e preparou os diversos materiais necessários para a sua atividade. De seguida, dirigiu-se ao recreio para interagir com o grupo. A L., assim que observou a estagiária foi ao encontro desta.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Olá, como estás?</p> <p>L.: Estou bem! Hoje está a chover.</p> <p>A L.P também se dirigiu à estagiária.</p> <p>L.P.: Olá Joana.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Olá L.P, estás bem? Estás contente?</p> <p>L.P.: Sim, estou contente.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Porquê?</p> <p>A L.P não respondeu à estagiária, apenas encolheu os ombros.</p> <p>A estagiária deu espaço às crianças para brincarem e interagiram entre elas e dirigiu-se para um banco que existe no recreio. A B. e a C.F. estavam a brincar ao pé do banco. A C.F observou a estagiária e foi ao encontro da mesma para lhe dar um abraço.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Então C.F., como estás?</p> <p>C.F.: Estou contente.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Ainda bem! Porque é que estás contente?</p> <p>C.F.: Não sei.</p> <p>ESTAGIÁRIA: E quando estás triste sabes o porquê de ficares triste?</p> <p>C.F: Não.</p>	<p>As crianças demonstram grande interesse, no que diz respeito ao tema das emoções.</p>
----	---	----------	---	--

			<p>Um menino no recreio começou a chorar.</p> <p>C.F: O R. está a chorar porque é pequenino, quando crescemos já não choramos.</p> <p>Momentos mais tarde, a estagiária foi ter com a S., T.M. e F.D.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Estão aqui os três a fazer o quê?</p> <p>T.M.: Estamos a ver a irmã da S.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Muito bem! Estão bem? Estão contentes?</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Sim!</p> <p>S.: Tu estás contente Joana?</p> <p>ESTAGIÁRIA: O que achas? Conseguem ver se estou triste ou contente?</p> <p>T.M.: Não sei. Joana, a minha mãe chorou quando meu avô, pai dela morreu.</p> <p>F.D.: Os adultos não choram.</p> <p>T.M.: Sabes o que são as emoções?</p> <p>F.D.: Não.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Gostavam de saber mais sobre isso?</p> <p>S.: Sim, eu gostava de saber quando os outros estão felizes e tristes.</p> <p>F.D.: Os adultos não choram S.</p> <p>T.M.: O F.D tem de aprender o que é a raiva, tristeza, felicidade e amor.</p>	
85	Acolhimento	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante ao longo da presente semana realizou reuniões todos os dias, individualmente, com os pais das crianças que são novas no grupo. Neste dia, a auxiliar de ação educativa informou a estagiária que devia dirigir a manhã e realizar a sua atividade com o grupo.</p>	

	Interação entre estagiária e crianças		A estagiária deu início ao que lhe foi solicitado. Primeiramente, acompanhou o grupo no registo das presenças, a tirar os casacos e a sentar no tapete. De seguida, sentou-se numa cadeira à frente do grupo para iniciar a divisão de tarefas. Escolheu para cada tarefa, uma criança que ainda não tivesse sido, verificando num papel da educadora cooperante que contém a informação de quem já fez o quê. A estagiária dividiu todas as tarefas e posteriormente concretizou com o grupo as ações de cada tarefa. O “chefe do dia” fez a contagem dos amigos e observou o tempo e o “professor zen” realizou o seu pequeno momento relaxante.	
86	Atividade dirigida pela estagiária Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	O momento do “professor zen” terminou e o grupo demonstrava-se calmo e estava em silêncio. A estagiária iniciou a introdução à sua atividade. ESTAGIÁRIA: Sabem quais são os animais preferidos da bruxa? GRUPO DE CRIANÇAS: Gato. ESTAGIÁRIA: E mais? F.D.: Aranhas. T.M.: Morcego. ESTAGIÁRIA: Muito bem, já disseram alguns. As aranhas são um animal muito amigo da bruxa e esta gosta muito de aranhas. E nós ao almoço vamos comer patas de aranhas, lembram-se? Vai ser um almoço muito assustador. Mas temos um pequeno problema, vamos ter de salvar estas aranhas para dar à bruxa. Elas estão presas nesta caixa com uma gigante teia de aranha e vamos ter de tirá-las de lá com ajuda destas pinças. Acham que conseguem? GRUPO DE CRIANÇAS: Sim!	

			A estagiária fez a demonstração de como se utilizava e onde se coloca os dedos numa pinça, para todas as crianças tomarem conhecimento.	
87	Atividade dirigida pela educadora cooperante Interação entre educadoras e crianças Interação entre crianças	Sala de atividades	A educadora cooperante finalizou a sua reunião e regressou à sala de atividades e como combinado anteriormente com a estagiária, as crianças visualizavam um pequeno filme de Halloween e depois a estagiária realizava a sua atividade com o grupo. EDUCADORA COOPERANTE: Já fizeram as tarefas? GRUPO DE CRIANÇAS: Já. EDUCADORA COOPERANTE: T.M. vai chamar os meninos da sala da C., porque acho que os amigos também querem ver este filme muito giro. O T.M. dirigiu-se à outra sala de atividades. A visualização do filme foi feita com as crianças das duas salas juntas, o que tornou um momento bastante interessante. As crianças interagiram entre si. O filme era acerca de uma bruxa, abordava o sentimento de partilha e cooperação. Ambos os grupos demonstraram-se interessados, atentos e concentrados durante o filme. No final, as educadoras colocaram uma canção que todas as crianças conheciam no computador. Estas demonstraram-se bastante contentes por ouvir aquela canção. A educadora C. realizou os gestos da canção para as crianças imitarem. Este foi um momento de bastante alegria.	A educadora cooperante pendurou um tecido branco para projetar o filme. As crianças ficaram sentadas no tapete.
88	Atividades dirigidas pela estagiária e	Sala de atividade	As crianças da sala da educadora C. dirigiram-se para a sua sala. A estagiária iniciou a sua atividade, informou o grupo de que em cima da mesa estavam as duas caixas e que quatro crianças de cada vez iam realizar o jogo. O grupo reuniu-se logo à volta da mesa. A estagiária informou as crianças de que todas iam realizar o jogo e que podiam ir brincar. A educadora cooperante ao	Todas as crianças quiseram repetir o jogo e verificou-se uma evolução em todas da

	educadora cooperante		mesmo tempo, criou na sala de atividades um ambiente de brincadeira e diversão. Construiu mais um jogo, que consistia numa pirâmide de copos, na qual tinham de derrubar com uma bola, pintou a cara às crianças e colocou música no computador. O ambiente ficou bastante animado e rico em felicidade e interações. O grupo andava disperso pelas várias atividades. Na atividade da estagiária, a maioria das crianças demonstrou dificuldades em utilizar a pinça para apanhar as aranhas, contudo depois de algumas tentativas conseguiram. As crianças mais novas demonstraram mais dificuldades em agarrar na pinça, no entanto arranjam estratégias para conseguir, como utilizar as duas mãos. Existiu uma criança que não quis realizar a atividade inicialmente e foi respeitado o seu espaço. Na parte final do jogo, a mesma demonstrou iniciativa e foi ter com a estagiária demonstrando a sua vontade em jogar. A estagiária entregou-lhe uma pinça para jogar, esta esforçou-se e conseguiu facilmente retirar as aranhas da caixa. A I. é a criança mais nova do grupo, o que deixou a estagiária surpresa.	primeira vez para a segunda. A I. demonstra muitas vezes desinteresse nas atividades. A iniciativa da I. em participar na atividade foi bastante importante.
89	Hora dos cinco Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	Na hora dos cinco, o grupo realizou uma lista de palavras acerca do tema do Halloween. As crianças utilizaram cartões fornecidos pela educadora cooperante com as palavras e as respetivas ilustrações. As crianças copiaram as palavras e ilustraram a respetiva palavra no caderno destinado à hora dos cinco.	

Dia 30 de outubro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
90	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	<p>A estagiária chegou à sala de atividades e o grupo de crianças encontrava-se a brincar e a explorar os diversos materiais. As crianças da sala do educador P. também estavam na sala a interagir e a brincar com as outras crianças. Quando a estagiária chegou, diversas crianças foram ao seu encontro, para a cumprimentar e contar novidades. A estagiária dirigiu-se ao T.M., uma vez que observou este a chorar.</p> <p>ESTAGIÁRIA: O que se passa?</p> <p>T.M.: Estou triste! Queria dizer uma coisa ao meu pai.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Logo à tarde, quando ele chegar, dizes! Pede à educadora M. que escreva num papel o que queres dizer para não te esqueceres.</p>	
91	Acolhimento e leitura de uma história Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	<p>As crianças da sala do educador P. dirigiram-se para a sua sala com a respetiva auxiliar de ação educativa. A educadora cooperante questionou a estagiária se queria realizar a divisão de tarefas com o grupo e ler uma história ou se tinha pensado em algo durante o fim de semana. A estagiária aceitou e demonstrou bastante interesse e disponibilidade em dirigir o acolhimento. Informou também que não planeou nenhuma história, uma vez que estava à espera do avale por parte dos professores para iniciar o projeto com o grupo, no entanto podia ler uma história às crianças. A estagiária sentou-se numa cadeira em frente ao grupo e realizou a divisão de tarefas com este. Cada criança realizou as ações da sua respetiva tarefa.</p> <p>ESTAGIÁRIA: C. conta os amigos e vê o tempo. L. anda fazer o professor zen.</p>	As crianças demonstram bastante interesse na área da literatura, no que diz respeito a ouvir e a contar histórias.

			<p>M.A.: Posso ler a minha história à tarde?</p> <p>ESTAGIÁRIA: Podes.</p> <p>F.D.: Joana, podes ler uma história?</p> <p>ESTAGIÁRIA: Posso.</p> <p>A estagiária foi ao armário dos livros da educadora cooperante e retirou o livro “O Elmer”. O grupo reconheceu de imediato o livro e a sua respetiva história. A estagiária explicou ao grupo que ia realizar a leitura da história, contudo este podia ajudar, uma vez que conhece o livro. Ao longo da história o grupo demonstrou-se bastante interessado, ficando em silêncio e atento à leitura. As crianças participaram oralmente, respondendo às questões e interações da estagiária. No final, o grupo demonstrou-se contente.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Gostaram?</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Sim.</p>	
92	<p>Brincadeira e exploração de materiais</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p>	Sala de atividades	<p>Após a leitura da história, as crianças foram brincar e explorar os materiais da sala de atividades. A estagiária durante esse momento interagiu com as crianças, brincou com estas, tendo sempre em conta o espaço e a vontade de cada uma. As crianças dividiram-se pelas diversas áreas: faz de conta, garagem e jogos de mesa. Existiram ainda, crianças a desenhar nos cadernos. A S. e o T.M. estavam sentados numa mesa ao pé da estagiária.</p> <p>T.M.: S. queres pintar os dois na mesma folha. Pinto eu um bocadinho, depois pintas tu outro bocadinho e depois eu, sempre assim.</p> <p>S.: Pode ser! Joana vamos pintar os dois esta folha.</p>	

	Interação entre crianças		<p>ESTAGIÁRIA: Fazem muito bem! Partilham a mesma folha e desenharam os dois. Vai ficar um desenho incrível!</p> <p>A educadora cooperante colocou no computador a canção da missão pijama deste ano, o que promoveu um clima mais descontraído e calmo para as crianças. Estas quiseram observar o vídeo no computador, a educadora cooperante deixou por uns minutos, no entanto depois explicou que a canção era apenas para ouvir.</p>	
93	<p>Brincadeira e exploração de materiais</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p> <p>Interação entre crianças</p>	Sala de atividades	<p>A M.A. passou pela estagiária vestida com uma bata e uma touca na cabeça.</p> <p>ESTAGIÁRIA: A senhora está vestida de quê?</p> <p>M.A.: Médica.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Precisava de uma consulta, estou doente.</p> <p>M.A.: Tem de ser na casinha.</p> <p>A estagiária dirigiu-se para a área do faz de conta e brincou com a M.A. aos médicos, cabeleireiros e diversas brincadeiras através da imaginação da própria criança.</p> <p>M.A.: Joana encontrei isto aqui.</p> <p>ESTAGIÁRIA: É o brinquedo da L., ela estava à procura dele. L. anda cá. A M.A. encontrou o teu brinquedo.</p> <p>A L. agarrou no brinquedo e ficou a olhar para este demonstrando-se contente.</p> <p>L.: Obrigada M.A.</p> <p>M.A.: De nada L.</p>	

			Ademais, existiram crianças a brincar pela sala, utilizando a própria imaginação. As crianças tinham maioritariamente cinco anos e estavam a brincar todas juntas. Um imaginavam-se a ser cavalos e outras os cavaleiros. As crianças com a sua imaginação criaram uma história e brincaram todas juntas interagindo entre si	
94	Almoço e sesta Interação entre estagiária e crianças	Refeitório e sala de atividades (Dormitório)	A estagiária dirigiu a hora de almoço juntamente com a auxiliar de ação educativa. Ambas ajudaram as crianças, distribuíram os pratos e recolheram a louça utilizada. A estagiária dirigiu também, o momento de higiene e sesta. Esta auxiliou as crianças a irem para o dormitório, na casa de banho, a colocar as fraldas e a tapar. A estagiária ajudou as crianças a adormecer, as que revelam mais dificuldade, tentando-as acalmar para conseguirem dormir.	
Dia 31 de outubro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
95	Recreio Interação entre estagiária e crianças	Exterior	A estagiária dirigiu-se ao recreio, assim que chegou à organização socioeducativa. Esta cumprimentou as crianças que estavam no recreio. A L. observou a estagiária e foi ao encontro desta. ESTAGIÁRIA: Bom dia L., estás tão gira! Olha o que eu tenho aqui no bolso. É o teu brinquedo. A L. agarrou no seu brinquedo, demonstrando-se contente. L.: Joana tenho aqui um desenho. ESTAGIÁRIA: Está muito bonito. L.: É para ti. ESTAGIÁRIA: Obrigada! Vou guardar este desenho muito bem!	

			<p>A estagiária sentou-se num banco e ficou a observar o grupo. A L.P dirigiu-se à estagiária.</p> <p>L.P: Olá! Joana quero ir para a sala.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Já está quase na hora, podes brincar mais um bocadinho.</p> <p>A L.P. sentou-se ao lado da estagiária. Momentos mais tarde, a L. aproximou-se da estagiária.</p> <p>Ambas as crianças começaram a fazer penteados no cabelo da estagiária. Esta interagiu com as crianças que estavam mais próximas de si e as que iam ao seu encontro.</p>	
96	<p>Acolhimento e leitura de uma história</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p>	Sala de atividades	<p>O grupo entrou na sala de atividades e marcou as presenças no mapa de registo. A estagiária auxiliou nesta tarefa, uma vez que a maioria das crianças estava a preencher de forma incorreta. De seguida, a estagiária solicitou ao grupo que se sentasse no tapete para procederem à divisão de tarefas. Esta ocorreu como habitualmente, a estagiária escolheu as crianças para as respetivas tarefas e estas realizaram as mesmas. Posteriormente, a estagiária informou o grupo que lhes iria ler a história “O dia em que os lápis desistiram”, na qual as personagens eram muito conhecidas pelo grupo. O grupo demonstrou curiosidade em conhecer a história. A estagiária realizou a leitura da história, utilizando uma voz expressiva. A maioria do grupo demonstrou-se atento e concentrado, contudo também existiram crianças com comportamentos de desvio, havendo a necessidade de a estagiária chamar a atenção. Contudo, as crianças continuaram até ao final da história com o mesmo comportamento. A educadora cooperante e a auxiliar de ação educativa também chamaram as crianças à atenção. No final, a estagiária conversou com o grupo acerca da história, se tinham gostado, algumas indicações de como se tratam os lápis, entre outras.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Como acham que os lápis se sentiram?</p>	

			<p>GRUPO DE CRIANÇAS: Tristes</p> <p>ESTAGIÁRIA: Uns sentiram-se tristes e outros...</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Felizes.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Querem descobrir como é que sabemos se os nossos amigos estão felizes ou tristes?</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Sim.</p>	
97	<p>Brincadeira</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p> <p>Interação entre crianças</p>	Sala de atividades	<p>Na organização socioeducativa, a presente semana é considerada semana não letiva e, dessa forma não existem atividades letivas. É uma semana em que as crianças têm ainda mais tempo para brincar, a educadora cooperante não fez planificação semanal e não tem de enviar o correio às famílias no final da semana. Nesse sentido, após a leitura da história, o grupo foi brincar nas diversas áreas da sala de atividades. A estagiária e a auxiliar de ação educativa ficaram a preparar recursos para atividades que se irão realizar futuramente.</p> <p>M.: Joana, podes-me ajudar a vestir?</p> <p>A M. foi ao encontro da estagiária com um vestido de noiva, solicitando a ajuda da mesma para lhe vestir o vestido. A estagiária auxiliou. Mais tarde, outras crianças dirigiram-se também à estagiária, para esta as auxiliar a vestir a roupa da área do faz de conta.</p> <p>Durante este momento, a estagiária interagiu com diversas crianças, brincou e resolveu conflitos entre as mesmas.</p>	As crianças quando necessitam de ajuda ou apoio recorrem diversas vezes à estagiária.

98	Recreio Interação entre estagiária e crianças Interação entre crianças	Exterior	Enquanto as crianças mais novas fazem a sesta, as dos quatro e cinco anos ficam no recreio a brincar. A estagiária ficou com as crianças durante esta hora. Inicialmente, esta ficou apenas a observar as brincadeiras das crianças. As mesmas andaram de bicicleta, fizeram construções com peças, jogaram à bola e criaram brincadeiras através da sua própria imaginação. As crianças das outras salas, que ainda não tinham conhecido a estagiária, dirigiram-se a esta para a conhecer. Mais tarde, diversas crianças aproximaram-se da estagiária e fizeram-lhe penteados, fingiram estar a prepará-la para uma festa. Arranjaram-lhe o cabelo, puseram maquilhagem e acessórios. Durante este momento, as crianças conversaram com a estagiária acerca das suas famílias, especialmente sobre os seus irmãos.	Este momento decorre entre a uma e as duas da tarde.
----	--	----------	--	--

Notas de Campo 6.ª Semana: 06 a 10 de Novembro

Dia 06 de novembro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
99	Recreio Interação entre estagiária e crianças	Exterior	A estagiária chegou à organização socioeducativa e deslocou-se até ao recreio. As crianças encontravam-se a brincar e a interagir entre si. A estagiária observou as diversas interações e brincadeiras do grupo. A L. chegou à organização socioeducativa, acompanhada pela figura paternal. A despedida entre estes dois intervenientes foi bastante complicada, a L. demonstrou-se triste. A auxiliar de ação educativa auxiliou neste processo, colocou a L. no seu colo e deu-lhe alguns carinhos, respeitando sempre o que a mesma estava a sentir. Mais tarde, a estagiária dirigiu-	

			<p>se à L., colocou-a no seu colo e conversou com esta sobre o seu fim de semana. A L. foi-se sentar num banco e pediu à estagiária para se sentar ao seu lado.</p> <p>L.: Joana quero ir para a sala.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Temos de esperar que a educadora M. chegue. Não queres ir brincar?</p> <p>L.: Não.</p> <p>A estagiária levantou-se para percorrer o recreio, observar as crianças e interagir com estas. A L. fez este percurso ao lado da estagiária dando-lhe a mão.</p>	
100	<p>Acolhimento e leitura de uma história</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p> <p>Interação entre crianças</p>	Sala de atividades	<p>O grupo entrou na sala de atividades e realizou a marcação das presenças no mapa de registo. A estagiária procedeu à divisão de tarefas com as crianças e fizeram as respetivas ações de cada tarefa. De seguida, iniciou uma conversa com o grupo sobre o fim de semana. Todas as crianças participaram contando o que tinham feito em casa e outras novidades. Ao longo da conversa, existiram crianças que demonstraram-se desconcentradas e desinteressadas em ouvir as outras crianças a falar. A estagiária e a auxiliar de ação educativa chamaram à atenção das crianças.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Vamos ouvir!</p> <p>T.M.: Também me interrompeste C.!</p> <p>A.: Gostas que te interrompam? (A C. disse que não com a cabeça) Então tens de ouvir e respeitar a vez do outro.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Vão todos contar o seu fim de semana, mas têm de ouvir os amigos.</p> <p>Posteriormente, a estagiária recorreu ao livro “O novelo das emoções” para contar a história ao grupo. Esta aborda as emoções. A estagiária fez a leitura da história para perceber o interesse do</p>	<p>A auxiliar de ação educativa demonstrou-se disponível para auxiliar a estagiária.</p>

			<p>grupo acerca deste tema, uma vez que havia a possibilidade de esta desenvolver um projeto sobre as emoções com o grupo. Ao longo da história, o grupo foi participando oralmente, dando exemplos do porquê de sentirem cada emoção e a expressão facial característica de cada uma. A estagiária realizou a leitura de forma expressiva, captando a atenção do grupo.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Quando vocês estão com medo, como é que fica o vosso corpo?</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Ficamos encolhidos, pequenos, agarrados às pernas, a tremer...</p> <p>F.D.: O coração bate mais rápido.</p> <p>C.: Joana como é que é o nosso coração?</p> <p>ESTAGIÁRIA: O coração é muito importante no nosso corpo.</p> <p>S.: O coração é vermelho.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Será? Querem saber como é que é o nosso coração?</p> <p>A., D. e F.: Sim.</p> <p>M.: Não é vermelho.</p>	
101	<p>Brincadeira e exploração de materiais</p> <p>Interação entre</p>	Sala de atividades	<p>Após o acolhimento, a estagiária informou o grupo que podia ir brincar. As crianças dividiram-se pelas áreas, escolheram os materiais e as áreas que queriam brincar. A estagiária interagiu com as crianças, de modo a criar uma relação afetiva com estas e perceber os seus interesses. Esta sentou-se numa mesa onde as crianças estavam a desenhar nos cadernos.</p> <p>T.M.: Olha o meu desenho Joana.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Está muito giro. Vocês têm alguma curiosidade ou gostavam de saber mais sobre alguma coisa?</p>	

	estagiária e crianças Interação entre crianças		<p>A.: Eu gostava de saber sobre a Índia.</p> <p>ESTAGIÁRIA: O que gostavas de saber sobre a Índia?</p> <p>A.: Como são os indianos e se vivem na Índia.</p> <p>C.: Qual é o país da Índia?</p> <p>ESTAGIÁRIA: A Índia é um país muito longe daqui.</p> <p>T.M.: Eu não gostava de aprender nada. Não, afinal gostava de saber sobre a Austrália.</p> <p>S.: Joana, sabes que eu tenho um dente abanar?</p> <p>L.P.: Tens de ir ao dentista.</p> <p>S.: Como é que os dentistas tratam dos dentes</p> <p>A M.A. dirigiu-se à estagiária, pedindo ajuda para vestir uma bata de médico da área do faz de conta. Esta ouviu a conversa entre a estagiária e as crianças.</p> <p>M.A: Joana eu sou médica.</p>	
102	Sesta Interação entre estagiária e criança	Sala de atividades (Dormitório)	<p>Após o almoço, a estagiária encaminhou o grupo até ao dormitório, local onde realizam a sesta. A estagiária levou o Z. ao seu colo. A mesma auxiliou o Z., tirando-lhe a fralda e colocando-o na sanita. De seguida, colocou-o na cama e preparou-o para a sesta: colocou-lhe a fralda, entregou-lhe a chucha, deitou-o numa posição confortável e tapou-o com o lençol.</p>	

103	Hora dos cinco – Aula de teatro Interação entre professora e crianças	Sala de teatro	A professora e a estagiária encaminharam o grupo até à sala polivalente. A professora organizou as crianças, pedindo a estas para se sentarem. De seguida, explicou os jogos que iam realizar, estes foram: jogo do robô e o telemóvel estragado. Em ambos os jogos, a maioria do grupo participou ativamente, contudo as crianças tiveram diversos comportamentos de desvio, demonstraram-se desinteressadas e com pouca atenção. O grupo é composto por quinze crianças e três são abrangidas pela educação especial. Estas dispersam facilmente, tornando as aulas bastante confusas e agitadas. Existiram crianças interessadas, no entanto não conseguiram prestar atenção devido aos comportamentos de desvio do restante grupo. No decorrer dos jogos, todas as crianças participaram à exceção de uma, no entanto não conseguiram jogar corretamente, pois não prestaram atenção à explicação dos jogos e o grupo demonstrava-se bastante agitação.	
104	Hora dos cinco Interação entre educadoras e crianças	Sala de atividades	Neste dia, a hora dos cinco foi organizada de forma diferente. As crianças do grupo da educadora cooperante M. foram organizadas e distribuídas pelas restantes educadoras. As crianças juntaram-se a outro grupo e realizaram a hora dos cinco noutra sala. A educadora P. e a educadora M. juntaram dois grupos numa sala só e uma das educadoras realizou a leitura da história “Spider”, uma vez que as crianças dos cinco anos iam iniciar uma nova história e novos desafios.	
Dia 07 de novembro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações

105	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	A estagiária assim que chegou à organização socioeducativa foi ao encontro da auxiliar de ação educativa para ambas conversarem acerca das atividades a realizar com o grupo neste dia e no resto da semana. A auxiliar de ação educativa pediu à estagiária que fosse com grupo para a sala de atividades e iniciasse a rotina do acolhimento, uma vez que a auxiliar de ação educativa tinha de ficar no recreio com outro grupo enquanto a educadora não chegava. A estagiária assim o fez, chamou o grupo e encaminhou-o para a sala de atividades. Cada criança tirou uma caneta do copo e registou a sua presença no mapa de registo. De seguida, o grupo sentou-se no tapete. A estagiária sentou-se à frente do grupo numa cadeira e procedeu à divisão de tarefas pelas crianças. Posteriormente, estas fizeram as respetivas ações de cada tarefa.	
106	Leitura de uma história e atividade dirigida pela estagiária Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	A estagiária iniciou a leitura de uma história “Onde moram as casas”. Ao longo da história as crianças demonstraram-se interessadas e concentradas, estando atentas à leitura expressiva da estagiária. A estagiária utilizou a história para introduzir o tema da família, o direito a ter uma casa e o dia do pijama que está diretamente ligado aos direitos das crianças. A mesma dinamizou um pequeno jogo com o grupo. Este foi realizado da seguinte forma: a estagiária disse diversos objetos característicos de uma casa e as crianças responderam dizendo em qual das divisões da casa aquele objeto pertencia. O grupo participou ativamente durante o jogo, demonstrou-se interessado e entusiasmado. Posteriormente, a estagiária explicou a atividade às crianças. Esta consistiu em cada criança realizar a picotagem de uma casa em papel de lustre, no fim o objetivo era conseguir retirar o desenho da casa do restante papel. As crianças demonstraram bastante entusiasmo e curiosidade. A auxiliar de ação educativa organizou a sala e os materiais. Em cada mesa, estavam crianças a	A atividade dirigida pela estagiária foi planificada pela educadora cooperante.

			fazer a atividade, formando dois grupos. A estagiária ficou com o grupo, observou e auxiliou as crianças e a auxiliar de ação educativa noutro grupo. A maioria das crianças conseguiu fazer a atividade sem dificuldade, com cuidado e interesse. As crianças mais novas não fizeram a picotagem com tanto cuidado e rigor, no entanto demonstraram-se bastante curiosas e entusiasmadas. O grupo não concretizou a atividade ao mesmo tempo, enquanto algumas crianças faziam a atividade as restantes brincavam nas áreas da sala de atividades.	
107	Almoço Interação entre estagiária e crianças	Refeitório	Ao almoço, algumas crianças demonstraram preguiça para comerem sozinhas. A estagiária auxiliou-as, assim como as motivou a comer sem ajuda. Algumas das crianças mais novas necessitam do auxílio dos adultos para comer a sopa. A estagiária antes de ajudar, arranja estratégias para estas comerem sozinhas, motivando-as. Ademais, existem crianças com algumas renitências relativamente a certos alimentos. Estas diversas vezes verbalizam a frase “não gosto disto” e demonstram-se tristes. A estagiária conversa com as crianças, tentando que estas comam e que primeiro provem.	A maioria das crianças come sozinha e não demonstra nenhum problema com os tipos de comida.
Dia 08 de novembro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
108	Recreio Interação entre	Exterior	A estagiária encontrava-se no recreio com o grupo antes de entrarem para a sala de atividades. A L.P e a S. estavam as duas a brincar e a interagirem entre si. A L.P dirigiu-se à estagiária e deu-lhe um abraço. L.P.: Quero ir para a sala agora. ESTAGIÁRIA: Temos de esperar que a auxiliar de ação educativa diga que é para ir.	Às nove horas as crianças começam a entrar nas salas de atividades, antes disso

	estagiária e crianças		<p>A L.P começou a brincar com a estagiária, dando-lhe as mãos, mexendo nos bolsos do seu casaco e na cara. A S. aproximou-se e começou a brincar também com a estagiária.</p> <p>L.P: S. tenho aqui a cara da Joana, estava no bolso.</p> <p>ESTAGIÁRIA: É o meu passe. Com esse cartão consigo vir para a escola e depois ir para casa. Esse cartão paga as viagens nos transportes públicos.</p> <p>A L. aproximou-se da estagiária com um livro na mão.</p> <p>L.: Olha aqui Joana!</p> <p>ESTAGIÁRIA: Essa história é muito gira!</p> <p>A L. abriu o livro numa página aleatória e mostrou à estagiária.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Que medo!!!! Que bicho é esse?</p>	<p>ficam no recreio a brincar.</p> <p>O período das crianças chegarem acontece desde que a organização socioeducativa abre até às nove horas.</p>
109	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	<p>A estagiária chamou o grupo e dirigiu-se com este para a sala de atividades. As crianças entraram, tiraram os casacos, marcaram a presença e sentaram-se no tapete. A estagiária iniciou a divisão de tarefas. De seguida, as respetivas crianças fizeram as suas ações como a contagem dos amigos, registo do tempo e o professor zen. Durante este momento, as crianças demonstraram-se agitadas e existiram diversas conversas paralelas. A estagiária chamou a atenção e pediu ao grupo que respeita-se a vez de cada criança falar. O T.M. levantou o dedo no ar.</p> <p>ESTAGIÁRIA: T.M diz.</p> <p>T.M.: Joana, eu tive uma ideia que queria fazer na sala. Cada vez que algum menino quer falar tem de levantar o dedo no ar.</p>	<p>O barulho excessivo e o choro de alguma criança deixa o Z. assustado e nervoso.</p> <p>O Z. fica triste e começa a chorar.</p>

			<p>ESTAGIÁRIA: Acho uma excelente ideia. Quando quiserem falar levantam o dedo no ar e ficam em silêncio à espera do momento para poderem falar.</p> <p>A L. estava a chorar, demonstrando-se triste, uma vez que não queria sentar-se e foi chamada à atenção pela estagiária. O Z. demonstrou-se assustado com o choro da L. e começou a chorar.</p> <p>ESTAGIÁRIA: L. tens de te acalmar, estás a assustar o Z.! Respira fundo!</p> <p>Ambas as crianças acalmaram-se e o grupo permaneceu em silêncio.</p>	
110	<p>Leitura de uma história e atividade dirigida pela estagiária</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p> <p>Interação entre crianças</p>	Sala de atividades	<p>A estagiária iniciou a leitura da história “Dez numa cama” ao grupo. Este, participou ativamente nas pequenas dinâmicas criadas pela estagiária ao longo da história. No final, a estagiária conversou com o grupo sobre diversos assuntos importantes, desenvolvendo a comunicação oral do grupo. As crianças demonstraram-se entusiasmadas ao falarem dos seus pijamas, da sua família e o conforto de estarem em casa com a família. Posteriormente, a estagiária introduziu a atividade, explicou que cada criança ia ter um molde de um pijama pequeno em cartolina e teriam de colar pedaços de tecido ao seu gosto, ou seja, cada criança iria criar o seu pijama. A estagiária chamou seis crianças para a mesa de atividades e as restantes foram brincar nas áreas da sala de atividades. Quando uma criança acabava, a estagiária chamava outra e assim sucessivamente. Todas as crianças demonstraram interesse na atividade e realizaram-na corretamente. Cada criança concretizou a atividade com a sua própria criatividade, cuidado e técnica de colagem. As crianças informavam a estagiária assim que acabavam o seu pijama e esta chamava-as ao pé de si e falava com cada uma acerca do pijama que tinha feito. A estagiária auxiliou o Z. na concretização da</p>	A atividade dirigida pela estagiária foi planificada pela educadora cooperante.

			<p>atividade. Durante a atividade, as restantes crianças recorreram à estagiária para resolver conflitos, auxiliar a abrir uma caixa e para vestir peças de roupa da área do faz de conta.</p> <p>C.: Joana, a M.P diz que já não é minha amiga.</p> <p>ESTAGIÁRIA: M.P, vem aqui por favor. Disseste que já não eras amiga da C. porquê? Vocês gostam tanto uma da outra.</p> <p>M.P: Estava a brincar.</p> <p>C.: Mas ela estava com cara de chateada.</p> <p>T.M.: C. estava com esta cara? (O T.M. faz uma expressão facial de chateado).</p> <p>A C. tentou imitar a expressão facial do T.M. e da M.P.</p>	
111	Lanche Interação entre crianças	Sala de atividades	<p>A estagiária pediu ao grupo que arrumasse a sala e os materiais utilizados na atividade. À medida que as crianças arrumavam as diversas áreas da sala, sentavam-se nas cadeiras à mesa. O “chefe do dia”, o S. tinha como tarefa ir buscar a fruta para o lanche à cozinha. As crianças mais velhas ajudam as mais novas, acompanhando-as à cozinha e levam também a fruta para a sala. A estagiária colocou a fruta nos pratos e o S. entregou-os às crianças.</p>	É possível observar cooperação entre as crianças mais velhas e as mais novas.
112	Hora dos cinco Interação entre educadora,	Sala de atividades	<p>A hora dos cinco foi dirigida pela educadora A. Na sala de atividades estavam dois grupos juntos, o da educadora cooperante M. e da educadora A. No total estavam catorze crianças, nove pertenciam ao grupo da educadora cooperante M. e cinco crianças pertenciam ao grupo da educadora A. No grupo da educadora A. existem três crianças com necessidades educativas especiais. As crianças realizaram dois desafios relacionados com a história “Spider”. Ambos os desafios desenvolviam o grafismo das crianças, o segundo desafio tinha como objetivo as crianças</p>	Foi bastante interessante para a estagiária observar as crianças com necessidades educativas especiais na hora dos

	estagiária e crianças		<p>aprenderam a escrever o número três. As crianças com necessidades educativas especiais necessitaram do apoio da educadora ao longo dos desafios, assim como diversas estratégias para estes conseguirem estar concentrados e calmos. O T.P. estava constantemente a levantar-se e demonstrava-se agitado.</p> <p>EDUCADORA A.: Queres ir lá fora correr um bocadinho e depois voltas?</p> <p>T.P.: Sim!</p> <p>Este dirigiu-se ao recreio, correu ao longo do mesmo e regressou à sala. Sentou-se e conseguiu ficar até ao final da hora dos cinco calmo e sentado.</p>	cinco a realizarem os diferentes desafios, assim como as estratégias utilizadas pela educadora A.
--	-----------------------	--	--	---

Dia 10 de novembro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
113	<p>Acolhimento e leitura de uma história</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p>	Sala de atividades	<p>A estagiária acompanhou o grupo até à sala de atividades. As crianças procederam às ações habituais da sua rotina sem ser necessário a indicação da estagiária, isto é, tirar os casacos, marcar as presenças no mapa de registo e sentar no tapete. A estagiária preparou os diversos recursos para iniciar o acolhimento. A estagiária sentou-se numa cadeira em frente ao grupo e iniciou uma pequena conversa com este, uma vez que diversas crianças queriam contar novidades aos amigos. De seguida, a estagiária realizou a divisão das tarefas e as respetivas crianças fizeram as ações de cada tarefa. Após este momento, diversas crianças questionaram se a estagiária iria ler alguma história.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Vou contar-vos uma história muito especial! E como eu sei que vocês gostam muito de histórias, esta vocês vão adorar.</p>	As crianças demonstram bastante interesse em livros e na audição de histórias.

			<p>A estagiária iniciou a leitura da história “Os pais amam os filhos”. Durante a leitura, o grupo demonstrou-se interessado, ficando em silêncio e participou oralmente nas questões colocadas pela estagiária ao longo da história. A leitura foi feita com recurso à linguagem expressiva.</p>	
114	<p>Atividade dirigida pela estagiária</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p>	Sala de atividades	<p>A estagiária recorreu à leitura da história para introduzir a sua atividade. A história abordava o tema das famílias, sendo este o tema trabalhado ao longo da semana com as crianças. Para finalizar a semana e indo ao encontro do tema, a estagiária dirigiu uma atividade com o grupo. Após a leitura da história, iniciou-se uma conversa com o grupo sobre a mesma: o que gostaram mais; de que formas os pais amam os filhos; e por fim, pediu a cada criança que dissesse quem eram as pessoas que moravam na sua casa. Cada criança participou oralmente, dizendo a respetiva família que morava consigo. A auxiliar de ação educativa auxiliou algumas crianças que demonstraram-se mais tímidas em falar oralmente. Posteriormente, a estagiária explicou como se iria proceder a atividade ao grupo. Esta consistiu em cada criança desenhar numa folha de papel com canetas de feltro, uma escolha que partiu das crianças, a sua família. Todas as crianças participaram e demonstraram bastante entusiasmo e interesse em realizar a atividade. A estagiária explicou a cada criança o tamanho do desenho.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Vamos ter de desenhar o pai, a mãe, a mana e tu nesta folha. Não podemos desenhar o pai gigante, senão não há espaço para a mãe, para ti e para a mana, ok?</p> <p>Depois de cada criança ter realizado o seu desenho, a estagiária chamou perto de si uma criança de cada vez e perguntou quem eram as respetivas pessoas e anotou no desenho. Posteriormente, a</p>	

			estagiária irá cortar as pessoas do desenho de cada criança para construir um mobile de cada família.	
115	<p>Atividade dirigida pela estagiária e brincadeira</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p> <p>Interação entre crianças</p>	Sala de atividades	<p>A atividade foi realizada com seis crianças de cada vez. As restantes crianças ficaram a brincar nas áreas da sala de atividades e à medida que cada criança acabava o seu desenho a estagiária chamava outra criança. A estagiária estava sentada na mesa com as crianças a realizar a atividade. O R. dirigiu-se à estagiária.</p> <p>R.: Joana, o V. não me deixa brincar com o computador.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Podem brincar os dois juntos.</p> <p>R.: Está bem. V. temos de brincar os dois.</p> <p>Durante este momento, a estagiária auxiliou as crianças na realização da atividade, dando feedback positivo e respondendo às questões colocadas por estas. Durante a brincadeira, as crianças em situação de conflito recorreriam à estagiária.</p>	
116	<p>Hora dos cinco</p> <p>Interação entre educadora e</p>	Sala de atividades	<p>A hora do cinco foi organizada igual a quarta-feira, o grupo da educadora cooperante M. e educadora A. juntaram-se. As crianças realizaram dois desafios destinados a aprender a letra D. No primeiro aprenderam e treinaram a caligrafia da letra D e no segundo a educadora A. apresentou diversos cartões com palavras iniciadas com a letra D e a sua respetiva imagem. As crianças numa folha construíram a lista de palavras da letra D, para isso copiaram as palavras dos cartões apresentados pela educadora A. e fizeram o desenho da respetiva palavra. É possível</p>	

	crianças		observar que todas as crianças estão bastante desenvolvidas, no que diz respeito ao escrever qualquer palavra visualizando-a, assim como escrever o seu nome sem auxílio da placa, de forma correta.	
--	----------	--	--	--

Notas de Campo 7.^a Semana: 13 a 17 de Novembro

Dia 13 de novembro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
117	Acolhimento e atividade dirigida pela estagiária Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	O grupo entrou na sala de atividades e sentou-se no tapete, uma vez que a estagiária informou que ainda não podiam marcar as presenças. A mesma limpou o mapa de registo para as crianças procederem à marcação das presenças. De seguida, a estagiária realizou a divisão de tarefas com o grupo. O “chefe do dia” fez a contagem das crianças e preencheu o mapa do tempo. O “professor zen” dinamizou um pequeno momento de relaxamento com o grupo. As crianças demonstraram-se bastante interessadas, imitando todas as ações feitas pela criança “professor zen”. Posteriormente, o auxiliar de ação educativa, responsável por acompanhar o grupo neste dia, e a estagiária dirigiram duas atividades com o grupo. Ambas as atividades foram relacionadas com o dia de São Martinho. A estagiária explicou a atividade ao grupo, conversou com este sobre o dia de São Martinho e organizou as crianças pelas mesas. O auxiliar de ação educativa dirigiu a atividade que consistia na elaboração de um cartucho para se colocar as castanhas. Na atividade da estagiária, cada criança pintou com tinta uma castanha em cartolina branca utilizando apenas os dedos. A castanha será colocada numa tira de cartolina e depois constrói-se uma coroa do São	

			<p>Martinho para cada criança. Todas as crianças participaram e demonstraram bastante entusiasmo e curiosidade. Existiram duas crianças, sendo estas a I. e o Z., que realizaram a atividade com um pincel em vez dos dedos. No caso da I., esta rejeita concretizar atividades em que suje as mãos e, dessa forma a estagiária adaptou a atividade. No caso do Z., para que este consiga realizar os movimentos, sendo também a melhor maneira utilizar um pincel, pois os seus músculos são bastante rígidos. O Z. tem paralisia cerebral, contudo todas as atividades são adaptadas, com o objetivo de este participar e ser incluído.</p>	
118	<p>Brincadeira</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p> <p>Interação entre crianças</p>	<p>Sala de atividades</p>	<p>As crianças finalizaram as duas atividades. A estagiária informou o grupo que podiam brincar no tapete. A estagiária sentou-se numa mesa a preparar alguns recursos para a elaboração da coroa do São Martinho. O F.D. dirigiu-se à estagiária.</p> <p>F.D: Joana, o T.M. aleijou-me no rabo.</p> <p>ESTAGIÁRIA: T.M. chega aqui por favor! O que é que se passa?</p> <p>T.M.: O F.D. deu-me com uma peça no olho.</p> <p>F.D.: Aleijaste-me no rabo. Não faças mais isso. Magoas-me no rabo e isso dói.</p> <p>T.M.: Ok! Mas tu não podes dar-me com a peça no olho.</p> <p>Os dois pedem desculpa.</p>	<p>As crianças pintaram a castanha e no dia seguinte a estagiária irá construir a coroa e entregar a cada criança.</p>
119	<p>Recreio</p> <p>Interação entre</p>	<p>Exterior</p>	<p>A estagiária encontrava-se no recreio com o grupo antes de este ir para a aula de teatro. As crianças arrumaram o recreio e sentaram-se no chão divididas pelos respetivos grupos (grupo dos quatro anos e grupo dos cinco anos). A estagiária observou as diversas interações entre as crianças. Esta estava a observar o A. e viu o F.D. a magoá-lo. O A. levantou-se e aproximou-se da estagiária.</p>	

	<p>estagiária e crianças</p> <p>Interação entre crianças</p>	<p>ESTAGIÁRIA: Achas que agiste bem?</p> <p>F.D.: Não!</p> <p>ESTAGIÁRIA: Pede desculpa ao A.</p> <p>F.D.: Desculpa!</p> <p>O A. sentou-se ao lado do F.D. e a estagiária afastou-se, mas continuou a observar estas duas crianças. O F.D. continuou com o mesmo comportamento para com o A.</p> <p>ESTAGIÁRIA: F.D. estou-te a ver! O A. não te está a fazer mal, então não lhe faças mal! Quando os amigos te magoam tu não gostas! Não faças isso aos amigos.</p> <p>Momentos mais tarde, a C. dirigiu-se à estagiária.</p> <p>C.: Joana, a M.P. umas vezes é minha amiga, outras vezes não.</p> <p>A estagiária aproximou-se da M.P.</p> <p>ESTAGIÁRIA: M.P. o que é que se passa entre vocês as duas?</p> <p>M.P: A C. está sempre a dizer-me coisas para eu falar.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Vocês são tão amigas, têm de conversar para se resolverem, digam uma à outra quando não gostam de alguma coisa, não precisam de se chatear.</p> <p>C.: Eu falo com ela Joana.</p> <p>ESTAGIÁRIA: M.P. não és amiga da C.?</p> <p>M.P: Sim!</p> <p>A estagiária deu algum espaço, deixando as duas crianças a conversarem com o intuito de resolverem os seus conflitos.</p>	
--	--	---	--

120	Hora dos cinco – Aula de teatro Interação entre professora e crianças	Sala de teatro	A professora de teatro encaminhou o grupo até à sala polivalente. A estagiária e a educadora A. assistiram à aula e auxiliaram a professora. A aula, num modo geral correu melhor que a aula anterior. O grupo conseguiu realizar as diversas dinâmicas com bastante interesse e atingindo os objetivos delineados. A professora realizou um pequeno aquecimento, fazendo algumas ações e as crianças imitaram. De seguida, formou pares para jogarem à mímica das profissões. As crianças realizaram a mímica perceptível e de acordo com a profissão. As restantes crianças conseguiram facilmente adivinhar qual a profissão que estava a ser representada. O grupo manteve-se bastante participativo ao longo da aula, no entanto houve a necessidade de chamar à atenção algumas crianças devido a comportamentos de desvio.	
121	Hora dos cinco Interação entre educadora e crianças	Sala de atividades	Na hora dos cinco, as crianças realizaram um desafio acerca da história “Spider”, distribuído pela educadora A. e a estagiária. As crianças ao receberem o desafio escreviam o nome e a data atrás, na folha. O desafio tinha como objetivo as crianças desenharem as patas das aranhas, quatro patas de cada lado. Cada aranha já tinha uma pata de cada lado, ou seja, cada criança tinha apenas de desenhar três patas em cada lado. A maioria do grupo conseguiu perceber o exercício e desenhou apenas três patas de cada lado, no entanto existiram crianças a desenhar mais patas, para além das pretendidas. A estagiária e a educadora A. auxiliaram as crianças a perceber o erro e a modificá-lo.	
Dia 14 de novembro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações

122	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	As crianças dirigiram-se para a sala de atividades. A estagiária pediu às crianças que marcassem a presença e que se sentassem no tapete. A educadora cooperante encontrava-se no tapete, cumprimentou todas as crianças e conversou com as mesmas. De seguida, a estagiária preparou os recursos necessários para iniciar o acolhimento e sentou-se em frente ao grupo para proceder à divisão das tarefas. A estagiária atribuiu as tarefas às respetivas crianças. Posteriormente, estas realizaram as ações correspondentes à sua tarefa.	As crianças demonstram interesse em serem escolhidas para as diferentes tarefas.
123	Atividade dirigida pela educadora cooperante Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	A educadora cooperante sentou-se numa cadeira em frente ao grupo e iniciou uma conversa com este sobre o que tinham realizado no dia anterior para o dia do magusto na organização socioeducativa. As crianças explicaram as atividades que concretizaram. A educadora cooperante colocou um pequeno filme no seu computador para as crianças visualizarem. O filme contava a lenda do São Martinho. Durante o filme, as crianças demonstraram-se curiosas e entusiasmadas, mantendo-se em silêncio. No final, a educadora cooperante falou com o grupo sobre o filme e a lenda do São Martinho.	
124	Atividade dirigida pela equipa educativa	Sala de atividades	A educadora cooperante, a auxiliar de ação educativa e a estagiária prepararam os recursos para o magusto. A educadora cooperante construiu as coroas do São Martinho. Esta chamou cada criança ao pé de si para fazer a medida da cabeça e entregou-lhe a coroa. As crianças, que no dia anterior faltaram e, por isso não fizeram o cartucho e a castanha, realizaram a atividade com a estagiária.	

	Interação entre equipa educativa e crianças		A auxiliar de ação educativa preparou os cartuchos que foram feitos no dia anterior. As restantes crianças ficaram a brincar no tapete.	
125	Celebração do dia de São Martinho Interação entre equipa educativa e crianças	Exterior	As crianças comeram o lanche da manhã, mais cedo do que a hora normal, uma vez que iriam para o magusto com as restantes salas do pré-escolar. As educadoras juntaram todas as crianças no recreio do jardim de infância. Os grupos sentaram-se em meia lua no chão. Dois educadores mascararam-se e criaram um pequeno teatro, fazendo-se passar por vendedores de castanhas. Todas as crianças demonstraram-se entusiasmadas e alegres. Durante este momento, existiram diversas interações entre os educadores e as crianças e entre crianças das diferentes salas. No final, uma sala de cada vez dirigiu-se aos educadores para receberem as castanhas no seu cartucho. As crianças que gostaram de castanhas comeram-nas, as que não gostaram guardaram-nas para levar para casa. A estagiária e a auxiliar de ação educativa ajudaram as crianças a descascar as castanhas.	
Dia 15 de novembro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
126	Acolhimento Interação entre	Sala de atividades	As crianças entraram na sala de atividades e dirigiram-se ao mapa de registo para marcarem a sua presença. À medida que cada criança registava a sua presença, ia-se sentar no tapete. A estagiária auxiliou as crianças a marcarem a presença, indicando o espaço que deviam preencher. De seguida,	

	estagiária e crianças		<p>sentou-se numa cadeira em frente ao grupo e realizou a divisão das tarefas com o mesmo. Algumas crianças perguntaram diversas vezes “posso ser eu o chefe do dia?”</p> <p>F.D.: Quem pede, não vai.</p> <p>A criança responsável por ser o “chefe do dia” contou as crianças presentes, as que estavam a faltar e preencheu o mapa do tempo. A seguir, a criança escolhida para ser o “professor zen” dinamizou o pequeno momento de relaxamento com o grupo.</p>	
127	<p>Leitura de uma história e atividade dirigida pela educadora cooperante</p> <p>Interação entre educadora cooperante e crianças</p>	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante sentou-se numa cadeira à frente do grupo e consigo tinha alguns recursos necessários para a sua atividade e o livro “Todos juntos”. A mesma iniciou uma conversa com o grupo acerca das atividades que tinham feito na semana anterior com a estagiária, sobre o dia do pijama, os direitos das crianças e a importância de ter uma família. A educadora cooperante realizou a leitura da história. O grupo manteve-se em silêncio, calmo e concentrado. Após a leitura, a educadora falou com as crianças sobre a história. Esta também explicou às crianças que iriam levar para casa uma atividade do dia do pijama para fazerem com a família. O grupo demonstrou-se curioso e interessado na iniciativa do dia do pijama. A educadora cooperante explicou que a atividade que iam realizar consistia em decorar um coração, que estava colado num cartão, com papeis de confettis. Este cartão irá ser entregue aos pais, para estes completarem com “uma boa memória de infância”. As crianças sentaram-se nas mesas para realizarem a atividade.</p>	

128	Atividade dirigida pela estagiária Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	Durante a realização da atividade, a estagiária ficou numa mesa com as restantes crianças a realizarem trabalhos que estavam em atraso, uma vez que essas crianças faltaram. Para além disso, auxiliou as crianças a construírem a sua casa do dia do pijama. As mesmas colaram numa folha de papel A3 a casa que resultou da atividade de picotagem e o pijama que decoraram com pedaços de tecido. A estagiária chamava duas crianças de cada vez para realizarem tanto a construção da casa como as atividades em atraso caso houvesse.	
129	Hora dos cinco Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	A hora dos cinco iniciou-se com a educadora cooperante a conversar com o grupo acerca dos desafios anteriores realizados e o novo desafio que iriam concretizar. O desafio consistiu nas crianças recortarem moldes de estrelas feitos em papel autocolante e colarem na folha. No final, deviam estar três estrelas, sendo que uma delas já estava na folha e por isso as crianças só teriam de colar apenas duas estrelas. As crianças durante a realização do desafio, demonstraram-se concentradas e interessadas. De seguida, as crianças organizaram os desafios da história anterior para levarem para casa.	
Dia 17 de novembro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
130	Acolhimento	Sala de atividades	A estagiária entrou na sala de atividades com as crianças. Estas dirigiram-se ao mapa das presenças para procederem à sua marcação. A estagiária sentou-se à frente do tapete e aguardou	

	Interação entre estagiária e crianças		que o grupo se sentasse para iniciar o acolhimento. Seguidamente, realizou a divisão das tarefas pelas respetivas crianças. O “chefe do dia” fez a contagem das crianças e registou o tempo. O “professor zen” sentou-se numa cadeira em frente ao grupo e dinamizou o pequeno momento de relaxamento, fazendo diversos movimentos para as restantes crianças imitarem. Posteriormente, a estagiária conversou com o grupo acerca do tópico do projeto e informou que era necessário construírem uma teia do que pensam saber e o que querem saber sobre o tópico.	
131	Atividade dirigida pela estagiária Interação entre educadora cooperante e crianças Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	A educadora cooperante sentou-se à frente do grupo para conversar com este sobre a atividade realizada no dia anterior e o tema dos direitos das crianças. A atividade consistiu em cada criança fazer um desenho, numa peça de um puzzle, sobre um direito à sua escolha a partir do livro lido pela educadora cooperante. Esta mostrou cada desenho ao grupo e falou com este sobre cada direito. De seguida, apresentou um livro em pop-up para as crianças visualizarem, falando também sobre os direitos que eram abordados no livro. A educadora informou as crianças que quem ainda não tinha terminado a sua peça, iria acabar e depois todos juntos iam montar o puzzle. Ao mesmo tempo, a estagiária construiu a teia do projeto com o grupo. A teia realizou-se numa mesa em pequenos grupos. A estagiária chamou um pequeno grupo de cada vez ao seu encontro, debateu com as crianças os seus interesses e registou numa folha. Depois, cada criança pintou uma parte da bandeira da Índia, preparada previamente pela estagiária. Ao longo da construção da teia, surgiram questões como “o que comem?”, “como é que se vestem?”, “quais é que são as festas?”, entre outras. Os grupos foram compostos por crianças de diferentes idades, o que motivou as crianças mais novas a participarem, pois observaram o exemplo das crianças mais velhas. Para	

			além disso, a atividade ter sido feita em pequenos grupos, permitiu às crianças mais tímidas estarem mais à vontade para participar oralmente. No final, a estagiária chamou as crianças mais velhas para escreverem as perguntas. As mesmas foram escritas num papel pela estagiária e as crianças copiaram.	
132	Recreio Interação entre estagiária e crianças Interação entre crianças	Exterior	As crianças encontravam-se no recreio antes da hora de almoço. A estagiária sentou-se num banco a observar as brincadeiras das crianças e as suas interações. O Z. estava numa cadeira de rodas para se deslocar pelo recreio. A S. empurrava o Z. pelo recreio, explicando-lhe o que ia acontecendo no mesmo. S.: Joana, estou a brincar com o Z. Estou-lhe a dizer o que está a acontecer e a conversar com ele. ESTAGIÁRIA: Muito bem S., o Z. está a gostar muito do passeio.	O Z. utiliza uma cadeira de rodas adaptada ao seu tamanho.

133	Almoço Interação entre educadora cooperante, estagiária e crianças	Refeitório	<p>As crianças chegaram ao refeitório, lavaram as mãos e sentaram-se nas cadeiras à mesa. Cada criança tem o seu respetivo lugar e todos os dias sentam-se sempre nos mesmos lugares. A estagiária incentivou as crianças a começarem a comer a sopa. O F.D. colocou as mãos na boca, demonstrando que não queria comer a sopa. A estagiária sentou-se numa cadeira ao lado do F.D.</p> <p>F.D.: Não é preciso teres as mãos na boca, ninguém obriga as crianças a comer. Vou-te ajudar a comer, que hoje a sopa é muito boa. Queres comer o peixe e as batatas, não é? Vamos comer só um bocadinho de sopa. Tens de ficar forte, que agora andas no futsal e vais marcar muitos golos.</p> <p>À medida que a conversa desenrolava com a criança, a estagiária auxiliava-a a comer a sopa. No final da conversa, o F.D tinha comido a sopa toda. A auxiliar de ação educativa entregou o prato a todas as crianças. A L.P estava a chorar e chamou a educadora cooperante porque não gostava da comida e não queria comer. A educadora cooperante conversou com a L.P, para que esta comesse e explicou a importância de comer peixe.</p>	
-----	--	------------	---	--

134	<p>Hora dos cinco</p> <p>Interação entre educadora cooperante, estagiária e crianças</p>	Sala de atividades	<p>A hora dos cinco caracterizou-se por brincar. As crianças tinham finalizado todos os desafios sobre o livro “Spider” e a nova história só ia ser iniciada na segunda-feira, dessa forma a educadora cooperante disse às crianças que podiam brincar. A estagiária e a educadora cooperante arrumaram os desafios nas capas das crianças para levarem para casa. A estagiária aproveitou este momento e chamou as crianças do seu grupo.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Querem acabar de copiar as perguntas da teia?</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Sim.</p> <p>A estagiária escreveu as perguntas em papel e as crianças copiaram em baixo.</p> <p>T.M.: Joana, já está! Posso escrever outra pergunta? Quero escrever “como é que eles dançam?”.</p> <p>L.P.: Eu quero escrever, “como é que eles se pintam” e “porque é que fazem tatuagens nas mãos?”.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Que perguntas interessantes.</p> <p>S.: Joana, já copieei esta, quero escrever mais.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Eu escrevo mais para vocês copiarem.</p>	
-----	--	--------------------	--	--

Notas de Campo 8.ª Semana: 20 a 24 de Novembro

Dia 20 de novembro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
135	Acolhimento	Sala de atividades	A estagiária chegou à organização socioeducativa e dirigiu-se à sala de atividades. O grupo de crianças encontrava-se no recreio. Às nove e um quarto, as crianças entraram na sala de atividades e registaram as presenças no mapa de registo. Neste dia, foi comemorado o Dia Nacional do	

	Interação entre crianças		Pijama e por isso as crianças do jardim de infância e a respetiva equipa educativa foram de pijama e levaram um peluche para a organização socioeducativa. A educadora cooperante informou o grupo que a S. trouxe um livro feito por si para a organização socioeducativa e que ia mostrar às restantes crianças. A S. sentou-se numa cadeira em frente ao grupo e mostrou o seu livro, feito em origami. A S. contou a história às crianças, mostrando-lhes as diversas páginas. Durante este momento, a S. demonstrou-se bastante contente e orgulhosa em mostrar o seu livro ao grupo. Este esteve atento durante o conto da história, demonstrando bastante interesse.	
136	Atividade dirigida pela educadora cooperante Interação entre educadora cooperante e crianças Interação entre	Sala de atividades	A educadora cooperante sentou-se em frente ao grupo no tapete e conversou com este acerca do Dia do Pijama e se gostaram de vir para a organização socioeducativa de pijama e com os peluches. De seguida, colocou um vídeo no computador para as crianças visualizarem sobre os direitos das crianças e apresentou a música do Dia do Pijama deste ano. Ao longo do vídeo, estas demonstraram-se interessadas, atentas e participativas. No final do vídeo, a educadora cooperante falou com o grupo sobre os direitos abordados. Posteriormente, realizou diversos jogos com as crianças. No primeiro, as crianças estavam sentadas em cadeiras, estas dispostas em três filas, criança atrás de criança. À frente de cada fila existia um cesto com os peluches das crianças da respetiva fila. A educadora cooperante explicou o jogo. Este consistia em passarem os peluches desde a primeira criança à última criança, no entanto antes de passar para a criança atrás tinham de dar um beijinho no peluche. Todas as crianças quiseram participar e demonstraram-se entusiasmadas, à exceção de uma que não quis participar. Dessa forma, foi respeitada a sua decisão e ficou no tapete a observar. A equipa educativa auxiliou o Z. no decorrer do jogo. No segundo, as crianças frente a	

	estagiária e crianças Interação entre crianças		frente, a pares tinham de atirar o peluche entre as mesmas, sem deixar cair no chão. A estagiária realizou o jogo com o Z., atirando-lhe o peluche. Este agarrava, dava um beijinho e devolvia o peluche à estagiária. O terceiro e último jogo foi o jogo das cadeiras, mas um pouco modificado, em vez de as crianças sentarem-se nas cadeiras colocavam o peluche no seu lugar. A auxiliar de ação educativa auxiliou Z. a jogar, levando-o ao colo. Na reta final, ficaram as crianças mais velhas em jogo. Na última ronda, o T.M. colocou o seu peluche na mesma cadeira e ao mesmo tempo que a L.P. A educadora cooperante informou que as duas crianças perderam, ficou apenas três crianças que “ganharam” o jogo. O T.M. demonstrou-se triste. A estagiária conversou com T.M., para que este não ficasse triste, respeitando o seu espaço e o que estava a sentir. A estagiária explicou à criança que não havia mal em perder, que chegou muito longe no jogo e que o mais importante é que participou e se divertiu.	
137	Almoço	Refeitório	Neste dia, a direção da organização socioeducativa distribuiu por cada sala do jardim de infância dois sacos de pipocas. A educadora cooperante decidiu dar as pipocas às crianças, na hora de almoço a seguir à sobremesa. As crianças demonstraram-se bastante contentes e motivadas para comer.	
138	Sesta	Sala de atividades (Dormitório)	A educadora cooperante e a estagiária dirigiram-se ao dormitório com as crianças para realizarem a sesta. A C.F. foi ao encontro da educadora cooperante e questionou se podia dormir. A educadora cooperante conversou com esta, perguntando se tinha sono e se queria mesmo dormir. A C.F. não dorme a sesta regularmente, no entanto pediu à educadora cooperante para o fazer, esta respeitou a sua vontade, preparando o catre e uma manta para a C.F. dormir. Esta deitou-se e descansou.	

139	<p>Hora dos quatro</p> <p>Interação entre educadores e crianças</p>	<p>Recreio</p> <p>Refeitório</p>	<p>Esta semana, a estagiária irá observar e acompanhar a hora dos quatro, uma vez que até ao momento ainda não o tinha feito. As educadoras C. e C. e o educador P. juntaram o grupo de crianças no recreio para se proceder à leitura da história “Vamos à caça do urso”. Na hora dos quatro, semelhante à hora dos cinco realiza-se desafios com um menor grau de dificuldade e exigência sobre uma história. A história é trabalhada com o grupo durante uma semana, ou seja, todas as semanas inicia-se uma história nova. A educadora C. leu a história às crianças, recorrendo à leitura expressiva. As crianças conheciam a história, o que proporcionou uma maior participação por parte destas. De seguida, dirigiram-se ao refeitório, uma vez que o espaço é maior do que uma sala de atividades. O grupo dos quatro é composto por crianças de todas as salas, tornando este um grupo grande. No refeitório, procederam à ilustração da parte favorita da história com lápis de cera. No final, cada criança foi ao encontro das educadoras para explicarem o seu desenho. As educadoras escreveram nos desenhos a explicação das crianças. Os educadores adaptaram a atividade às crianças com necessidades educativas especiais. Dessa forma, estas fizeram uma pintura com tintas de várias cores, utilizando as mãos.</p>	<p>No grupo existem duas crianças com necessidades de saúde especiais.</p>
-----	---	----------------------------------	---	--

Dia 21 de novembro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
140	<p>Acolhimento</p> <p>Interação entre</p>	<p>Sala de atividades</p>	<p>As crianças entraram na sala de atividades e marcaram as presenças no mapa de registo. A estagiária organizou os recursos necessários para dirigir o acolhimento. As crianças sentaram-se no tapete e a estagiária sentou-se numa cadeira à frente destas. A estagiária realizou a divisão das tarefas, dizendo o nome da criança responsável por cada tarefa. As crianças levantaram-se e</p>	

	estagiária e crianças		colocaram os cartões com o respetivo nome no mapa de registo das tarefas. As crianças responsáveis por ser o chefe do dia e o professor zen realizaram as ações correspondentes à sua tarefa.	
141	Atividade dirigida pela estagiária Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	A estagiária iniciou a atividade com uma conversa com o grupo sobre o tópico do projeto. Primeiramente, questionou as cores da bandeira da Índia, uma vez que anteriormente estiveram a pintá-la. O grupo de crianças respondeu corretamente. De seguida, explicou ao grupo que na Índia existem dois animais muito importantes e o porquê de serem considerados sagrados, mostrando uma imagem de cada um dos animais. Durante a conversa, o grupo participou oralmente, fez perguntas e respondeu às questões feitas pela estagiária. A seguir, a mesma informou o grupo de que iriam visualizar um vídeo sobre uma princesa da Índia e diversas imagens dos respetivos animais. As crianças demonstraram-se bastante interessadas, entusiasmadas e surpreendidas. Posteriormente, a estagiária mostrou ao grupo de crianças moldes de elefantes e vacas feitos em cartolina, para estas colarem nos respetivos animais vários papéis de confettis. De modo a representarem o modo como os estes animais são tratados na cultura indiana. O grupo afirmou que gostava de realizar a colagem e demonstrou-se contente. Existiram crianças que pediram, de imediato, para serem as primeiras a realizar a atividade. No decorrer da atividade, a estagiária chamou cinco crianças de cada vez para concretizar a colagem no animal escolhido. Cada criança elaborou o seu animal livremente e ao seu gosto. Algumas crianças colocaram papéis em todo o animal e outras colocaram poucos papéis. No final, todas as crianças afirmaram que o animal estava ao seu gosto e que estavam contentes com o que tinham feito.	

			<p>S.: O meu elefante está muito colorido! Está igual à imagem.</p> <p>T.M.: Joana, na Índia eles metem mantas nas vacas muito coloridas. Olha a minha vaca, está com muitas cores!</p>	
142	<p>Hora dos quatro</p> <p>Interação entre equipa educativa e crianças</p>	Sala de atividades	<p>O educador P. e a educadora C. organizaram o grupo no recreio em roda, sentados no chão. Começaram a hora dos quatro por explicar às crianças que iam realizar uma atividade sensorial, que consistia em fazer uma pintura com café sobre a história. O educador P. informou que a atividade iria ser feita por equipas e não todas as crianças ao mesmo tempo. Cada equipa era composta por crianças de duas salas. A atividade foi realizada na sala de atividades da educadora C. A primeira equipa dirigiu-se à sala de atividades e concretizou a pintura com café. As restantes crianças ficaram a brincar no recreio. Quando terminaram, as equipas trocaram e assim sucessivamente. Todas as crianças demonstraram-se interessadas em participar na atividade. Durante a atividade, existiram crianças a colocar o pincel perto do nariz para cheirarem o café.</p>	
143	<p>Recreio</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p>	Exterior	<p>Terminada a atividade, todas as crianças ficaram no recreio a brincar. A estagiária observava as brincadeiras, assim como as interações das crianças. O D. aproximou-se da estagiária.</p> <p>D.: Joana, o F.D. disse que eu era mal criado.</p> <p>A estagiária chamou o F.D. para conversar com este sobre o sucedido, mas este fugiu. Passado algum tempo, o T.V. foi ao encontro da estagiária e contou que o F.D. tinha-lhe batido. A estagiária voltou a chamar o F.D. Este recusou ir até à estagiária. Esta ficou a observar a criança. O F.D sentou-se num banco e a estagiária foi ao seu encontro.</p>	

	<p>Interação entre crianças</p>	<p>ESTAGIÁRIA: Acho que andaste a fazer coisas más aos amigos. Tu não gostas que te aleijem, não podes aleijar os amigos! O D. estava a brincar contigo, não era preciso dizeres coisas feias ao amigo.</p> <p>O D. estava a ouvir a conversa. O F.D. colocou as mãos na cara e sentou-se no chão. A estagiária agarrou-o e colocou-o no seu colo, numa tentativa de criar um clima de proximidade e conversar com a criança. O F.D. demonstrou-se chateado e ao iniciar uma “birra” no colo da estagiária, puxou-lhe os cabelos e acertou com o pé na perna desta.</p> <p>ESTAGIÁRIA: F.D. olha para a tua mão! Esses fios de cabelo são meus, tu puxaste-os e aleijaste-me na perna ao dares com o teu pé. Só queria conversar contigo para entender o teu lado e acho que não merecia esse teu comportamento. Pensa no que fizeste. Eu e o D. merecemos um pedido de desculpas.</p> <p>O F.D. desviou o olhar e sentou-se noutra banco.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Vou-me embora daqui a pouco, vou triste para casa! Estou triste, magoaste-me e era importante para mim que pedisses desculpa. E devias pedir também ao D.!</p> <p>A estagiária deu espaço à criança, afastando-se. O F.D. ficou a conversar com o D. Posteriormente, o D. dirigiu-se à estagiária, dizendo que o F.D. tinha-lhe pedido desculpa e que este queria pedir desculpa à estagiária. Esta foi ao encontro do F.D.</p> <p>F.D.: Desculpa Joana!</p> <p>ESTAGIÁRIA: Obrigada F.D., dá-me um abraço? (Dão um abraço)</p>	
--	---------------------------------	---	--

			F.D.: Joana, eu portei-me mal porque estava triste! O A. mordeu-me e não me pediu desculpa e eu fiquei triste. Pedir desculpa é muito importante! ESTAGIÁRIA: Tens razão, o A. também tem de te pedir desculpa!	
Dia 22 de novembro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
144	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	O grupo de crianças encontrava-se no recreio a brincar e a educadora cooperante informou o mesmo que devia dirigir-se para a sala de atividades. As crianças entraram na sala, despiram os casacos e foram em direção ao mapa de registo para marcarem as presenças. A estagiária pediu às crianças que quando terminassem a marcação das presenças se sentassem no tapete. Esta sentou-se numa cadeira à frente do grupo e realizou a divisão das tarefas. Quando é escolhida uma criança para ser responsável por uma tarefa é apontado num papel, para que não haja crianças a realizar alguma tarefa mais ou menos vezes que outra criança. ESTAGIÁRIA: Hoje o chefe do dia vai ser um menino que o nome começa com a letra R. T.M.: R. ESTAGIÁRIA: Muito bem!	
145	Leitura de uma história e atividade dirigida pela	Sala de atividades	A educadora cooperante sentou-se em frente ao grupo e mostrou a capa de um livro. Este era sobre a Michel Obama. As crianças reconheceram a imagem da personagem, uma vez que esta aparece no mapa dos aniversários. Anteriormente, a educadora cooperante referiu que o mapa dos aniversários era constituído por pessoas famosas que fizeram algo importante e bom pelo mundo. A mesma iniciou a leitura da história. As crianças, no decorrer da história, demonstraram-se	

	educadora cooperante		bastante interessadas e participativas. No final, a educadora cooperante conversou com o grupo sobre a história e o que a personagem fez de importante. Depois, pediu a cada criança que dissesse um sonho de algo bom que quisesse realizar quando fossem crescidas. Uma criança de cada vez participou e informou a educadora cooperante do seu sonho e esta escreveu num papel. Existiram crianças a escolherem sonhos relacionados com o contexto da atividade e outras que apenas apresentaram sonhos como uma profissão futura. De seguida, a educadora cooperante explicou a atividade. Esta consistia em pintar com aguarelas papel de alumínio e seguidamente, realizar a impressão da pintura num molde de um frasco feito em cartolina. Durante a atividade, as crianças demonstraram-se empenhadas a pintar e utilizaram diversas cores. Todo o grupo demonstrou interesse em participar.	
146	Hora dos quatro – Aula de teatro	Sala de teatro	A hora dos quatro foi essencialmente as aulas de teatro das crianças com quatro anos. Cada aula teve duração de trinta minutos e foi organizada em três equipas. Cada equipa era constituída por crianças de duas salas. A primeira dirigiu-se à sala de teatro com a professora. A mesma iniciou a aula com o aquecimento do corpo, fez diversos movimentos a fingir que era vários animais para as crianças imitarem e o aquecimento da voz, produziu vários sons para as crianças repetirem. A parte central da aula consistiu numa dramatização, a professora foi o narrador e contou uma história. Um pequeno grupo de cada vez, tinha de representar com mímica a história narrada pela professora. Em todas as equipas, existiram crianças a não querer participar na aula, sendo a sua vontade respeitada. Ao longo da aula, existiram muitos comportamentos de desvio por parte de	

			algumas crianças, tendo que a estagiária e a professora chamar à atenção. No entanto, houve crianças bastante participativas e interessadas no exercício.	
Dia 24 de novembro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
147	Conversa com uma criança Interação entre estagiária e criança	Sala de atividades	<p>A estagiária chegou à organização socioeducativa e dirigiu-se à sala de atividades. Esta ficou a preparar alguns recursos para as suas atividades. O F.D. entrou na sala de atividades para cumprimentar a estagiária.</p> <p>F.D.: Olá Joana, quero andar de autocarro.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Nunca andaste?</p> <p>F.D.: Andei, mas quero ir de autocarro à Índia.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Sabes onde é a Índia? A Índia é muito longe daqui, temos de ir de avião.</p> <p>F.D.: Eu vou à Índia. Já andei de avião e vou andar outra vez. Vou à Índia ver os elefantes e as vacas.</p> <p>O grupo realizou uma atividade dirigida pela estagiária sobre os animais sagrados na Índia, nomeadamente o elefante e a vaca. A atividade fez parte do projeto “Os indianos”, que está a ser feito com o grupo. Durante a conversa com a criança, esta demonstrou um grande interesse pela atividade, assim como pelo tópico do projeto.</p>	
148	Acolhimento	Sala de atividades	O grupo de crianças entrou na sala de atividades perto das nove e um quarto. As crianças tiraram os casacos, colocaram no respetivo saco e dirigiram-se ao mapa de registo para marcarem a presença. A estagiária pediu ao grupo que se sentasse no tapete e iniciou a divisão de tarefas.	

	Interação entre estagiária e crianças		<p>ESTAGIÁRIA: Hoje a I. faz três anos e vai colocar a sua coroa de aniversariante.</p> <p>S.: A I. vai ficar com todas as tarefas.</p> <p>ESTAGIÁRIA: É verdade, a I. como faz anos hoje fica responsável por todas as tarefas, mas temos de escolher o ajudante da sesta porque a I. dorme e não pode adormecer os amigos.</p> <p>A I. colocou o cartão do seu nome no respetivo mapa de registo das tarefas. A estagiária escolheu a criança responsável pela tarefa de apoiar na sesta. De seguida, a I. fez as respetivas ações da tarefa do chefe do dia e do professor zen.</p>	
149	Atividade dirigida pela Educadora A. Interação entre educadora A. e crianças	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante informou o grupo que a educadora A. iria dirigir uma atividade. As crianças brincaram nas diversas áreas da sala de atividades até a educadora A. chegar. Mais tarde, a educadora A. entrou na sala de atividades, organizou o grupo no tapete e realizou a animação da história “Os ursos não partilham”. A educadora A. recorreu a uma caixa com a imagem do urso e a imagem do esquilo para dinamizar a história. No decorrer desta, o urso comia diversos alimentos e a educadora A. colocava a imagem dos respetivos alimentos dentro da caixa, na zona da boca do urso. De seguida, iniciou a instrução da atividade. Esta consistia em metade do grupo explorar folhas, pinhas e paus com lupas numa mesa. A outra metade concretizar uma exploração sensorial de digitinta com chocolate, noutra mesa. As crianças demonstraram-se bastante entusiasmadas e curiosas por realizar as duas explorações sensoriais. A equipa educativa auxiliou as crianças nas dificuldades apresentadas ao longo da atividade. As crianças, à medida que concretizavam a exploração da digitinta iam provando o chocolate das mãos. Em ambos os momentos da atividade, as crianças conseguiram explorar os diferentes materiais, sem demonstrar dificuldades. A I. não</p>	A educadora A. é a educadora de educação especial que apoia todas as salas.

			quis realizar a digitinta com as mãos, dessa forma a educadora A. adaptou a atividade e a criança utilizou um pincel.	
150	Aniversário de uma criança Interação entre equipa educativa e crianças	Sala de atividades	Neste dia, a I. fazia três anos. Os pais dirigiram-se à organização socioeducativa para cantarem os parabéns à I. As crianças juntaram-se ao pé da criança à volta da mesa. A educadora cooperante cortou o bolo às fatias e a I. distribuiu pelas restantes crianças. A estagiária auxiliou a I. neste processo. A M.C. chamou a estagiária. M.C.: Joana, tu és muito bonita. ESTAGIÁRIA: Obrigada, tu também!	
151	Hora dos quatro Interação entre educadores e crianças	Exterior	A hora dos quatro foi caracterizada por uma caça ao urso. A história “Vamos à caça do urso?” foi abordada ao longo da semana e para terminar as crianças realizaram uma caça ao urso. Os educadores colocaram, espalhados pelo recreio, diversos papéis com a imagem de um urso e as crianças tinham de procurar. Num segundo momento fizeram a caça em equipa, ou seja, por salas. No final de cada ronda, os educadores contaram o número de papéis que as crianças tinham encontrado e realizaram questões matemáticas como “qual sala encontrou mais?”, “qual sala encontrou menos”, entre outras. Para finalizar, duas salas de cada vez procuraram os ursos maiores escondidos em salas, para isso tinham de visualizar o mapa da escola exposto na parede da entrada e descobrir que sala correspondia ao sítio indicado no mapa.	

152	Aula de música Interação entre professora e crianças	Sala de música	A estagiária observou pela primeira vez a aula de música do grupo. As crianças durante a aula cantaram diversas canções sobre o Natal com a professora. Para dinamizar as canções, a professora escolheu crianças para serem as renas e o pai Natal e realizaram uma pequena dramatização ao som das canções. Para além disso, entregou a algumas crianças instrumentos musicais para acompanharem as canções. Durante a aula, o grupo demonstrou-se desconcentrado e agitado, tendo a professora de chamá-lo à atenção e arranjar estratégias para controlar os comportamentos de desvio. Durante a aula, existiram diversos conflitos entre crianças. Estas recorriam à estagiária para os mediar e resolver. No final, a professora colocou o Z. no seu colo, pôs-lhe uma bandelete de rena e colocou uma canção de Natal para este acompanhar. O Z. demonstrou-se interessado, contente e interagiu com a professora ao som da canção.	
-----	---	----------------	--	--

Notas de Campo 9.^a Semana: 27 de Novembro a 01 de Dezembro

Dia 27 de novembro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
153	Conversa informal Interação entre estagiária e	Sala de atividades	A estagiária dirigiu-se à sala de atividades, assim que chegou à organização socioeducativa. A educadora cooperante encontrava-se na sala. As duas conversaram sobre os documentos enviados pela estagiária durante o fim de semana, o protocolo de consentimento da investigação que terá de ser assinado por todos os pais e o presente de Natal das crianças. A educadora cooperante sugeriu que o desenho da família resultante da atividade dirigida pela estagiária pudesse ser	

	educadora cooperante		utilizado no presente de Natal. A estagiária concordou com a ideia, referindo que faltam algumas crianças realizar o desenho da família, uma vez que naquele dia não estavam presentes.	
154	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	As crianças entraram na sala de atividades. A estagiária deu algumas indicações ao grupo, estas conhecidas pelas crianças. As mesmas tiraram os casacos, marcaram as presenças no mapa de registo e sentaram-se no tapete. A educadora cooperante preparou o livro que iria ler e outros recursos necessários para a sua atividade com o grupo. A estagiária, durante esse momento, dirigiu o acolhimento. Começou por informar o grupo que não se iria dividir as tarefas, porque a C. fez anos no dia anterior e hoje seria o seu dia, ficando responsável por todas as tarefas. De seguida, a criança realizou a contagem dos amigos, preencheu o mapa do tempo e dinamizou o momento de relaxamento de professor zen.	
155	Atividade dirigida pela educadora cooperante Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	A educadora cooperante sentou-se à frente do grupo e iniciou uma conversa com este sobre a temática que ia ser iniciada, o Natal. Abordou o tema com o grupo, seguindo para a leitura da história “5 dias para o Natal”. Ao longo da história, as crianças demonstraram-se atentas e curiosas. Antes de iniciar a atividade, a educadora cooperante explicou ao grupo como se irá proceder a festa de Natal, como vêm vestidos e os diversos momentos. Cada criança escolheu a parte da apresentação que quer fazer, sendo essas as tarefas que foram apresentadas no livro. Posteriormente, a educadora cooperante deu a instrução da atividade, explicando que iriam realizar todas as tarefas referidas na história. A atividade consistia em pintar com tinta verde uma árvore de Natal com a técnica de carimbagem com uma rede. Esta ao ser um recurso para pintar a árvore, também será aproveitada para se construir uma árvore de Natal na sala de atividades. As	

			crianças demonstraram-se interessadas e entusiasmadas e é visível que o Natal é um tema bastante importante para as crianças. O grupo não revelou dificuldades na realização da atividade.	
156	Almoço	Refeitório	Perto da hora de almoço, a estagiária chamou as crianças mais velhas que se encontravam no recreio para irem ao refeitório. As crianças têm conhecimento de que à segunda-feira põem a mesa no refeitório. Estas, assim que foram chamadas demonstraram bastante entusiasmo e alegria. A estagiária entregou os talheres, os copos e os guardanapos às crianças e as mesmas colocaram a mesa corretamente, sozinhas. A estagiária apenas ficou a observar e a corrigir quando alguma criança se enganava.	
157	Hora dos quatro Interação entre educadores e crianças	Recreio Refeitório	Na presente semana, a estagiária também ficará a observar a hora dos quatro, uma vez que o grupo dos cinco está a meio de uma história. Neste dia, os educadores pediram às crianças que fizessem uma roda e se sentassem no chão, no recreio. O educador P. cantou uma pequena canção das palmas com as crianças e iniciou uma conversa com o grupo sobre o teatro que irão assistir no dia seguinte. Informou, também que a história da presente semana será a “Bela Adormecida”, sendo esta apresentada no teatro. As crianças dirigiram-se para o refeitório para cada uma desenhar um castelo numa folha de papel, local onde todas as princesas moram, assim como a “bela adormecida”. De seguida, em pequenos grupos construíram um castelo com blocos. A equipa educativa chamou a atenção das crianças que não era para cada criança construir um castelo, mas sim todo o grupo tinha de construir apenas um. Terminada a exploração dos blocos, as crianças dirigiram-se para o recreio.	
Dia 28 de novembro				

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
158	Ida ao teatro	Exterior	<p>A estagiária chegou à organização socioeducativa e o grupo de crianças encontrava-se na sala de atividades a preparar-se para ir para o teatro. A educadora cooperante distribuiu fruta às crianças, para estas comerem antes de saírem da organização socioeducativa. Todas as crianças estavam vestidas com o bibe e tinham uma pulseira com a identificação da organização socioeducativa. As crianças deslocaram-se até ao teatro de autocarro. A equipa educativa auxiliou as crianças a sentarem-se nos lugares e nas respetivas cadeiras para, seguidamente, colocar os cintos de segurança. O grupo de crianças andou pelas ruas de Lisboa umas atrás das outras, formando um comboio, um adulto à frente, outro atrás e a estagiária ia no meio a levar o carrinho do Z. As crianças andaram sempre de mão dada com o seu respetivo par. Foi possível observar que, a criança mais velha do par demonstrava bastante preocupação pela mais nova, relativamente aos carros ou se esta estava bem. Durante o teatro, a maioria das crianças estava bastante calma, interessada e a prestar atenção. No entanto, algumas crianças recorreram aos adultos para se sentarem ao colo destes. No regresso, as crianças demonstram-se cansadas, existindo algumas que adormeceram no autocarro e com fome, uma vez que neste dia a rotina e os horários sofreram alterações.</p>	
159	Almoço e recreio	Sala de atividades/ Exterior	<p>As crianças chegaram à organização socioeducativa e almoçaram na sala de atividades, pois toda a organização socioeducativa foi ao teatro e não era possível comerem todas as crianças ao mesmo tempo nos refeitórios. A equipa educativa auxiliou as crianças a trocarem de sítio e a almoçarem.</p>	

	Interação entre estagiária e crianças		Quando terminaram, a auxiliar de ação educativa levou as crianças dos três anos para a sesta e a estagiária ficou com as restantes crianças no recreio. O F.D. dirigiu-se à estagiária. ESTAGIÁRIA: Gostaste do teatro? Ao início estavas triste, mas depois gostaste não foi? F.D.: Gostei muito da parte dos morcegos.	
Dia 29 de novembro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
160	Brincadeira Interação entre estagiária e crianças Interação entre crianças	Sala de atividades	As crianças encontravam-se na sala de atividades a brincar, juntamente com as crianças do educador P. Não foi possível brincarem no recreio, uma vez que estava a chover e o recreio estava bastante molhado. As crianças do pré-escolar foram organizadas e divididas pelas três salas do piso 0. A estagiária ficou a observar e a interagir com as crianças no momento de brincadeira. Algumas crianças encontravam-se perto da área do faz de conta, onde estão expostas na parede as molduras com as fotos das famílias. F.D.: Olha a minha família. O Z. tem um cão grande. ESTAGIÁRIA: Já viram a família da M.P., tem quatro irmãos, ao todo são cinco filhos. F.D.: Tem muitos irmãos. 1, 2, 3, 4 e a M.P. ESTAGIÁRIA: Bom dia L., já viste a tua família? L.: Está aqui. As crianças demonstraram-se contentes e orgulhosas a observar a foto da sua família e a apresentar a mesma aos restantes amigos. 1	

161	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	A estagiária solicitou às crianças que colocassem os casacos no respetivo sítio indicado pela mesma, marcassem a presença e se sentassem no tapete. O grupo correspondeu às indicações dadas pela estagiária. Esta recolheu os recursos necessários para dirigir o acolhimento e sentou-se numa cadeira à frente do grupo. Iniciou a divisão das tarefas com o mesmo, dizendo o género e a letra inicial do nome da criança responsável por cada tarefa, para o restante grupo adivinhar. Posteriormente, as crianças responsáveis pelo chefe do dia e o professor zen realizaram as ações correspondentes à sua tarefa.	
162	Atividade dirigida pela estagiária Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	A estagiária iniciou uma conversa com o grupo sobre os conhecimentos adquiridos sobre a Índia. A partir da conversa, a estagiária introduziu as perguntas “onde fica a Índia?” e “o que é a Índia?”. A mesma apresentou às crianças um globo para explorarem, visualizarem e descobrirem, em grande grupo, onde fica o nosso país e a Índia. A estagiária mostrou às crianças onde se localizam os diferentes países. O grupo demonstrou-se bastante interessado e curioso, pedindo para agarrar, tocar e abraçar o globo. De seguida, a estagiária mostrou ao grupo um livro criado por esta com diversas imagens do que já tinham aprendido sobre a Índia e o que iriam descobrir neste dia, o vestuário. As crianças prestaram atenção à apresentação do livro e à sua explicação. A estagiária informou o grupo que iriam se vestir como os indianos. Este podia escolher se queria colocar um sari, dupatta ou turbante. A estagiária auxiliou todas as crianças a colocar o lenço corretamente. Depois, estas juntaram-se todas para tirarem uma fotografia. Posteriormente, a estagiária questionou as crianças se queriam ir às outras salas mostrar e explicar como estavam vestidos. Existiram crianças que demonstraram-se interessadas e entusiasmadas, outras quiseram retirar os	

			lenços e ir brincar. A estagiária dirigiu-se às outras salas com o grupo que demonstrou interesse. As crianças nas salas explicaram oralmente de que estavam vestidos, o nome do respetivo adereço e respondiam ao que era questionado pelas crianças e adultos das outras salas. Durante a atividade e a apresentação às salas, as crianças demonstraram-se curiosas, entusiasmadas e alegres. Dessa forma, consegue-se afirmar que o grupo gostou da exploração e da atividade.	
163	Recreio Interação crianças	Exterior	As crianças encontravam-se no recreio antes da hora de almoço. A estagiária estava sentada num banco a observar as brincadeiras das crianças. O S. e o T.M. empurravam a cadeira de rodas do Z. pelo recreio, interagiam e brincavam com este. A S. levou o Z. até à estagiária. S.: Joana, o Z. quer-te dizer olá. ESTAGIÁRIA: Olá Z., estás a gostar de brincar com os amigos? O Z. acenou com a cabeça, demonstrando-se contente. A estagiária J. chegou ao pé da estagiária e do Z. e interagiu com este. Criou-se um momento entre o Z. e as duas estagiárias cheio de diversão e alegria.	

Notas de Campo 10.ª Semana: 04 a 08 de Dezembro

Dia 04 de dezembro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
164	Conversa	Sala de atividades	A estagiária chegou à organização socioeducativa e dirigiu-se à sala de atividades. As crianças encontravam-se a brincar nas diversas áreas. A S. aproximou-se da estagiária. S.: Joana, tive uma ideia para a Índia. Podemos pôr ao pé da bandeira as coisas que nós fizemos.	

	Interação entre estagiária e criança		ESTAGIÁRIA: Muito bem S., que ótima ideia. Eu preparei uma cartolina para colocar os vossos animais. Assim, colocamos ao pé da teia do projeto e ficam expostos os animais sagrados da Índia.	
165	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	A estagiária organizou os mapas de registos da sala de atividades para o respetivo mês de dezembro. O grupo arrumou a sala e sentou-se no tapete. A estagiária recolheu os recursos necessários para dirigir a reunião de grupo e sentou-se em frente ao grupo, numa cadeira. Algumas crianças questionaram se podiam ser responsáveis de uma determinada tarefa. A estagiária respondeu, dizendo que todas as crianças vão ser responsáveis por todas as tarefas, contudo não podem ser todas no mesmo dia. A estagiária dividiu as tarefas pelas crianças, dando pistas para que estas adivinhassem de quem se tratava. De seguida, as crianças realizaram as respetivas ações da sua tarefa. A estagiária auxiliou as crianças que demonstraram dificuldades na concretização da sua tarefa.	
166	Atividade dirigida pela educadora cooperante Interação entre	Sala de atividades	A educadora cooperante sentou-se numa cadeira à frente do grupo. Começou por chamar o grupo à atenção, explicando que não devem tirar as fotografias das famílias da parede, uma vez que a moldura da família tem muita importância para cada criança. De seguida, apresentou o livro “A loja mágica do Natal” ao grupo, informando que iria contar a história e que para isso, deveriam prestar atenção. A educadora cooperante recorreu à leitura expressiva. Durante a leitura da história, as crianças demonstraram-se concentradas e interessadas. No final, a educadora cooperante conversou com o grupo sobre a história e os presentes que podem oferecer à família sem gastar	

	educadora cooperante e crianças		<p>dinheiro, fazendo referência aos abraços e aos beijinhos. Posteriormente, informou o grupo que iria realizar mais uma tarefa antes do Natal (história da festa de Natal). O grupo identificou, de imediato, que se tratava da carta ao pai natal. Dessa forma, a educadora cooperante questionou cada criança, o que para si significava o Natal. A carta ao pai natal consistia em as crianças escolherem nas revistas três brinquedos que gostavam de receber, recortarem e colarem na folha entregue pela educadora cooperante. A atividade foi realizada em pequenos grupos na mesa. À medida que uma criança terminava a atividade, era chamada outra. Todas as crianças demonstraram-se entusiasmadas e interessadas, no entanto as crianças mais novas tiveram dificuldades no recorte dos brinquedos na revista. Desse modo, a educadora cooperante e a estagiária auxiliaram as crianças, fazendo a atividade com as mesmas do início ao fim. A estagiária sentou-se no meio de duas crianças e solicitou que estas procurassem o brinquedo que gostavam de receber, auxiliou-as a recortar e posteriormente, a colar.</p>	
167	<p>Hora dos quatro</p> <p>Interação entre educadores, estagiárias e crianças</p>	Refeitório e Recreio	<p>Na hora dos quatro, as crianças continuaram a abordar a história da “Bela adormecida”, que visualizaram no teatro. Neste dia, o educador P. conversou com as crianças sobre a história e questionou o que as fadas utilizam para realizar os feitiços. No refeitório, as crianças sentaram-se em grupos nas mesas e construíram uma varinha mágica. As crianças primeiramente, recortaram a estrela, depois pintaram com lápis de cor e por fim, a equipa educativa colocou paus de espetada nas estrelas. As estagiárias e os educadores auxiliaram as crianças com mais dificuldades a recortarem as estrelas. No final, tiraram uma fotografia todos juntos no recreio coberto e dirigiram-se para o recreio exterior para brincarem.</p>	

Dia 05 de dezembro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
168	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	O grupo de crianças entrou na sala de atividades e realizou as ações habituais conhecidas por estas, tais como: tirar os casacos, colocar no respetivo saco e marcar a presença no mapa de registo. De seguida, as crianças sentaram-se no tapete para dar início à reunião de grupo. A estagiária sentou-se à frente do grupo com os recursos necessários. Iniciou-se a divisão de tarefas pelas respetivas crianças. A estagiária partilhou diversas pistas acerca da criança escolhida para cada tarefa com o objetivo de o restante grupo adivinhar. De seguida, cada criança realizou as respetivas ações da sua tarefa.	
169	Atividade dirigida pela estagiária Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	A estagiária iniciou a atividade com uma conversa acerca dos conhecimentos adquiridos ao longo do projeto. As crianças participaram oralmente, dizendo os aspetos que se lembravam das atividades anteriores. De seguida, a estagiária apresentou o livro construído pela mesma desde o início do projeto. O grupo observou e explorou o livro. Este é constituído por diversas imagens. A estagiária explicou às crianças o que são as pinturas indianas, como são feitas e o respetivo significado. Para além disso, colocou um vídeo no computador para o grupo visualizar uma pintura indiana (henna) a ser feita. Posteriormente, a estagiária iniciou a instrução da atividade. Esta consistia na representação por parte das crianças das pinturas indianas visualizadas nas imagens, expostas em cima da mesa, no molde de uma mão em cartolina. À medida que cada criança terminava a atividade, dirigia-se à estagiária, para esta pintar a mão e/ou a testa. As crianças demonstraram-se bastante interessadas e empenhadas na realização da atividade. Ao longo do dia,	

			mostraram as suas pinturas aos adultos pertencentes à comunidade escolar, demonstrando-se orgulhosas e contentes ao dizerem que “eram indianos”.	
170	Ensaio Interação entre professora e crianças	Sala de atividades	As crianças encontravam-se sentadas no tapete a comer a fruta. A professora de música chegou à sala de atividades para ensaiar as músicas para a festa de Natal com o grupo. A educadora cooperante e a professora conversaram acerca dos gestos das respetivas músicas. De seguida, a educadora cooperante colocou o áudio da canção no computador e a professora de música juntamente com as crianças cantaram e realizaram os gestos. Durante este momento, as crianças ensaiaram as músicas para a festa de Natal, que se irá realizar na próxima semana.	
171	Encontro com o autor Daniel Completo Interação entre autor e crianças	Recreio coberto	A equipa educativa acompanhou o grupo até ao recreio coberto, onde já se encontravam as restantes salas do pré-escolar. As crianças estavam sentadas no chão viradas para o cenário da festa de Natal. Este momento foi destinado à apresentação de um livro de diversas obras musicais escritas pelo autor Daniel Completo. Este dirigiu-se à organização socioeducativa para apresentar o seu livro, cantando algumas canções que se encontravam no mesmo. Ao longo da dinamização do autor, as crianças participaram nas interações deste e demonstraram-se bastante alegres e curiosas.	
172	Hora dos quatro	Recreio	As crianças realizaram a ilustração da história “A bela adormecida” visualizada no teatro. De seguida, dirigiam-se para o recreio. A estagiária sentou-se num banco a observar as brincadeiras e as interações das crianças. As crianças aproximaram-se da estagiária para brincar com esta e conversar sobre diferentes temas.	A estagiária brinca e interage com crianças de todas as salas do pré-escolar.

	Interação entre estagiária e crianças		<p>ESTAGIÁRIA: Gostaste da atividade do projeto de hoje?</p> <p>D.: Gostei muito! Ainda tenho a minha pintura na mão. Vou dizer aos meus pais que sou um indiano.</p> <p>L.: Joana, gostava que fosses estagiária da minha sala.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Obrigada! Não estou na tua sala, mas podes brincar e conversar comigo aqui no recreio.</p>	
--	---------------------------------------	--	--	--

Dia 06 de dezembro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
173	<p>Atividade dirigida pela estagiária</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p>	Sala de atividades	<p>A estagiária chegou à organização socioeducativa e dirigiu-se à sala de atividades. Ao chegar, questionou a educadora cooperante se era possível realizar uma atividade com o Z., juntamente com a estagiária J., com o intuito de verificar as potencialidades do recurso construído para crianças com Necessidades Educativas Especiais. A estagiária foi com o Z. para outra sala, para que este realizasse a atividade num sítio mais calmo. Ambas as estagiárias dirigiram a atividade com o Z. Esta consistia numa caixa surpresa, em que o Z. tinha de colocar a mão dentro de uma caixa fechada, apenas com uma pequena abertura, e explorar os diversos materiais. De seguida, este tinha de associar o objeto explorado à imagem correspondente no cartão. O Z. não conseguiu associar o objeto, sem o visualizar. A estagiária entregou na mão da criança o objeto e esta associou à imagem. O Z. nem sempre conseguiu associar corretamente o objeto à imagem. Posteriormente, a estagiária modificou a atividade, passando para a exploração sensorial de texturas. A atividade</p>	

			realizou-se da mesma maneira, com o objeto na mão para a criança visualizar. O Z. conseguiu associar alguns objetos, no entanto demonstrou algumas dificuldades e incertezas.	
174	Ensaio Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	A estagiária levou o Z. novamente para a sala de atividades. As crianças encontravam-se a ensaiar para a festa de Natal. A auxiliar de ação educativa colocou os áudios das canções no computador e a educadora cooperante ficou à frente do grupo a cantar e a realizar os gestos e os movimentos das diversas canções. As crianças estavam organizadas nas mesmas posições que irão estar na festa, representando o que irá acontecer na mesma. Ao longo do ensaio, o grupo cantou e copiou os gestos e os movimentos da educadora cooperante.	
175	Conversa Interação entre estagiária e criança	Sala de atividades	A educadora cooperante informou a estagiária que o T.M. gostava de mostrar-lhe um objeto que trouxe de casa muito importante. A criança dirigiu-se à estagiária. T.M.: A minha avó deu-me uma pedra preciosa da Índia. ESTAGIÁRIA: Uau que giro! A tua avó foi à Índia? T.M.: Sim! ESTAGIÁRIA: Disseste à tua avó que estavas a fazer o projeto da Índia? T.M.: Eu disse que estávamos a conhecer os indianos e a Índia e a minha avó deu-me esta pedra.	
176	Higiene Interação entre	Dormitório	As crianças terminaram de almoçar. A educadora cooperante acompanhou as crianças até ao dormitório e a estagiária levou o Z. ao colo até ao mesmo. Ao chegar, a estagiária retirou-lhe a fralda e colocou-o na sanita, de modo a que este fizesse alguma necessidade. Apesar de o Z. utilizar fralda, assim como a I., a equipa educativa pratica a estratégia de as crianças sentarem-se na sanita	É possível observar que ao longo do tempo, o Z. evoluiu nas suas interações e na

	estagiária e criança		antes de irem dormir. Durante o tempo de espera, em que o Z. estava sentado na sanita, este interagiu com a estagiária. ESTAGIÁRIA: Queres fazer xixi? O Z. abana a cabeça, afirmando. ESTAGIÁRIA: Então faz Z.! E cocó? O Z. representa o movimento com o braço e reproduz o som, negando.	comunicação não verbal.
178	Hora dos quatro e dos cinco Interação entre crianças	Sala de atividades	Neste dia, não houve hora dos quatro nem dos cinco. Dessa forma, as crianças ficaram na sala de atividades a brincar nas diversas áreas. A maioria das crianças questionou a educadora cooperante se podia recortar e colar. A área do recorte e colagem foi “aberta” esta semana na sala de atividades. Desde então, as crianças recorrem diversas vezes, em momentos de brincadeira, a esta área para recortarem revistas e colarem em folhas brancas.	Durante a semana, a educadora cooperante apresentou ao grupo um novo brinquedo que iria colocar na área do faz de conta, uma mala de médico/dentista.

Notas de Campo 11.ª Semana: 11 a 15 de dezembro

Dia 11 de dezembro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
179	Ensaio	Recreio coberto	A manhã iniciou-se com o ensaio da apresentação da festa de Natal. A mesma será na próxima quinta-feira juntamente com a sala da Educadora P. As crianças de ambas as salas dirigiram-se para o recreio coberto, local onde decorrerá a festa de Natal. A equipa educativa organizou as	As festas de Natal serão divididas por três dias, sendo que cada dia

	Interação entre equipa educativa e crianças		crianças nos respetivos sítios e os recursos necessários para o ensaio. O educador P. ficou encarregue do som. As duas educadoras mais a restante equipa educativa e as estagiárias ficaram à frente do grupo a auxiliar nos gestos das canções e nas diversas etapas da apresentação. Ao longo do ensaio as crianças demonstraram-se entusiasmadas e alegres. Para além disso, cantaram as canções e realizaram os gestos.	estará destinado a duas salas de pré-escolar.
180	Ensaio Interação entre estagiária e criança	Recreio coberto	No final do ensaio, as crianças deslocaram-se pelo espaço a ouvir o áudio da última canção e a dançar livremente com os adultos presentes. A estagiária dirigiu-se ao F.D. para dançar, uma vez que este demonstrava-se triste e não realizava nenhum movimento. Assim que chegou ao pé do F.D., conversou com este incentivando-o a dançar. A criança começou a chorar. ESTAGIÁRIA: O que se passa F.D.? F.D.: Quero a mãe e o pai. ESTAGIÁRIA: A mãe e o pai estão a trabalhar, tu já sabes. Queres vir ao meu colo? A Joana dá-te maminhos. F.D. Sim!	
181	Atividade dirigida pela estagiária	Sala de atividades	Após o ensaio da festa de Natal o grupo regressou à sala de atividades. A educadora cooperante informou as crianças que iriam comer a fruta e depois podiam brincar. As crianças brincaram nas diversas áreas da sala de atividade. A educadora cooperante solicitou à estagiária que decorasse a árvore de Natal da sala com as crianças. A estagiária sentou-se numa mesa com os diversos materiais para a decoração da árvore de Natal. Existiram diversas crianças a dirigirem-se à	

	Interação entre estagiária e crianças		estagiária, pedindo para decorarem a árvore. A estagiária realizou a atividade com as crianças, colocando cola líquida na árvore e uma criança de cada vez colava na árvore um material à sua escolha (bolas, fitas, entre outros). Durante a atividade, as crianças respeitaram o outro e esperaram pela sua vez. M.P.: A seguir à C.M. é o F.M. e depois sou eu.	
182	Organização do refeitório Interação entre estagiária e crianças	Refeitório	A estagiária acompanhou as crianças mais velhas ao refeitório para colocarem a mesa. Estas crianças têm conhecimento desta tarefa à segunda-feira, dirigindo-se à educadora cooperante a questionar quando é que podiam ir. As crianças chegaram ao refeitório e a estagiária dividiu as tarefas. O T.M. colocou os copos, a L.P. as sopas e o A. os guardanapos e os talheres. A estagiária durante este processo auxiliou as crianças a colocar os diversos objetos de forma correta.	
183	Sesta Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades (Dormitório)	As crianças mais novas dirigiram-se ao dormitório. A estagiária e a educadora cooperante auxiliaram as crianças na sua higiene e a deitarem-se. R.: Joana, podes contar uma história? M.A.: Joana, podes-te sentar ao pé de mim? ESTAGIÁRIA: R. eu contava-te, mas aqui não temos livros e depois os amigos não dormem, mas posso me sentar ao pé de ti. M.A. fico um bocadinho ao pé do R. e depois vou ter contigo.	

184	“Contadores de histórias” Interação entre crianças	Sala de atividades	As crianças mais novas regressaram da sesta. A educadora cooperante pediu às crianças para se sentarem no tapete, enquanto não era hora da ginástica. A.: Educadora M. posso contar uma história? EDUCADORA COOPERANTE: Podes, mas tens de ser rápido que daqui a pouco é hora da ginástica. Toma o teu livro. O A. Colocou à frente do grupo duas cadeiras e chamou o T.V. para o ajudar a contar a história. As duas crianças, a partir das ilustrações inventaram a história. À medida que abriam uma página nova mostravam ao restante grupo as ilustrações.	
Dia 12 de dezembro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
185	Ensaio Interação entre equipa educativa, estagiárias e crianças	Recreio coberto	As crianças da sala da educadora cooperante M. e da educadora P. dirigiram-se para o recreio coberto para realizarem o ensaio da apresentação da festa de Natal. A equipa educativa organizou as crianças e os recursos necessários para dar início. A estagiária durante o ensaio auxiliou as crianças nos vários gestos das coreografias das canções. No final, as crianças brincaram com as bolas de papel, adereço utilizado na apresentação da festa e ajudaram a arrumar as diversas bolas na respetiva caixa. Todas as crianças demonstraram bastante interesse durante os ensaios da apresentação da festa de Natal.	
186	Atividade dirigida pela estagiária	Sala de atividades	As crianças regressaram à sala de atividades com a equipa educativa e a estagiária. O grupo sentou-se no tapete para a estagiária iniciar a atividade. Esta, anteriormente, organizou os áudios necessários para a atividade no computador. A atividade iniciou-se com a audição de uma canção	

	Interação entre estagiária e crianças		indiana. A estagiária explicou ao grupo que as músicas características da cultura indiana têm um ritmo e instrumentos específicos. De seguida, colocou um vídeo de uma dança indiana para as crianças dançarem juntamente com a estagiária. A maioria das crianças demonstrou-se interessada e tentou copiar todos os gestos. Existiram crianças que se demonstraram mais tímidas, tendo que a estagiária motivá-las e incentivá-las a dançar. Posteriormente, a estagiária dinamizou um jogo com o grupo, que consistia em colocar dois áudios, um de uma música indiana e outro de uma música característica de outro país e as crianças tinham de identificar qual das músicas era indiana. Nas três rondas, as crianças conseguiram identificar a música indiana. Para finalizar, a estagiária colocou um vídeo de uma dança indiana para as crianças dançarem e um áudio de uma música indiana, no qual a estagiária realizou os gestos da coreografia e as crianças copiaram. Na última parte, todo o grupo realizou os gestos e dançou, demonstrando-se alegre e entusiasmado.	
187	Brincadeira Interação entre estagiária e criança	Sala de atividades	As crianças encontravam-se a brincar nas diversas áreas da sala de atividades. O A. estava a brincar com os legos e os blocos de construção no tapete. Este realizou uma construção com o lego e dirigiu-se à estagiária. A.: Joana, olha! É uma casa da Índia. ESTAGIÁRIA: Que bonito. Será que são assim as casas? Está muito bonito! A.: Esta casa é grande.	
188	Refeição	Refeitório	As crianças dirigiram-se ao refeitório acompanhadas pela auxiliar de ação educativa e a estagiária. As mesmas lavaram as mãos e sentaram-se nos respetivos lugares. A refeição foi bastante agitada	

	Interação entre estagiária e crianças		e existiram diversas crianças a rejeitar a comida. A estagiária foi ao encontro dessas crianças e procurou implementar estratégias para estas comerem.	
Dia 15 de dezembro				
N.º	Categoria de Registro	Local	Descrição	Inferências/ Observações
189	Atividade dirigida pela educadora cooperante Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	<p>As crianças entraram na sala de atividades, marcaram as presenças no mapa de registo e sentaram-se no tapete. A educadora cooperante sentou-se à frente do grupo numa cadeira e iniciou uma conversa sobre as diversas tarefas de Natal que já tinham realizado e o que faltava concretizar.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Já fizemos a árvore de Natal, a carta ao pai natal, ensaiámos as canções de Natal e agora? O que falta fazer?</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: As bolachas para as renas.</p> <p>A educadora cooperante pediu às crianças que se sentassem nas cadeiras à volta da mesa. De seguida, apresentou ao grupo os ingredientes que eram necessários e as respetivas quantidades. Todas as crianças participaram na confeção das bolachas, colocaram os ingredientes na taça e, posteriormente, mexeram a massa com auxílio de uma colher. A educadora cooperante colocou a massa em cima da mesa e esticou, para que cada criança pudesse fazer duas bolachas. Cada criança escolheu a forma que queria utilizar (menino, menina, carro, bola, estrela, entre outros) e dirigiu-se à educadora cooperante para colocar a sua forma na massa. A estagiária e a auxiliar de ação educativa ajudaram a educadora cooperante e as crianças a colocar as bolachas nos respetivos</p>	

			tabuleiros. No final, as crianças juntamente com a educadora cooperante dirigiram-se à cozinha para entregar as bolachas e os materiais utilizados na atividade. No decorrer da atividade, o grupo demonstrou-se bastante interessado e entusiasmado.	
190	Refeição Interação entre crianças	Refeitório	As crianças dirigiram-se ao refeitório e observaram que as mesas foram organizadas de forma diferente, uma vez que o grupo estava bastante reduzido, as crianças almoçaram apenas numa mesa. Durante a refeição, tiveram a oportunidade de interagir com diferentes crianças, uma vez que estavam sentadas em lugares diferentes. Estas demonstraram bastante entusiasmo e alegria por se sentarem em lugares diferentes.	
191	Brincadeira Interação entre crianças	Sala de atividades	Na parte da tarde, as crianças das salas da educadora cooperante M. e da educadora P. juntaram-se e ficaram a brincar na sala, uma vez que não houve hora dos quatro nem dos cinco. As crianças dirigiram-se às diversas áreas da sala para brincar e existiram diversas interações entre as crianças das duas salas.	

Notas de Campo 12.^a Semana: 03 a 05 de janeiro

Dia 03 de janeiro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
192	Acolhimento Interação entre	Sala de atividades	A estagiária chegou à organização socioeducativa e dirigiu-se à sala de atividades para preparar os recursos necessários para a atividade. A educadora cooperante encontrava-se na sala de atividades e a estagiária aproveitou o momento para conversar com esta acerca da atividade e do local onde se iria realizar a mesma. Momentos mais tarde, o grupo de crianças entrou na sala de	Foi possível observar uma evolução nas crianças mais novas, no que respeita à

	estagiária e crianças		atividades. A estagiária e a auxiliar de ação educativa informaram as crianças das pequenas tarefas que tinham de concretizar, como tirar os casacos e marcar a presença no mapa de registo. À medida que as crianças realizavam o seu registo, a estagiária dirigiu-se a cada criança para a cumprimentar e desejar-lhe um bom ano. Após efetuarem as diversas ações, o grupo sentou-se no tapete. A estagiária procedeu à divisão das tarefas pelas crianças. De seguida, estas concretizaram as ações das respetivas tarefas. Ao longo deste momento, existiram crianças a partilhar curiosidades sobre o seu Natal e a passagem de ano, resultando num momento de diálogo em grande grupo e com diversas interações.	participação oral em grande grupo.
193	Atividade dirigida pela estagiária Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	<p>A estagiária iniciou uma conversa com o grupo de crianças sobre o que tinham realizado até ao momento no projeto da Índia. As crianças partilharam algumas das atividades que tinham realizado antes das férias de Natal. A estagiária perguntou às crianças mais novas se gostaram das atividades, tentando que estas participassem oralmente. De seguida, informou o grupo que neste dia iam descobrir mais uma curiosidade sobre os indianos, mais especificamente as comidas. As crianças demonstraram-se bastante interessadas.</p> <p>A.: Vamos cozinhar comida indiana?</p> <p>ESTAGIÁRIA: Não, mas vamos descobrir uns ingredientes especiais que os indianos colocam na comida.</p> <p>A estagiária começou a atividade por apresentar o livro que ao longo do projeto foi construindo, com imagens alusivas a cada curiosidade das crianças. As crianças e a estagiária conversaram sobre as típicas comidas indianas.</p>	

		<p>ESTAGIÁRIA: Agora que já conhecemos algumas das comidas que os indianos comem, é importante conhecermos alguns dos ingredientes que eles colocam na comida. Chamam-se especiarias. São ingredientes que foram esmagados e triturados e ficaram em pó.</p> <p>A estagiária organizou o grupo de crianças nas mesas, de forma a que todas conseguissem observar e explorar as diferentes especiarias. Assim que as crianças estavam organizadas a estagiária apresentou sete papéis com nomes impressos das diversas especiarias, tais como: canela, pimenta branca, pimenta preta, caril, noz-moscada e curcuma. De seguida, a estagiária colocou cada especiaria num frasco diferente e todas as crianças tiveram a oportunidade de cheirar, explorar e tocar.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Vamos dizer o nome de cada especiaria. Qual é esta? Ca...</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Canela.</p> <p>Posteriormente, a estagiária juntou a cada frasco um pouco de água e mexeu.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Sabem o que vão fazer a seguir? Têm alguma ideia?... Vão realizar uma pintura ao vosso gosto, podem utilizar as especiarias que quiserem e pintarem da maneira que mais gostarem.</p> <p>A estagiária informou as crianças que podiam ir brincar e que seriam chamadas para realizar a atividade. No decorrer da atividade, todas as crianças demonstraram interesse e entusiasmo, indo ter com a estagiária a informar que ainda não tinham feito e que queriam fazer. Na pintura, existiram crianças a realizar desenhos da figura humana e a escreverem o seu nome. Outras</p>	
--	--	--	--

			crianças apenas exploraram as diferentes especiarias no papel, sem nenhum desenho propriamente.	
194	Recreio Interação entre estagiária e crianças	Exterior	<p>As crianças encontravam-se no recreio a brincar. A estagiária dirigiu-se para o mesmo local para observar as ações das crianças e as suas interações. As crianças brincavam com os grupos das outras salas, demonstravam-se bastante alegres. O D. foi ao encontro da estagiária para interagir com esta.</p> <p>D.: A nossa sala ficou a cheirar às pinturas.</p> <p>ESTAGIÁRIA: As especiarias têm cheiros muito fortes e como vocês estiveram a pintar na sala, ficou a cheirar a caril, canela, tudo misturado.</p> <p>D.: Como é que tu sabes tantas coisas da Índia?</p> <p>ESTAGIÁRIA: Antes de vos ajudar a descobrir a resposta às vossas curiosidades, eu tenho de ir procurar e pesquisar para não me enganar. Eu também ando a aprender como vocês como é que são os indianos.</p>	
195	Hora dos cinco Interação entre educadora	Sala de atividades	<p>A hora dos cinco foi marcada pelo início de uma nova história. As quatro educadoras responsáveis pela hora dos cinco juntaram as crianças numa só sala para se proceder à leitura da história. A educadora cooperante realizou a leitura da história “Matilde, descobre as artes”, com recurso ao livro. A maior parte das crianças demonstrou-se atenta e interessada, contudo ao longo da leitura as restantes educadoras tiveram de chamar a atenção de algumas crianças que se demonstravam distraídas e a terem comportamentos de desvio. Após a leitura da história, cada educadora deslocou-se para a sua respetiva sala com o seu grupo. A educadora cooperante entrou na sala de</p>	

	cooperante e crianças		atividades e as crianças sentaram-se nos lugares habituais. A educadora cooperante iniciou uma conversa com o grupo sobre a história, fazendo uma breve recontagem da mesma, realçando todos os tipos de artes mencionados na história. Posteriormente, a educadora entregou às crianças dois desafios, sendo esses: a ilustração da história e a correspondência entre as artes e o principal material utilizado, por exemplo a pintura às tintas.	
196	Hora dos cinco Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	Após a realização dos desafios entregues pela educadora cooperante, as crianças arrumaram os materiais utilizados e ficaram sentadas à espera da hora de regressar à sala. M.C.: Esta sala cheira mal. S.: Foram os meninos da sala da M. que estiveram a pintar com especiarias da Índia. T.M.: É o projeto dos indianos. ESTAGIÁRIA: As especiarias têm um cheiro forte, é por isso que ficou a sala com este cheiro.	A hora dos cinco é composta por crianças de cinco anos da sala Bruxelas (sala que acompanho na minha PPS II) e da sala da educadora C.
Dia 05 de janeiro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
197	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	As crianças entraram na sala de atividades e dirigiram-se ao mapa de presenças para procederem ao seu registo. A estagiária estava a arrumar as cadeiras nas mesas. A I. entrou na sala de atividades, tira o casaco, coloca-o no respetivo saco e dirige-se à estagiária. ESTAGIÁRIA: Bom dia I., está tudo bem? A I. olhou para a estagiária e consentiu com a cabeça. De seguida, dirigiu-se ao monte das cadeiras e auxiliou a estagiária a arrumar as cadeiras nas mesas.	

198	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	<p>A estagiária sentou-se numa cadeira em frente ao grupo, que se encontrava no tapete sentado. A estagiária tinha consigo três recursos necessários para a dinamização do acolhimento, sendo esses: o cartaz com os nomes das crianças, o papel de registo das tarefas e a caixa com os papeis dos diferentes estados meteorológicos. De seguida, procedeu à divisão das tarefas pelas crianças. Estas demonstraram grande entusiasmo para serem atribuídas a alguma tarefa.</p> <p>R.: Posso ser o chefe do dia Joana?</p> <p>S.: Quem pede não vai!</p> <p>A estagiária atribuiu as diferentes tarefas às respetivas crianças. O chefe do dia realizou as suas ações e posteriormente, foi o professor zen. Esta criança sentou-se numa cadeira ao lado da estagiária para proceder à dinamização do momento de relaxamento. Neste momento, existiram crianças que se demonstraram distraídas e desconcentradas. E por isso, houve a necessidade de a estagiária chamar à atenção dessas crianças.</p>	
199	Animação de história e atividade dirigida pela estagiária Interação entre	Sala de atividades	<p>A estagiária após o acolhimento organizou a sala para realizar a animação de uma história. Esta colocou à frente do grupo um flanelógrafo. O grupo revelou bastante interesse, uma vez que reconheceu que aquele recurso utiliza-se na dinamização de histórias. A estagiária iniciou a animação da história “Casas do mundo”. Esta foi criada pela educadora cooperante e disponibilizada pela mesma à estagiária. No decorrer da animação da história, a estagiária procurou interagir com as crianças, realizando questões e incentivando estas a participar oralmente. Terminada a animação da história, a estagiária apresentou ao grupo o principal monumento da Índia e conversou com o grupo sobre a arquitetura característica da Índia. As</p>	A presente história foi contada ao grupo de crianças com o intuito de dar a conhecer às mesmas as casas de alguns países, assim como responder a um

	estagiária e crianças		<p>crianças tentaram reproduzir o nome do monumento com apoio da estagiária. De seguida, esta disponibilizou ao grupo diversas imagens impressas de silhuetas das casas da Índia, com o intuito de as crianças organizarem as imagens iguais em conjunto. A estagiária auxiliou as crianças a realizarem os conjuntos, uma vez que estas se juntaram em cima das imagens e tornou-se um momento de agitação. Para tal, a estagiária foi mediadora nesta tarefa.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Será que estas duas imagens são iguais ou diferentes?</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: São iguais.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Muito bem!</p> <p>De seguida, a estagiária pediu às crianças que contassem quantos elementos constituem cada conjunto. Para além disso, esta realizou várias questões de análise: “este conjunto tem mais ou menos que este?”, “qual conjunto tem mais elementos?”, entre outras. Posteriormente, a estagiária procedeu à instrução da atividade. Esta consistiu em as crianças pintarem uma folha A4 através da exploração de uma nova técnica, a do berlinde. As crianças demonstraram-se curiosas por experimentarem uma nova técnica. Todas as crianças conseguiram realizar a atividade, fazendo o respetivo movimento que a técnica exigia. No entanto, existiram crianças que movimentaram a caixa demasiado rápido e os berlinde acabavam por cair no chão.</p>	interesse do grupo em histórias.
200	Lanche Interação entre crianças	Sala de atividades	O grupo sentou-se à mesa nos lugares habituais. A criança responsável pela tarefa “chefe do dia” entregou às restantes crianças os pratos com a fruta com o apoio da estagiária. Esta entregou ao S.V. e ao Z. a fruta passada. A educadora cooperante colocou um babete no Z., para que este	O lugar da S. é ao lado do Z. e na organização do grupo esta é o par do Z.

			<p>pudesse tentar comer sozinho sem se sujar. A S. agarrou na colher e auxiliou o Z. a comer, dando-lhe à boca.</p>	
201	<p>Recreio</p> <p>Interação entre estagiária e criança</p>	Exterior	<p>As crianças encontravam-se no espaço exterior a brincar. A estagiária dirigiu-se a este local para chamar as crianças para o refeitório. Ao chegar, a M. foi ao encontro da estagiária.</p> <p>M.: Joana, olha aqui o meu colar.</p> <p>ESTAGIÁRIA: É muito lindo!</p> <p>M.: Quero ir para o teu colo.</p> <p>A estagiária colocou a M. ao seu colo. A M. começou a dar afeto e carinho à estagiária.</p> <p>ESTAGIÁRIA: És muito querida.</p> <p>A M. deu bastantes abraços, festinhas e beijinhos à estagiária.</p> <p>M.: Posso ir ao colo até ao refeitório? Depois eu saio.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Podes.</p>	
202	<p>Hora dos cinco</p> <p>Interação entre educadora cooperante e crianças</p>	Sala de atividades	<p>As crianças estavam sentadas nos lugares habituais. A educadora cooperante solicitou que as mesmas explicassem a história a ser trabalhada e as diferentes artes que são mencionadas, à criança que ainda não tinha vindo à organização socioeducativa até ao dia. As crianças participaram na recontagem da história com auxílio da educadora cooperante. De seguida, esta entregou às crianças o desafio deste dia. Este consistiu numa folha com uma parte do texto retirada do livro da história, no entanto este não estava completo, faltavam algumas palavras. As crianças tinham algumas imagens representativas das palavras que faltavam. Estas tinham de recortar as imagens e colar no respetivo sítio, para que o excerto estivesse correto com o texto da história. As</p>	

			crianças demonstraram algumas dificuldades em associar as palavras às imagens e muitas vezes não esperaram pela leitura do texto por parte da educadora cooperante, para que entendessem qual palavra faltava. Dessa forma, a educadora cooperante e a estagiária deram apoio mais individualizado, revendo o exercício com uma criança de cada vez.	
--	--	--	--	--

Notas de Campo 13.ª Semana: 08 a 12 de Dezembro

Dia 08 de dezembro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
203	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	<p>O grupo de crianças entrou na sala de atividades. A estagiária encontrava-se a limpar o mapa de presenças, para que as crianças pudessem realizar a marcação da presença. As crianças tiraram os casacos e colocaram no respetivo saco.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Os casacos da escola são no saco, os de casa coloquem em cima da mesa. Já podem vir marcar a presença que eu já limpei. Só preenchem o primeiro quadrado, ou seja, a primeira linha que corresponde à segunda-feira. Não é para preencher os dias todos.</p> <p>O grupo de crianças dirigiu-se ao mapa de registo para procederem à marcação das presenças. As crianças mais velhas realizam esta tarefa de forma autónoma e não necessitam de ajuda. As crianças mais novas, antes de registarem recorrem ao adulto para confirmar se é o sitio certo. Para além disso, acontece frequentemente estas realizarem o registo da presença no dia errado da semana ou preencherem a semana toda. Neste sentido, a estagiária desde o início do ano tem prestando mais atenção à concretização desta tarefa.</p>	O mapa de presenças é semanal e por isso, no início da semana é limpo.

204	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	<p>A estagiária sentou-se em frente ao grupo que estava sentado no tapete. As crianças demonstraram-se contentes e bem dispostas.</p> <p>M.A: Joana, posso ser eu a contar a história hoje?</p> <p>A.: M.A. quem pede não vai.</p> <p>A estagiária iniciou a divisão das tarefas pelas crianças. Para este momento se tornar mais enriquecedor, dinamizou um pequeno jogo.</p> <p>ESTAGIÁRIA: O “chefe do dia” hoje vai ser uma menina e o nome começa com a letra M.</p> <p>D.: M.</p> <p>A estagiária dividiu as tarefas e as crianças responsáveis realizaram as respetivas ações. A criança responsável pela tarefa “chefe do dia” realizou a contagem das crianças e preencheu o mapa do tempo. A M. é das crianças mais novas, dessa forma o grupo de crianças auxiliou a mesma a concretizar as suas tarefas, contando os amigos ao mesmo tempo e explicando como teria de ser preenchido os mapas de registo. A criança escolhida para a tarefa “professor zen” sentou-se numa cadeira ao lado da estagiária e dinamizou o seu pequeno momento de relaxamento. A estagiária auxiliou a criança sempre que esta demonstrava necessitar de ajuda.</p>	
205	Atividade dirigida pela estagiária	Sala de atividades	<p>A estagiária organizou a atividade com a educadora cooperante, uma vez que era necessário realizar a mesma no exterior. No entanto, como o tempo estava estranho e existia a previsão de chuva, até ao momento da atividade o local foi uma indecisão. A estagiária iniciou a atividade com a apresentação da continuação do livro que construiu ao longo do projeto. As crianças observaram imagens da celebração “Holi” e demonstraram-se curiosas para saber mais acerca desta festa. De</p>	

	<p>Interação entre estagiária e crianças</p> <p>Interação entre crianças</p>	<p>seguida, a estagiária colocou um vídeo no computador da sala de atividades sobre uma das celebrações da Índia “Holi”. As crianças através da visualização do vídeo, conheceram a celebração e no que esta consistia. O grupo demonstrou-se entusiasmado ao visualizar o vídeo.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Gostaram desta festa que os indianos fazem? Ficam todos sujos com os pós muito coloridos.</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Ficam todos sujos.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Gostavam de ir a uma festa “Holi”?</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Sim! Queremos brincar com os pós.</p> <p>A estagiária organizou o espaço exterior e os materiais com ajuda da educadora cooperante. O grupo de crianças dirigiu-se para o exterior e sentou-se nas escadas. A educadora partilhou a sua opinião com a estagiária, dizendo que era melhor dividir o grupo em dois e ir um grupo de cada vez. A estagiária concordou e chamou dez crianças para iniciar a exploração. No exterior encontravam-se três tabuleiros, cada um com uma cor de pó diferente. À medida que o primeiro grupo explorava e brincava, a estagiária colocou músicas indianas numa coluna. Ao longo da atividade, a estagiária, assim como a educadora cooperante, perceberam que era melhor estarem todas as crianças a explorar, pois as que estavam à espera demonstraram-se agitadas. Durante a exploração, o grupo demonstrou-se alegre e entusiasmado. As crianças interagiram entre si, brincaram com os pós utilizando as mãos e o restante corpo. No final, existiram crianças a colocarem-se no chão, imaginando que realizavam anjos na neve.</p>	
--	--	---	--

206	Recreio Interação entre estagiária e criança	Exterior	<p>O grupo de crianças encontrava-se no recreio. A estagiária dirigiu-se ao recreio. Algumas crianças aproximaram-se da estagiária para interagir, brincar e pedir ajuda quando necessitavam. O F.M. estava a deslocar-se pelo espaço do recreio sozinho. A estagiária ficou a observar esta criança. Momentos mais tarde a criança dirigiu-se à estagiária.</p> <p>F.M.: Quero a mãe.</p> <p>ESTAGIÁRIA: A seguir nós vamos almoçar e depois à tarde, a seguir à hora dos quatro, a mãe de todos os meninos vem buscá-los e a tua também vem. Depois, podes dar muitos abraços e beijinhos à mãe.</p> <p>A estagiária deu um abraço ao F.M. e este foi brincar com as crianças no recreio.</p>	
207	Organização do refeitório Interação entre estagiária e crianças	Refeitório	<p>A estagiária chamou as crianças mais velhas para irem com esta para o refeitório para colocarem a mesa. Esta é uma tarefa que acontece todas as segundas e as crianças já estão habituadas e assim que são chamadas já sabem o que vão fazer. O D. fez cinco anos neste dia e pertencia ao grupo das crianças mais velhas, contudo iria ficar na hora dos quatro até ao final do ano letivo. A educadora cooperante informou a estagiária que podia levar neste dia o D. também para colocar a mesa. Dessa forma, as crianças dirigiram-se ao refeitório. A estagiária dividiu as tarefas pelas crianças.</p> <p>L.P.: Posso meter as sopas?</p> <p>ESTAGIÁRIA: Podes.</p> <p>T.M.: Posso colocar os copos?</p> <p>ESTAGIÁRIA: Podes.</p>	

			A estagiária dividiu os restantes objetos pelas crianças. Nesta tarefa, a estagiária ficou a observar, auxiliou as crianças que necessitaram e corrigiu os erros que iam surgindo.	
208	Refeição Interação entre estagiária e criança	Refeitório	As crianças chegaram ao refeitório e iniciaram o momento da refeição. A estagiária motivou-as a comerem e auxiliou as que mais precisavam. A M. chamou a estagiária para ao pé de si. M.: Joana, já estou no fim podes ajudar? ESTAGIÁRIA: Posso, só faltam duas colheres de sopa. M.: Gosto muito de ti Joana. ESTAGIÁRIA: Também gosto muito de ti M.	
209	Refeição Interação entre crianças	Refeitório	As crianças assim que acabam de comer, ficam a aguardar pelas restantes crianças sentadas. Neste dia, a maior parte das crianças acabou cedo o almoço e por isso ficaram sentadas a conversarem. A estagiária ficou a observar estas interações. No decorrer da conversa, cada criança falava dos seus pais, contando curiosidades como a sua profissão e o que faziam em casa. Todas as crianças demonstraram-se entusiasmadas ao falarem da sua família.	
210	Aula de teatro Interação entre professora e crianças	Sala de teatro	A professora de teatro dirigiu-se com o grupo de crianças para a sala de teatro. As crianças sentaram-se em frente à professora no chão. A professora começou a aula questionando o grupo sobre o que este gostava de fazer nesta aula. A maior parte das crianças pediu o jogo “mar e terra”, contudo existiram crianças a informar que não queriam jogar. Dessa forma, a professora procedeu a uma votação. PROFESSORA: Quem quer o jogo “mar e terra”? Coloquem o braço no ar. Quem não quer este jogo?	

			<p>A professora contou os votos e a maioria das crianças escolheu jogar ao “mar e terra”. Existiram crianças a ficarem desmotivadas e a não querer jogar. A professora iniciou um pequeno aquecimento com alguns movimentos para aquecer os músculos e prosseguiu para a realização do jogo. Ao longo da aula, algumas crianças ficaram sentadas rejeitando realizar a aula, tendo que a professora chamar à atenção e a estagiária também. No entanto, as crianças continuaram sem concretizar a aula. No jogo “mar e terra”, foi possível observar uma grande evolução nas crianças, uma vez que anteriormente já jogaram este jogo e as crianças perdiam facilmente. Neste dia, verificou-se um maior poder de concentração, sendo mais difícil de perder. Para terminar a aula, a professora quis ter a perceção se as crianças tinham o sentido de lateralidade desenvolvido, ou seja, se reconheciam a direita e a esquerda. A professora pediu às crianças para levantarem alguns membros do corpo com algumas instruções de lateralidade.</p> <p>PROFESSORA: Levantem o pé direito. Mão esquerda.</p> <p>A maior parte das crianças tem consciência do seu corpo e identifica os diferentes membros tanto do lado direito como esquerdo.</p>	
--	--	--	--	--

Dia 09 de dezembro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
211	Acolhimento Interação entre	Sala de atividades	A estagiária organizou os diferentes materiais que iriam ser necessários para a parte da manhã e sentou-se em frente ao tapete. As crianças marcaram as presenças no mapa de registo e sentaram no tapete. A estagiária iniciou o acolhimento com a atualização do calendário da sala, alterando o dia. Depois, procedeu à divisão de tarefas pelas respetivas crianças. A estagiária recorreu ao	Foi possível observar uma evolução nas crianças mais novas em

	estagiária e crianças		pequeno jogo para adivinharem qual a criança escolhida. De seguida, as crianças escolhidas para o “chefe do dia “ e “professor zen” realizaram as suas ações. No momento de relaxamento da tarefa “professor zen” houve a necessidade de chamar à atenção do grupo, uma vez que este demonstrava-se distraído e agitado.	diversas ações, como a contagem das crianças.
212	Leitura de uma história Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	A estagiária para completar o seu projeto e dar início à última parte, realizou a leitura da história “Mahatma Gandhi”. Esta abordava a história de Gandhi, um homem indiano que é uma figura inspiradora para a sociedade. Através deste livro as crianças ficaram a conhecer a história deste senhor e o que ele fez de bom. Ao longo da história, a estagiária procurou ler de forma a captar a atenção das crianças. As crianças demonstraram-se interessadas e entusiasmadas fazendo questões ao longo da leitura. No final, a estagiária conversou com o grupo sobre a história e o que estas tinham aprendido acerca deste senhor e da cultura indiana.	
213	Atividade dirigida pela estagiária Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	A estagiária ao longo do desenvolvimento do projeto apresentou ao grupo um livro construído por si sobre a Índia, que consistia em diversas imagens e pequenas informações acerca da cultura indiana. Desde o início, a estagiária tinha a intenção de no final as crianças elaborarem a capa do livro. A educadora cooperante deu a sugestão de estas para além da capa realizassem pequenos desenhos para complementar o livro. A estagiária concordou com a ideia e achou interessante. Dessa forma, a estagiária sentada em frente ao grupo deu a instrução da atividade, que iriam construir a capa do livro, assim como complementar o livro com desenhos livres sobre a temática. As crianças informaram a estagiária do que queriam fazer, demonstrando bastante entusiasmo e interesse. A estagiária sentou-se numa mesa e foi chamando crianças, formando pequenos grupos	A estagiária ficou responsável pela organização do livro e plastificar o mesmo.

			<p>para estas realizarem a atividade. Ao se sentarem à mesa, a estagiária explicou o que era necessário para se construir o livro.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Cada um de vocês vai desenhar com os materiais que gostarem mais, alguma parte do nosso projeto. Para isso, têm aqui as imagens do livro para tirarem ideias.</p> <p>D.: Eu quero desenhar a Índia no globo e no mapa.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Muito giro D., tens aqui uma imagem para tu veres.</p> <p>Ao longo da atividade, as crianças demonstraram-se alegres e orgulhosas em participarem na elaboração do livro que seria exposto e disponibilizado na área do escritório da sala de atividades.</p>	
214	<p>Aula de música</p> <p>Interação entre professora e crianças</p>	Sala de atividades	<p>As crianças encontravam-se sentadas no tapete à espera da chegada da professora. A professora chegou e conversou com o grupo sobre a sua chegada, uma vez que esteve de licença de maternidade e esta seria a sua primeira aula com o grupo após o seu regresso. A professora mostrou às crianças a sua filha através de uma fotografia no telemóvel. Para iniciar a aula, a professora perguntou se as crianças se lembravam de alguma música que aprenderam com a professora no início do ano. As crianças rapidamente responderam algumas músicas, contudo eram músicas aprendidas com a professora substituta. Dessa forma, a professora deu algumas pistas para as crianças se lembrarem da música do bom dia. Estas, através das pistas conseguiram chegar à canção correta e cantaram-na juntamente com a professora. Na parte central da aula, as crianças cantaram canções e acompanharam outras canções com precursões corporais e maracas (construídas pelas crianças). A professora ao longo dos diferentes exercícios explicou o que iria acontecer e realizou a demonstração. Um dos exercícios consistia na colocação de um áudio de</p>	

			uma orquestra e as crianças com apoio da professora, identificaram o som fraco e forte e reproduziam-no ao longo da música através das maracas. É possível verificar que o grupo de crianças tem interesse nas aulas de música, contudo as crianças mais novas distraem-se facilmente e as mais velhas têm comportamentos de desvio.	
215	Hora dos cinco Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante iniciou a hora dos cinco com uma conversa sobre os tipos de instrumentos. Para isso, esta distribuiu pelas crianças alguns instrumentos que tinha na sala de atividades, como castanholas, maracas e reco-reco. Cada criança tocou o seu instrumento. A educadora cooperante realizou um pequeno jogo, que consistia em esta apontar para uma criança ou várias e estas tocarem o seu instrumento. Após esta dinâmica, a educadora cooperante questionou os tipos de instrumentos que existem.</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: (A educadora cooperante deu algumas ajudas) Sopro e cordas.</p> <p>A educadora cooperante apresentou um instrumento, a harpa e falou sobre este. De seguida, colocou um áudio do computador do som deste instrumento. Para introduzir o estudo acerca da letra “H”, a educadora explicou como se escreve a palavra “harpa” e escondeu pela sala vários papeis com a letra “H” para as crianças encontrarem. Posteriormente, a educadora cooperante explicou a funcionalidade da letra “H” e as suas características. Para finalizar, as crianças realizaram um desafio acerca da letra “H”, no qual tinham que treinar a sua caligrafia.</p>	
Dia 10 de dezembro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações

216	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	As crianças dirigiram-se à sala de atividades, tiraram os casacos e marcaram as suas presenças. A estagiária sentou-se em frente ao grupo que se encontrava sentado no tapete. Para iniciar o acolhimento a estagiária começou por explicar que neste dia iam construir os convites para a divulgação do projeto e iriam preparar a divulgação para as famílias. As crianças demonstraram-se curiosas e partilharam diversas ideias. A estagiária ouviu cada criança e iniciou o acolhimento, procedendo à divisão das tarefas. As crianças que não foram escolhidas, perguntaram quando seriam elas a realizar a tarefa. A estagiária explicou que tem um papel onde regista quem faz as tarefas, para que nenhuma criança faça mais vezes que as outras crianças. As crianças escolhidas para as respetivas tarefas realizaram as ações das suas tarefas.	
217	Atividade dirigida pela estagiária Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	A estagiária iniciou uma conversa com as crianças acerca de como gostariam de realizar a divulgação do projeto, tanto para a comunidade escolar como para as famílias, partilhando as suas ideias. As crianças concordaram com as sugestões da estagiária e complementaram, partilhando algumas sugestões do que queriam fazer. Dessa forma, chegou-se ao acordo da forma como iria ser feita a divulgação do projeto. A mesma explicou que a atividade iria ser feita em pequenos grupos e que cada grupo iria ser responsável pela construção de um convite, pela entrega do mesmo a uma sala do pré-escolar e pela apresentação à respetiva sala. No decorrer da atividade, cada pequeno grupo elaborou um convite com a participação de todas as crianças desse mesmo grupo. Cada criança realizou desenhos no convite e a criança mais velha do pequeno grupo copiou uma frase para o convite, escrita pela estagiária. Esta frase continha a informação: para que servia o convite, as horas e o dia da divulgação. Para além disso, cada criança fez um desenho livre sobre	

			o que mais gostou do projeto. Este seria utilizado como capa para o portfólio dos trabalhos do projeto para ser entregue às famílias. As crianças ao longo da atividade demonstraram-se interessadas e participativas, interagindo entre si e com a estagiária acerca de aspetos vividos ao longo do projeto.	
218	Refeição Sobre a rotina	Refeitório	As crianças chegaram ao refeitório e dirigiram-se aos lavatórios para lavarem as mãos. À medida que terminavam esta tarefa sentam-se nos respetivos lugares. Ao longo da refeição foi possível observar diversas evoluções nas crianças, nomeadamente ao comerem sozinhas a sopa e o prato. As crianças mais novas demonstram iniciativa em comer a sopa sozinhas, existindo apenas três crianças que solicitam o auxílio do adulto quando a sopa está a terminar. A hora do almoço caracteriza-se agora por um momento calmo e tranquilo.	
219	Sesta Interação entre estagiária e criança	Sala de atividades (Dormitório)	As crianças dirigiram-se ao dormitório acompanhadas pela estagiária. Ao chegarem foram à casa de banho para realizarem a sua higiene. A estagiária encontrava-se no dormitório a auxiliar as crianças a deitar e a colocar a fralda nas crianças que utilizam. A M. é uma das crianças mais novas e demonstra alguma dificuldade em adormecer. Esta chegou à sua cama e retirou a sua roupa. A estagiária aproximou-se da M. para lhe colocar a fralda. M.: Quero vestir os collants. ESTAGIÁRIA: Está bem, deixa-me pôr primeiro a fralda. A estagiária colocou-lhe a fralda, sentou-se numa cadeira ao pé da cama da M. e auxiliou-a a vestir os collants. De seguida, a M. deitou-se e a estagiária tapou-a. A M. começou a brincar com os	

			diversos objetos perto da sua cama. A estagiária arranhou estratégias para esta se acalmar e adormecer.	
220	Hora dos cinco Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante iniciou a hora dos cinco, com um pequeno exercício que caracterizava o principal tema a ser abordado com as crianças. A educadora cooperante solicitou ao grupo de crianças que realizasse a contagem das sílabas dos nomes de cada criança. O grupo começou a contagem dizendo em voz alta o nome de uma criança e batendo palmas em cada sílaba. A educadora realizou a tarefa ao mesmo tempo que as crianças. Todas as crianças conseguem contar as sílabas das palavras e reconhecem o que é uma sílaba. A educadora cooperante entregou um desafio ao grupo sobre sílabas. O desafio consistia em contar as sílabas de diversas palavras, sendo essas relacionadas com as artes abordadas na história. As crianças ao descobrirem o número de sílabas de uma palavra tinham de pintar o número de quadrados correspondente. A maior parte das crianças realizou a atividade sem demonstrar qualquer dificuldade. Contudo, existiram crianças com algumas dificuldades em dividir a palavra em sílabas. A educadora cooperante e a estagiária auxiliaram nesse processo. O V. e a B. acabaram o desafio e ficaram à espera alguns momentos pelas restantes crianças.</p> <p>V.: Olha B. fiz o V.</p> <p>As duas crianças começaram a brincar fazendo as letras constituintes do seu nome utilizando canetas de feltro. A estagiária ficou surpreendida e contente com a brincadeira e interação destas crianças.</p>	
Dia 11 de dezembro				

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
221	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	<p>O grupo de crianças encontrava-se sentado no tapete, após realizarem o registo das presenças. A estagiária iniciou a divisão das tarefas pelas crianças. O grupo de crianças demonstrou-se entusiasmado.</p> <p>M.A.: Eu só fui uma vez o chefe do dia.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Foste duas vezes, eu aponto neste papel as vezes que vocês realizam uma tarefa. Todos já fizeram duas vezes o chefe do dia.</p> <p>C.F.: Eu já fui duas vezes.</p> <p>As crianças responsáveis pelas tarefas realizaram as suas ações. De seguida, a estagiária conversou com o grupo acerca do que iriam fazer neste dia. Uma vez que no dia anterior elaboraram os convites para a divulgação, hoje cada pequeno grupo iria entregar o mesmo à respetiva sala e iriam preparar a divulgação do projeto. Para além disso, a educadora cooperante iria dirigir uma atividade com as crianças.</p>	
222	Leitura de uma história Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	<p>A estagiária recolheu um livro no armário da educadora cooperante e sentou-se à frente das crianças que estavam sentadas no tapete. A mesma iniciou a leitura da história “Floco de neve”. Ao longo da história a estagiária recorreu à leitura expressiva para captar a atenção das crianças. No decorrer da história, as crianças demonstram-se concentradas, interessadas e participativas. A estagiária ao longo da história realizou algumas questões e estas respondiam partilhando a sua opinião. No final da história, a estagiária conversou com as crianças sobre a temática da história o que acontece nesta.</p>	

223	<p>Atividades dirigidas pela estagiária e educadora cooperante</p> <p>Interação entre educadora cooperante, estagiária e crianças</p>	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante sentou-se ao pé da estagiária à frente do grupo de crianças e conversou com o grupo sobre o inverno e as paisagens características do inverno, como a neve a cair, as luzes das montras com árvores de Natal na cidade, as montanhas brancas, entre outras. A educadora cooperante iniciou a explicação da atividade. Esta consistia em as crianças escolherem uma paisagem e essa imagem era colocada dentro de uma mica. Posteriormente, cada criança pinta livremente em cima da mica com tintas das cores do inverno, utilizando um cotonete. A educadora cooperante apresenta diversos exemplos de pinturas que as crianças podem realizar. A atividade foi realizada em pequenos grupos. Ao mesmo tempo que esta atividade acontecia, a estagiária também organizou pequenos grupos para entregarem os convites às respetivas salas do pré-escolar. A estagiária chamou o primeiro grupo e conversou com este sobre a entrega dos convites. A crianças em consenso escolheram a sala que queriam entregar o convite. A estagiária acompanhou as crianças até à respetiva sala para realizar a pequena tarefa. Na entrega do convite, as crianças explicaram o que iria acontecer no dia a seguir. De regresso à sala, a estagiária sentou-se com o grupo e preparou com este a divulgação, o que cada criança queria falar e o que cada uma tinha de dizer.</p> <p>T.M.: Eu quero falar sobre a festa dos pós.</p> <p>ESTAGIÁRIA: E sabes o que tens de dizer?</p> <p>T.M.: Sei. Tenho de dizer o que fizemos, não é Joana?</p> <p>ESTAGIÁRIA: É sim.</p>	
-----	---	--------------------	---	--

224	Lanche Interação entre crianças	Sala de atividades	As crianças sentaram-se nos lugares habituais nas mesas. A estagiária chamou a criança responsável pelo “chefe do dia” para entregar a fruta às restantes crianças. O “chefe do dia” entregou os pratos com a fruta e a estagiária entregou a fatia de pão. Quando o “chefe do dia” termina o lanche recolhe os pratos das restantes crianças. No final, “o chefe do dia” dirige-se à cozinha para entregar as louças utilizadas no lanche. Neste dia, como era uma das crianças mais novas, a estagiária solicitou a ajuda de uma das crianças mais velhas para ir à cozinha também. As crianças mais velhas sentem-se contentes e orgulhosas em poder ajudar as crianças mais novas.	A estagiária auxilia as crianças mais novas quando estas são responsáveis pela tarefa “chefe do dia”.
225	Hora dos cinco	Sala de atividades	As crianças dirigiram-se à sala de atividades, assim que a educadora cooperante chegou e sentaram-se nos lugares habituais. A educadora cooperante distribuiu a cada criança uma régua com diferentes quadrados para as crianças realizarem um exercício de contagem. Cada criança retirou da caixa disponibilizada pela educadora cooperante dez pequenos símbolos em papel Eva. O exercício consistiu em a educadora cooperante dizer um número e as crianças colocarem na régua o respetivo número de símbolos. Numa fase a seguir, a educadora cooperante dava indicações de pequenas contas, para que as crianças compreendessem o que é a soma e a subtração e colocar na régua a resposta. Na terceira fase, cada criança dava uma indicação e o restante grupo preenchia a régua com a respetiva resposta. A educadora cooperante e a estagiária verificaram as respostas das crianças e corrigiam caso houvesse erros.	
Dia 12 de dezembro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações

226	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	O grupo de crianças entrou na sala de atividades e concretizou as tarefas habituais como tirar os casacos, colocar no respetivo saco e marcar as presenças no mapa de registo. A estagiária dirigiu-se ao mapa de registo das presenças para observar a realização desta tarefa. As crianças têm demonstrado uma melhoria ao longo da semana, no que diz respeito à forma como registam a sua presença. Todas as crianças marcam a sua presença fazendo uma bola como é solicitado pela equipa educativa, contudo existem crianças que ao não serem acompanhadas durante a realização da tarefa pintam o respetivo quadrado todo. No decorrer da semana, a estagiária procurou não estar sempre em “cima” das crianças nesta tarefa, para verificar como estas procedem no registo da presença e se correspondem ao que é solicitado. De seguida, a estagiária procedeu à divisão das tarefas pelas respetivas crianças através de um pequeno jogo. Este consistia em dar pistas ao grupo sobre a criança escolhida para este adivinhar de quem se tratava. Posteriormente, as crianças responsáveis pelas diversas tarefas realizaram as respetivas ações.	
227	Atividade dirigida pela estagiária (Divulgação) Interação entre	Sala de atividades	A estagiária iniciou este momento, lembrando o grupo de crianças do que iriam realizar neste dia e a importância do mesmo para o desenvolvimento do projeto. O grupo explicou o que iria acontecer durante a manhã, demonstrando-se interessado e ansioso. A estagiária tentou manter as crianças calmas, uma vez que iria existir alguma agitação na sala de atividades com a entrada e saída de crianças, esta previa alguma agitação por parte do seu grupo. Para iniciar a divulgação do projeto, a mesma lembrou o grupo sobre quais eram os pequenos grupos e que sala é que cada um iria apresentar o projeto. Para além disso, informou as crianças do que era necessário estas dizerem às restantes salas durante as apresentações. A primeira sala chegou e a estagiária	Ao longo da semana, o grupo demonstrou bastante entusiasmo pela chegada deste dia.

	estagiária e crianças Interação entre crianças		<p>auxiliou as crianças a sentarem-se e organizou o pequeno grupo de crianças que iria apresentar o projeto. No decorrer desta apresentação, as crianças demonstraram-se bastante tímidas, falando baixo. No entanto, com auxílio da estagiária estas foram explicando o projeto, informando as restantes crianças do que descobriram e realizaram em cada atividade. Ao longo da manhã, cada sala do pré-escolar dirigia-se à sala de atividades e cada pequeno grupo procedia à apresentação. A estagiária auxiliou todas crianças, partilhando o seu feedback e reforço positivo. No final, as crianças das outras salas tiveram a oportunidade de colocar perguntas ou partilhar algum comentário acerca da apresentação, assim como a equipa educativa responsável pelas crianças. Terminada a última apresentação, as crianças sentiram-se felizes e orgulhosas pela sua participação no projeto, através da conversa com a estagiária no qual partilharam algumas opiniões.</p>	
228	Brincadeira Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	<p>A estagiária informou as crianças que poderiam brincar até à hora do lanche, sendo este tempo reduzido e por isso deveriam ter alguma cuidado na desarrumação da sala. As crianças dividiram-se pelas áreas da sala e brincaram com diversos materiais, tendo várias interações entre si. A estagiária, momentos mais tarde, solicitou ao grupo que arrumasse a sala, uma vez que estava na hora do lanche. Existiram crianças que iniciaram a arrumação dos materiais que estavam a explorar, como as peças de construção na área do tapete. A estagiária auxiliou as crianças mais novas a arrumar. Houve a necessidade de a estagiária reforçar diversas vezes às crianças que tinham de arrumar a sala, uma vez que continuavam a brincar.</p> <p>ESTAGIÁRIA: F.D. tens de arrumar a sala para íres comer a fruta e depois brincares no recreio.</p>	

			<p>F.D.: Não quero arrumar.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Se brincas e desarrumas os brinquedos, depois tens de os arrumar. Vai lá arrumar, também são poucos.</p> <p>F.D. Não quero.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Se não arrumas os brinquedos, quando for para brincar outra vez, tu não podes brincar. Um menino quando brinca também tem de saber arrumar.</p> <p>O F.D. começou a chorar, sentando-se no chão. A estagiária deu-lhe espaço para que este pudesse refletir acerca da sua ação, respeitando a sua tristeza. Breves minutos a seguir, a estagiária estava a organizar as frutas para serem entregues às crianças. O F.D. levantou-se do chão e dirigiu-se à área da garagem e arrumou os diversos carros que estavam espalhados no chão. De seguida, sentou-se na mesa para comer a fruta. As restantes crianças demonstraram alguma renitência em arrumar a sala, contudo após o reforço e incentivo da estagiária, arrumaram as áreas nas quais estavam a brincar.</p>	
229	<p>Refeição/ Sesta</p> <p>Interação entre estagiária e criança</p>	<p>Refeitório e Sala de atividades (Dormitório)</p>	<p>O grupo estava a terminar o almoço. A estagiária foi chamando as crianças mais novas que já estavam prontas para formarem uma fila. Estas já sabem que após o almoço é o momento em que se dirigem ao dormitório para realizarem a sesta. A M. sai da casa de banho do refeitório e aproxima-se da estagiária.</p> <p>M.: Joana, fiz chichi nas cuecas.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Não aguentaste até à sanita?</p> <p>M. Não consegui tirar as calças.</p>	

			<p>ESTAGIÁRIA: Não faz mal, no dormitório já trocamos de roupa.</p> <p>As crianças dirigiram-se ao dormitório acompanhadas pela estagiária. Assim que chegaram, iniciaram a sua higiene e deitaram-se nas camas. A estagiária limpou a M. e trocou a roupa da mesma. Para além disso, auxiliou as restantes crianças a taparem-se e a colocarem a fralda. De seguida, sentou-se no meio da M. e da B., uma vez que são das crianças que demoram mais adormecer e a ficarem calmas.</p>	
230	<p>Hora dos cinco</p> <p>Interação entre educadora cooperante e crianças</p>	Sala de atividades	<p>As crianças encontravam-se sentadas nas cadeiras à volta das mesas. A educadora cooperante entregou a cada criança um retângulo feito em cartão dividido em onze quadrados. A mesma deu o nome de régua. Cada quadrado tinha velcro, onde era possível colocar alguns símbolos entregues também pela educadora cooperante sem que estes caiam. A educadora cooperante colocou em cima da mesa uma caixa, para que cada criança escolhesse dez símbolos, entre estes estavam estrelas, círculos, coroas, flores, entre outros. A educadora cooperante iniciou a explicação da atividade. Esta consistia em dizer alguns números de zero a dez, e as crianças colocavam na régua o número de símbolos correspondente. As crianças realizaram esta tarefa sem qualquer dificuldade. Para dificultar a atividade, a educadora cooperante deu algumas instruções de pequenas adições, para que as crianças de forma indireta as realizassem.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Agora vão colocar na régua, cinco símbolos. Ok, vão colocar mais dois símbolos. Com quantos ficaram no total?</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7. Com 7.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Então quer dizer que cinco mais dois dá sete.</p>	

			<p>GRUPO DE CRIANÇAS: Sim, dá sete.</p> <p>Na segunda tarefa, existiram crianças que demonstraram algumas dificuldades. Dessa forma, a educadora cooperante e a estagiária auxiliaram as mesmas a perceber melhor a tarefa. Posteriormente, cada criança teve a oportunidade de dar a instrução do exercício, dizendo os números e as restantes crianças colocavam na régua.</p>	
--	--	--	--	--

Notas de Campo 14.^a Semana: 15 a 19 de Janeiro

Dia 15 de janeiro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
231	Brincadeira Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	As crianças encontravam-se a brincar nas diversas áreas da sala de atividades, enquanto as restantes crianças chegavam à organização socioeducativa. Na sala de atividades estavam presentes as crianças do grupo responsável pela educadora cooperante e a sala do educador P. As crianças interagem entre si durante as suas brincadeiras. Este momento realizou-se no interior da sala, uma vez que não existia condições meteorológicas adequadas para estarem no recreio.	
232	Acolhimento Interação entre	Sala de atividades	A estagiária e a auxiliar de ação educativa informaram as crianças que deveriam arrumar a sala e de seguida que realizassem o registo de presenças no mapa de registo. Assim que estas duas tarefas foram concretizadas, as crianças dirigiram-se ao tapete e sentaram-se nos lugares habituais. A estagiária iniciou o acolhimento, conversando com o grupo acerca das novidades do fim de semana. Ao longo desta conversa, as crianças foram partilhando oralmente o que fizeram durante	

	estagiária e crianças		o fim de semana. Posteriormente, a estagiária fez a divisão das tarefas pelas respectivas crianças, recorrendo ao jogo habitual da primeira letra do nome. À medida que esta estratégia foi sendo utilizada mais vezes, as crianças vão desenvolvendo o seu raciocínio linguístico e acertam na respetiva criança mais rápido. Depois, as crianças responsáveis pela tarefa “chefe do dia” e “professor zen” concretizaram as ações correspondentes à sua responsabilidade.	
233	Atividade dirigida pela estagiária Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	Após o acolhimento, a estagiária iniciou um momento com o grupo acerca do projeto terminado na semana anterior. Este momento era dedicado à avaliação do projeto com as crianças. Para isso, a estagiária colocou a questão “o que gostaram mais no projeto?” às crianças, de forma a estas partilharem as suas opiniões. A maioria das crianças participou oralmente expondo as suas opiniões sem ser necessário o incentivo da estagiária. No entanto, existiram crianças mais tímidas, em que a estagiária perguntou diretamente a essas crianças ouvindo com atenção a sua opinião. Numa fase a seguir, para perceber os conhecimentos adquiridos por estas com a realização do projeto, realizou diversas questões sobre as descobertas feitas, como “quais são os animais sagrados da Índia?”, “Como se chamam as principais peças de roupa dos indianos?”, entre outras. À medida que a estagiária colocava cada questão às crianças, estas rapidamente respondiam oralmente com as respostas corretas. No final, existiram crianças a dar sugestões de próximos projetos que gostariam de desenvolver.	
234	Atividade dirigida pela estagiária	Sala de atividades	A educadora cooperante solicitou à estagiária que continuasse com o grupo por mais algum tempo, uma vez que esta estava a tratar de um assunto. A estagiária rapidamente lembrou-se de um jogo que conhecia que por norma as crianças demonstram gostar bastante.	

	<p>Interação entre estagiária e criança</p> <p>Interação entre crianças</p>		<p>ESTAGIÁRIA: Antes de a educadora M. conversar com vocês, o que acham de fazermos um jogo?</p> <p>O grupo de crianças demonstrou-se bastante interessado e entusiasmado. A estagiária começou por explicar como se iria proceder a dinâmica. O jogo consistiu em uma criança ficar de olhos fechados ao pé da estagiária e outra criança do grupo escolhida pela estagiária sair da sala e ficar escondida. A criança de olhos fechados, numa fase a seguir observava o grupo e tinha de adivinhar qual a criança que saiu da sala. No decorrer do jogo, as crianças demonstraram cooperação e respeito pelo outro, esperando pela sua vez sem estragar a dinâmica do jogo. Existiram crianças, sendo principalmente as mais novas que demonstraram dificuldades em adivinhar a criança escondida. Nesse momento, as crianças mais velhas partilharam pistas para que a criança mais nova conseguisse adivinhar. No final do jogo, a maioria das crianças pediu à estagiária para que mais tarde jogassem novamente.</p>	
235	<p>Leitura de uma história</p> <p>Interação entre educadora cooperante e crianças</p>	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante sentou-se em frente ao grupo de crianças e apresentou o livro escrito por José Saramago “A maior flor do mundo”. A mesma antes de iniciar a leitura, explicou quem era este autor e o porquê de ser conhecido. Ao longo da leitura, a educadora cooperante interagiu com as crianças, partilhando algumas curiosidades e aspetos sobre a história. No final, a educadora cooperante voltou a conversar com o grupo acerca deste escritor e sobre a história. Para além disso, partilhou com as crianças alguns conceitos dos tipos de escrita e textos que existem.</p>	

236	Conversa informal	Sala de atividades	<p>Na hora do intervalo das crianças, a estagiária foi ao encontro da educadora cooperante para conversar com esta sobre a avaliação do projeto. A mesma partilhou o seu feedback sobre todo o processo de desenvolvimento do projeto.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Então, eu acho que correu bem. As crianças estiveram sempre bastante envolvidas, demonstraram interesse em saber mais sobre o tema. Acho que as propostas de atividades foram dinâmicas e foram ao encontro das curiosidades que eles queriam saber. Acho que no geral o projeto foi bem conseguido e foi positivo. Em relação aos aspetos menos bons, que acho que no futuro podes vir a melhorar. Acho que em algumas atividades podias ter explorado mais, por exemplo na atividade de eles se vestirem podias ter feito mais qualquer coisa com eles, como dançarem. Neste caso, falaste das danças depois, mas talvez fosse interessante falares das músicas antes e assim eles quando estivessem vestidos dançavam. Na atividade da dança, acho que não era preciso colocares vídeos, podias ser tu a fazer os gestos e eles copiavam. Assim como, na festa do “Holi” podias ter interagido mais com eles e não ficar só a observar. Brincares com eles com os pós. Isto são críticas construtivas que acho que ainda é normal não te aperceberes de algumas situações, mas assim no futuro acho que podes ter mais atenção a estes pequenos pormenores. Outro aspeto, foi a passagem de vídeos. Acho que foi excessiva, mas também sei que sobre este tema não existia muitos livros adequados. No entanto, quando te dei a sugestão de contares uma história com o flanelógrafo tiveste logo aberta à sugestão e conseguiste adaptar a história. Acho que pontos menos bons foram estes, mas são pequenos aspetos que te digo para poderes melhorar. Mas no geral correu bastante bem.</p>	
-----	-------------------	--------------------	--	--

237	Recreio Interação entre estagiária e criança	Exterior	<p>A estagiária dirigiu-se ao recreio. As crianças estavam distribuídas pelo espaço a brincarem umas com as outras. A estagiária sentou-se num banco a observar as crianças e as suas interações. A M. dirigiu-se à estagiária para que esta a colocasse no seu colo. A estagiária colocou a M. no seu colo e conversou com a mesma sobre o que estava a brincar. A M. começou a dar carinho à estagiária, dando-lhe festas na cara.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Estás muito querida.</p> <p>M.: És muito gira Joana e tens um cabelo muito lindo.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Tu também és muito bonita. És uma princesa da Disney, aquela cheia de pulseiras e colares como tu tens.</p> <p>Até ao momento de se dirigirem para o refeitório, a M. esteve sentada ao colo da estagiária a interagir com esta, partilhando bastante afeto e carinho.</p>	
238	Refeição Interação entre estagiária e criança	Refeitório	<p>O grupo de crianças chegou ao refeitório. Cada criança dirigiu-se aos lavatórios para lavaram as mãos e sentou-se no respetivo lugar. A estagiária distribuiu os pratos de comida pelas crianças. Ao chegar ao D., este ficou a observar a estagiária por alguns momentos.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Está aqui D., este é o teu prato.</p> <p>D.: Joana, tu és muito querida.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Obrigada.</p>	
239	Aula de teatro	Sala de teatro	<p>O grupo de crianças encontrava-se sentado no chão à frente da professora. Esta iniciou a aula com o aquecimento. Este consistiu em realizar alguns movimentos de aquecimento do corpo para as crianças imitarem. Numa fase a seguir, a professora informou as crianças que iriam realizar uma</p>	

	Interação entre professora e crianças		<p>atividade de ações contrárias, ou seja, em roda cada criança deveria dar a indicação de alguma ação, mas representar em forma de mimica uma ação contrária. A professora iniciou a atividade realizando a demonstração da mesma.</p> <p>PROFESSORA: Estou a lavar os dentes (realizado a mimica de atar os atacadores dos sapatos).</p> <p>De seguida, cada criança da roda continuou o exercício proposto. Existiram algumas crianças que demonstraram dificuldades em verbalizar uma ação e realizar outra diferente. E ainda, existiram crianças que imitaram o que a professora tinha demonstrado. A professora, auxiliou essas crianças motivando-as a pensar numa ação e verbalizá-la e só depois pensar noutra ação para realizar mimicamente.</p>	
Dia 16 de janeiro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
240	<p>Brincadeira</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p> <p>Interação entre crianças</p>	Sala de atividades	<p>A estagiária chegou à organização socioeducativa e dirigiu-se à sala de atividades. As crianças encontravam-se a brincar pelas diversas áreas juntamente com o grupo da sala do educadora P. Durante este momento, as restantes crianças iam chegando à sala acompanhadas pelos familiares. A estagiária organizou os seus pertences e dirigiu-se às crianças que estavam próximas de si para as cumprimentar. De seguida, sentou-se numa cadeira ao pé de um pequeno grupo de crianças para interagir com estas e brincar com as peças de construção. Momentos mais tarde, a L. entra na sala de atividades a chorar, acompanhada pela sua mãe. A L. despediu-se da mãe.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Olá L., o que se passa? Estás triste?</p>	

			<p>A L. aproxima-se da estagiária e senta-se no seu colo. A estagiária tentou perceber o porquê de a criança estar a chorar. A L. não respondeu às perguntas da estagiária, ficando apenas ao seu colo.</p> <p>A T. (criança da sala do educador P.) dirigiu-se à L.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Olá T., estás boa?</p> <p>T.: Olá Joana, estou sim. O que se passa com a L.?</p> <p>ESTAGIÁRIA: Está triste.</p> <p>T.: Não fiques triste L. (dá uma festa na cara da L. e um abraço), toma este desenho que eu fiz. É para ti, para não ficares triste.</p> <p>ESTAGIÁRIA: És muito querida T.! L. diz obrigado à T., deu-te um desenho muito giro.</p> <p>L.: Obrigada T.</p>	
241	<p>Acolhimento</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p>	Sala de atividades	<p>As crianças arrumaram a sala, marcaram as respetivas presenças e sentaram-se nos lugares habituais no tapete. A estagiária sentou-se numa cadeira à frente das crianças com os recursos necessários para dirigir o acolhimento. Começou por colocar o respetivo dia no calendário. De seguida, dividiu as tarefas pelas respetivas crianças, recorrendo novamente ao jogo da primeira letra do nome. Ao longo deste momento, as crianças dirigiram-se à estagiária pedindo a esta que sejam escolhidas para alguma tarefa nesse dia.</p> <p>A.: A Joana já disse que quem pedir não vai.</p> <p>Posteriormente, as crianças responsáveis pelo “chefe do dia” e “professor zen” realizaram as respetivas ações da sua tarefa.</p>	

242	<p>Atividade dirigida pela educadora cooperante</p> <p>Interação entre educadora cooperante e crianças</p>	<p>Biblioteca e Sala de atividades</p>	<p>A educadora cooperante iniciou uma conversa com o grupo acerca da personalidade que tinham conhecido no dia anterior e a sua importância. As crianças rapidamente conseguiram identificar que se trata do escritor José Saramago. A educadora cooperante informou o grupo de crianças, dando continuidade aos conceitos apresentados no dia anterior, que existiam diversos tipos de livros. E para descobrirem mais acerca do assunto, tinham de se dirigir à biblioteca. As crianças, juntamente com a equipa educativa, dirigiram-se à biblioteca no piso 1. Ao chegarem, o grupo sentou-se no chão. A educadora cooperante apresentou uma história e uma enciclopédia e os aspetos que os tornavam diferentes, assim como os podiam distinguir. Após a descoberta destes dois tipos de livros, o grupo regressou à sala de atividades e sentou-se no tapete. A educadora cooperante relembrou o grupo de um interesse demonstrado pelo mesmo há algum tempo que agora iria ser trabalhado, sendo esse: “A mistura de animais”. Dessa forma, em conversa com o grupo definiu-se o que iria ser tratado acerca desta temática. A educadora cooperante explicou às crianças que cada uma iria construir o seu animal misturado e criar uma ficha sobre este com as informações acerca do seu animal. Para além disso, colocou um vídeo de animais misturados para o grupo de crianças visualizar. Terminada a visualização do vídeo, as crianças puderam brincar nas diferentes áreas da sala de atividades. A educadora cooperante foi chamando pequenos grupos de crianças para realizarem o seu animal misturado. Primeiro, informaram a educadora cooperante quais os animais que constituíam o animal misturado e o respetivo nome. Depois, realizaram uma pintura do respetivo animal numa folha A4 com tintas. No decorrer da atividade, as crianças</p>	
-----	--	--	---	--

			demonstraram bastante interesse principalmente na temática da atividade e em construir animais com nomes diferentes.	
243	Brincadeira Interação entre estagiária e criança	Sala de atividades	A estagiária organiza as produções realizadas pelas crianças no estendal, para que estas secassem. A M. dirigiu-se à estagiária com um vestido na mão. M.: Podes me ajudar a vestir? A estagiária colocou-se à altura da criança e auxiliou a mesma a vestir-se. A M. ficou ao pé da estagiária a olhar para a mesma e a mexer no seu cabelo. M.: És muito linda. É tens um cabelo grande. Olha o meu vestido!	
244	Brincadeira Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	Ao longo da realização da atividade, as crianças encontravam-se a brincar nas áreas da sala de atividade. A estagiária estava a dar apoio às crianças que realizavam a atividade, quando ouviu uma criança na “área do faz de conta” a chorar. A estagiária dirigiu-se à criança. ESTAGIÁRIA: O que se passa aqui na casinha? I.: A C. bateu-me. C.M: A L. bateu-me. ESTAGIÁRIA: C.M. não podes bater nas amigas, quando uma amiga te magoa. L. não podes magoar as amigas. Estavam todas a brincar, não precisam de se magoar. C.M não gostas que a L. te magoe, não podes magoar as outras amigas. C.M.: Desculpa. L.: Desculpa. ESTAGIÁRIA: Muito bem. Fico muito contente por pedirem desculpa.	

245	Brincadeira Interação entre estagiária e criança	Sala de atividades	<p>A estagiária solicitou às crianças que arrumassem a sala, uma vez que estava na hora da fruta. A maioria das crianças após a indicação da estagiária começou a arrumar a sala. O F.D. continuava a brincar pela sala de atividades.</p> <p>ESTAGIÁRIA: F.D. vai arrumar.</p> <p>F.D.: Não quero.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Tens de arrumar, senão não podes brincar. Tu sabes as regras da sala, brincam, mas depois temos de arrumar.</p> <p>O F.D. começou a chorar, recusando arrumar a sala. A estagiária continuou a limpar a sala e arrumar os materiais utilizados na atividade.</p> <p>T.M.: Joana, o F.D. não arruma.</p> <p>ESTAGIÁRIA: O F.D. não arruma, na próxima vez não pode brincar.</p> <p>T.M.: S. o F.D. não pode brincar porque não arrumou.</p> <p>O F.D. levantou-se do tapete e começou a arrumar a sala juntamente com as restantes crianças.</p>	
246	Lanche Interação entre estagiária e criança	Sala de atividades	<p>As crianças estavam sentadas nos lugares habituais nas mesas da sala de atividades. A criança responsável pela tarefa do “chefe do dia” distribuiu a fruta pelas crianças. A estagiária sentou-se ao pé da S., enquanto observava as crianças a lanchar.</p> <p>S.: Joana, tens uns brincos muito giros. Tens muitos. Quero ver as tuas pulseiras.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Obrigada. Tens muitos, já viste? Queres contar?</p> <p>S.: 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7. Tens sete.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Podes ver. Sabes que tenho um boneco da Disney na minha pulseira? Olha aqui.</p>	

			S.: É muito lindo. Tu também és muito linda.	
247	Aula de música Interação entre professora e criança	Biblioteca	O grupo de crianças dirigiu-se à biblioteca com a professora de música. A aula de música decorreu com o planeamento regular das aulas anteriores. As crianças cantaram a canção do “Galo gordo” para iniciar a aula e dizer “bom dia”. Na parte principal da aula, realizaram percussões corporais para acompanhar as canções e utilizaram maracas e lenços para realizar sons e gestos nas audições das canções colocadas pela professora. Para terminar a aula, a professora colocou todas as crianças deitadas no chão e colocou um áudio de uma canção calma. Para além disso, passou pelas crianças com um chapéu de chuva aberto que tinha fitas compridas que tocavam nas crianças para estas relaxarem e se acalmarem.	
248	Sesta Interação entre crianças	Sala de atividades (Dormitório)	As crianças após realizarem a sua higiene, dirigiram-se à sua cama. A L.P. foi a criança responsável pela tarefa “ajudante na sesta”. Dessa forma, a mesma estava a tapar e a auxiliar a estagiária a colocar a fralda nas crianças que utilizam. Posteriormente, sentou-se ao pé de duas crianças à sua escolhida e fez festinhas para estas adormecerem.	
249	Hora dos cinco Interação entre educadora	Sala de atividades	A hora dos cinco iniciou-se com a realização de um jogo em grande grupo. Este consistiu em uma criança colocar um post-it na cabeça com uma letra escrita pela educadora cooperante e as restantes crianças dizerem palavras começadas por essa determinada letra. As crianças não demonstraram dificuldades em adivinhar a letra, assim como em dar pistas, dizendo as palavras começadas com a respetiva letra. A estagiária e a educadora cooperante também jogaram este jogo com as crianças. De seguida, as crianças realizaram um desafio, no qual tinham diversas imagens	

	cooperante e crianças		que ilustravam palavras começadas com a letra I e H. As crianças tinham de colocar num lado da folha as que começavam com I e noutro lado com H.	
Dia 17 de janeiro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
250	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	<p>O grupo de crianças dirigiu-se à sala de atividades após a realização da aula aberta de ginástica. A mesma consistiu em uma sessão de ginástica com a observação dos pais. As crianças entraram na sala de atividades demonstrando-se tristes e a chorar, devido à despedida dos pais. A estagiária aproximou-se da L.P. e conversou com esta sobre a sua tristeza, confortando-a e respeitando o que estava a sentir. A L.P. deixou de chorar e abraçou a estagiária por alguns momentos. O S. aproxima-se da entrada da sala de atividades a chorar e a resistir, ficando sentado à porta. A estagiária dirigiu-se a este, para tentar acalmá-lo.</p> <p>ESTAGIÁRIA: S. compreendo que estejas triste, mas os pais têm de ir trabalhar e durante esse tempo ficas aqui na escola com os amigos. Eles depois vêm-te de buscar.</p> <p>O S. começa a chorar ainda mais e deita-se no chão.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Queres te sentar ao pé de mim? Queres me ajudar a fazer as tarefas?</p> <p>O S. abana a cabeça e levanta-se do chão. A estagiária limpa as lágrimas da cara da criança e senta-o ao seu lado.</p>	
251	Acolhimento	Sala de atividades	<p>As crianças conforme entravam na sala de atividades, marcavam a sua presença no mapa de registo. Algumas crianças recorreram à estagiária para confirmar o sítio que tinham de preencher. De seguida, sentaram-se todas no tapete. A estagiária começou o acolhimento por dividir as tarefas</p>	

	Interação entre estagiária e crianças		pelas crianças, informou também que era um dia difícil para o S. e por isso este seria o “chefe do dia”. O grupo de crianças conseguiu compreender e respeitou o sentimento do S. Posteriormente, as crianças realizaram as ações da sua tarefa.	
252	Atividade dirigida pela educadora cooperante Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	A educadora cooperante informou as crianças que iriam continuar o que tinham feito no dia anterior. Antes de as crianças se dirigirem às mesas de trabalho, a educadora cooperante chamou as crianças que já tinham feito para apresentarem o seu animal misturado ao restante grupo. A maior das crianças demonstrou vergonha em falar acerca do seu animal, existindo a necessidade de a educadora cooperante auxiliar. De seguida, as crianças que já tinham feito foram brincar nas áreas e as restantes crianças sentaram-se à mesa para realizarem a pintura do seu respetivo animal misturado. A estagiária informou as crianças do animal que tinham escolhido e por que animais este era composto, uma vez que todas as crianças escolheram o seu animal e informaram a educadora cooperante no dia anterior.	
253	Lanche Interação entre crianças	Sala de atividades	A criança responsável pela tarefa “chefe do dia” entregou os pratos com a fruta às restantes crianças do grupo. Neste dia a criança responsável era o S., uma vez que este é das crianças mais novas poderia revelar alguma dificuldade na distribuição da fruta. As crianças mais velhas dirigiram-se à estagiária a demonstrar interesse em ajudar o S. na distribuição da fruta, assim como a entregar a louça na cozinha. T.M.: Posso ajudar o S.?	

			S.: Posso ir com o S. à cozinha?	
254	Hora dos cinco Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	As crianças dirigiram-se à sala de atividades juntamente com a educadora cooperante e a estagiária. Assim que entraram a estagiária pediu às crianças que a ajudassem a colocar mais uma mesa. As crianças apressaram-se a ajudar a estagiária. ESTAGIÁRIA: Muito obrigada pela ajuda. As crianças sentaram-se nos lugares habituais. A educadora cooperante entregou a cada criança o desafio destinado para aquele dia. Após a colagem das fotografias do dia anterior, neste dia as crianças construíram uma lista de palavras da letra I e H. Esta lista consistia em cada criança copiar as palavras escritas pela educadora cooperante numa folha A3 e realizar a ilustração da respetiva palavra. As palavras escritas começavam com a letra I ou H.	
Dia 18 de janeiro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
255	Acolhimento Interação entre estagiária e criança	Sala de atividades	A estagiária entrou na sala de atividades. As crianças encontravam-se a brincar nas diversas áreas. O D. dirigiu-se à estagiária. D.: Joana, olha a minha camisola nova. (Levanta a camisola para mostrar a camisola de dentro). ESTAGIÁRIA: Mostra, quero ver. Uau, é uma camisola da Índia. É muito gira. Sabes o que diz aqui? D.: Não. Olha Joana, têm aqui um elefante. ESTAGIÁRIA: Pois é. Aqui diz Índia.	

256	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	<p>As crianças arrumaram a sala de atividades, marcaram a presença no mapa de registo e sentaram-se no tapete. A estagiária dirigiu-se ao mapa de registo para confirmar a marcação das crianças.</p> <p>ESTAGIÁRIA: F.M. e B. não marcaram a vossa presença.</p> <p>As duas crianças levantaram-se do tapete e foram marcar a respetiva presença. A estagiária sentou-se numa cadeira à frente do grupo para dar início ao acolhimento.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Já viram a camisola que o D. trouxe? É da Índia. É muito bonita.</p> <p>F.D.: Também tenho uma igual.</p> <p>Depois, a estagiária começou por dividir as tarefas pelas crianças recorrendo à estratégia habitual.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Hoje o “chefe do dia” é um menino que o nome começa com a letra T.</p> <p>T.M.: Eu!</p> <p>ESTAGIÁRIA: Muito bem! Existem dois T., mas hoje és tu.</p> <p>A criança responsável pela tarefa “chefe do dia” e o “professor zen” realizaram as ações da sua respetiva tarefa, isto é, o “chefe do dia” começou por contar o número de crianças presentes e descobrir quantas estavam a faltar e preencher o quadro. De seguida, observou e registou o tempo no calendário. Posteriormente, a criança responsável pelo “professor zen” sentou-se numa cadeira ao lado da estagiária e dinamizou o seu pequeno momento de relaxamento. As restantes crianças copiaram os gestos.</p>	
257	Leitura de uma história	Sala de atividades	<p>Após o acolhimento, a educadora cooperante sentou-se em frente ao grupo de crianças para iniciar a temática a ser explorada neste dia. Primeiro, informou o grupo que chegou o momento de conhecerem uma nova pessoa muito importante. Para isso, solicitou ao grupo que visualizasse o</p>	

	Interação entre educadora cooperante e crianças		mapa dos aniversários, no qual estão disponibilizadas as personagens a serem abordadas no projeto de escola. A educadora cooperante começou por apresentar a piloto Amelia Earhart e a sua história. De seguida, iniciou a leitura de um livro da história da Amelia Earhart. Ao longo da história, as crianças demonstraram-se curiosas e interessadas, mantendo-se em silêncio e colocando questões pertinentes sobre a temática. No final, a educadora cooperante conversou com as crianças sobre a história lida.	
258	Atividade dirigida pela educadora cooperante Interação entre equipa educativa e crianças	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante iniciou a atividade convidando as crianças a realizarem uma viagem de avião até ao destino escolhido pelas mesmas.</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Vamos até à Índia.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Quem quiser ser piloto senta-se nestas cadeiras e os passageiros nestas cadeiras aqui.</p> <p>A equipa educativa organizou a sala e o grupo de crianças, de forma a sala tornar-se num avião, no qual os pilotos sentaram-se uns ao lado dos outros à frente. E os passageiros em filas de quatro uns atrás dos outros. A educadora cooperante deu as instruções às crianças, fingindo ser a hospedeira de bordo do avião. A partir deste momento, construiu-se uma dramatização de uma viagem de avião. Existiram crianças a representarem os passageiros, que consistia em ficarem sentados a solicitar comida e a realizar questões acerca da viagem. Outras representavam os pilotos do avião, que tinham como missão pilotar o avião e levar os passageiros ao seu destino. A estagiária auxiliou a educadora cooperante no decorrer da dramatização e colocou o som de um</p>	

			avião a levantar voo para tornar o momento mais credível e imaginário. Durante a atividade, as crianças demonstraram-se alegres, entusiasmadas e participativas.	
259	Atividade dirigida pela educadora cooperante Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	A educadora cooperante informou que após terem realizado a viagem de avião, cada criança tinha de construir o seu próprio avião. Dessa forma, informou o grupo que podia ir brincar e que em pequenos grupos iriam realizar a atividade na mesa. O primeiro pequeno grupo dirigiu-se às mesas de trabalho. A auxiliar de ação educativa e a estagiária colocaram à frente de cada criança um quadrado de esponja e uma folha de papel de lustre com um avião desenhado. Cada criança através da técnica de picotagem tinha de contornar o desenho do avião por cima da linha, para no final se retirar da folha apenas o avião. A equipa educativa auxiliou as crianças mais novas a iniciar a técnica de picotagem. Assim que cada criança terminava, a equipa educativa ajudava a criança a retirar o avião da folha. E de seguida, era chamada outra criança para realizar a atividade. As crianças mais novas demonstraram mais dificuldades e desistência na concretização da atividade, uma vez que a meio da realização da picotagem informavam a equipa educativa que não queriam fazer mais. As crianças mais velhas, demonstraram-se empenhadas e entusiasmadas, querendo realizar a atividade até ao momento de retirar o avião da folha e escrever o respetivo nome.	
260	Brincadeira Interação entre crianças	Sala de atividades	As crianças encontravam-se a brincar nas diversas áreas da sala, enquanto a atividade de picotagem estava a ser concretizada. A maioria das crianças dividiam-se pela área do faz de conta, área dos jogos de tapete e área da garagem. A área do escritório é uma das menos requisitadas. Neste dia, três crianças estavam sentadas na área do escritório a explorar o livro da Índia construído ao longo do desenvolvimento do projeto.	

			S.: Este é o meu. Este é o do A.	
261	Recreio Interação entre crianças	Exterior	As crianças encontravam-se a brincar no recreio com os diversos materiais disponibilizados. A estagiária estava sentada num banco a observar as diversas interações das crianças. A L. dirigiu-se à estagiária e sentou-se ao lado desta, demonstrando-se triste. A M. veio atrás da L. até ao banco. M.: Não estejas triste L. (a M. faz festas no cabelo da L.)! Anda brincar comigo (a M. dá beijinhos e abraços à L.). A L. levanta-se e dirige-se juntamente com a M. até à casa para brincarem as duas.	
262	Sesta Interação entre crianças	Sala de atividades (Dormitório)	As crianças mais novas após terminarem o almoço dirigiram-se ao dormitório com a estagiária. A M. encontrava-se ainda a terminar a refeição e por isso ficou mais uns momentos no refeitório com as restantes crianças e equipa educativa. As crianças ao chegarem ao dormitório realizaram a rotina habitual de higiene. O T.M. chegou ao dormitório de mão dada com a M. T.M.: Joana trouxe a M. ESTAGIÁRIA: Muito bem T.M., obrigado! T.M.: Tomei conta da M.	
263	Sesta Interação entre crianças	Sala de atividades (Dormitório)	A estagiária estava responsável por dirigir este momento. ESTAGIÁRIA: Vamos fazer uma surpresa à M.? GRUPO DE CRIANÇAS: Sim, para a M. ficar contente. ESTAGIÁRIA: Quando a M. chegar vão estar todos deitados e em silêncio. A M. vai achar que foram muitos rápidos e portaram-se muito bem. M.A. deita-te e tira a coroa da princesa. M.A.: Posso ser a Frozen?	

			<p>ESTAGIÁRIA: Podes! Frozen deita-te por favor para te colocar a fralda.</p> <p>M.: Eu quero ser a branca de neve.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Sim, claro! Branca de neve tem de tirar os sapatos e as calças para dormir o seu sono de beleza.</p> <p>A estagiária brincou com as crianças com os nomes de princesas e príncipes que estas escolhiam no decorrer da preparação da sesta. As crianças cooperaram com a estagiária, seguindo as suas indicações e demonstrando-se contentes.</p>	
264	Hora dos cinco	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante questionou se a estagiária poderia e gostaria de dirigir a hora dos cinco, uma vez que educadora cooperante necessitava deste tempo. A estagiária aceitou este desafio. As crianças entraram na sala de atividades e sentaram-se nos lugares habituais. A estagiária começou por perguntar às crianças o nome dos instrumentos musicais que constavam na folha que a estagiária tinha na mão. De seguida, cada criança escolheu dois instrumentos e colou-os na folha entregue pela estagiária. Posteriormente, cada criança desenhou os instrumentos que escolheu visualizando as imagens e escreveu o nome dos respetivos instrumentos. No decorrer deste desafio, a estagiária auxiliou as crianças que demonstraram dificuldades ou dúvidas. Ao longo do desafio, as crianças iam interagindo entre si, partilhando alguns comentários acerca do que estavam a realizar e observações acerca dos desenhos das restantes crianças.</p> <p>T.M.: D. o teu desenho está igual ao violino. Está muito giro.</p> <p>M.C.: Pois está, está muito bonito.</p>	

Dia 19 de janeiro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
265	Acolhimento Interação entre equipa educativa e crianças	Sala de atividades	As crianças dirigiram-se à sala de atividades e a equipa educativa organizou as mesmas, uma vez que era dia de passeio. A estagiária colocou a pulseira de identificação no pulso das crianças e vestiu o colete. A auxiliar de ação educativa preparou uma mala com alguns objetos necessários.	
266	Passeio (Teatro)	Exterior (Teatro)	As crianças do pré-escolar dirigiram-se aos autocarros para se deslocarem até ao casino de Lisboa para assistirem ao teatro “Quando crescer, quero ser...”. A equipa educativa organizou as crianças em toda a logística necessária. As crianças demonstraram-se contentes e entusiasmadas.	.
267	Almoço Sobre a rotina	Refeitório	As crianças chegaram à organização socioeducativa e dirigiram-se ao refeitório para almoçarem. A hora do almoço foi marcada pela agitação das crianças, no entanto comeram tudo sem ser necessário o auxílio da equipa educativa.	

Notas de Campo 15.ª Semana: 22 a 26 de Janeiro

Dia 22 de janeiro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
268	Acolhimento	Sala de atividades	As crianças entraram na sala de atividades e dirigiram-se ao mapa de registo para cada uma preencher a sua respetiva presença. A estagiária sentou-se em frente ao grupo de crianças que se	

	Interação entre estagiária e crianças		encontrava no tapete para iniciar o acolhimento. Começou por conversar com as crianças sobre novidades e curiosidades que quisessem partilhar sobre o fim de semana. As crianças que demonstraram essa vontade colocaram o braço no ar e a estagiária foi dando a palavra a cada criança. De seguida, a estagiária realizou a divisão das tarefas pelas respetivas crianças. Ao visualizar o papel no qual é registado quantas vezes cada criança fica responsável por uma determinada tarefa, a estagiária escolhe as crianças que realizaram menos vezes cada tarefa. Posteriormente, as crianças escolhidas procedem à concretização das ações da sua tarefa. As restantes crianças respeitam o momento do outro realizar a sua tarefa e por vezes auxiliam quando verificam que o/a amiga/o demonstra dificuldades.	
269	Momento dirigido por outra sala Interação entre comunidade educativa e crianças	Recreio Exterior	A estagiária informou o grupo de crianças que a última etapa que concretizaram do projeto foi a divulgação, no qual é partilhado os conhecimentos adquiridos ao longo do projeto. ESTAGIÁRIA: Nós já fizemos a divulgação do nosso projeto, agora vamos ver a divulgação do projeto da estagiária da sala da educadora C., querem ir ver? GRUPO DE CRIANÇAS: Sim. A equipa educativa acompanhou as crianças até ao recreio exterior. Assim que chegaram as crianças sentaram-se no chão de frente para as crianças que iriam apresentar o projeto. As crianças da sala da educadora C. realizaram a divulgação do seu projeto “Sinais de Trânsito” a partir de um PowerPoint impresso com imagens do desenvolvimento do projeto e com o auxílio da estagiária L. Posteriormente, as crianças puderam explorar o espaço do recreio com a nova implementação dos sinais de trânsito, sendo este o tópico do projeto desenvolvido pela estagiária L. com o seu	

			grupo de crianças. As crianças ao visualizarem cada sinal de trânsito colocado no recreio, explicavam a sua função e importância à educadora cooperante que explorava o espaço juntamente com o grupo.	
270	Atividade dirigida pela educadora cooperante Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	O grupo de crianças regressou à sala e sentou-se novamente no tapete. A educadora cooperante iniciou uma conversa com as crianças sobre a Amélia Earhart. Na semana anterior, as crianças já tinham descoberto o que esta mulher tinha feito de especial na sua vida e a sua importância. Neste dia, a educadora cooperante colocou um vídeo sobre a história da Amélia Earhart para as crianças visualizarem. Após a visualização do vídeo, as crianças partilharam as suas ideias do que tinham observado com a educadora cooperante. A mesma aproveitou o tema desta pessoa, para conversar acerca da sua profissão e das que foram abordadas no teatro assistido na semana anterior. As crianças conversaram sobre as profissões que viram no teatro e o que fazem as mesmas no quotidiano. A partir desta conversa, a educadora cooperante informou o grupo de crianças que iriam realizar um desenho sobre o teatro. As crianças demonstraram-se interessadas e dirigiram-se às mesas. A equipa educativa distribuiu as folhas e as canetas às crianças.	
271	Atividade dirigida pela educadora cooperante	Sala de atividades	As crianças encontravam-se nas mesas a concretizar o desenho sobre o teatro. A estagiária, a educadora cooperante e a auxiliar de ação educativa circulavam pelas crianças para dar algumas indicações ou auxílio caso fosse necessário. As crianças ao realizarem a atividade em simultâneo têm de partilhar as canetas. O R. informou as crianças da sua mesa que precisava da caneta de cor castanha e que no copo mais próximo de si não tinha essa caneta. O T.M. parou de desenhar na sua folha e foi verificar se no copo mais próximo de si existia a respetiva caneta.	

	Interação entre crianças		<p>T.M.: Está aqui R., nós temos aqui. Toma.</p> <p>R.: Obrigada.</p> <p>Nos instantes a seguir, existiram diversas interações entre crianças para pedir canetas que precisavam e para partilharem esse mesmo material entre si.</p>	
272	Recreio Interação entre estagiária e criança	Exterior	<p>No intervalo da manhã, as crianças encontravam-se a brincar no recreio exterior, dispersas pelo espaço a explorar os materiais e a brincarem em conjunto. A estagiária dirigiu-se ao recreio e a M. aproximou-se.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Então M.</p> <p>M.: Podemos brincar? Eu quero ser a Bela Adormecida.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Podemos. Eu sou a Rapunzel.</p> <p>A M. e a estagiária ficaram a brincar e a interagir entre si durante o momento do intervalo.</p> <p>M.: Tu és a Rapunzel porque tens o cabelo grande.</p> <p>ESTAGIÁRIA: É verdade.</p>	
273	Aula de teatro Interação entre professora e crianças	Sala de teatro	<p>A aula de teatro iniciou-se com a dinamização de um momento de aquecimento. Este consistiu em a professora realizar alguns movimentos dramatizados e as crianças copiarem esses mesmos movimentos. A professora começou por dar a instrução de que iriam ser um gato, imitando os gestos e o som e de seguida que seriam uma grande cobra. Todas as crianças participaram neste momento imitando os gestos produzidos pela professora. Na parte central da aula, a professora dinamizou um jogo, que é conhecido por todas as crianças, “Terra e Mar”. As crianças demonstraram-se entusiasmadas por jogar. A professora realizou duas rondas com as crianças. Na</p>	

			segunda ronda, as crianças demonstraram dominar a estratégia do jogo e nesse sentido a professora dificultou a o jogo, dando as indicações mais rápido.	
274	Hora dos cinco Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	As crianças dirigiram-se à sala de atividades e organizaram as mesas com auxílio da estagiária. A educadora cooperante apresentou às crianças imagens impressas que sobraram dos desafios realizados anteriormente. As crianças disseram o nome do que estava representado em cada imagem. De seguida, cada criança realizou uma lista de palavras, recorrendo às imagens, ou seja, cada criança escolheu duas a três imagens, colou-as na folha entregue pela educadora cooperante e escreveu a palavra à frente da imagem. A estagiária auxiliou as crianças que demonstraram dificuldades, nomeadamente a escrever a palavra. Para além disso, controlou os comportamentos de desvio que existiram durante este momento.	
Dia 23 de janeiro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
275	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	A estagiária verificou os registos de presenças das crianças, enquanto estas se dirigiam ao tapete. As crianças que não realizaram, a estagiária chamou-as para que estas o fizessem. Terminada esta pequena tarefa, a estagiária sentou-se em frente ao grupo de crianças. Começou por conversar com o mesmo acerca das presenças e a forma como estas devem ser registadas no mapa. De seguida, dividiu as tarefas pelas respetivas crianças. Todas as crianças demonstram-se interessadas em serem responsáveis por uma tarefa. A.: Joana, quantas vezes fui o professor zen?	

			<p>ESTAGIÁRIA: Quatro vezes. Há amigos que ainda não fizeram quatro vezes, quando todos fizerem quatro vezes, é que podes fazer outra vez.</p> <p>Posteriormente, as crianças responsáveis pelo “chefe do dia” e “professor zen” realizaram as ações correspondentes às suas tarefas.</p>	
276	<p>Leitura de uma história</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p>	Sala de atividades	<p>A estagiária apresentou ao grupo de crianças o livro da história “Perfeitamente Normal”. As crianças rapidamente ficaram em silêncio e demonstraram-se interessadas na história. A estagiária realizou a leitura do livro, recorrendo à leitura expressiva e interagindo com as crianças à medida que contava a história. Ao longo da mesma, as crianças partilharam alguns comentários acerca do que observavam. No final, a estagiária conversou com as crianças sobre a história e a sua moral. A estagiária ao longo da conversa ligou a história à personalidade que está a ser abordada com o grupo, a Amélia Earhart. O grupo cada vez revela mais conhecimentos acerca desta pessoa e a sua história.</p>	
277	<p>Atividade dirigida pela estagiária</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p>	Sala de atividades	<p>A estagiária conversou com as crianças sobre a última atividade que realizaram acerca da Amélia Earhart.</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Fizemos os aviões iguais ao da Amélia.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Muito bem! E hoje? O que acham que falta fazer? Se já fizeram os aviões... eles têm de voar. Onde será que eles voam?</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Céu.</p> <p>A estagiária procedeu à instrução da atividade. De seguida, as crianças dispersaram pela sala a brincar nas diversas áreas. A estagiária e a educadora cooperante organizaram os materiais e as</p>	

			crianças para pintarem o papel de cenário com esponjas. No final, as crianças colaram pedaços de algodão a representar as nuvens e cada criança colou o seu avião no céu. No decorrer da atividade, as crianças não demonstraram qualquer dificuldade, pelo contrário demonstraram-se bastante alegres e entusiasmadas, não querendo deixar de pintar.	
278	Lanche Interação entre estagiária, educadora cooperante e criança	Sala de atividades	Após a concretização da atividade, a estagiária solicitou às crianças que arrumassem a sala para depois comerem a fruta. O S. encontrava-se ao pé das mesas. ESTAGIÁRIA: S. se já arrumaste, senta-te. O S. demonstrou-se triste e começou a chorar deitado no chão. A estagiária respeitou o seu espaço, afastando-se. A educadora cooperante aproxima-se do S., com intuito de entender o que se passava com a criança. O S. continuou a chorar, realizando alguns movimentos brutos. A educadora cooperante pediu a este para se sentar. O S. agarrou na cadeira e atirou-a para o chão. A educadora cooperante tentou conversar com a criança, para que este voltasse a colocar a cadeira no mesmo sítio. O S. não cooperou com a educadora cooperante. Dessa forma, a mesma levou o S. consigo para o exterior da sala, numa tentativa de este se acalmar. Momentos mais tarde, o S. regressou à sala e sentou-se no seu lugar, demonstrando-se mais calmo.	
279	Aula de música Interação entre	Biblioteca	A estagiária acompanhou o grupo de crianças à biblioteca para a aula de música. A aula de música iniciou-se com a canção de abertura “Galo gordo”. Todas as crianças conhecem esta canção, uma vez que quando é colocada todo o grupo a canta. Na parte principal da aula, realizaram percussões corporais para acompanhar as canções, utilizaram maracas e lenços para realizar sons e gestos nas canções colocadas pela professora. No decorrer da aula, existiram diversos comportamentos de	

	professora e crianças		desvio e nesse sentido algumas crianças ficaram sem maracas para tocar. No fim, a professora solicitou que todas as crianças se deitassem no chão e colocou um áudio de uma canção que transmitisse calma. Depois, passou pelas crianças com um chapéu de chuva aberto com fitas compridas que tocavam nas crianças para estas relaxarem e retornarem à calma.	
280	Hora dos cinco Interação entre educadora cooperante e criança	Sala de atividades	<p>As crianças dirigiram-se à sala juntamente com a educadora cooperante e a estagiária. Assim que chegaram sentaram-se nos lugares habituais. A educadora cooperante informou as crianças que a história que estava a ser abordada terminou. De seguida, procedeu à instrução do último desafio da história “Matilde, descobre as artes”.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Depois de conhecerem todas as artes, agora cada um vai desenhar a arte que gosta mais. E depois nesta folha vão desenhar cinco aviões e pintar com as cores dos aviões que estão a ver ali (aponta para o painel). Vão contar quantos aviões há de cada cor e escrevem o número à frente, por exemplo aviões cor de rosa, são cinco. Pintam um avião cor de rosa e escrevem o número cinco à frente.</p> <p>As crianças realizaram os desafios corretamente, contudo no desafio dos aviões existiram algumas dúvidas. Dessa forma, a estagiária e a educadora cooperante auxiliaram as crianças a esclarecer as suas dúvidas.</p>	
Dia 24 de janeiro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
281	Acolhimento	Sala de atividades	A estagiária chegou à organização socioeducativa e dirigiu-se à sala de atividades. A I. entra na sala de atividades para beber água.	

	Interação entre estagiária e crianças		<p>ESTAGIÁRIA: Bom dia I.! A seguir de beberes água tens de ir lá para fora brincar.</p> <p>A estagiária senta-se na mesa a organizar diversos materiais. O D. entra na sala de atividades para deixar o seu casaco.</p> <p>D.: Olá Joana! Vim deixar o meu casaco.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Bom dia D.! Esta tudo bem?</p> <p>A I. aproxima.se da estagiária e fica a observar o que esta está a fazer.</p> <p>D.: Sim! Joana tu tens 22 anos.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Tenho, como é que sabes?</p> <p>D.: Tu disseste.</p> <p>ESTAGIÁRIA: E tu ainda te lembras? Muito bem. Tens boa memória.</p>	
282	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	<p>A auxiliar de ação educativa deu a indicação ao grupo de crianças que era para entrar na sala de atividades. As crianças dirigiram-se à sala de atividades e marcaram as presenças no mapa de registo. A estagiária organizou os recursos necessários para dirigir o acolhimento e sentou-se em frente ao grupo. As crianças demonstraram-se calmas.</p> <p>M.A.: Joana, vais dar pistas do nome?</p> <p>ESTAGIÁRIA: Temos feito isso todos os dias. Hoje também vou dar pistas sim, para vocês adivinharem.</p> <p>A estagiária dividiu as tarefas pelas crianças, recorrendo ao jogo das pistas sobre o nome. A estagiária assim que informa as crianças de que letra começa o nome, as crianças rapidamente participam dando palpites da criança que pode ser. Dessa forma, a divisão das tarefas tornar-se um</p>	

			momento dinâmico e enriquecedor para todas as crianças. Posteriormente, as crianças escolhidas para serem responsáveis pelas tarefas realizaram as ações da sua tarefa.	
283	<p>Leitura de uma história</p> <p>Interação entre educadora cooperante e crianças</p>	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante sentou-se à frente do grupo e organizou os recursos necessários para a animação da história que iria realizar. A educadora cooperante ao colocar em frente ao grupo o flanelógrafo, este reconhece o material e questiona à educadora cooperante que história é que esta vai contar. A educadora cooperante apresenta o livro da “Coco Chanel” e antes de iniciar a sua leitura, conversa com as crianças sobre o que esta pessoa fez quando era viva, a sua história e profissão. De seguida, inicia a leitura da história, com recurso ao flanelógrafo, onde colocou algumas peças de roupa que a “Coco Chanel” costurou como malas, chapéus, camisolas, vestidos, entre outros. No final, a educadora cooperante conversou com as crianças sobre as curiosidades que estes tinham acerca desta pessoa.</p>	
284	<p>Atividade dirigida pela educadora cooperante</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p>	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante explicou às crianças que antes de explicar a atividade que iriam realizar tinha uma coisa para lhes dizer.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Olhem meninos, a Joana para a semana vai embora. Por isso aproveitem e brinquem com ela.</p> <p>A estagiária emocionou-se e as crianças dirigiram-se à estagiária para lhe dar muitos abraços e beijinhos. Posteriormente, a educadora cooperante procedeu à instrução da atividade.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Hoje vão todos ser a Coco Chanel e vão construir roupas fantásticas. Cada um vai escolher o figurino (papel A3 com roupas e acessórios desenhados) que</p>	

			<p>quiser entre estes que eu tenho aqui e depois vão colar tecidos ao vosso gosto para construírem as vossas roupas e acessórios fabulosos.</p> <p>As crianças demonstram-se interessadas e entusiasmadas, pedindo para serem as primeiras a realizar a atividade. A educadora cooperante organizou as crianças em pequenos grupos. As crianças concretizaram a atividade sem dificuldade. No final, observaram as produções finais sentindo-se orgulhosas com o que tinham feito.</p>	
285	Sesta Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades (Dormitório)	<p>A estagiária auxiliou as crianças mais novas a colocarem a fralda e a deitarem-se. A mesma, normalmente, coloca-se ao pé das crianças que demonstram mais dificuldade em adormecer e manterem-se calmas. Neste dia, a M. e a B. estavam a brincar e a estagiária sentou-se no meio das duas.</p> <p>M.: Podes fazer festinhas?</p> <p>ESTAGIÁRIA: Posso.</p> <p>A estagiária fez festinhas em ambas as crianças e estas acabaram por adormecer.</p>	
286	Hora dos cinco Interação entre educadora	Sala de atividades	<p>O grupo de crianças estava sentado nas mesas nos lugares habituais. A educadora cooperante informou que a hora dos cinco deste dia iria ser destinada à realização de um jogo para aprenderem uma coisa nova, as letras minúsculas. As crianças, de imediato demonstraram-se interessadas. A educadora cooperante explicou que o jogo consistia em cada criança ter um post-it com uma letra minúscula e na parede estará uma cartolina com as mesmas letras em maiúsculas. Cada criança deverá observar a sua letra e colar o post-it em cima da letra que acha que corresponde. A educadora cooperante distribuiu as letras pelas crianças e estas tiveram tempo de pensar, observar</p>	

	cooperante e crianças		e colar em cima da letra. De seguida, a educadora cooperante em conjunto com as crianças analisou letra a letra e verificaram as respostas certas e erradas. Neste jogo, existiram crianças que conseguiram acertar na correspondência da letra, contudo eram letras que são bastante semelhantes escritas das duas formas, as letras mais complicadas as crianças demonstraram dificuldades e dessa forma a educadora cooperante auxiliou na resolução.	
Dia 25 de janeiro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
287	Acolhimento Interação entre estagiária e criança	Sala de atividades	A estagiária chegou à organização socioeducativa e dirigiu-se à sala de atividades para deixar os seus pertences. De seguida, dirigiu-se ao primeiro piso, no entanto no caminho encontrou a S. a chamar por si. A estagiária foi ao encontro da S. S.: Não quero que te vás embora Joana. ESTAGIÁRIA: Tenho de ir S., a minha escola não é aqui! Mas eu venho muitas vezes te visitar a ti e aos amigos. S.: Quero ficar contigo para sempre. Gosto muito de ti. ESTAGIÁRIA: Eu vou ter muitas saudades tuas! Também gosto muito de ti.	
288	Acolhimento Interação entre	Sala de atividades	O grupo de crianças entrou na sala de atividades, fez a marcação das presenças no mapa de registo e sentou-se no tapete. A estagiária sentou-se em frente ao grupo de crianças para proceder à divisão das tarefas. Para esse feito recorreu ao jogo habitual das pistas do nome da criança. As crianças cada vez participam mais oralmente e acertam na criança mais facilmente. A criança responsável pela tarefa “chefe do dia” realizou a contagens das crianças presentes e preencheu o mapa das	

	estagiária e crianças		contagens das crianças presentes e em falta e registou o tempo no calendário do tempo. A criança responsável como era das mais novas, quando necessitava da ajuda as crianças mais velhas tinham essa responsabilidade, levantavam-se e auxiliavam. A criança responsável por ser o “professor zen”, sentou-se ao pé da estagiária e dinamizou o pequeno momento de relaxamento.	
289	Atividade dirigida pela educadora cooperante Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	A educadora cooperante apresentou ao grupo de crianças um manequim que trouxe de casa e explicou a sua funcionalidade na profissão da Coco Chanel. Todas as crianças demonstraram-se interessadas e atentas naquele momento. A educadora cooperante propôs ao grupo construírem em conjunto uma roupa Chanel, com auxílio do manequim e as suas medidas corporais. As crianças demonstraram entusiasmo e todas quiseram participar. Para iniciar, as crianças ajudaram a educadora cooperante a tirar medidas e a construir a roupa com papel de cenário. Numa segunda fase, as crianças pintaram o papel cenário (roupas) com pastéis de óleo. As crianças pintaram livremente, fazendo desenhos e o que mais gostavam. Todas as crianças tiveram oportunidade de desenhar numa parte do papel. No fim, voltaram a colocar a roupa no manequim, para que ficasse exposto as roupas construídas por todas as crianças.	
290	Lanche Interação crianças	Sala de atividades	A criança responsável pelo “chefe do dia” teve a oportunidade de escolher duas crianças mais velhas para irem consigo à cozinha buscar a fruta e o pão. Assim que regressaram à sala de atividades, a estagiária preparou os pratos com a fruta para o “chefe do dia” distribuir pelas restantes crianças. T.M.: Posso ajudar o “chefe do dia”? ESTAGIÁRIA: Tens de perguntar ao amigo.	

			<p>T.M.: Ele diz que posso ajudar.</p> <p>Neste momento, a criança mais velha auxiliou a criança mais nova na sua tarefa, dando sempre espaço à criança responsável pela tarefa de decidir como fazer as coisas e se aceita a ajuda ou não.</p> <p>No final do lanche, as crianças mais velhas dirigiram-se à estagiária a questionar se podiam ajudar o “chefe do dia” a levar as louças à cozinha.</p>	
291	Sesta Sobre a rotina	Sala de atividades (Dormitório)	<p>As crianças dirigiram-se ao dormitório e realizaram a sua higiene. A estagiária auxiliou as crianças a colocarem a fralda e a deitarem-se. A maioria das crianças ficou na casa de banho a brincar enquanto realizavam a sua higiene. Houve a necessidade de a educadora cooperante intervir e chamar à atenção das crianças. Neste dia a hora da sesta foi caracterizada pela agitação.</p>	
292	Hora dos cinco Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	<p>As crianças encontravam-se na sala de atividades, sentadas nos lugares habituais. A educadora cooperante informou as crianças que chegando ao fim da história, cada criança tinha de organizar o seu portfólio para levar para casa com todos os desafios já realizados. A educadora cooperante explicou também que quem iria realizar essa organização, era a estagiária. As crianças reagiram bem, sendo que o grupo está habituado que nesta hora a estagiária esteja presente a auxiliar a educadora cooperante. A estagiária distribuiu os desafios pelas crianças para que estas os organizassem uns em cima dos outros, do primeiro até ao último. No final, a estagiária confirmou o portfólio de cada criança. As crianças até terminar a hora dos cinco, puderam desenhar e escrever no respetivo caderno dos cinco anos.</p>	
293	Conflito entre pares	Sala de atividades	<p>As crianças regressaram à sala de atividades. A educadora cooperante solicitou a estas que se sentassem no tapete. A L.P. e a C. dirigiram-se ao armário onde estão guardados os desenhos feitos</p>	

	Interação entre educadora cooperante e crianças		<p>pelas crianças. A L.P. retirou o mesmo desenho que a C. e entraram em conflito para decidir a quem pertencia o desenho.</p> <p>L.P.: Educadora M. este desenho é meu.</p> <p>C.: É meu.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: O que se passa com o desenho? Acho que já sei o que aconteceu a L.P. desenhou num lado da folha e a C. fez colagens no outro lado. Mas acho que podiam fazer uma coisa melhor. Podiam oferecer o vosso desenho à Joana. Ela vai gostar, tenho a certeza.</p> <p>As duas crianças dirigiram-se à estagiária com o desenho e entregaram-no à mesma.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Obrigada! Vou guardar, adorei.</p>	
Dia 26 de janeiro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
294	Acolhimento Interação entre estagiária e criança	Sala de atividades	<p>A estagiária encontrava-se na sala de atividades a organizar os materiais necessários para o decorrer da sua prática. A S. entra na sala e dirige-se à estagiária.</p> <p>S.: Toma Joana, é para ti.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Obrigada S., que desenho tão lindo! Adorei! Vou guardar com muito amor. Ainda por cima escreveste uma frase muito gira. Obrigada!</p> <p>S.: De nada! É para não te esqueceres de mim!</p>	
295	Acolhimento	Sala de atividades	<p>As crianças dirigiram-se à sala de atividades juntamente com a educadora cooperante. Cada criança tirou o seu casaco e colocou no respetivo saco, marcou a sua presença no mapa de registo e sentou-se no tapete. A estagiária confirmou as marcações das presenças das crianças, para que</p>	.

	Interação entre estagiária e crianças		nenhuma criança deixasse por marcar. De seguida, atribui as tarefas às crianças. Para isso, dinamizou o pequeno jogo habitual da primeira letra do nome. Posteriormente, as crianças responsáveis pelas diversas tarefas concretizaram as respetivas ações. A criança responsável pelo “professor zen” demonstrou-se tímida e com dificuldade em realizar o seu momento. Dessa forma a estagiária auxiliou a criança.	
296	Atividade dirigida pela educadora cooperante Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante sentou-se à frente do grupo de crianças numa cadeira e inicia uma conversa com o grupo acerca do desfile que iram realizar para as restantes salas do pré-escolar. O desfile consiste numa passagem de modelos “Chanel”. As crianças demonstraram-se bastante entusiasmadas. Para além disso, a mesma explica de que forma se irá proceder.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Para o nosso desfile, na segunda-feira vão ter de vir vestidos com roupas bonitas e fantásticas. Não é Carnaval, é um desfile chique da “Chanel”. Para as outras salas virem à nossa sala assistir ao desfile vamos ter de fazer uns convites muito giros. E ainda, para o nosso desfile cada menino vai fazer o seu acessório, uma mala ou um chapéu.</p> <p>A educadora cooperante conversou com as crianças sobre como iria decorrer o desfile e o que era necessário concretizar para o mesmo acontecer. As crianças demonstraram-se logo ansiosas que chegasse ao dia. De seguida, a educadora cooperante organizou os materiais necessários, cada criança escolheu que acessório queria construir e pintou posteriormente o respetivo material do seu acessório. No final, a estagiária construiu os acessórios (mapa e chapéu) com as produções pintadas pelas crianças, para estas utilizarem no desfile.</p>	

297	Lanche Interação entre crianças	Sala de atividades	As crianças terminaram de comer a fruta e o pão. A estagiária informou as crianças que podiam beber água. O R. agarra no seu cantil e solicita ajuda à estagiária para abrir a tampa. O T.M. que se encontrava ao lado deste, aproxima-se do R. e oferece a sua ajuda para lhe abrir a tampa. R.: Obrigada T.M.!	
-----	---	-----------------------	---	--

Notas de Campo 16.ª Semana: 29 de Janeiro a 01 de Fevereiro

Dia 29 de janeiro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
298	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	As crianças encontravam-se no recreio a brincar, enquanto a estagiária e a educadora cooperante organizavam a sala de atividades para o desfile da “Coco Chanel” que as restantes salas do pré-escolar vinham assistir. A auxiliar de ação educativa acompanhou o grupo de crianças até à sala. Estas entraram, marcaram a presença no mapa de registo e sentaram-se no tapete. A estagiária sentou-se em frente ao grupo de crianças para iniciar o acolhimento. Neste dia, o momento na rotina do acolhimento foi dinamizado de maneira diferente, uma vez que era o dia do desfile e não havia tempo suficiente para realizar da forma habitual. Neste sentido, a estagiária dividiu as tarefas pelas respetivas crianças, dizendo apenas o nome das crianças escolhidas e estas realizaram as ações correspondentes à sua tarefa, de uma forma mais breve e rápida.	
299	Atividade dirigida pela	Sala de atividades	Após o acolhimento, a educadora cooperante informou as crianças do que iria acontecer quando as restantes salas do pré-escolar chegassem à nossa sala.	

	<p>educadora cooperante</p> <p>Interação entre comunidade educativa e crianças</p>	<p>EDUCADORA COOPERANTE: A nossa sala já está pronta para o desfile. Ontem estivemos a treinar, é só fazerem igual e mostrarem as vossas roupas fantásticas da “Chanel”. Vão ter de se esconder no labirinto para os amigos não vos verem, que assim deixa de ser surpresa. Os pares entram, desfilam por este corredor, dão a volta ao manequim e desfilam até à porta. Pelo caminho podem dar umas voltinhas para os amigos verem as vossas roupas chiques.</p> <p>As crianças demonstraram-se entusiasmadas, contudo estavam com bastante vergonha por irem desfilarem. A equipa educativa organizou as crianças e preparou-as para o desfile, distribuindo os acessórios que realizaram na semana anterior. Algumas crianças fizeram malas e cada uma desfilou com a mesma na mão. Outras crianças construíram um chapéu, que foi colocado na cabeça com o apoio de ganchos. Terminada a preparação da atividade, as crianças dirigiram-se para o labirinto com a auxiliar de ação educativa. As duas primeiras salas do pré-escolar, entraram na sala de atividades e sentaram-se nos lugares destinados. A estagiária organizou as crianças nos respetivos lugares. A educadora cooperante chamou duas das crianças mais velhas para serem os apresentadores do desfile para darem início ao mesmo. As duas crianças demonstraram-se bastante tímidas, no entanto com o auxílio da educadora cooperante conseguiram apresentar o desfile. De seguida, começou o desfile, a educadora cooperante desligou as luzes ficando apenas um holofote apontado para o centro e uma bola de luzes e colocou uma música destinada para as crianças desfilarem. Aos pares, as crianças entraram na sala e desfilaram. No fim, todas as crianças desfilaram mais uma vez todas juntas. A educadora cooperante auxiliou as crianças ao longo de todo o desfile, dando algumas indicações. No final, as crianças apresentaram os seus acessórios</p>	
--	--	---	--

			<p>“Chanel”, nomeadamente as malas e os chapéus. Momentos mais tarde, as restantes três salas também foram assistir ao desfile e o processo repetiu-se novamente. No entanto, no segundo as crianças demonstraram-se menos tímidas. Terminado os dois desfiles as crianças ficaram a brincar e a dançar na sala de atividades e demonstraram-se contentes e orgulhosas pela sua participação.</p>	
300	<p>Recreio</p> <p>Interação entre estagiária e criança</p>	Sala de atividades	<p>No intervalo, a estagiária estava na sala de atividades a acabar a construção das capas dos portfólios para as crianças levarem para as famílias. A L.P. entra na sala de atividades para beber água. Esta agarra no cantil e dirige-se à estagiária.</p> <p>L.P.: Estas a fazer o que?</p> <p>ESTAGIÁRIA: A preparar os portfólios do projeto para levarem para casa. Achas que está bonito?</p> <p>L.P.: Está muito bonito. Onde está o meu?</p> <p>ESTAGIÁRIA: Agora não sei, deve estar aqui algures. Deixa-me procurar. Está aqui.</p> <p>L.P.: Vermelho foi a cor que eu escolhi.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Pois foi, por isso é que ficou de vermelho.</p>	<p>As crianças demonstram bastante interesse em observar as suas produções depois de realizadas e os processos de construção dos produtos finais.</p>
301	<p>Sesta</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p>	Sala de atividades (Dormitório)	<p>A estagiária acompanhou o grupo de crianças desde o refeitório até ao dormitório. As crianças dirigem-se à casa de banho e realizam a sua higiene. Quando necessitam de ajuda, estas chamam pela estagiária. A estagiária aguardou no dormitório pelas crianças e conforme vinham da casa de banho, a estagiária colocou a fralda nas crianças que utilizavam, deitou e tapou todas as crianças. Após todas as crianças estarem pontas para descansar, a estagiária sentou-se ao pé da M. e da B., que são duas crianças que demonstram dificuldade em dormir, devido a estarem muitas vezes a brincar uma com a outra.</p>	

Dia 30 de janeiro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
302	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	O grupo de crianças entrou na sala de atividades, estas tiraram os casacos, colocaram no respetivo saco e dirigiram-se ao mapa de registo para marcarem as presenças. A estagiária acompanhou esta tarefa com o intuito de observar as evoluções das crianças, nomeadamente na forma como registam. E foi possível verificar que a maior das crianças já corresponde à forma como é suposto que seja feita a marcação da presença, isto é apenas com uma bola. As crianças mais novas, ainda pintam o quadrado todo ou fazem riscos. A estagiária sentou-se em frente às crianças, na zona do tapete. Estas questionaram de imediato quem iria ser o “chefe do dia” e o “professor zen”. A estagiária dividiu as tarefas pelas crianças recorrendo ao jogo habitual das pistas sobre o nome. Posteriormente, as duas crianças responsáveis pelas tarefas “chefe do dia” e “professor zen” concretizaram as ações da sua respetiva tarefa. Ambas as crianças sempre que demonstraram alguma dificuldade a estagiária solicitou às crianças mais velhas que auxiliassem.	
303	Acolhimento Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	A educadora cooperante sentou-se em frente ao grupo de crianças. E começou por apresentar o produto final da “Enciclopédia dos animais misturados”. Este livro foi elaborado com a participação de todas as crianças, no contexto do projeto desenvolvido “Animais misturados”. A educadora cooperante explicou às crianças como se iria proceder a sua dinâmica. Cada criança iria levar por uns dias o livro para casa para os pais visualizarem e juntamente com as famílias tinham de criar a continuação da história do amigo anterior, no qual o seu animal tinha de entrar na história. Todas as crianças em conjunto decidiram o início da história e depois cada criança	

			<p>continuava a história da criança anterior. As crianças demonstraram-se entusiasmadas e pediram para serem elas as primeiras a levar o livro para casa.</p>	
304	<p>Atividade dirigida pela educadora cooperante</p> <p>Interação entre educadora cooperante e crianças</p>	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante na semana anterior apresentou ao grupo de crianças um avião desenhado em papel de cenário. A mesma informou que este avião ia ser revertido em peças, como se fosse um puzzle e cada criança iria levar uma peça para decorar em casa. Neste dia, a educadora cooperante, em conjunto com o restante grupo, observou as peças de cada criança e montaram o puzzle do avião. A estagiária auxiliou a educadora cooperante na montagem do avião. As crianças demonstraram-se bastante contentes com a produção final.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Olhem o nosso avião. O avião da sala B. está quase a levantar voo. Falta-nos uma peça que o V. traz amanhã para o avião conseguir levantar voo. Gostaram do nosso avião?</p> <p>GRUPO DE CRIANÇAS: Sim.</p>	
305	<p>Lanche</p> <p>Interação entre crianças</p>	Sala de atividades	<p>A criança responsável pela tarefa do “chefe do dia” escolheu dois amigos para irem consigo à cozinha buscar a fruta e o pão para o lanche. Assim que regressaram, a estagiária organizou os pratos com a fruta para a criança distribuir.</p> <p>A.: Joana, depois posso ajudar a levar os pratos à cozinha?</p> <p>C.: Também quero ir.</p> <p>ESTAGIÁRIA: O “chefe do dia” é que escolhe os amigos que o ajudam na sua tarefa.</p> <p>No final, a criança recolheu os pratos com ajuda de um amigo e escolheu outro amigo para ir consigo levar a louça à cozinha.</p>	

306	Recreio Interação entre educadora cooperante e estagiária	Organização socioeducativa	A educadora cooperante e a estagiária deslocaram-se à zona da creche para recolher algum material necessário para uma atividade que a estagiária iria dirigir na presente semana. A estagiária informou a educadora cooperante que nunca tinha visto as salas da creche, assim como as do berçário. A educadora cooperante ficou surpresa e dessa forma apresentou à estagiária a zona da creche, apresentando cada sala e a que idade se destinava e a zona do berçário, explicando o que correspondia cada sala. A estagiária ficou a conhecer melhor a organização socioeducativa.	
307	Hora dos cinco Interação entre educadora cooperante e criança	Sala de atividades	A educadora cooperante, a estagiária e as crianças encontravam-se sentadas nas mesas na sala de atividades. A educadora cooperante distribuiu pelas crianças seis berlindes e um prato. De seguida, em conjunto todas as crianças contaram quantos berlindes tinham dentro do seu prato, chegando à conclusão de que eram seis. A educadora cooperante solicitou às crianças que fechassem os olhos. A mesma levantou-se e retirou alguns berlindes dos pratos das crianças. Quando estas abriram os olhos verificaram que lhes faltava berlindes. A educadora cooperante colocou as questões “Com quantos berlindes ficaram?” e “Quantos é que foram retirados?”. Uma criança de cada vez contou os berlindes que tinha no seu prato e com auxílio da educadora cooperante descobriu quantos berlindes é que foram retirados no seu prato. Posteriormente, a educadora cooperante entregou um desafio acerca da história “Os coelhos irritantes” sobre matemática, no qual as crianças tinham de desenhar cinco coelhos, sendo que um já lá estava desenhado na folha. Existiram crianças que demonstraram algumas dificuldades na realização do desafio, pois desenharam cinco coelhos sem contar com o que já estava desenhado.	

Dia 31 de janeiro

N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
308	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	A estagiária acompanhou o grupo de crianças até à sala de atividades. As mesmas assim que entraram na sala de atividades realizaram as suas tarefas habituais, como guardar os casacos e marcar as presenças. A estagiária solicitou que quando terminassem a marcação das presenças se sentassem no tapete. Quando todas as crianças estavam sentadas a estagiária iniciou o acolhimento. Conversou primeiro com as crianças sobre algumas curiosidades que estas tinham interesse em partilhar e assuntos que queriam falar. De seguida, atribuiu as tarefas às respetivas crianças através do jogo habitual. Posteriormente, o “chefe do dia” realizou a contagem das crianças e preencheu o mapa do tempo e o “professor zen” dinamizou o seu momento de relaxamento.	
309	Leitura de uma história Interação entre educadora cooperante e crianças	Sala de atividades	A educadora cooperante sentou-se à frente do grupo de crianças e apresentou a próxima pessoa a ser abordada, dando pistas de que pessoa se tratava. As crianças tentaram adivinhar a pessoa através dos mapas dos aniversários, no qual estão expostas as diversas personagens que vão ser abordadas com as crianças. A educadora cooperante apresentou o livro que iria ler sobre o Steve Jobs. No decorrer da leitura da história, a educadora cooperante interagiu com as crianças. No final, a educadora cooperante conversou com as crianças acerca desta pessoa, o que fez de importante na sua vida e curiosidades acerca da mesma. As crianças demonstraram interesse acerca do tema das tecnologias e na história de vida do Steve Jobs.	

310	<p>Atividade dirigida pela educadora cooperante</p> <p>Interação entre educadora cooperante e crianças</p>	Sala de atividades	<p>A educadora cooperante explicou às crianças o conceito de inteligência artificial e apresentou no seu telemóvel como funciona o motor de busca “google” e a internet. As crianças demonstraram-se curiosas e entusiasmadas com a exploração do telemóvel. A educadora cooperante procedeu à instrução da atividade.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: Hoje vocês vão ser como o Steve Jobs, vão construir robôs de inteligência artificial. Cada menino vai ter a imagem da sua cara e depois vai ter de colar em cima da sua cara, olhos, boca, cabelo e nariz dos outros meninos da sala. Vocês escolhem como querem e podem ver e mudar antes de colar.</p> <p>As crianças sentaram-se nas mesas e iniciaram a atividade com os diversos materiais em cima da mesa.</p> <p>T.M.: Joana, eu tenho os olhos do Z.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Está a ficar muito engraçado.</p> <p>As crianças ao colocarem em cima da sua cara partes da cara das outras crianças, tornavam a sua bastante diferente e engraçada. Foi uma atividade, no qual todas as crianças demonstraram-se alegres, assim como a equipa educativa. No final, as crianças visualizaram a produções umas das outras.</p>	
311	<p>Almoço</p> <p>Sobre a rotina</p>	Refeitório	<p>As crianças dirigiram-se ao refeitório acompanhadas pela auxiliar de ação educativa. As crianças demonstravam-se calma e satisfeitas. A hora de almoço foi marcada por esses mesmos sentimentos. As crianças comeram sem agitação e confusão. Neste dia, as crianças acabaram de comer bastante rápido, tendo de ficar na mesa a fazer tempo para irem para o dormitório e recreio.</p>	

312	Sesta Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades (Dormitório)	As crianças chegaram ao dormitório e dirigiram-se à casa de banho. Cada criança revela bastante autonomia, no que diz respeito à sua higiene. A estagiária ficou encarregue de auxiliar as crianças a deitar e na colocação da fralda. Todas as crianças conseguem tirar os sapatos e as calças sem ser necessário a ajuda da estagiária. Após todas as crianças estarem deitadas a estagiária tenta mantê-las calmas para conseguirem adormecer. Neste dia, sentou-se ao pé da L. para esta adormecer, fazendo-lhe festas e dando-lhe carinho.	
313	Hora dos cinco Sobre a rotina	Sala de atividades	A hora dos cinco neste dia foi diferente. O psicólogo da organização socioeducativa realizou com o grupo de crianças as provas de diagnóstico do pré-escolar. As crianças ficaram sentadas em lados opostos das mesas com livros ao meio para não poderem observar o exercício do outro. A educadora cooperante e a estagiária prestaram auxílio na realização das provas.	
Dia 01 de fevereiro				
N.º	Categoria de Registo	Local	Descrição	Inferências/ Observações
314	Acolhimento Interação entre estagiária e criança	Sala de atividades	A estagiária encontrava-se na sala de atividade a preparar os recursos necessários para a atividade que ia dirigir. A I. entra na sala e dirige-se ao armário com os cantis. Agarra no seu e percebe que este não tem água. A I. aproxima-se da estagiária. I.: Posso ir encher? ESTAGIÁRIA: Podes. Vai encher e depois vem aqui para eu colocar a tampa. A I. regressa com o cantil com água, a estagiária coloca a tampa no mesmo e esta bebe a água. I.: Joana, posso meter as cadeiras no sítio?	

			ESTAGIÁRIA: Podes I., obrigada pela ajuda!	
315	Acolhimento Interação entre estagiária e crianças	Sala de atividades	<p>As crianças dirigiram-se à sala de atividades após serem informadas pela auxiliar de ação educativa. As crianças tiraram os casacos e marcaram as presenças no mapa de registo. A estagiária colocou-se em frente às mesmas para iniciar o acolhimento. Esta atribuiu as tarefas às respetivas crianças. Estas demonstraram-se bastante felizes por serem escolhidas. As mesmas através do jogo, acertaram rapidamente que se tratava do nome delas.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Antes do “chefe do dia” e do “professor zen” fazerem as suas tarefas, o D. tem uma coisa para contar.</p> <p>D.: Ontem vi na televisão a notícia da Amelia Earhart, encontraram.</p> <p>EDUCADORA COOPERANTE: A sério? Vamos procurar aqui no telemóvel a notícia para vocês verem. (Após a visualização da notícia) Passado cem anos encontraram pedaços do avião da Amélia, não foi a Amélia que encontraram foi pedaços do avião. Obrigado, D., andas muito atento.</p> <p>ESTAGIÁRIA: A M.A. também quer mostrar alguma coisa, anda cá.</p> <p>M.A.: São folhas do outono.</p> <p>ESTAGIÁRIA: Muito giras! E têm muitas cores. Vamos passar aos amigos para eles tocarem. Agora que já acabámos as curiosidades do dia, vamos fazer as tarefas. O “chefe do dia” pode contar os amigos e preencher o mapa das contagens e colocar no calendário como está o tempo hoje. Depois o “professor zen” pode vir sentar-se aqui ao meu lado para dinamizar o seu momento.</p>	

316	<p>Atividade dirigida pela estagiária</p> <p>Interação entre estagiária e crianças</p>	Sala de atividades	<p>A estagiária começou por conversar com as crianças acerca da pessoa que descobriram no dia anterior. As crianças rapidamente identificaram o Steve Jobs. A estagiária partilhou diversas curiosidades acerca do mesmo e das tecnologias que este inventou. De seguida, colocou um vídeo da evolução das tecnologias para as crianças visualizarem. Terminado o vídeo, a estagiária apresentou diversas imagens representativas da evolução tecnológica e em conjunto com as crianças tentaram colocar as imagens por ordem da evolução. As crianças puderam partilhar as suas ideias e sugestões e a estagiária auxiliou as crianças nesta tarefa, sendo também mediadora. No final, as crianças conseguiram colocar as imagens por ordem e reconhecer como eram os aparelhos eletrónicos antigamente e atualmente. De seguida, a estagiária procedeu à instrução da atividade. Esta consistiu em cada criança escolher se queria construir um computador, tablet ou telemóvel e posteriormente, tinha de o colorir e desenhar o que queria que estivesse representado no ecrã. Todas as crianças tiveram a oportunidade e a liberdade de escolher qual aparelho eletrónico queriam e de que forma este iria ser decorado, o que se revelou ser bastante importante. As crianças demonstraram-se bastante alegres, entusiasmadas e empenhadas na atividade. A estagiária colocou todos os materiais necessários em cima da mesa para que todas as crianças tivessem acesso aos mesmos. Para além disso, sempre que as crianças demonstraram dificuldades ou dúvidas a estagiária auxiliou-as.</p>	
317	Lanche	Sala de atividades	<p>As crianças arrumaram a sala e sentaram-se em redor das mesas. A criança responsável pelo “chefe do dia” distribuiu a fruta. A hora do lanche, neste dia, foi marcada pela agitação. As crianças demonstraram-se agitadas e existiram diversos conflitos entre pares. A L. terminou o lanche e</p>	

	Interação crianças		recolheu os pratos das restantes crianças. No decorrer da sua tarefa, deixou cair os pratos no chão. Diversas crianças rapidamente e sem ser necessário solicitar levantaram-se e foram ao encontro da L. para ajudá-la a apanhar os pratos do chão.	
--	-----------------------	--	---	--

ANEXO B

Reflexões semanais e reflexão final

| | ' ' | | ' ' |

Reflexão semanal n.º 1: 2 a 6 de outubro

Terminada a primeira semana de Prática Profissional Supervisionada II (PPS II), e sendo esta a primeira reflexão, importa mencionar que me encontro a estagiar numa sala de jardim de infância, com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos, contudo existe uma criança com 2 anos. O grupo é constituído por vinte e quatro crianças. A respetiva equipa educativa da sala, neste momento, é composta pela educadora cooperante, a auxiliar de ação educativa e eu.

A primeira semana de estágio surpreendeu-me pela positiva, foram dias de bastante aprendizagem. A primeira semana caracterizou-se, principalmente, por ser de observação. Ao longo da semana, estive atenta às rotinas do grupo, às suas principais necessidades, aos seus interesses, fragilidades, atitudes e interações entre si e com a equipa educativa. O início do ano letivo é caracterizado por um período de adaptação entre crianças e a equipa educativa. Ao começar a minha prática profissional supervisionada II nesta altura do ano letivo é também um processo de adaptação com o grupo e com a equipa educativa. Ao fim da primeira semana, caracterizo o grupo como curioso, interessado e disposto a aprender sempre mais. Inicialmente, estava com receio de iniciar a minha PPS II em jardim de infância, uma vez que não conhecia a organização socioeducativa nem o grupo. Tinha receio que o grupo não se adaptasse a mim como também me preocupava a reação das crianças à minha presença e a relação que pudesse vir a criar com as mesmas.

Sinto-me bastante contente, uma vez que fui muito bem recebida por toda a equipa educativa. Esta demonstrou-se disponível para me ajudar em tudo o que eu precisasse. A educadora cooperante foi muito prestável e até ao momento apoiou-me em tudo o que precisei. Deu-me liberdade para auxiliar a equipa educativa nos diversos momentos da rotina, ajudar nas atividades dirigidas por esta (Nota de campo n.º 17), interagir com o grupo e realizar atividades com o mesmo quando me sentisse preparada (Nota de campo n.º 18). A educadora cooperante mostrou disponibilidade para auxiliar-me, deixando-me confortável e tranquila (Nota de campo n.º 18).

No primeiro dia, a educadora cooperante apresentou-me ao grupo e informou as famílias da minha presença no correio semanal, que é enviado aos pais, a contar o que

aconteceu ao longo da semana anterior. Durante a semana, a educadora partilhou comigo algumas das suas intenções e informações sobre o grupo de crianças, permitindo compreender algumas dinâmicas da sala de atividades, características de cada criança e a forma de trabalhar da equipa educativa. De acordo com Silva et al. (2016), é de extrema importância a existência de um trabalho colaborativo entre os diferentes intervenientes que contribuem para a educação das crianças, o que se verificou nos diálogos que estabeleci com a educadora cooperante. Ademais, procurei interagir com as crianças, criar uma relação, respeitando o ritmo de cada uma e as suas vontades. Algumas crianças brincaram comigo, recorreram a mim quando necessitavam e faziam o que eu solicitava, contudo existiram crianças que ainda não interagiram comigo. Para além disso, para minha surpresa, ao fim da primeira semana as crianças já sabiam o meu nome (Nota de campo n.º 19).

Foi nas brincadeiras no espaço exterior que fui, aos poucos, estabelecendo uma maior relação com algumas crianças, indo por vezes ao encontro das mesmas (Nota de campo n.º 20), outras vezes elas ao meu, mas nunca ultrapassando o espaço de cada uma. Foi assim possível perceber os amigos de brincadeira de algumas crianças, os interesses delas no espaço exterior, se recorriam a materiais ou brincavam mais por imaginação própria. De acordo com Silva et al. (2016) “ao brincar, a criança exprime a sua personalidade e singularidade, desenvolve curiosidade e criatividade, estabelece relações entre aprendizagens, melhora as suas capacidades relacionais e de iniciativa e assume responsabilidades.” (p. 11). Observar as interações de cada criança com os seus pares e as suas ações é bastante importante, uma vez que segundo Silva et al. (2016) é importante observar e envolver-nos nas brincadeiras das crianças, sendo que se deve respeitar sem interferir nas iniciativas destas, permitindo assim conhecer melhor os interesses das crianças, como encorajá-las e colocar desafios às mesmas acerca das suas explorações e descobertas.

Ao longo da primeira semana, compreendi que havia uma criança que tem necessidades educativas especiais e, que por isso requer um cuidado e atenção diferente. O Z. tem paralisia cerebral. É uma criança carinhosa e meiga. Revela dificuldades a nível motor, necessitando de auxílio na sua deslocação e a comunicar.

Na presente semana, tive a oportunidade de dirigir o acolhimento. Realizei a divisão das tarefas pelas crianças, preenchi o mapa da presenças com o grupo e fiz a leitura de uma história. Sendo a primeira semana, achei bastante positivo a minha intervenção com o grupo, dando-me a conhecer ao grupo e vice versa.

Por fim, embora seja um adulto novo presente na sala, considero que a minha adaptação ao grupo nesta semana foi positiva, bem como a adaptação das crianças à minha presença, tendo criado algumas relações responsivas. Este tipo de relação requer algum tempo, contudo sinto que ao longo da semana a relação com cada criança foi aumentando. Os conselhos e as dicas da educadora cooperante M. foram imprescindíveis, visto que sinto que tenho muito para aprender e este apoio leva-me a refletir, a pensar na minha forma de agir e em diferentes estratégias, que conseqüentemente fazem-me crescer enquanto futura educadora de infância. Pretendo com o decorrer do tempo, continuar a criar uma relação com cada criança e a conseguir uma boa comunicação com a equipa educativa, que são dois aspetos que considero fulcrais para que este estágio corra bem e que vá ao encontro das minhas expectativas.

Nesta reflexão e nas próximas, pretendo refletir sobre a minha própria ação e como poderei melhorar, tanto em relação ao meu estágio, como à minha futura prática pedagógica. Tal como afirma Silva et al. (2016), a ação do educador deve guiar-se por uma intencionalidade, que exige uma reflexão sobre as finalidades, práticas pedagógicas e formas de organização da ação.

Reflexão semanal n.º 2: 9 a 13 de outubro

Terminada a segunda semana, é possível refletir acerca das aprendizagens e das interações com o grupo no decorrer da mesma. De um modo geral, o grupo de crianças adaptou-se à minha presença, olhando para mim como um novo adulto que pertence à equipa educativa. Ao longo da semana, ocorreram diversas situações que comprovam essa mesma adaptação, tanto em situações de conflitos (Nota de campo n.º 26) como em momentos de tristeza em que as crianças se dirigem a mim (Nota de campo n.º 33) e não só à equipa educativa da sala. Durante a semana, procurei interagir com o grupo,

ganhando a sua confiança e criando uma relação de proximidade e afetividade. De acordo com Portugal (2000), para ganhar a confiança das crianças, é necessário que o adulto lhes transmita sentimentos de segurança e de confiança, que as apoie e que não as engane, mostrando-se sempre disponível. Ademais, a relação criança-adulto faz parte do mundo social primário. Consequentemente, se o adulto fornecer afeição, regularidade e calor, a criança desenvolve um “sentimento de confiança com o mundo, o sentimento de que alguém estará sempre por perto para tomar conta dela se necessário.” (Portugal, 2012, p. 101). Ainda, a mesma autora afirma que, o adulto quando fica responsável por um grupo de crianças, a sua preocupação deve ser estabelecer uma relação afetiva, sendo essa, uma das minhas principais intenções na PPS II. As crianças aprendem e desenvolvem-se consoante a interação das pessoas que cuidam delas, que demonstram respeito e garantem a sua segurança (Portugal, 2008).

A segunda semana de PPS II, permitiu-me conhecer e perceber melhor as características do grupo de crianças como um todo, assim como as suas individualidades, sendo isto possível devido às conversas com a educadora cooperante, da observação e ao meu próprio envolvimento no dia a dia das crianças. Ao ter conhecimento das características de cada criança ou do grupo em geral, leva-me a refletir sobre a minha prática e melhorá-la cada vez mais. Para além disso, os conselhos que me são transmitidos, também me levam a crescer enquanto futura profissional.

Nesta reflexão é importante mencionar algumas características do grupo, rotina e necessidades. O acolhimento, é realizado pela educadora cooperante juntamente com o grupo e, neste, acontecem alguns momentos importantes. Estes são feitos com recurso aos diversos mapas de registo colocados na parede à altura das crianças na zona do tapete. Os mapas de registo, segundo Niza (2013), auxiliam a planificação, gestão e avaliação da atividade educativa participada pelas crianças e promovem a autonomia. Na sala de atividade encontramos: o mapa semanal das presenças, que se trata de “um instrumento fundamental para promover o sentido de pertença ao grupo e para o desenvolvimento de atitudes de cuidado para com o outro e de indagação sobre as vidas de cada um” (Folque, Bettencourt & Ricardo, 2015, p. 25); o calendário que é organizado conforme o presente mês; o quadro de tarefas que “permite regular o envolvimento das crianças (...) na

responsabilidade por certas tarefas” (Folque, Bettencourt & Ricardo, 2015, p. 25); o mapa do tempo e o quadro de contagem das crianças, ambos preenchidos pela criança responsável por ser o “chefe do dia”.

A despedida dos pais e o sentimento de saudade e falta dos mesmos ao longo do dia é visível no grupo. As crianças demonstram saudade quando se deparam em situações menos boas, de tristeza ou frustração. A nota de campo n.º 23 descreve uma situação durante o acolhimento, em que uma criança demonstrou-se triste por não estar com os pais.

ESTAGIÁRIA: O que se passa C.? Estás triste? Queres ir sentar-te ali comigo?

C.: Quero os meus pais.

ESTAGIÁRIA: É normal estares triste. Os teus pais deixaram-te aqui na escola para tu brincarest com os amigos e te divertires, à tarde eles vêm-te buscar para ires brincar com eles para casa. “ (Nota de campo n.º 23).

Na presente situação procurei demonstrar empatia pela criança, validando as suas emoções. Desta forma, tentei respeitar o direito de a mesma estar triste, oferecendo-lhe apoio e mostrando-me disponível. Segundo Portugal (2000), respeitar as crianças passa por respeitar os seus sentimentos, dando a entender que têm o direito de os exprimir. Trata-se, igualmente, de ter empatia, mostrar que a criança tem o nosso apoio e compreensão.

É essencial mencionar e refletir acerca da sesta em contexto de jardim de infância. No grupo, apesar de algumas crianças terem a necessidade de descansar, a maior parte já fica reticente e demonstram renitência em dormir. Neste grupo, as crianças que fazem a sesta têm três anos de idade, à exceção de uma que tem dois anos. Estevão (2019) afirma que, o sono representa uma função vital e é fundamental para a nossa saúde, seja em que idade for, visto que este influencia o nosso bem-estar físico, mental e social. Ao longo das semanas, observando o grupo de crianças que realiza a sesta e o seu comportamento e bem-estar, concluo que a sesta não deve ser retirada do jardim de infância, visto que representa algo essencial para o bem-estar das crianças, mas que esta deve ser vista como algo facultativo e indo ao encontro das necessidades e do tempo de cada uma.

Auxiliar a realização das atividades dirigidas pela educadora cooperante (Nota de campo n.º 30), permitiu-me conhecer o grupo, as suas particularidades na concretização

de produções manuais, o seu desenvolvimento motor e cognitivo, os seus interesses e capacidades. Estes momentos proporcionam ao grupo conhecer-me e solicitar a minha ajuda quando necessita. Terminada a presente semana, consigo afirmar que conheci, compreendi e adaptei-me à rotina do grupo. Tenho vindo a compreender que para cada criança é necessário a utilização de diferentes estratégias nos diferentes momentos da rotina, sendo que as mesmas devem ser implementadas tendo em conta as características e necessidades das crianças.

Ademais, no decorrer destas duas semanas, o grupo demonstrou diversas vezes cooperação, cuidado, preocupação e entreatajuda para com o Z. O Z. é uma criança com paralisia cerebral e tem bastantes dificuldades tanto a nível motor como na linguagem verbal. Todo o grupo, interessa-se pelo bem-estar do Z. e, revela iniciativa em auxiliá-lo nos diversos momentos da rotina. Para mim, foi surpreendente e gratificante o grupo demonstrar estes sentimentos, como se verifica na nota de campo n.º 40.

“No final da aula, a professora informou o grupo que poderiam ir para o recreio. A mesma colocou o Z. na cadeira de rodas. A M. e a B. entraram em conflito, uma vez que as duas queriam levar o Z. A professora observou este comportamento e disse que podiam levar as duas, uma de cada lado. (Nota de campo n.º 40).

Concluo esta reflexão semanal, considerando que todas as interações com o grupo ao longo da semana contribuíram positivamente para amenizar o impacto que poderia causar a chegada de um elemento estranho ao grupo. Importa ainda referir que, uma das grandes conquistas desta semana, foi o facto de as crianças me verem progressivamente como uma pessoa da sua confiança, recorrendo a mim inúmeras vezes, tanto para as ajudar a resolver conflitos, exprimir a sua tristeza, como para brincar. Assim, considero que a adaptação foi positiva e que houve uma evolução.

Reflexão semanal n.º 3: 16 a 20 de outubro

Ao fim da terceira semana da minha Prática Profissional Supervisionada II, sinto-me cada vez mais integrada na organização socioeducativa, no grupo e nas rotinas, o que

é muito satisfatório. É notório a ligação de afetividade e segurança que criei com o grupo, mas principalmente com algumas crianças, verificando-se em certos gestos como abraços e brincadeiras (Nota de campo n.º 49). Tendo em conta o decorrer das semanas, vou conhecendo melhor as crianças e percebendo quando estas precisam de carinho e conforto. Gonçalves (2020) refere que as relações interpessoais são fundamentais para o bem-estar das crianças, visto que as crianças precisam de afeto e dão bastante importância a tal. Nestes momentos, sentem-se amadas, o que lhes dá conforto emocional quando surgem emoções desagradáveis.

Nesta semana, realizou-se a primeira reunião de pais deste ano letivo. A educadora cooperante falou comigo com antecedência sobre a reunião e convidou-me a estar presente. Senti-me muito feliz, uma vez que era a primeira reunião de pais que iria assistir e tinha bastante curiosidade e interesse. É importante, enquanto futura educadora de infância, ter contacto com estes momentos, para poder refletir e estar preparada para o dia em que for responsável por um grupo e, quando realizar reuniões sentir-me mais à vontade e menos nervosa. O convite da educadora cooperante fez-me sentir integrada na equipa educativa. Infelizmente, por motivos meteorológicos não me foi possível estar presente, o que me deixou bastante triste por não presenciar aquele momento.

Ao longo da semana, existiram diversas conversas informais com a educadora cooperante sobre a minha PPS II, sobre a atividade que iria dirigir na presente semana, a planificação da próxima semana e as atividades dirigidas por mim com o grupo.

A educadora cooperante e a estagiária durante este momento conversaram acerca das atividades que iriam ser feitas na próxima semana, uma vez que iria ser a semana do Halloween. A estagiária pensou em algumas atividades para realizar com o grupo. A educadora cooperante deu a sua opinião e juntamente com a estagiária definiram os dias que iriam decorrer as atividades, assim como o seu nome, materiais e a maneira como se iria introduzir as mesmas ao grupo. (Nota de campo n.º 58).

Importa salientar que estas conversas permitiram também, a planificação em conjunto, de modo a que todos os intervenientes soubessem o que ia acontecer a cada

instante. Silva et al. (2016) refere que “a participação no planeamento e avaliação de outros profissionais que trabalham com o mesmo grupo de crianças é um dos meios de garantir a coerência do currículo e de ter outros «olhares» sobre a aprendizagem da criança.” (p.16).

No que diz respeito às atividades, Silva et al. (2016) afirmam que, a observação possibilita ao educador planejar propostas que partam dos interesses das crianças, os alarguem e aprofundem. Desta forma, saliento que tenho observado as práticas pedagógicas da educadora cooperante que considero muito positivas e um exemplo, que me levam enquanto estagiária a refletir, melhorar os meus pensamentos e conseguir que nas minhas propostas de atividades consiga ter isso em conta. É fulcral no meu percurso o apoio e a força vinda da equipa educativa, principalmente da educadora cooperante, uma vez que tem demonstrado compreensão, auxiliando-me com o grupo, assim como na realização do relatório final. Roldão (2007) afirma que, o trabalho em equipa deve ser articulado e planeado em conjunto, para se alcançar os objetivos pretendidos.

Na terceira semana de PPS II, dirigi a minha primeira atividade com o grupo (Nota de campo n.º 55), assim como a leitura de uma história. A minha intervenção permitiu-me conhecer melhor o grupo e que este me visse como o adulto responsável pela atividade e, desse modo correspondesse ao que era solicitado por mim. Ao iniciar a leitura da história, achei que seria difícil controlar o grupo, no entanto para surpresa o grupo demonstrou-se bastante interessado, estando atento e concentrado. Durante a atividade de expressão plástica, o grupo seguiu as minhas orientações, solicitou a minha ajuda e demonstrou prazer ao concretizar a pintura.

Na presente reflexão considero importante salientar que no grupo existe alguns conflitos e no decorrer das semanas tenho notado cada vez mais os mesmos a acontecer, sendo que estes acontecem na maioria na partilha de brinquedos ou no momento de brincadeira livre, levando a ações como empurrar e bater. Primeiramente, quero destacar a importância destes momentos de brincadeira livre, onde existe a interação entre pares, e é possível observar diversas características de cada criança. De acordo com Assis et al. (2015), é através das brincadeiras e destes momentos espontâneos que se promovem

relações sociais entre pares, assim como a existência de regras de convivência, dá-se a intervenção na produção cultural.

Neste sentido a interação uns com os outros leva a conflitos, tal como menciono na nota de campo que cito de seguida.

O V. tirou o brinquedo ao R. Este começou a chorar e a magoar o V., a estagiária observou este comportamento.

ESTAGIÁRIA: R. anda cá! Não magoes o V., ele tirou-te os brinquedos eu vi e quando é assim falas comigo ou com a educadora M., não aleijes os amigos. V. não tires os brinquedos aos amigos, existem muitos na sala e chega para todos.

Mais tarde, o A. dirigiu-se à estagiária.

A.: Joana, a S. não me deixa brincar.

ESTAGIÁRIA: S. dá para brincarem os dois, deixa o A. brincar.

A.: Joana, a S. e o T.M. chamaram-me de queixinhas (Nota de campo n.º 45).

O papel do adulto na resolução de conflitos é fundamental, visto que os mesmos têm de ter estratégias e mecanismos que auxiliem as crianças a resolverem os conflitos. Considero que o papel do adulto na gestão de conflitos deve funcionar como um mediador, deve manter uma atitude calma, reconhecer os sentimentos das crianças envolvidas, perceber o que levou a que ocorresse aquele conflito e conversar com as crianças. Na nota de campo que cito anteriormente, o A. recorreu a mim para lhe transmitir calma, sendo que não estava muito importada com o brinquedo em si, mas sim com a situação, procurando assim um momento de conforto por parte de um adulto e que o auxiliasse a revolver o conflito com as restantes crianças.

Para além deste conhecimento que vou tendo das crianças, considero essencial referir que a criança “não se desenvolve e aprende apenas no contexto de educação de infância, mas também noutros em que viveu ou vive, nomeadamente no meio familiar, cujas práticas educativas e cultura própria influenciam o seu desenvolvimento e aprendizagem.” (Silva et al., 2016, p. 9). Neste âmbito, considero fulcral que a equipa educativa crie relações próximas com as famílias, reconhecendo a sua importância no

desenvolvimento e no sucesso das aprendizagens das crianças (Silva et al., 2016). O que me leva a concluir a mais valia do trabalho articulado entre a equipa educativa e a família. É, então importante estar atento a tudo o que as crianças nos dão, tudo o que seja significativo para estas e a partir daí planificar. A educadora cooperante todas as semanas, envia para os pais um ficheiro digital chamado “correio”. Este é realizado pela mesma, composto por fotografias e texto, com o objetivo de partilhar às famílias o que aconteceu durante a semana anterior.

Concluo esta reflexão semanal, concretizada e contente pela minha intervenção e evolução com o grupo.

Reflexão semanal n.º 4: 23 a 27 de outubro

Para dar início a esta reflexão, considero pertinente caracterizar a quarta semana de PPS II. Caracterizo a quarta semana em duas palavras: intervenção e evolução. Ao longo da semana, dinamizei duas atividades com o grupo, fiz a leitura de uma história e intervi em vários momentos da rotina do grupo. A minha intervenção nesses momentos partiu da minha própria iniciativa, dessa forma é importante confessar que cada dia, sinto uma ligação maior com o grupo e este demonstra a confiança que têm em mim. Considero que aproveito todas as oportunidades para criar interações com as crianças, para que estas me conheçam melhor e vice-versa. Realço ainda, que existem crianças, sendo essas uma minoria no grupo, que ainda não me deram oportunidade de as conhecer, brincar e interagir. Enquanto estagiária respeito a vontade e o espaço de cada criança, uma vez que todas as crianças têm o seu tempo, espaço e são todas diferentes. Todos os dias procuro estratégias para conhecer e aproximar-me dessas crianças, com intenção de criar uma ligação.

Desde o início da PPS II que observo e presto atenção a cada detalhe da sala de atividades, como está organizada, decorada e as diferentes áreas. As paredes e a própria decoração da sala de atividades é feita com trabalhos/produções das crianças, o que considero um elemento fulcral. Na nota de campo n.º 73, pode-se verificar que a educadora cooperante dirige atividades com intenção de decorar a sala de atividades com

a participação das crianças. E mesmo não sendo essa a sua primeira intenção, todas as produções das crianças, seja em atividades dirigidas pela educadora cooperante ou por mim, são colocadas nas paredes da sala de atividades.

Neste sentido, importa refletir acerca da importância de expor as produções das crianças na sala de atividades. Segundo Silva et.al. (2016), o educador deve expor os trabalhos das crianças, sendo que estas devem estar envolvidas na escolha dos mesmos e na definição dos critérios estéticos da apresentação dos trabalhos em si. Após refletir acerca deste tema, considero essencial antes de expor as produções das crianças nas paredes, reunir e conversar com as mesmas acerca do que preferem colocar e como querem fazer, onde a voz delas irá ser sempre a que será levada em conta. Para além da comunicação entre pares e do orgulho que cada criança sente ao observar o seu trabalho exposto na sala de atividades, é também algo que faz parte da aprendizagem das crianças, sendo esta uma das etapas importantes do processo de aprendizagem. Importa realçar que uma das paredes da sala de atividades, que está virada para o recreio é de vidro de cima a baixo, o que torna possível todas as pessoas observarem as produções que estejam na parede do lado de fora da sala. Ademais, Cardona (2007) afirma que as paredes das salas de atividades também “falam” e que o que está exposto nas paredes é também um indicador de reflexão acerca das práticas educativas desenvolvidas pelo educador de infância.

A gestão de conflitos no grupo é um tema que ao longo das reflexões tenho vindo a refletir. Este tema tem um especial grau de importância, dada a faixa etária, pois é na infância que as crianças adquirem aprendizagens que irão precisar no futuro. O papel do adulto na resolução de conflitos nesta faixa etária é fulcral. Observando o grupo, foi possível verificar que muitas vezes as próprias crianças sabem resolver os conflitos sozinhas, não havendo sempre a necessidade de o adulto intervir, o que de certa forma comprova que é um grupo bastante autónomo. Portugal (2000) defende que o educador deve dar tempo e liberdade às crianças para resolverem os seus problemas, dando-lhes oportunidade para negociar, promovendo, a autonomia das mesmas, sendo algo que irá ter consequências no desenvolvimento da sua autoestima e confiança. Se o educador intervir, não deve adotar uma postura agressiva, como aumentar o tom de voz, dizer que

a criança assim não terá mais amigos ou ameaçá-la com punições, mas sim manter a calma e explicar a forma correta de resolver o problema.

Ainda acerca dos comportamentos do grupo, embora haja conflitos entre pares que chegam muitas vezes a pequenas agressões, o mesmo revela espírito de ajuda, cooperação, respeito e amizade. Durante a semana registei três momentos, no qual é possível verificar-se o que referi anteriormente. O primeiro registo, na nota de campo n.º 68.

A M. é uma das crianças mais novas e necessita de apoio para ir até ao dormitório. O A. é dos meninos mais velhos e demonstrou o seu apoio à M., dando-lhe a mão e tendo a preocupação se a mesma estava bem e conseguia subir as escadas. (Nota de campo n.º 68).

O segundo registo, na nota de campo n.º 78.

O grupo realizou o vídeo. A maioria das crianças chegou à sala de atividades no início da manhã a dizer que sabiam que era o dia do aniversário do M.T., demonstrando que são um grupo unido e preocupado uns com os outros. (Nota de campo n.º 78).

O terceiro registo, na nota de campo n.º 82.

“GRUPO DE CRIANÇAS: O Z. é lindo. O Z. é lindo.

A educadora cooperante repetiu a frase com o grupo diversas vezes. O Z. demonstrou-se contente.”

Enquanto estagiária, observei o grupo nestes momentos e considerei fulcral refletir acerca do registo de comportamento do grupo, pois existem diversos conflitos entre pares, mas este é também um grupo bastante unido, ajudam-se e existe amizade entre as crianças. É pertinente realçar que existem crianças que já se conheciam, uma vez que é o segundo ano juntas na mesma sala, no entanto a maioria das crianças entrou no jardim de infância este ano letivo.

Ainda nesta semana, tanto a educadora cooperante como a estagiária fizeram a leitura de histórias para o grupo. As mesmas eram adequadas à faixa etária das crianças e

abordavam conteúdos conhecidos por estas e do seu interesse, uma vez que na presente semana se iria trabalhar esse tema. A leitura de histórias com o grupo já tinha acontecido em semanas anteriores, mas considerei pertinente refletir sobre este momento após observar mais algumas vezes. O principal aspeto a refletir, diz respeito ao comportamento do grupo quando ouvem histórias, nomeadamente a concentração e o interesse. É possível afirmar que, o grupo revela bastante interesse e entusiasmo. Durante a leitura de histórias, o grupo demonstra-se concentrado, participativo e interessado. Na nota de campo n.º 80 é possível verificar-se o comportamento do grupo quando é lida uma história.

Os momentos de leitura de histórias na infância são potenciadores de aprendizagens que contribuem tanto para a aquisição da literacia como para “o desenvolvimento de competências cognitivas, linguísticas, estéticas, socioafetivas e emocionais.” (Mendes & Velosa, 2016, p. 118). Desse modo, é de extrema importância o educador proporcionar momentos de leitura de histórias, assim como a exploração de livros que permitam adquirir hábitos de leitura, sendo através dos mesmos que se descobre “o prazer da leitura e desenvolve a sensibilidade estética” (Silva et al., 2016, p. 66). Enquanto estagiária, uma das minhas principais intenções consiste em proporcionar diversos momentos de audição de histórias, de forma a promover o contacto com a literacia.

Para concluir, considero que esta semana me permitiu refletir acerca de diversos aspetos importantes para o decorrer da minha PPS II.

Reflexão semanal n.º 5: 31 de outubro a 03 de novembro

A quinta semana de prática profissional supervisionada II, foi uma semana não letiva na organização socioeducativa, ou seja, o grupo não tem as aulas de inglês, ginástica, teatro e música. Para além disto, os educadores não realizam atividades com as crianças e, conseqüentemente não se faz o planeamento semanal, nem o correio da semana. Durante a presente semana houve um feriado nacional, tornando os dias de PPS II mais reduzidos.

Neste sentido, não existindo atividades, o grupo passou a maior parte do tempo a brincar. No entanto, a educadora cooperante na segunda-feira pediu-me que dinamizasse o acolhimento com o grupo. Este consistiu na marcação das presenças, na divisão das tarefas e na leitura de uma história (Nota de campo n.º 91). Na terça-feira, por minha iniciativa, pensei numa história que fosse ao encontro dos interesses das crianças. Li a história e dinamizei novamente o acolhimento (Nota de campo n.º 96). Neste sentido, considero pertinente refletir acerca dos pequenos momentos de intervenção com o grupo. Dirigir um momento da rotina ou uma atividade com o grupo é essencial para o meu processo de aprendizagem, faz-me ganhar maior sentido de responsabilidade e confiança em assumir o grupo. Ao longo das semanas, já dinamizei diversos momentos da rotina, assim como atividades. É importante referir, que após todos esses momentos sinto-me cada vez mais segura, confiante e à vontade. Outro fator que proporciona estes sentimentos em relação à minha intervenção, é o apoio da educadora cooperante e da auxiliar de ação educativa. Demonstrem-se sempre disponíveis para me auxiliar em todos os momentos necessários. Este apoio por parte da equipa educativa, deixa-me confortável, segura e confiante (Nota de campo n.º 96).

Como referido anteriormente, na presente semana o grupo passou a maior parte do tempo a brincar, tanto na sala de atividades como no espaço exterior (recreio). Dessa forma, na presente reflexão considero essencial refletir e abordar o que penso ter sido mais significativo ao longo da semana, isto é, o brincar e a importância do mesmo no jardim de infância.

O brincar é uma “atividade espontânea da criança, que corresponde a um interesse intrínseco e se caracteriza pelo prazer, liberdade de ação, imaginação e exploração.” (Silva et al., 2016, p. 105). De acordo com Kishimoto (2010), “o brincar é uma ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança; dá prazer, não exige como condição um produto final; relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades e introduz a criança no mundo imaginário.” (p. 1). O brincar deve ser visto como algo que dá prazer à criança e como um direito (Kishimoto, 2010). E ainda, o brincar é uma “ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver.” (Kishimoto, 2010, p.1).

Indo ao encontro dos autores, considero que o brincar vai muito além de uma forma de ocupar ou entreter uma criança, é uma atividade extremamente rica para o desenvolvimento integral da criança, tendo um papel fundamental no jardim de infância. As crianças ao brincarem estabelecem relações entre si e também com o/a educador/a, “facilitando o desenvolvimento de competências sociais e comunicacionais e o domínio progressivo da expressão oral.” (Silva et al., 2016, p. 11).

O acesso ao espaço exterior é um direito de todos (Folque, Bettencourt & Ricardo, 2015). As crianças ao contactarem com a natureza e ao estarem ar livre têm a oportunidade de vivenciar momentos de exploração, que promovem aprendizagens (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013). Machado (citada por Moreira, 2018) afirma que, as experiências com os elementos naturais possibilitam inúmeros aspetos positivos para as crianças, como: a autonomia e segurança; o conhecimento do próprio corpo; as habilidades motoras, destreza e equilíbrio corporal; imaginação e fantasia; o interesse e encantamento pelo mundo; e a vitalidade e saúde.

Na rotina diária do grupo, o tempo dedicado ao brincar (dentro e fora da sala de atividades) é uma das prioridades, o que se verificou ao longo das semanas. Na sala de atividades, as crianças brincam de manhã após a reunião de grupo e em simultâneo com as atividades dirigidas pela educadora cooperante e à tarde, optando essencialmente pelas áreas do faz de conta, da garagem, dos jogos de mesa. Para além disto, as crianças durante o momento de brincar realizavam diversas vezes desenhos por iniciativa própria. Nas áreas mais procuradas existem materiais como carros, utensílios de cozinha, roupas e puzzles, que na minha opinião são impulsionadores da colaboração entre pares e com os adultos.

No espaço exterior, que inclui bolas, duas casinhas, roupas, objetos ligados à casinha, peças para construções, bicicletas e trotinetes, as crianças, brincam quer sozinhas quer em pequenos grupos. Geralmente, o grupo vai para este espaço de manhã, durante o acolhimento, antes do almoço e à tarde. Este momento é partilhado com as crianças de outras salas, o que permite brincadeiras cooperativas entre salas (Nota de campo n.º 98).

Ademais, considero o envolvimento do adulto nas brincadeiras das crianças, desde que não seja intrusivo, fulcral, uma vez que traz diversas vantagens, na medida em que se está a efetivar as relações. Através deste envolvimento, o adulto consegue perceber algumas das aquisições das crianças, interesses e formas de perspetivar o mundo, pelo que esta ação tem feito parte da minha prática (Nota de campo n.º 93). Segundo Silva et al. (2016), “a participação do/a educador/a, desde que não se sobreponha às intenções da criança, permite alargar e enriquecer o brincar.” (p. 105).

Por fim, importa realçar que, se o brincar permite aos adultos percecionarem o modo como as crianças percecionam o mundo, significa que quando a criança brinca, as suas ações revelam a construção de tudo aquilo que vivencia da cultura na qual está inserida, em conjunto com a sua interpretação (Monteiro & Delgado, 2014). É, portanto, através da brincadeira que a criança aprende o mundo que a rodeia.

Reflexão semanal n.º 6: 06 a 10 de novembro

Concluída a sexta semana de PPS II, é importante mencionar a minha intervenção com o grupo. Ao longo da semana, uma grande parte da rotina das crianças, assim como as atividades realizadas com o grupo foram dirigidas por mim. A assumir o grupo em diversas situações do seu dia a dia, garantiu-me uma maior aproximação deste e possibilitou-me a criação de uma relação afetiva com algumas crianças, que até ao momento ainda não tinha tido essa oportunidade. Refletindo acerca do meu papel enquanto estagiária no decorrer desta semana, considero que consegui alcançar o que é esperado na PPS II. É pertinente mencionar que durante a semana, a equipa educativa esteve sempre a apoiar-me e a auxiliar-me no que fosse necessário, o que me transmitiu segurança e confiança.

Para iniciar esta reflexão, penso que é essencial refletir sobre a evolução do grupo desde o início do estágio até ao dia de hoje. A principal evolução, diz respeito à interação comigo. É visível que ao longo das semanas foi criada uma ligação das crianças comigo. O grupo, na sua maioria, existindo sempre crianças que são mais reticentes e que necessitam do seu tempo, demonstra afeto e transmite-me que está seguro e protegido.

A L.P dirigiu-se à estagiária e deu-lhe um abraço.

L.P.: Quero ir para a sala agora.

ESTAGIÁRIA: Temos de esperar que a auxiliar de ação educativa diga que é para ir.

A L.P começou a brincar com a estagiária, dando-lhe as mãos, mexendo nos bolsos do seu casaco e na cara. A S. aproximou-se e começou a brincar também com a estagiária. (Nota de campo n.º 108).

Em momentos de fragilidade ou de frustração as crianças recorrem a mim para as acalmar e dar conforto. De acordo com Portugal (2017), o desenvolvimento de relações afetivas estáveis, confortantes e respeitosas entre adulto-criança, facilita a vivência de sentimentos de bem-estar das crianças, tornando-as recetivas para interagir entre pares e com o mundo. A existência desta relação afetiva é bastante importante para o meu percurso na minha PPS II, e em tudo o que a envolve.

Ao longo destas seis semanas, observei os comportamentos e a autonomia das crianças, relativamente ao momento da refeição, mais especificamente no almoço. Chegando ao fim da sexta semana, considero ser de extrema importância refletir acerca da temática da alimentação, pois este é um assunto sobre o qual me questiono diversas vezes.

Antes de mais, menciono a nota de campo n.º 107²⁹, uma vez que é essencial para a presente reflexão. Depois, parece-me relevante referir a autonomia das crianças – todas as crianças conseguem comer sozinhas utilizando a colher, garfo e faca. Desde a primeira semana que me fui apercebendo dos constrangimentos alimentares de algumas crianças, tendo também a oportunidade de conferenciar com a equipa educativa acerca dos mesmos. Algumas das crianças da sala demonstram alguma renitência relativamente a

²⁹ Ao almoço, algumas crianças demonstraram preguiça para comerem sozinhas. A estagiária auxiliou-as, assim como as motivou a comer sem ajuda. Algumas das crianças mais novas necessitam do auxílio dos adultos para comer a sopa. A estagiária antes de ajudar, arranja estratégias para estas comerem sozinhas, motivando-as. Ademais, existem crianças com algumas renitências relativamente a certos alimentos. Estas diversas vezes verbalizam a frase “não gosto disto” e demonstram-se tristes. A estagiária conversa com as crianças, tentando que estas comam e que primeiro provem. (Nota de campo n.º 107).

certos alimentos - o S. não come a fruta inteira, apenas fruta passada, preparada pelos responsáveis da confeção da comida na organização socioeducativa; a L.P. por vezes também é renitente no que se refere ao tipo de comida e fruta; as crianças demonstram alguma renitência em comer verduras, por exemplo a salada.

Brazelton (1995) refere que “forçar uma criança a comer é o modo mais eficaz para criar um problema.” (p. 329), pelo que considero, quando uma criança não aprecia um dado alimento não devemos forçá-la a comer, sendo essa a minha intenção enquanto estagiária. No entanto, não se deve desistir logo da criança à primeira recusa, é importante conversar com a mesma acerca da importância de comer o respetivo alimento e quando nunca provou, incentivá-la a provar. Se esta continuar a não querer comer, não forçar. Para além disto, procuro ao máximo que a criança seja autónoma durante este processo.

Durante a refeição, eu e a equipa educativa auxiliamos o grupo. Para além da entrega dos pratos, fruta e levantar a louça utilizada, a equipa educativa auxilia as crianças que demonstram mais dificuldades em comer. É importante realçar que a equipa educativa ao ajudar as crianças, tenta que estas sejam autónomas. Em situações em que as crianças não gostam da comida ou algum tipo de alimento, conversa-se com as mesmas para que estas provem e comam uma pequena porção.

A presença da educadora cooperante durante o almoço é importante, no sentido, de garantir um ambiente mais harmónico de aprendizagem e sociabilidade. Neste sentido, a educadora deve: não apressar nenhuma criança a comer; incentivar as crianças a consumirem toda a comida que lhes oferecem; usar a refeição como uma oportunidade para realizar educação alimentar; não usar a refeição como uma recompensa/castigo para a criança (Zaccarelli & Philippi, 2005).

Rocha e Ferreira (2016) afirmam que uma das causas que leva as crianças a criarem renitência a certos alimentos deve-se ao facto de as famílias cada vez mais passarem a responsabilidade da alimentação para os educadores. Verifica-se assim, a importância do Jardim de infância na questão da alimentação, assim como o papel dos educadores de infância. “Além dos pais, as educadoras de infância são também adultos significativos nos quotidianos infantis em matéria alimentar (...), numa fase em que a

autonomia do ato de comer e a experiência alimentar ainda não estão consolidadas.” (Rocha & Ferreira, 2016, p. 130). O trabalho entre família e jardim de infância deve ser articulado, por exemplo, quando se introduz o garfo e a faca. Este processo deve ser trabalhado tanto na escola como em casa (Rocha & Ferreira, 2016).

Concluo então que “os hábitos alimentares aprendidos durante a infância determinam os comportamentos alimentares na idade adulta” (Direção-Geral do Consumidor. Associação Portuguesa de Nutricionistas, 2013, p.4), desempenhando todos aqueles que estão à volta da criança, sejam eles equipa educativa, família ou grupo de pares, papéis importantes neste processo. É fulcral o modo como as refeições são conduzidas, tanto na qualidade como na quantidade de alimentos oferecidos, bem como no ambiente físico e emocional que os adultos proporcionam às crianças (Holland, 1999).

Reflexão semanal n.º 7: 13 a 17 de novembro

A reflexão da sétima semana incide principalmente na autonomia e na participação ativa das crianças na sua aprendizagem. A presente reflexão, não remete apenas a esta semana, mas sim no que observei até ao momento, o facto das crianças terem voz em todo o seu processo de aprendizagem. É importante para mim saber que o local onde me encontro a estagiar vai ao encontro de um dos valores que eu respeito e pretendo aplicar ao longo da minha prática pedagógica. No decorrer das semanas, compreendi o quão importante é para as crianças participarem nas atividades, nas tarefas e na rotina ao longo do dia.

Em primeiro lugar considero essencial definir o que é a participação. De acordo com Tomás e Gama (2011) “o conceito de participação, deriva da palavra latina participare que significa “fazer saber” (p.3). Os mesmos autores acrescentam ainda que as crianças devem ser incluídas em todo o processo, negociando com o adulto para que a prática seja adequada e completa. É fulcral existir momentos onde a criança faça parte do seu processo de aprendizagem, onde tenha voz e onde partilhe os seus interesses com os adultos que a rodeiam.

Na rotina do grupo, da sala B., no momento do acolhimento, é feita a divisão das tarefas com as crianças, sendo essas: o chefe do dia, o professor zen, o ajudante na sexta e contar a história. Na nota de campo n.º 126, podemos verificar o registo de um momento do acolhimento.

De seguida, sentou-se numa cadeira em frente ao grupo e realizou a divisão das tarefas com o mesmo. Algumas crianças perguntaram diversas vezes “posso ser eu o chefe do dia?”

F.D.: Quem pede, não vai.

A criança responsável por ser o “chefe do dia” contou as crianças presentes, as que estavam a faltar e preencheu o mapa do tempo. A seguir, a criança escolhida para ser o “professor zen” dinamizou o pequeno momento de relaxamento com o grupo. (Nota de campo n.º 126).

A divisão das tarefas é sempre um momento em que as crianças demonstram bastante interesse e entusiasmo, é apreciado por todas as crianças e todas desejam ansiosamente ser responsáveis por uma das tarefas. A participação das crianças nas diferentes tarefas proporciona o desenvolvimento de diversas competências essenciais, nomeadamente, a autonomia, a cooperação, a liderança, a responsabilidade, entre outras. Nesta linha de ideias, Tomás e Fernandes (2013) acrescentam, que é importante que se valorize a ação e a autonomia das crianças e que estas não estejam só à submissão do conhecimento adulto.

O adulto realiza a divisão de tarefas todos os dias. O chefe do dia, entre todas as tarefas, é aquela em que as crianças demonstram mais interesse e prazer em ser responsáveis. Através desta, a criança será a responsável por fazer a contagens das crianças e preencher o respetivo mapa, analisar o tempo, ir buscar e entregar o lanche na cozinha, entregar os pratos com a fruta ao restante grupo, assim como os levantar no fim do lanche, entre outros.

Para além das tarefas do grupo da sala B., a organização socioeducativa organiza iniciativas que promovem a autonomia e a participação da criança: à segunda-feira, as

crianças mais velhas dirigem-se ao refeitório e colocam a mesa (copos, guardanapos e talheres) para o almoço.

As crianças, ao longo de toda a semana participam ativamente em todos os momentos da rotina e nas atividades. Segundo a Convenção sobre os Direitos da Criança

os Estados Partes garantem à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe respeitem, sendo devidamente tomadas em consideração as opiniões da criança, de acordo com a sua idade e maturidade. (UNICEF, 1990, n. ° 1 do artigo 12.º, p. 13).

Lansdown (2005) refere que existem três graus de participação das crianças: processos consultivos, em que são os adultos que iniciam e dirigem, impedindo as crianças de controlarem os resultados; processos participativos, estes são dirigidos pelos adultos, no entanto, implica alguma ação das crianças; e processos autónomos, em que as crianças são as protagonistas e o adulto assume apenas o papel de mediador.

Ao existir um processo autónomo, as crianças vão aprender a viver em grupo, a cooperar com os outros, a ser autónomas na distribuição de tarefas e na gestão de problemas. Desta forma, só irão recorrer ao adulto, se for necessário, como mediador. O grupo de crianças, revela bastante autonomia nas pequenas tarefas individuais como: vestir/despedir, calçar/descalçar, comer, encher a garrafa com água, lavar as mãos, ir à casa de banho, entre outras.

Como futura educadora de infância considero este tipo de participação essencial e pretendo ao longo da minha prática que as crianças sejam ativas em todos os momentos de aprendizagem. É importante que seja dado espaço às crianças no seu dia a dia, para desenvolverem a capacidade de tomar decisões. Também devemos integrar as vozes das crianças na prática pedagógica, ouvindo-as, valorizando-as e respeitando as suas opiniões. Estas devem escolher o que querem fazer, onde e como, participando no planeamento e na avaliação do currículo (Sarmiento et al., 2007), tornando-as o principal agente da sua aprendizagem.

Para concluir, considero importante realçar que na presente semana o grupo iniciou o projeto, que surgiu a partir do interesse deste sobre os indianos. As crianças começaram pela construção da teia, no qual responderam às perguntas “o que pensamos saber” e “o que queremos saber”.

Reflexão semanal n.º 8: 20 a 24 de novembro

Terminada a oitava semana de Prática Profissional Supervisionada II, é fundamental realçar os momentos mais marcantes para mim, enquanto estagiária, ao longo dos dias.

Durante a semana iniciei o projeto “Os indianos” com o grupo. O tópico do projeto surgiu a partir de uma pergunta das crianças. Seguidamente existiu uma conversa com as mesmas para entender a dimensão do interesse destas, pelo respetivo tópico. Concretizar um projeto com o grupo no último estágio do meu percurso académico, foi para mim essencial, interessante e motivador. Refletindo acerca do trabalho pensado e delineado ao longo da semana, considero que correu de forma positiva e sinto-me satisfeita com tudo o que elaborei. Neste projeto, assim como em todos, o principal objetivo é responder aos interesses do grupo, tendo sempre em conta as suas potencialidades e fragilidades.

No decorrer da semana e não só, desde o primeiro dia de PPS II, considero que é fulcral refletir acerca da importância de integrar na minha prática educativa as crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE). A meu ver é um tema bastante sensível e dessa forma tento abordá-lo com algum cuidado.

No início, conheci as crianças que pertencem ao meu grupo e com as quais ia percorrer em conjunto este caminho. Fui informada que uma das crianças, o Z., estava diagnosticado como tendo NEE. Devo confessar que num primeiro momento senti-me um pouco receosa, pois tinha medo de não conseguir responder às necessidades do Z. No entanto, à medida que o fui conhecendo e com o passar da Unidade Curricular de Necessidades Educativas Especiais e Intervenção Precoce, fui reajustando a minha prática.

Antes de mais, considero fundamental referir que tal como todas as crianças do grupo têm características distintas, também o Z., as tem. O Z. é uma criança que interage com frequência com o adulto³⁰, e um dos seus interesses passa por explorar o meio envolvente, como objetos, alimentos, entre outros. O Z. não comunica verbalmente, tem bastantes dificuldades físico-motoras e rigidez nos músculos, tendo de se mover com auxílio de um adulto. É uma criança meiga e sociável que interage com as restantes crianças e adultos. Relativamente, ao restante grupo de crianças é de salientar a sua preocupação com o seu bem-estar e em integrar o Z. nas brincadeiras. As crianças têm conhecimento que o Z. é uma criança com algumas necessidades e são as próprias a tomarem iniciativa de o auxiliar em diversos momentos da rotina. Ao longo das semanas, observar os diversos comportamentos das crianças com o Z., foi bastante gratificante e curioso.

As características evidenciadas remetem-nos de facto para a Paralisia Cerebral. Ora, de acordo com Proença (2011),

a paralisia cerebral (PC) é o termo usado para designar um grupo heterogéneo de síndromes neurológicas resultantes de uma lesão nos primeiros momentos do desenvolvimento de um indivíduo. Importa acrescentar, que estas dificuldades variam de acordo com a natureza e extensão da lesão original, podendo ocorrer diferentes dificuldades entre elas, as motoras, os problemas sensoriais, neurológicos e ou déficits cognitivos. (p. 5).

Rotta (2000, citado por Proença, 2011) caracteriza a Paralisia Cerebral como uma perturbação persistente ao nível do tronco, da postura e do movimento que surge na infância de uma criança. Esta condição, por norma ocorre por consequência de uma lesão não evolutiva do encéfalo. Contudo, também pode surgir devido a dificuldades neurológicas, apesar de estas acontecerem com menos frequência. A autora refere ainda, que os sintomas motores presentes podem-se associar a outros sintomas, como por

³⁰ A estagiária realizou o jogo com o Z., atirando-lhe o peluche. Este agarrava, dava um beijinho e devolvia o peluche à estagiária. (Nota de campo n.º 136).

exemplo, à deficiência mental, à epilepsia, às perturbações da linguagem, da audição, da visão, entre outras.

A meu ver, torna-se fulcral que os adultos responsáveis por estas crianças, assim como qualquer outra criança, em conjunto delineiem estratégias que facilitem a integração desta na sua vida em sociedade, tendo em atenção que cada criança tem as suas características individuais e as suas próprias necessidades. Todas as crianças do grupo demonstram preocupação pelo Z. e deste modo tentamos que por vezes seja estabelecido alguma comunicação entre o Z., o adulto e as outras crianças durante as atividades na sala, essencialmente nas atividades de expressão plástica.

Assim, no que se refere à intervenção adequada a crianças com Paralisia Cerebral, de acordo com Dormans et al. (citado por Proença, 2011),

as formas de intervenção precoce mais utilizadas são o exercício terapêutico, as técnicas motoras neuro comportamentais, a educação da conduta e as técnicas relativas às adaptações específicas do meio em que se encontra inserida a criança com esta perturbação neuromotora. (p. 15).

A intervenção precoce e adequada auxilia a criança a conseguir um desenvolvimento otimizado para a sua condição de vida e, por outro lado, as pessoas envolventes na vida da criança vivam maiores graus de estabilidade e segurança (Dormans et al., citado por Proença, 2011).

Posto isto, importa referir que a criança é acompanhada por um terapeuta ocupacional, um terapeuta da fala, fisioterapeuta, tem sessões de hidroterapia, técnicas aumentativas e alternativas de comunicação, Cuevas Medek Exercise e estimulopraxis. A meu ver, a organização socioeducativa é adequada e adaptada a crianças com NEE, tem diversos recursos e profissionais que prestam apoio ao Z., assim como às restantes crianças abrangidas pela NEE. Para além disso, a equipa educativa da sala procura estratégias de inclusão e de desenvolvimento com o Z. Em todas as atividades realizadas com o grupo de crianças, o Z. participa, sem nunca ficar excluído. Na presente semana, no dia do pijama a educadora cooperante concretizou diversos jogos com as crianças e em todos os jogos o Z. jogou com apoio da equipa educativa.

Concluo, então, que é importante o educador de infância adequar a sua prática educativa a todas as crianças, de modo a potenciar aprendizagens. Todas as crianças são diferentes, no entanto todas têm o direito de aprender, mesmo que os meios sejam diferentes, os fins têm de ser os mesmos. É nisto que acredito e é isto que penso ter feito até ao momento enquanto estagiária e que procuro fazer enquanto futura profissional de educação. A diferenciação pedagógica é um desafio sim, mas é uma forma de assegurar que as necessidades de todas as crianças são satisfeitas.

Para terminar a presente reflexão, realço mais uma situação que me marcou no decorrer da semana. A educadora A. realizou uma atividade sensorial com o grupo, esta faz todos os meses um atelier sensorial com as crianças de todas as salas. Foi bastante interessante observar esta iniciativa. As atividades de exploração, que proporcionam a estimulação dos cinco sentidos das crianças são imprescindíveis no seu processo de desenvolvimento. Oliveira-Formosinho e Araújo (2013) defendem que as descobertas iniciais sobre si e sobre o que as rodeia resultam da ação, através dos cinco sentidos. Desse modo, é de extrema importância que os adultos disponibilizem materiais estimulantes, garantindo que “a criança tenha constantemente estímulos novos que mantenham um elevado grau de apelo sensorial.” (p. 54).

Reflexão semanal n.º 9: 27 de novembro a 01 de dezembro

A presente reflexão está relacionada com o que foi para mim mais importante e significativo ao longo desta nona semana de prática profissional supervisionada II. Durante a semana, a organização socioeducativa vivenciou, um dia diferente, todas as crianças foram ao teatro. Neste dia, observei diversos comportamentos das crianças, por consequência da alteração da sua rotina como sono, agitação e fome. Dessa forma, considero pertinente abordar a importância da rotina e o impacto que as alterações feitas na mesma podem causar nas crianças.

De acordo com Formosinho (2013), a organização do tempo e do espaço deve estar incluída nas atividades diárias, em torno de um horário e de rotinas, que proporcionem às crianças a sensação de controlo e segurança. É de extrema importância

que o educador estabeleça uma rotina. Essa rotina permitirá às crianças identificar que o dia está dividido em diversos momentos (Silva et al., 2016). Assim, a criança ao conhecer os diferentes momentos que constituem o seu dia, torna-se mais autônoma. Neste sentido, Cardona (1992) refere que a existência de uma explicitação clara da rotina diária, é fulcral para que a criança se consiga orientar ao longo do dia, sem necessitar de estar constantemente dependente do adulto para saber o que é que vem a seguir.

É importante referir que as crianças do grupo que estou a acompanhar na PPS II, têm consciência da rotina diária que vivenciam na organização socioeducativa, pois quando vão comer a fruta questionam se podem ir buscar a mesma à cozinha e quando terminam questionam se podem ir brincar no recreio. Estes comportamentos acontecem, uma vez que se trata de algo que é habitual.

Formosinho (2013) afirma que, o dia deve ser organizado de acordo com uma rotina respeitadora do bem-estar, que proporcione aprendizagens às crianças e com a sua participação em todos os momentos. Na organização socioeducativa, mais concretamente na Sala B, a rotina geral da sala é a seguinte: de manhã as crianças são recebidas no recreio (exceto se as condições meteorológicas não o permitirem); das 09h às 09h15m acontece o acolhimento; de seguida, as crianças vão para a sala, realizam a reunião em grande grupo e concretizam a planificação do dia - atividades e projeto até às 10h45m (podem existir atividades e momento de brincadeira em simultâneo); até às 11h, as crianças comem a fruta; até à hora do almoço, perto das 11h45m vão novamente para o recreio; higiene e almoçam até ao 12h30; depois, as crianças são divididas, as mais novas fazem a sesta até às 15h, as outras brincam até às 14h; até às 15h as crianças participam no projeto da hora dos quatro e cinco; após o repouso e o projeto, as crianças até às 16h ficam na sala ou participam nas atividades extracurriculares. Por fim, as crianças vão lanchar e ficam até à saída no recreio. Considero a entrada e a saída das crianças momentos importantes para a troca de informações entre a equipa educativa e as famílias.

A rotina geral das salas de pré-escolar pode ser alterada conforme as necessidades e interesses das crianças, verificando-se essa alteração na ida ao teatro³¹. Para além disto, importa referir que diariamente, existem diversos tempos dedicados ao brincar, sejam eles no interior da sala, ou no exterior, o que considero uma mais valia.

Com tudo o que foi mencionado acima, é possível afirmar que a existência de uma rotina é fundamental para a criança, no entanto, “o existir de uma rotina definida não é forçosamente sinónimo de rigidez.” (Cardona, 1992, p.10). A rotina deve ser definida tendo em conta as crianças, sendo priorizado o seu carácter flexível e individual em determinados momentos. Considero, então, de extrema importância que, a equipa educativa conheça as necessidades e interesses do grupo a fim de promover uma rotina individualizada e adaptada às crianças.

Igualmente importante, o educador deve explicitar e negociar com o grupo as alterações feitas na rotina, para que ao longo do dia as crianças se orientem autonomamente (Cardona 1992). Neste sentido, e tendo em conta que esta semana as crianças foram ao teatro, parece-me pertinente refletir ainda acerca da interferência deste tipo de dias na rotina da criança. Ora, este foi um dia em que as crianças estiveram a parte da manhã fora da organização socioeducativa e os horários de comer a fruta, higiene e almoço foram diferentes. Para além disto, o local de almoço também sofreu alterações, as crianças almoçaram na sala de atividades.

Em suma, é importante, tal como referem Post e Hohmann (2011) promover à criança um momento regular na rotina, previsível e flexível. Para mim, é de extrema importância que os momentos da rotina do dia e a semana sejam organizados com a participação ativa das crianças; a existência de momentos em grande e em pequenos grupos; a diversidade nas atividades; a integração de momentos no espaço interior e

³¹ No regresso, as crianças demonstram-se cansadas, existindo algumas que adormeceram no autocarro e com fome, uma vez que neste dia a rotina e os horários sofreram alterações. (Nota de campo n.º 158).

As crianças chegaram à organização socioeducativa e almoçaram na sala de atividades, pois toda a organização socioeducativa foi ao teatro e não era possível comerem todas as crianças ao mesmo tempo nos refeitórios. A equipa educativa auxiliou as crianças a trocarem de sítio e a almoçarem. (Nota de campo n.º 159).

exterior; a estrutura lógica dos momentos ao longo do dia e do seu caráter flexível, privilegiando os interesses e ritmos de cada criança. Para além disto, deve ser tida em conta a existência de momentos de livre escolha da criança (Cardona, 1992).

Reflexão semanal n.º 10: 04 a 08 de dezembro

Refletir acerca da décima semana com um olhar crítico e reflexivo é principalmente avaliar e refletir acerca dos comportamentos e evoluções do grupo.

A comunicação, seja verbal e não verbal, é uma das evoluções do grupo. Esta semana, houve duas crianças que nas diversas interações comigo comunicaram de forma verbal e não verbal. Considero uma evolução, porque até ao momento ainda não tinha presenciado este nível de comunicação por parte destas crianças. Referir que a I., no que concerne à linguagem, era uma criança pouco comunicativa, seja com as restantes crianças ou com a equipa educativa. Esta semana, veio várias vezes ao meu encontro para pedir auxílio ou interagir. Nestes momentos comunicou oralmente, apesar de verbalizar as palavras num tom baixo, foram perceptíveis. Outra criança que revelou uma grande evolução foi o Z. Quando iniciei a PPS II, esta criança comunicava muito pouco de forma não verbal. No decorrer desta semana, realizei uma atividade individual (Nota de campo n.º 173) com o Z. Esta foi feita com um recurso construído na Unidade Curricular NEEIP (Necessidades Educativas Especiais e Intervenção Precoce) inserida no meu plano de estudos. Para mim, ter dinamizado esta atividade com o Z., foi bastante gratificante e deixou-me muito contente. Durante a atividade, foi possível observar diversos parâmetros de desenvolvimento, assim como o nível de comunicação do Z. Este consegue produzir sons semelhantes às palavras “sim”, “não” e “aqui”, abanar a cabeça para dizer “sim” e utilizar o braço para dizer “não”. Na nota de campo n.º 176 podemos verificar um dos momentos de comunicação do Z.

Apesar de o Z. utilizar fralda, assim como a I., a equipa educativa pratica a estratégia de as crianças sentarem-se na sanita antes de irem dormir. Durante o tempo de espera, em que o Z. estava sentado na sanita, este interagiu com a estagiária.

ESTAGIÁRIA: Queres fazer xixi?

O Z. abana a cabeça, afirmando.

ESTAGIÁRIA: Então faz Z.! E cocó?

O Z. representa o movimento com o braço e reproduz o som, negando.

(Nota de campo n.º 176).

Segundo Sim-Sim et al. (2008), o desenvolvimento da linguagem “é um processo complexo e fascinante em que a criança, através da interacção com os outros, (re)constrói, natural e intuitivamente, o sistema linguístico da comunidade onde está inserida.” (p. 11). Nesta linha de ideias, importa definir linguagem que, de acordo com Assunção (2008), é uma ferramenta de comunicação que o ser humano utiliza para interagir com o mundo e consigo próprio.

Ao longo da semana, a educadora cooperante disponibilizou ao grupo de crianças novos materiais para a área do faz conta e inaugurou a área do recorte e colagem.

A maioria das crianças questionou a educadora cooperante se podia recortar e colar. A área do recorte e colagem foi “aberta” esta semana na sala de atividades. Desde então, as crianças recorrem diversas vezes em momentos de brincadeira a esta área para recortarem revistas e colarem em folhas brancas. (Nota de campo n.º 178).

Ao visualizar a nota de campo n.º 178, conseguimos perceber que a educadora cooperante organiza o espaço e os materiais, de acordo com as necessidades e interesses do grupo. A implementação da área do recorte e colagem, surgiu como forma de as crianças desenvolverem a técnica do recorte, com a iniciativa destas em brincar na respetiva área e não ser algo imposto nas atividades.

Neste sentido, considero a organização do espaço e dos materiais fulcral no desenvolvimento das crianças. Dessa forma, darei especial destaque a esta temática na presente reflexão. Segundo Post e Hohmann (2011), o educador deve criar um ambiente de aprendizagem ativa, tendo em conta diversas questões, como o espaço, os recursos, o número de crianças, os materiais, a segurança, as necessidades individuais e as interações. Todos estes aspetos contribuem para que o ambiente promova “o progresso das crianças

em termos de desenvolvimento físico, comunicação, competências cognitivas e interações sociais.” (Post & Hohmann, 2011, p.101).

Nesta linha de ideias, o educador deve organizar de forma adequada os contextos de aprendizagem, de modo a que os espaços promovam alegria, o gostar de estar na escola, e que potenciem o desenvolvimento holístico das crianças (Zabalza, 1987).

Tendo em conta o que foi mencionado, os educadores não devem programar todos os espaços da sala, uma vez que estes devem surgir à medida que há diferentes interesses por parte das crianças (Zabalza, 1987). Assim, no início do ano letivo não devem existir muitos materiais na sala, mas sim irem aparecendo tendo em conta as necessidades das crianças (Forneiro, 1996) de forma a promover o desenvolvimento, relações pessoais e alegria (Zabalza, 1987).

Na sala de atividades, onde estou a realizar a minha PPS II, a educadora inaugurou esta semana uma nova área, a área do recorte e colagem, tendo em conta as necessidades das crianças. A educadora colocou também novos materiais na área do faz de conta, tendo em consideração os interesses do grupo.

Para além disto, a organização do espaço e dos materiais “é a expressão das intenções do/a educador/a e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que este/a se interrogue sobre a sua função, finalidades e utilização, de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização.” (Silva et al., 2016, p. 26).

O espaço deve ser promotor de autonomia (Zabalza, 1987) ou seja, o educador deve criar “espaços abertos e livres para movimento e liberdade para o fazer, coisas para utilizar, oportunidades de contactos com os outros.” (Zabalza, 1987, p.125). Os materiais existentes devem estar ao alcance da criança, mas também existir a preocupação da criação de um espaço seguro para que a criança possa ser autónoma sem riscos (Zabalza, 1987). Na sala onde estou a realizar a PPS é de notar que os materiais (ex.: brinquedos, jogos, água, folhas de papel, colas, tesouras e canetas) se encontram ao alcance das crianças, pelo que desta forma considero que está a ser promovida a sua autonomia.

De acordo com Zabalza (1987) o educador de infância, quando organiza o espaço, deve ter em consideração a importância do estar em grupo, mas também individualmente.

Assim, deve criar espaços nos quais as crianças tenham a oportunidade de interagir em grupo e outros nos quais a criança pode estar sozinha. Zabalza (1987) afirma, que o espaço que criamos na sala deve salvaguardar a possibilidade de existir comportamentos individuais, em paralelo com as atividades em grupo.

Por fim, considero de extrema importância referir que também deve ser valorizada e promovida a ida ao espaço exterior. “O espaço exterior é um local privilegiado para atividades da iniciativa das crianças que, ao brincar, têm a possibilidade de desenvolver diversas formas de interação social e de contacto e exploração de materiais naturais. É ainda um espaço em que as crianças têm oportunidade de desenvolver atividades físicas (...), num ambiente de ar livre.” (Silva et al., 2016, p. 27). Ao longo desta semana, tal como nas anteriores, houve diversas idas ao espaço exterior, sendo bastante valorizado o tempo em que a criança passa ao ar livre.

Concluo, então, que refletir acerca da organização do espaço e dos materiais é fundamental, uma vez que a forma como está organizado irá influenciar o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, e ainda, as suas relações sociais. Enquanto estagiária e futura educadora de infância, esta é uma temática no qual pretendo estar constantemente atenta, para que sempre que seja necessário possa adequar o espaço às necessidades e interesses das crianças, procurando ter os materiais ao seu alcance e priorizando as áreas, de forma a promover a autonomia das crianças.

Por fim, considero ter sido uma semana bastante importante, uma vez que tive a oportunidade de visualizar momentos diversificados da rotina, como o ensaio para a festa de Natal. Para além disso, ao longo das semanas tenho todos os dias, dinamizado a rotina do acolhimento, que diz respeito à reunião de grupo, divisão de tarefas e as respetivas ações de cada tarefa. Este envolvimento com o grupo, todos os dias, proporcionou-me um à vontade e confiança na minha prática e nas interações em grande grupo. A meu ver, o grupo vê-me como um adulto integrante na equipa educativa e reconhece que este momento específico da rotina é dirigido por mim.

Reflexão semanal n.º 11: 04 a 08 de dezembro

A décima primeira semana, de um modo geral, foi positiva, calma e correu dentro da normalidade. Ao longo da presente semana, tal como nas anteriores da PPS II, foi possível observar o interesse das crianças em livros e em momentos de leitura de histórias. Desta forma, considero fundamental refletir acerca da importância dos livros e da leitura de histórias em contexto de jardim de infância. A presente temática desta reflexão será abordada tendo em conta a minha opinião pessoal e com apoio a fundamentação teórica.

A sala de atividades do grupo de crianças que acompanho ao longo da minha Prática Profissional Supervisionada II tem a área da biblioteca e o interesse das crianças por esta área é notório. Para além disto, as crianças demonstram bastante curiosidade quando algum adulto apresenta ou faz a leitura de uma história, assim como recorrem aos adultos presentes na sala com livros para que estes procedam à sua leitura. O entusiasmo e o interesse das crianças por livros, são também observáveis noutros momentos da rotina, como por exemplo na hora da sesta, em que eu estava a auxiliar as crianças a deitar e o R. disse “Joana, podes contar uma história?” (Nota de campo n.º 183).

É de extrema importância realçar que a educadora cooperante desenvolve com o grupo e em articulação com as famílias o projeto “Contadores de Histórias”. Este caracteriza-se pelas crianças trazerem de casa um livro e em dias específicos na rotina do grupo, uma criança é escolhida para contar ao restante grupo a sua história com o auxílio de um/a amigo/a à sua escolha, sendo esta uma das tarefas atribuídas no acolhimento. Na nota de campo n.º 184 é possível verificar um registo desse momento.

A.: Educadora M. posso contar uma história?

EDUCADORA COOPERANTE: Podes, mas tens de ser rápido que daqui a pouco é hora da ginástica. Toma o teu livro.

O A. colocou à frente do grupo duas cadeiras e chamou o T.V. para lhe ajudar a contar a história. As duas crianças, a partir das ilustrações inventaram a história. À medida que abriam uma página nova mostravam ao restante grupo as ilustrações. (Nota de campo n.º 184).

Ao analisar a nota de campo acima mencionada é possível verificar que as crianças demonstram iniciativa e interesse em contar a sua história ao restante grupo. Dessa forma,

considero fulcral o desenvolvimento deste projeto com o grupo. A existência desta partilha de livros que as crianças trazem de casa e contam aos amigos, para além de ser uma articulação e partilha da família, é uma oportunidade de as crianças acederem a livros que poderão não conhecer e desenvolverem as suas competências linguísticas e comunicativas. As crianças sentem-se valorizadas e orgulhosas.

Neste sentido, é possível afirmar que são diversos os benefícios dos livros e da leitura de histórias para o desenvolvimento holístico das crianças. A meu ver, o educador deve reconhecer que o livro não é um material para ser utilizado como forma de distração das crianças, mas sim algo que deve ser valorizado. O educador de infância assume um papel fundamental no processo de descoberta de livros e no gosto pela audição de histórias, pois cabe ao adulto mostrar livros de diferentes géneros, recorrer à leitura expressiva e cativante e ainda, ter especial preocupação à escolha dos livros, pois estes devem ser adequados à faixa etária das crianças e responder aos interesses e necessidades das mesmas (Mendes & Velosa, 2016).

O ambiente educativo potência às crianças diversas aprendizagens. O educador deve colocar à disposição das crianças uma grande variedade de livros de qualidade, pois, está a contribuir para a aquisição da literacia (Azevedo, 2003 citado por Mendes & Velosa, 2016), “mas também para o desenvolvimento de competências cognitivas, linguísticas, estéticas, socioafetivas e emocionais.” (Mendes & Velosa, 2016, p. 118). Segundo Wells (1991, citado por Mata, s.d), “ouvir histórias desde cedo, muito antes de se conseguir ler, leva a que as crianças comecem a ganhar experiência na organização do sentido da linguagem escrita e nos ritmos e estruturas característicos.” (p. 1).

Ao longo das semanas foi possível realizar diversos momentos de leitura de histórias com o grupo de crianças. A partir de posteriores conversas sobre os diversos temas, procurei promover e desenvolver a escuta pelo outro, o que considero que ajudou as crianças a melhorar nesse aspeto. As crianças conseguem escutar e respeitar a vez do outro e posteriormente, partilhar as suas ideias. No grupo que estou a acompanhar, existem crianças que demonstram curiosidade, vontade e iniciativa em procurar e mexer em livros na área da biblioteca, contudo outras nem tanto. A meu ver deve-se à faixa etária e aos interesses de cada criança, e como tal, penso que seria interessante levar livros

diferentes que cativem e despertem o gosto pela leitura. No entanto, gostaria de aprofundar e refletir acerca deste tema, ou seja, de que forma é que a área da biblioteca poderia ser mais atrativa para as crianças.

“O gosto e interesse pelo livro e pela palavra escrita iniciam-se na educação de infância” (Silva et al., 2016, p. 66) e para isso é necessário que o espaço onde os livros estão disponibilizados na sala seja agradável e tenha materiais diversos. De acordo com Sousa (2015), ao ouvir histórias, a criança desenvolve-se a nível pessoal através dos “sentimentos e emoções, dando sentido a experiências pessoais” (p. 66); a nível linguístico, uma vez que amplia o vocabulário; a nível conceptual, as crianças contactam com novas ideias, novos conceitos; e a nível textual, pois o contar histórias e o seu reconto possibilitam à criança o desenvolvimento da sua competência textual. A criança desenvolve ainda a memória, a imaginação e o pensamento lógico (Mendes & Velosa, 2016). Costa (2012) defende que “ao contar histórias, criam-se condições para que quem ouve amplie o seu mundo simbólico e desenvolva a consciência das suas emoções” (p. 55). A leitura de histórias possibilita o alargamento do vocabulário da criança e a construção de novos significados e contribui para o aumento dos conhecimentos linguísticos.

O papel do educador na promoção da literatura infantil é fulcral. Este deve disponibilizar material literário diversificado e pode integrar as famílias neste processo. “O contacto precoce e sistemático da criança com o livro é de extrema relevância para o desenvolvimento cognitivo, psicológico, socioafetivo e emocional do ser em crescimento.” (Mendes & Velosa, 2016, p. 124).

Desse modo, é de extrema importância o educador proporcionar momentos de leitura de histórias, assim como a exploração de livros que permita à criança adquirir hábitos de leitura, sendo através dos mesmos que se descobre “o prazer da leitura e desenvolve a sensibilidade estética” (Silva et al., 2016, p. 66).

Para concluir a presente reflexão, considero pertinente realçar que durante a semana foi realizada a festa de Natal na organização socioeducativa, na qual as crianças apresentaram um pequeno espetáculo às famílias. A base da apresentação foi o livro “5

noites até ao Natal”. Considero que foi importante, transformar a história na base da apresentação, uma vez que permitiu às crianças tomarem consciência de que uma história pode passar para uma dramatização e conhecerem-na melhor. As crianças demonstraram-se bastante entusiasmadas e contentes.

Reflexão semanal n.º 12: 03 a 05 e 08 a 12 de janeiro

A presente reflexão incide nas duas últimas semanas de prática profissional supervisionada II, uma vez que na primeira semana existiram apenas dois dias de estágio. As mesmas foram também as primeiras semanas após a pausa do Natal e ano novo.

Ao refletir acerca destas duas últimas semanas, rapidamente consigo encontrar um tópico principal, tendo em conta que estas duas semanas caracterizam-se pelo desenvolvimento e conclusão do projeto “Como é que são os indianos? Eles vivem na Índia? (projeto desenvolvido com o grupo de crianças ao longo da minha PPS II). Neste sentido, considero pertinente refletir sobre a Metodologia de Trabalho de Projeto (MTP) e o desenvolvimento desta metodologia com o grupo de crianças.

O projeto mencionado anteriormente surgiu a partir de um interesse de uma criança do grupo. Através de uma conversa informal com um pequeno grupo de crianças, no qual foi questionado por mim se existia alguma curiosidade ou interesse sobre algum tópico, surgiu a pergunta “Como é que são os indianos e se vivem na Índia?”. Numa fase seguinte, conversei com o restante grupo para perceber se o mesmo demonstrava também interesse no tópico apresentado por aquela criança. Após a conversa, consegui concluir que todo o grupo demonstrava interesse na temática dos indianos.

Abordar a Metodologia de Trabalho de Projeto é refletir acerca da valorização dos interesses e necessidades de cada criança, assim como a sua participação no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. De acordo com Silva et al. (2016), a criança “é um ser único, com características, capacidades e interesses próprios, com um processo de desenvolvimento singular e formas próprias de aprender.” (p. 8). Deste modo, é essencial adequar a minha prática, estando sempre atenta aos interesses e necessidades de cada

criança, para que a mesma aprenda de forma positiva. Nesta linha de ideias, a observação e a escuta ativa tornam-se fulcrais neste processo.

A Metodologia de Trabalho de Projeto relaciona-se diretamente com as ideias fundamentadas acima, uma vez que esta metodologia apresenta algumas características como: planeamento aberto e flexível, no qual todos os intervenientes estão envolvidos em todas as fases; integra as diferentes áreas do saber; desenvolve a competência de aprender a aprender; e a descoberta e a pesquisa por parte das crianças são vistas como algo significativo (Silva, 2011). A MTP é constituída por quatro fases: Fase I – Definição do problema; Fase II – Planificação e Desenvolvimento do Trabalho; Fase III – Execução; e Fase IV – Divulgação/Avaliação (Vasconcelos et al., 2011). A primeira fase diz respeito à formulação do “problema ou as questões a investigar.” (Vasconcelos et al., 2011, p. 14). Na segunda fase, é realizada em conjunto com as crianças o planeamento que o projeto pode seguir, através de mapas, teias ou chuvas de ideias. Este planeamento tem por base o que as crianças já sabem acerca do tópico, o que querem saber, como vão descobrir, o que vão e quando vão fazer, distribuindo tarefas por todos os intervenientes (Vasconcelos et al., 2011). A terceira fase, passa pela execução do planeamento elaborado anteriormente pelas crianças. Por fim, na quarta fase, são expostos os resultados obtidos e o que foi produzido ao longo da terceira fase. Nesta fase, o projeto é avaliado pelos diferentes intervenientes, sendo esses: as crianças, as famílias e o educador (Vasconcelos et al., 2011). É ainda elaborada uma comparação entre as aprendizagens adquiridas pelas crianças e as questões iniciais (Vasconcelos et al., 2011).

Após ter sido definido o tópico a descobrir, avançámos para a segunda fase. Nesta fase, em conjunto com as crianças, existiu a chuva de ideias inicial, na qual foram partilhadas as primeiras impressões e curiosidades acerca do tópico que deu origem à teia final construída por todo o grupo. No final desta fase, ficámos a conhecer o que o grupo de crianças pensava saber acerca do tópico e o que queria descobrir. De forma a dar resposta aos interesses das crianças propus diversas atividades, tendo em conta as suas sugestões. Ao longo destas duas semanas foram realizadas três atividades com o intuito de dar resposta a algumas curiosidades das crianças como “o que comem?” (Nota de campo n.º 193), “como é que são as casas?” (Nota de campo n.º 199) e “quais são as

festas?” (Nota de campo n.º 205). Foram atividades dinâmicas em que todas as crianças demonstraram entusiasmo e alegria, o que se tornou para mim memorável e significativo.

Para além disto, esta segunda semana representou o término do projeto, com a quarta e última fase, na qual foi realizada a avaliação através de conversas informais com todos os intervenientes e a divulgação do projeto às restantes salas do pré-escolar (Nota de campo n.º 227). A divulgação passou por uma apresentação com recurso a um painel com fotografias das diversas atividades e descobertas ao longo do projeto a cada sala do pré-escolar. Este momento permitiu também realizar uma pequena avaliação do projeto e proporcionar às crianças o desenvolvimento da sua capacidade comunicativa e expressão oral, sendo essa uma das minhas principais intenções.

Na MTP é fundamental que a criança seja capaz de encontrar “resposta para os problemas reais com que se vai deparando no quotidiano”, “atuar e intervir, de forma responsável, no seu meio” e “desenvolva formas de ser e de estar, atitudes de questionamento, de auto-aprendizagem e de exploração da realidade envolvente.” (Santos et al., 2014, p. 110). É importante que o educador faça o seu planeamento baseando-se nos interesses e necessidades das crianças, tendo em conta a participação das mesmas em todo o processo, como também no seu dia a dia. Dando a oportunidade de as crianças partilharem os seus conhecimentos umas com as outras, desafiando-as e estimulando a sua curiosidade, levando as mesmas a pensar em estratégias para resolverem um determinado problema.

Neste sentido e para concluir, o educador assume um papel fundamental no que diz respeito ao apoio dado às crianças durante este processo, pois permite “à criança apropriar-se progressivamente da metodologia científica (...)” (Silva et al., 2016, p. 86). Nesta linha de ideias, procurei adotar esta postura ao longo da execução do projeto e procuro continuar a adotá-la durante a minha prática, quer enquanto estagiária, quer enquanto futura educadora.

Reflexão semanal n.º 13: 15 a 19 de janeiro

Concluída mais uma semana de Prática Profissional Supervisionada II (PPS II), considero importante refletir e abordar a temática da afetividade. Este tema surgiu após a análise das notas de campo realizadas ao longo da semana. Foi possível concluir que no decorrer desta semana, existiram diversos registos de interações entre crianças, assim como entre as crianças e os adultos presentes na sala de atividades. É importante realçar que apesar de esta temática ser abordada ao fim de treze semanas de PPS II, é um tópico que é possível refletir desde a primeira semana.

Foi notório relações afetivas, ao longo da semana, em momentos de interação entre crianças e crianças e adultos. Neste sentido, passo a mencionar alguns dos registos desses momentos que menciono anteriormente.

A estagiária colocou a M. no seu colo e conversou com a mesma sobre o que estava a brincar. A M. começou a dar carinho à estagiária, dando-lhe festas na cara.

ESTAGIÁRIA: Estás muito querida.

M.: És muito gira Joana e tens um cabelo muito lindo.

ESTAGIÁRIA: Tu também és muito bonita. És uma princesa da Disney, aquela cheia de pulseiras e colares como tu tens. (Nota de campo n.º 237).

Momentos mais tarde, a L. entra na sala de atividades a chorar, acompanhada pela sua mãe. A L. despediu-se da mãe.

ESTAGIÁRIA: Olá L., o que se passa? Estás triste?

A L. aproxima-se da estagiária e senta-se no seu colo. A estagiária tentou perceber o porquê de a criança estar a chorar. A L. não respondeu às perguntas da estagiária, ficando apenas no seu colo. A T. (criança da sala do educador P.) dirigiu-se à L.

ESTAGIÁRIA: Olá T., estás boa?

T.: Olá Joana, estou sim. O que se passa com a L.?

ESTAGIÁRIA: Está triste.

T.: Não fiques triste L. (dá uma festa na cara da L. e um abraço), toma este desenho que eu fiz. É para ti, para não ficares triste.

ESTAGIÁRIA: És muito querida T.! L. diz obrigado à T., deu-te um desenho muito giro.

L.: Obrigada T. (Nota de campo n.º 240).

A estagiária organiza as produções realizadas pelas crianças no estendal, para que estas secassem. A M. dirigiu-se à estagiária com um vestido na mão.

M.: Podes-me ajudar a vestir?

A estagiária colocou-se à altura da criança e auxiliou a mesma a vestir-se. A M. ficou ao pé da estagiária a olhar para a mesma e a mexer no seu cabelo.

M.: És muito linda. É tens um cabelo grande. Olha o meu vestido! (Nota de campo n.º 243).

A L. dirigiu-se à estagiária e sentou-se ao lado desta, demonstrando-se triste. A M. veio atrás da L. até ao banco.

M.: Não estejas triste L. (a M. faz festas no cabelo da L.)! Anda brincar comigo (a M. dá beijinhos e abraços à L.).

A L. levanta-se e dirige-se juntamente com a M. até à casa para brincarem as duas. (Nota de campo n.º 261).

Através destes registos, é possível entender que existem relações afetivas entre crianças e entre as crianças e eu.

Ao iniciar a presente reflexão acerca desta temática, considero essencial conhecer o significado da palavra “afeto”. Segundo o Dicionário Online da Língua Portuguesa (2023), a palavra “afeto” é “1. Impulso do ânimo; sua manifestação. 2. Sentimento, paixão. 3. Amizade, amor, simpatia.” (Priberam, 2023).

Desde o início da minha Prática Profissional Supervisionada II que foi possível observar as relações afetivas na sala B. entre crianças e crianças e equipa educativa. De acordo Wadsworth (1993), a afetividade faz parte de uma das componentes do desenvolvimento intelectual. O afeto é revelado através de sentimentos e emoções. As crianças no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem necessitam do estabelecimento de relações afetivas e interações, principalmente com as pessoas de referência na sua vida, quer no núcleo familiar como na comunidade escolar. Estes intervenientes transmitem às crianças sentimentos de confiança e segurança.

Assim sendo, segundo Oliveira (2010), é preciso que as organizações socioeducativas possibilitem uma educação com uma visão holística e que apostem na convivência, na cooperação e na troca de afetos entre crianças. Portugal (2012) refere que o adulto ao ser responsável por um grupo de crianças, a sua preocupação deve ser estabelecer uma relação afetiva com cada criança. Nas relações afetivas, podemos observar um ser que cuida ou se preocupa com outra pessoa (Abbagnano, 2000, citado por Sousa, 2013).

No que diz respeito à relação adulto-criança, esta requer confiança por parte da criança. Para que exista uma relação de confiança, o adulto deve transmitir confiança às crianças, garantindo, que as suas necessidades e interesses são valorizados (Portugal, 2000). Na Sala B., as crianças quando estão tristes ou chateadas recorrem à educadora cooperante para desabafar e receber algum conforto. Muitas vezes, é possível observar atitudes por parte das crianças que revelam a existência desta boa relação entre a educadora cooperante e as crianças, como perguntarem sobre a sua família, partilharem elogios e quando se referem à mesma usando o diminutivo do seu nome. Estes pequenos gestos são espelho de uma atitude respeitadora e afetiva da educadora cooperante com todas as crianças.

As crianças da sala B. demonstram bastante afeto e carinho pela educadora cooperante. Na parte da manhã, quando as crianças a veem demonstram felicidade e dão-lhe abraços. As crianças têm diversos gestos de carinho para com a educadora cooperante, como oferecer desenhos feitos em casa, entre outros. A educadora ao partilhar como se sente com estes gestos, as crianças demonstram-se contentes e orgulhosas. Ainda, quando a educadora cooperante falta, as crianças demonstram-se preocupadas, perguntando à restante equipa educativa onde está a mesma.

É importante mencionar que apesar de a educadora cooperante ser carinhosa e preocupada com todas as crianças, esta cria também um ambiente de equilíbrio, no qual são definidos limites, dizendo “não” quando é necessário e corrigindo se for preciso em algum momento. De acordo Reginatto (2013),

a criança tem que ter limites em casa, na escola e na sociedade. Ser afetuoso não significa deixar que o aluno faça o que quer para não magoá-lo, mas sim fazê-lo compreender o que é certo e o que é errado, avaliar suas atitudes, refletir, mas sem ser agressivo com as palavras. (p. 10).

As interações entre crianças permite às mesmas uma aprendizagem positiva, contribuindo para o seu desenvolvimento (Portugal, 2008). Assim, no que concerne às relações afetivas entre crianças, o grupo da sala B. demonstra preocupação, respeito, entreaajuda³² e carinho entre si e fazem questão de cuidar uns dos outros. Em situações de conflito entre pares, muitas vezes não é necessária a mediação de um adulto para a resolução do conflito. As próprias crianças conversam acerca do assunto e valorizam os sentimentos umas das outras, tal como podemos observar na nota de campo n.º 244.

A estagiária estava a dar apoio às crianças que realizavam a atividade, quando ouviu uma criança na “área do faz de conta” a chorar. A estagiária dirigiu-se à criança.

³² As crianças mais velhas dirigiram-se à estagiária a demonstrar interesse em ajudar o S. na distribuição da fruta, assim como entregar a louça na cozinha.
T.M.: Posso ajudar o S.?
S.: Posso ir com o S. à cozinha? (Nota de campo n.º 253).

ESTAGIÁRIA: O que se passa aqui na casinha?

I.: A C. bateu-me.

C.M.: A L. bateu-me.

ESTAGIÁRIA: C.M. não podes bater nas amigas, quando uma amiga te magoa. L. não podes magoar as amigas. Estavam todas a brincar, não precisam de se magoar. C.M não gostas que a L. te magoe, não podes magoar as outras amigas.

C.M.: Desculpa.

L.: Desculpa.

ESTAGIÁRIA: Muito bem. Fico muito contente por pedirem desculpa.
(Nota de campo n.º 244).

No dia a dia, as crianças preocupam-se umas com as outras, como por exemplo na hora da sesta, tal como podemos observar na nota de campo n.º 262 e n.º 248.

O T.M. chegou ao dormitório de mão dada com a M.

T.M.: Joana trouxe a M.

ESTAGIÁRIA: Muito bem T.M., obrigado!

T.M.: Tomei conta da M. (Nota de campo n.º 262).

As crianças após realizarem a sua higiene, dirigiram-se à sua cama. A L.P. foi a criança responsável pela tarefa “ajudante na sesta”. Dessa forma, a mesma estava a tapar e a auxiliar a estagiária a colocar a fralda nas crianças que utilizam. Posteriormente, sentou-se ao pé de duas crianças à sua escolha e fez festinhas para estas adormecerem. (Nota de campo n.º 248).

Existem ainda muitos momentos de carinho e afeto entre as crianças, nos quais brincam muito, dão muitos abraços e beijinhos. Para além disso, partilham diversas frases carinhosas. Na Sala B., existe uma criança com NEE que está perfeitamente incluída nesta dinâmica entre crianças.

Desde o início da minha PPS II, senti-me bem recebida e acolhida por toda a equipa educativa, assim como pelas crianças. As crianças são carinhosas comigo e ao longo destas semanas penso que criei uma boa relação com todas. Todos estes gestos são muito gratificantes para mim e transmitem-me o impacto positivo que proporcionei em cada criança.

Como referido anteriormente, na presente reflexão é apresentada com base nas notas de campo desta semana, no entanto ao longo de toda a minha PPS II é possível observar diversas vezes momentos de compaixão e amizade. O ambiente criado na Sala B. influencia o bem-estar, as aprendizagens e o desenvolvimento de todas as crianças.

Para concluir, tenho aprendido bastante com a educadora cooperante e as relações que esta estabelece com as crianças. Segundo Reginatto (2013), o adulto deve promover relações afetivas com as crianças, pois independentemente dos problemas que a criança tenha no seu contexto familiar, na organização socioeducativa tem uma figura de apoio, que faz diferença na sua motivação, promovendo aprendizagens significativas.

Reflexão semanal n.º 14: 22 a 26 de janeiro

Terminada a penúltima semana da minha Prática Profissional Supervisionada II, correspondente à décima quarta semana é importante refletir acerca dos aspetos mais relevantes no decorrer da semana. Na presente semana, o grupo de crianças que estou a acompanhar assistiu à divulgação de um projeto de outra sala do pré-escolar e preparou um pequeno desfile, que surge de uma atividade em sala, para as restantes salas do pré-escolar assistirem. Neste sentido e tendo em conta os acontecimentos mencionados anteriormente, considero essencial refletir acerca das partilhas entre salas e o que envolve esta temática. Assim como nas reflexões anteriores, irei abordar esta temática, apresentando algumas notas de campo, dando a minha opinião e recorrendo a fundamentação teórica.

A partilha entre salas, a meu ver, permite a aquisição de conhecimentos em comum, uma vez que são transmitidas novas descobertas, sendo essas vivenciadas através de determinada experiência que é partilhada. Esta partilha promove ainda, a interação

com o outro, fulcral no desenvolvimento da criança. Ao longo da presente semana existiram dois momentos, nos quais é possível observar estas partilhas entre salas. No primeiro registo, como se pode verificar na nota de campo n.º 269, o grupo de crianças foi convidado a assistir à divulgação de um projeto pela sala da educadora C.

As crianças da sala da educadora C. realizaram a divulgação do seu projeto “Sinais de Trânsito” a partir de um PowerPoint impresso com imagens do desenvolvimento do projeto e com o auxílio da estagiária L. Posteriormente, as crianças puderam explorar o espaço do recreio com a nova implementação dos sinais de trânsito, sendo este o tópico do projeto desenvolvido pela estagiária L. com o seu grupo de crianças. (Nota de campo n.º 269).

No segundo registo, nota de campo n.º 296, as crianças, ao longo da semana, estiveram a preparar um desfile que surge a partir de uma atividade inserida no projeto de escola, para as restantes salas do pré-escolar assistirem.

A educadora cooperante sentou-se à frente do grupo de crianças numa cadeira e inicia uma conversa com o grupo acerca do desfile que irão realizar para as restantes salas do pré-escolar. O desfile consiste numa passagem de modelos “Chanel”. As crianças demonstraram-se bastante entusiasmadas. (Nota de campo n.º 296).

Em ambos os momentos, as crianças demonstraram-se entusiasmadas, interessadas e empenhadas, seja por assistirem a uma partilha de outra sala como para serem os próprios a partilhar com as restantes salas. Em semanas anteriores, este grupo já realizou algumas partilhas entre salas, nomeadamente em atividades inseridas no projeto como a apresentação das roupas indianas e a divulgação do projeto. E nesses dois momentos foi possível observar o entusiasmo e o interesse das crianças em partilhar conhecimentos com as outras salas.

Para além destes momentos que chamamos de “formais” de partilha entre salas, existem muitos outros momentos, como a partilha de espaço, por exemplo do refeitório ou outro espaço da organização socioeducativa que são imprescindíveis para o

desenvolvimento das crianças, uma vez que esses momentos promovem a partilha de materiais, conhecimentos, brincadeiras, entre outros.

Cada criança pode contribuir para as aprendizagens de outras crianças (Silva et al., 2016). Nesta linha de ideias, considero que é de extrema importância existir partilha entre salas, uma vez que as crianças têm uma participação ativa e é lhes dada a oportunidade de transmitir conhecimento, interagir e aprender em cooperação.

Ainda no decorrer da semana, observei diversas interações entre as crianças, às quais não consegui ficar indiferente. Estas interações englobaram valores e atitudes relacionados com a cooperação e entreajuda entre pares. Neste sentido, considero que é fulcral refletir acerca da importância desta temática.

De forma a iniciar esta reflexão apresento um registo desta semana, possível de observar na nota de campo n.º 297,

As crianças terminaram de comer a fruta e o pão. A estagiária informou as crianças que podiam beber água. O R. agarra no seu cantil e solicita ajuda à estagiária para abrir a tampa. O T.M. que se encontrava ao lado deste, aproxima-se do R. e oferece a sua ajuda para lhe abrir a tampa.

R.: Obrigada T.M.! (Nota de campo n.º 297).

O presente registo acima, é apenas um dos momentos, no qual é possível verificar a existência de cooperação e entreajuda entre as crianças da sala B. O grupo de crianças que acompanho caracteriza-se por ser um grupo unido. Todas as crianças, mas principalmente as crianças mais velhas, sendo essas apenas quatro, demonstram-se sempre disponíveis para ajudar as restantes crianças, procurando incentivar, explicar e confortar sempre que necessário.

Segundo o Dicionário Online da Língua Portuguesa (2023), cooperação é a “Ação de cooperar, de auxiliar e colaborar, prestando ajuda ou auxílio (...)”. O conceito “Entreajuda” vem da origem etimológica entre + ajuda e significa “Ajuda mútua” (Priberam, 2023). A entreajuda advém da cooperação. Segundo Arezes e Colaço (2014), estes dois conceitos acabam por estar interligados.

É essencial criar oportunidades que promovam a cooperação entre as crianças (Arezes & Colaço, 2014). É crucial que a equipa educativa seja um modelo para as crianças. Deste modo, tal como refere Barbosa (2021), as crianças vão entendendo a relevância destas atitudes na interação com os outros.

Nos momentos da rotina, Katz (1990) afirma que as crianças mais novas, através da imitação e da observação das crianças mais velhas, desenvolvem-se mais rápido nos diferentes domínios. Por outro lado, o mesmo autor acrescenta que as crianças mais velhas vão assumir uma postura de responsabilidade acrescida e veem-se como um modelo de exemplo para os mais novos. Como podemos observar na nota de campo n.º 290.

A criança responsável pelo “chefe do dia” teve a oportunidade de escolher duas crianças mais velhas para irem consigo à cozinha buscar a fruta e o pão. Assim que regressaram à sala de atividades, a estagiária preparou os pratos com a fruta para o “chefe do dia” distribuir pelas restantes crianças.

T.M.: Posso ajudar o “chefe do dia”?

ESTAGIÁRIA: Tens de perguntar ao amigo.

T.M.: Ele diz que posso ajudar.

Neste momento, a criança mais velha auxiliou a criança mais nova na sua tarefa, dando sempre espaço à criança responsável pela tarefa de decidir como fazer as coisas e se aceita a ajuda ou não. No final do lanche, as crianças mais velhas dirigiram-se à estagiária a questionar se podiam ajudar o “chefe do dia” a levar as louças à cozinha. (Nota de campo n.º 290).

No grupo da sala B., para além de existirem sentimentos de cooperação e entajuda entre crianças, quando algum membro pertencente à equipa educativa precisa de ajuda, estas ficam muito contentes quando são escolhidas para auxiliar. Muitas vezes, as próprias crianças têm a capacidade de observar as situações e tomarem a iniciativa de ajudar e por sua vez cooperar, sem ser necessário pedir.

No que diz respeito, às interações com as crianças com NEE, sempre que o Z. necessita de ajuda, as crianças demonstram-se sempre prontas para o auxiliar. Nestes

momentos destaca-se a S. e o T.M., que são crianças que estão sempre dispostas a ajudar o próximo.

Para concluir, considero que o espírito de entreatajuda e cooperação são sentimentos que estão muito presentes entre toda a equipa educativa, como entre crianças. Nesta linha de ideias, desde o início que senti que a educadora cooperante e a auxiliar de ação educativa estão dispostas a dar-me a mão quando necessito, assim como às crianças. Enquanto futura profissional na área da educação, a cooperação e a entreatajuda vão ser sempre as minhas bases para a minha prática.

Reflexão Final

Terminada a última semana, considero pertinente refletir sobre o longo percurso de Prática Profissional Supervisionada II. A meu ver estes quatro meses foram repletos de grandes experiências. Estes meses representaram o último estágio no meu percurso académico e marcaram-me de forma positiva e muito especial. Permitiu-me adquirir aprendizagens e ferramentas fundamentais para o meu futuro enquanto educadora de infância. Neste sentido, é importante refletir acerca de todo o caminho percorrido até aqui, da importância deste, as minhas principais fragilidades e maiores potencialidades, assim como se consegui ou não dar resposta às minhas intenções.

Ao longo destes quatro meses, desenvolvi uma atitude reflexiva e crítica ao olhar para toda a minha prática. Nesta linha de ideias e, de acordo com Júnior (2010), ao nos afastarmos da prática concretizada, possibilita uma melhor visualização e por consequência uma melhor análise e interpretação da nossa ação. Segundo o mesmo autor, ao refletirmos percecionamos “novas formas de apreender, de compreender, de atuar e de resolver problemas, [levando a] que se adquira maior consciência e controle sobre o que se faz.” (p. 581). Na minha perspetiva, a componente prática é crucial na vida de um estudante, na medida em que este pode colocar em prática a componente teórica que adquiriu no seu percurso académico. Segundo Sarmiento (2009), a identidade profissional trata-se de “uma construção inter e intra pessoal, não sendo, por isso, um processo solitário: desenvolve-se em contextos, em interações, com trocas, aprendizagens e

relações diversas da pessoa com e nos seus vários espaços de vida profissional, comunitário e familiar.” (p. 48). É a partir da componente prática que os estagiários têm experiências na sua profissão e tomam consciência das responsabilidades que a mesma acarreta.

É de extrema importância para os estagiários que estes estejam em contacto com profissionais experientes, com directores de escola, com pais, entre outros (Perrenoud, 1993) dado que todos eles contribuem para a sua formação. A minha chegada à organização socioeducativa foi bastante acolhedora e positiva. Ter tido o apoio de todos os profissionais da organização socioeducativa foi essencial para a minha aprendizagem. Considero ainda, que foi essencial a relação que criei com a equipa educativa da sala, pois através de todas as observações realizadas, as conversas, as estratégias, os abraços e o apoio deram-me bases fundamentais para a minha futura profissão. Para além disso, é importante referir que a educadora cooperante, assim como a auxiliar de ação educativa, foram, sem dúvida alguma, os elementos-chave deste meu percurso. Aprendi muito com ambas e fizeram-me crescer, tanto a nível profissional, como a nível pessoal. São duas profissionais que se tornaram um modelo a seguir e ambas se mostraram disponíveis para me ajudar em qualquer momento, transmitiram-me novos conhecimentos e deixaram-me sempre à vontade para participar em todos os momentos da rotina do grupo.

Neste sentido, ao longo do meu percurso, foi possível observar um trabalho colaborativo entre as duas profissionais, em que a opinião de ambas era tida em consideração e as diversas tarefas eram partilhadas, caracterizando-se por um trabalho de respeito mútuo. Quando estes valores estão presentes numa prática colaborativa, refletem-se na prática pedagógica, uma vez que é transmitido às crianças segurança num meio autêntico e recetivo (Malaguzzi, 1999). Nesta linha de pensamento, enquanto futura educadora, irei valorizar a importância do trabalho em equipa, baseado no respeito, na ajuda, na cooperação, na colaboração, e na confiança, desenvolvendo uma ação conjunta e uníssonas.

É importante mencionar que embora tenha tido contacto com esta valência anteriormente, em situação de voluntariado e em estágios anteriores na licenciatura, a PPS II representou um desafio para mim, uma vez que estaria a representar uma educadora de

infância e pressupunha-se uma maior intervenção e cuidado da minha parte. Esta valência, fez com que estivesse bastante ansiosa e entusiasmada, pois nesta faixa etária as crianças são bastante comunicativas e curiosas sobre o mundo que as rodeia. O grupo de crianças que acompanhei ao longo deste percurso, acolheu-me bastante bem e estiveram sempre dispostos a todas as atividades que propus, fizeram-me acreditar que fiz alguma diferença no percurso de aprendizagem de cada criança. E com todos os gestos e palavras de carinho que partilharam, permitiram-me acabar este estágio com o coração quente e cheio de memórias.

Considero que o grupo de crianças que acompanhei tem características muito especiais e sinto que aprendemos e descobrimos coisas juntos. Gostei bastante de desenvolver o projeto “Como é que são os indianos? Eles vivem na Índia?” com o grupo de crianças. Observar o entusiasmo e o interesse das crianças dia após dia ao longo de todo o projeto, foi realmente gratificante.

E ainda, não posso deixar de realçar o quão importante e especial foi ter tido no meu caminho contacto com uma criança com Necessidades Específicas de Saúde. Viver essa experiência no meu percurso académico foi crucial, sinto que ganhei uma grande bagagem, pois levou-me a repensar na minha prática e em estratégias de inclusão essenciais para a minha futura profissão. Neste processo, tive sempre o apoio da educadora cooperante que sempre se demonstrou disposta a esclarecer-me todas as dúvidas sobre a criança e como auxiliar a mesma no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Importa, agora, refletir acerca das minhas fragilidades e potencialidades. Considero que no início as minhas maiores fragilidades eram não comunicar totalmente com a equipa educativa por ter insegurança no que estas poderiam dizer e ter medo de errar. Ao longo do estágio, pelo contrário, percebi que não havia razão para existir este receio, uma vez que a educadora cooperante esteve sempre a acompanhar o meu percurso e a auxiliar-me em tudo o que precisava, levando-me a melhorar a minha prática pedagógica todos os dias. Outra fragilidade, conseguir implementar tudo o que era solicitado no meu percurso a tempo e com qualidade, não prejudicando a aprendizagem das crianças. Esta fragilidade está diretamente ligada a outra que senti ao longo destes

quatro meses, que diz respeito à insegurança na minha intervenção, pois tinha receio que esta não fosse adequada e promotora de aprendizagens às crianças. Esta fragilidade foi superada com sucesso ao longo de toda a PPS II, uma vez que todos os dias conhecia melhor o grupo e, os seus interesses e contava sempre com o apoio da educadora cooperante que através de todos os conselhos e conversas, fez com que acreditasse em mim mesma e na futura profissional que me irei tornar e deixar todas as inseguranças para trás das costas.

No que concerne às potencialidades, considerar-me uma pessoa afetiva, preocupada e disponível para ouvir, levou a que conseguisse chegar às crianças facilmente, criando uma relação de proximidade e afetividade com cada uma, assim como conhecer os seus interesses e necessidades. Ao longo da minha PPS II criei atividades dinâmicas que iam ao encontro dos interesses do grupo, do que gostavam, e das suas necessidades.

No início da minha PPS II, delineei as intenções para a minha ação, tendo em consideração o grupo, a equipa educativa e a organização socioeducativa. No que se refere às minhas intenções para as crianças, considero ter conseguido alcançá-las, cada uma a seu tempo, respeitando sempre as crianças e as suas vontades. Ao início, optei por lhes dar o espaço que necessitavam para se habituarem à minha presença, ainda assim mantive sempre uma postura tranquila, atenciosa, disponível e observadora. Procurei brincar com as crianças, apoiá-las e respeitá-las em momentos de conflito e de frustração e, procurei garantir a resposta às suas necessidades físicas e psicológicas, o que de acordo com Portugal (2012) só é possível após o estabelecer de uma relação. O amor e a autoestima são aspetos fulcrais para o desenvolvimento intelectual e emocional das crianças, isto é, “necessitam de se sentir emocionalmente seguras e de sentimento de controlo” (Whitebread, 1996, citado por Portugal, 2008, p. 44).

Confesso ainda que, nem sempre foi fácil sair de casa e chegar à organização socioeducativa por cansaço, problemas pessoais, ansiedade, entre outros, com um sorriso no rosto, mas era nesses dias que o sorriso, a conversa, o abraço, o carinho das crianças, mostravam-me que estas gostavam de mim, que pertencia ali, que aquele era o meu lugar e que este é o meu futuro.

Por outro lado, as intenções para as famílias, sendo estas a principal entidade com a qual a criança socializa (Sarmiento & Carvalho, 2017), foram conseguidas em diversos momentos e iniciativas que a organização socioeducativa dinamizou. Considero que assisti ao exemplo da relação equipa educativa-família que pretendo desenvolver enquanto futura educadora. Tanto a educadora como a auxiliar de ação educativa, estavam sempre disponíveis para conversar com as famílias e partilhar informações. No presente contexto educativo, foi difícil estabelecer ligação e contacto com as famílias, uma vez que nos horários de entradas e saídas eu não estava presente, contudo através das iniciativas da organização socioeducativa como a festa de Natal, consegui estabelecer ainda que pouco, algum contacto com as famílias das crianças. Dessa forma, destaco a importância de estabelecer uma relação de confiança e partilha com as famílias das crianças, sendo sempre positivo para o desenvolvimento e aprendizagem das mesmas.

Por último, relativamente às minhas intenções para com a equipa educativa, na minha perspetiva é fulcral que exista uma boa relação entre a equipa educativa, de modo a contribuir da melhor forma possível para o bem-estar das crianças, como referido anteriormente. Assim sendo, adotei uma atitude observadora nas primeiras semanas, para compreender a dinâmica da equipa educativa, respeitei o trabalho desenvolvido e estive aberta às sugestões acerca da minha prática e das minhas propostas de atividades.

Sinto que as reflexões semanais levaram-me a adquirir um olhar crítico e reflexivo, que me proporcionou fazer uma construção de conhecimento, procurando soluções de diferentes formas de atuar, ou até mesmo de melhorar. As mesmas contribuíram para o meu desenvolvimento e aprendizagem.

Outro aspeto, que considero essencial realçar é a investigação que realizei no decorrer da minha PPS II, sobre a importância da literatura infantil no jardim de infância. A investigação que desenvolvi contribuiu para a minha aprendizagem, permitiu-me adquirir mais conhecimento sobre esta temática e, observar e participar no desenvolvimento e aprendizagem das crianças utilizando a literatura infantil.

Por fim, considero esta experiência muito gratificante, bastante enriquecedora, e, principalmente fez-me crescer como futura educadora de infância, pois possibilitou-me

adquirir aprendizagens, através da prática. Permitiu-me criar ferramentas, contudo ainda tenho muito para aprender. Ademais, sinto-me contente e realizada com todo o trabalho que consegui desenvolver, tenho consciência que todas as minhas ações tiveram como propósito o bem-estar das crianças e o seu desenvolvimento e aprendizagem. É de coração apertadinho e lágrima no canto do olho, que escrevo esta reflexão, sinto que é impossível expressar em palavras tudo o que vivi, aprendi, as pessoas que para sempre levarei no coração, as palavras que escutei, os abraços partilhados e o apoio incansável que me deram ao longo destes quatro meses. As crianças, as famílias e a equipa educativa tornaram este caminho mais rico em conhecimento, em sorrisos, em querer trabalhar num lugar feliz como me senti neste. Sem sombra de dúvida, que cada criança terá um lugar especial no meu coração.

Neste período, ganhei certezas do que quero fazer, ser e transmitir. Enquanto futura educadora de infância, tenciono valorizar uma relação de proximidade com todos os agentes educativos, bem como ter em consideração as especificidades, interesses e necessidades de cada criança, observando-as sempre como o centro da ação de um educador de infância. Pretendo escutar as crianças, dar-lhes tempo, dar atenção, agir com calma, com o coração e acima de tudo com muita paixão e diversão pela profissão e pelas crianças. O melhor de tudo, é fazer o que mais gosto, e nunca na vida vou ter de trabalhar.

ANEXO C
Guião da entrevista à
educadora cooperante

| ' ' | | ' ' |

Guião de Entrevista à Educadora Cooperante

Destinatária: Educadora de Infância (PPS II 2023/2024)

Objetivos:

- Compreender o percurso profissional da educadora cooperante;
- Conhecer o funcionamento da organização socioeducativa e da sala de atividades;
- Caracterizar a dinâmica educativa da equipa;
- Compreender de que forma é organizado o ambiente educativo;
- Compreender as conceções da educadora de infância sobre a importância e o contributo das histórias em jardim de infância.

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
A. Legitimação da entrevista e motivação do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none">• Legitimar a entrevista;• Motivar o entrevistado.	<ul style="list-style-type: none">- Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação necessária à realização do tópico “caraterização reflexiva do contexto socioeducativo” inerente ao relatório da PPS II.- O seu carácter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido, deste modo afirmo que serei a única pessoa a ter acesso à gravação áudio.- Autoriza o consentimento da gravação áudio desta entrevista?- Garanto o envio da entrevista com as devidas transcrições para validação.	

<p>B. Definição do perfil da entrevistada</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o percurso profissional da educadora. 	<p>B1. Qual a sua formação?</p> <p>B2. Há quanto tempo exerce funções de educadora de infância?</p> <p>B3. Fale-me do seu percurso profissional.</p> <p>B4. Já trabalhou segundo um determinado modelo pedagógico?</p> <p>B5. Fale-me do seu percurso nesta organização socioeducativa.</p> <p>B6. Para além de exercer funções de educadora de infância ocupa, ou ocupou, algum outro cargo nesta organização socioeducativa?</p> <p>B7. Frequentou alguns cursos/ações de formação?</p>	
<p>C. Modelos pedagógicos (concepções e práticas)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os princípios pedagógicos seguidos pelo/a educador/a. • Identificar o modelo pedagógico implementado pelo/a educador/a. 	<p>C1. A organização socioeducativa adota algum modelo pedagógico?</p> <p>C2. A sua prática é baseada em algum modelo pedagógico?</p> <p> C2.1. Se sim, como o(s) implementa?</p> <p> C2.2. Se não, porquê?</p>	
<p>D. Organização do ambiente educativo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender como o profissional de educação 	<p>D1. Como organiza o ambiente educativo? Como é organizado o tempo, o grupo e o espaço/materiais?</p> <p> D1.1. As famílias participam na organização do ambiente educativo? Se sim, de que forma?</p>	

	organiza e gere o ambiente educativo.	D2. Quais são as suas prioridades relativamente à organização do ambiente educativo? Como as define?	
E. Organização do ambiente educativo	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a organização do grupo nos diferentes momentos da rotina. 	E1. Como organiza o grupo nos diferentes momentos da rotina? E porquê?	
F. Caracterização do grupo de crianças	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar o grupo de crianças, identificando as suas potencialidades, fragilidades e áreas de interesse. 	<p>F1. Como caracteriza o grupo de crianças com o qual está a desenvolver a sua prática atualmente?</p> <p>F2. Quais acredita serem as potencialidades e fragilidades do grupo de crianças?</p> <p>F3. O que identifica como sendo os seus interesses?</p> <p>F4. Quais os maiores desafios que encontra este ano letivo?</p>	
G. Relação com as Famílias	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a participação das famílias das crianças. • Conhecer as estratégias utilizadas pelo educador de modo a promover o contacto com as famílias e entre famílias. 	<p>G1. Que tipo de articulação/participação têm as famílias na organização socioeducativa?</p> <p>G2. Quantas reuniões são realizadas com as famílias e com que objetivo?</p> <p>G3. As famílias podem solicitar reuniões se tiverem dúvidas ou sugestões relativas à vida das crianças?</p>	
H. Planificação/Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer os procedimentos de avaliação da criança. 	H1. Como planifica o seu trabalho durante o ano letivo (através de planificações anuais, trimestrais, mensais, diárias, etc.)?	

	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender como é elaborada a planificação educacional. 	H2. Como é feita a avaliação das crianças?	
I. Trabalho em equipa	<ul style="list-style-type: none"> • Relações e interações entre equipa educativa. • Compreender como é realizado o trabalho em equipa. 	<p>I1. Na sua opinião, como caracteriza a equipa que trabalha no jardim de infância? E a equipa educativa de sala?</p> <p>I2. Ao longo do ano existem reuniões entre a equipa educativa de sala? E a equipa do jardim de infância?</p> <p>I3. Existe articulação entre salas? De que tipo?</p> <p>I4. Em que medida considera importante a existência de uma auxiliar em colaboração com a educadora?</p>	
J. Leitura de histórias	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a importância da leitura de histórias em jardim de infância • Compreender a valorização do contacto das crianças com histórias. • Caracterizar os comportamentos das crianças à leitura de histórias. • Compreender qual é o papel do educador na leitura de histórias. 	<p>J1. Na sua opinião qual é o papel da Literatura Infantil na Educação de infância?</p> <p>J2. Que importância atribui à leitura de histórias às crianças e ao contacto das mesmas com livros infantis?</p> <p>J3. Com que frequência lê histórias ao grupo de crianças?</p> <p>J4. Sente que as crianças se interessam pela audição de histórias? Se sim, como pode ser observado esse interesse?</p> <p>J5. Que atitudes/comportamentos observa nas crianças quando lê uma história?</p>	

	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar a frequência de leitura de histórias. 	<p>J6. Considera importante que as crianças tenham contacto com livros? Porquê?</p> <p>J7. A partir de que idade acredita que deva a criança contactar com os livros e a literatura infantil?</p> <p>J8. Qual o papel do educador na leitura/conto de histórias?</p>	
K. Prática Pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender quais os critérios de seleção de livros. • Compreender quais as estratégias utilizadas durante a leitura de histórias e a importância das mesmas. • Verificar se a realização de atividades parte a partir de histórias. 	<p>K1. Quais os critérios que utiliza na seleção de livros?</p> <p>K2. Considera que, no momento de leitura/conto da história, a presença do livro é obrigatória?</p> <p>K3. De que forma conta histórias na sua sala? Com que recursos e materiais?</p> <p>K4. Considera que os recursos auxiliares de histórias influenciam a forma de estar das crianças durante a dinamização?</p> <p>K5. Costuma realizar atividades a partir da utilização de histórias?</p>	
L. O lugar do livro e da leitura/conto de histórias na sala de jardim de infância	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a importância atribuída pela educadora ao livro e à leitura de histórias dentro da sala de atividades; • Compreender as estratégias utilizadas pela entrevistada para 	<p>L1. Contempla na sua rotina diária um espaço/momento dedicado à Hora do Conto?</p> <p>L2. Quais as práticas que implementa para promover o contacto das crianças com o livro e para contar e/ou ler histórias na sua sala?</p>	

	<p>promover o contacto com o livro e a leitura de histórias.</p>	<p>L3. De que forma a sua sala está organizada, de forma a promover o contacto das crianças com o livro?</p> <p>L4. Que aspetos gostaria de melhorar na organização da sua sala, de forma a promover a leitura/conto de histórias?</p> <p>L5. A que tipo de estratégias recorre habitualmente para promover o contacto das crianças com o livro e com o conto/leitura de histórias?</p>	
<p>M. Relação com as Famílias no que diz respeito ao livro e à leitura de histórias</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as conceções da educadora sobre as famílias e a importância do livro e da leitura de histórias. 	<p>M1. Na sua opinião, quais são as conceções das famílias sobre a importância do livro e da leitura/conto de histórias na vida dos/as seus/suas filhos/as?</p> <p>M2. De que forma tenta incluir as famílias na promoção do contacto das crianças com o livro e no incentivo ao conto/leitura de histórias?</p>	
<p>N. Conclusão da entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Finalizar a entrevista. 	<p>De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?</p> <p>Obrigada pela sua disponibilidade.</p>	

ANEXO D
Transcrição da entrevista à
educadora cooperante

| | " | | " |

Entrevista à Educadora Cooperante

A. Legitimação e motivação da entrevistada

Autoriza o consentimento da gravação áudio desta entrevista?

Sim.

B. Definição do perfil da entrevistada

B1. Qual a sua formação?

Tirei uma licenciatura na Maria Ulrich. Antiga Maria Ulrich. Agora está no ISPA. O curso continua, mas é um curso no ISPA, eu na altura fiquei mesmo na escola superior de educadores de infância Maria Ulrich.

B2. Há quanto tempo exerce funções de educadora de infância?

Desde 2003.

B3. Fale-me do seu percurso profissional.

O meu percurso profissional, desde que tirei o curso, não estou do curso, porque no curso nós fazemos muitos estágios e aí estive em vários sítios, mas eu quando acabei a minha licenciatura vim trabalhar para aqui e estou aqui há 20 anos.

B4. Já trabalhou segundo um determinado modelo pedagógico?

Sim. Aqui na escola nós temos vindo a alterar ligeiramente especialmente nos primeiros anos. Agora, há muitos anos que trabalhamos mais ou menos dentro de um modelo que criámos, que é o nosso. Mas já trabalhei com outros modelos, no início aqui na escola e estágios que fiz.

B5. Fale-me do seu percurso nesta organização socioeducativa.

Apesar de ser extenso tive sempre na valência de jardim de infância. Comecei aqui a trabalhar, acompanhei o crescimento desta instituição, o que pronto temos sempre vantagens e desvantagens entrar no mesmo sítio e variar. Por um lado, é bom variar, claro. No meu caso, não variei fiquei sempre aqui nunca saí daqui, portanto vou trabalhar aqui há 20 anos, mas foi engraçado e interessante observar a evolução de uma instituição. Portanto, eu quando vim para aqui trabalhar isto era uma instituição da Santa Casa da Misericórdia que estava a fechar porque naquela fase a Santa Casa estava a ceder muitos espaços às IPSS, porque não tinha capacidade para gerir todos os espaços. Então esta associação já existia, ali na estrada luz era um ATL e teve jardim de infância, mas fechou. E então veio explorar este

espaço, a organização socioeducativa veio explorar o espaço, mas pegamos num espaço que era da Santa Casa da Misericórdia e nas crianças que cá estavam. No início foi não foi muito fácil, foi um desafio. Era uma escola pequenina, não tem nada a ver com o que é hoje em dia. Só funcionava numa parte mais antiga e ao longo dos anos a escola foi-se ampliando muito, foi ganhando muito mais crianças, muito mais salas, valências que não tinha. Começámos só com uma valência, com creche só de 2 anos, uma sala de 2 anos, duas salas de 3 e uma de 4 e uma de 5. Agora neste momento, está para aí 3 ou 4 vezes mais o que era nos primeiros anos. Portanto, surgiu valência de creche e valência de primeiro ciclo. Eu tenho estado sempre no jardim de infância, mas é o que eu gosto. Passado dois anos passámos para grupos heterogéneos e mudámos um bocadinho a pedagogia, o tipo de modelo. Nós pegamos no modelo que estava implementado na Santa Casa, depois fomos orientando um bocadinho para aquilo que nos acreditávamos e nos identificávamos mais.

B6. Para além de exercer funções de educadora de infância ocupa, ou ocupou, algum outro cargo nesta organização socioeducativa?

Não.

B7. Frequentou alguns cursos/ações de formação?

Muitos. Assim dos mais interessantes posso falar, boas experiências. Assim de repente que me lembro, um sobre matemática foi muito interessante. Um curso também que fiz de literatura infantil, tipo animação de histórias, foi muito proveitoso esse curso e implementei imensas formas e foi muito prático, foi bom, deu para implementar. Outro que posso falar, fiz agora há pouco tempo, este por acaso até foi este ano. Foi sobre dinâmica de reuniões de pais, também foi engraçado e que até já começámos a implementar este ano aqui na escola.

C. Modelos pedagógicos (conceções e práticas)

C1. A organização socioeducativa adota algum modelo pedagógico?

O modelo, não é um modelo oficial, por assim dizer, mas nós podemos fazer isso. As escolas não são obrigadas a seguir o modelo 100% puro, nós temos uma base da Escola Moderna. Portanto, nós regemo-nos, na organização de sala, dos grupos, da sala em si, das áreas, os grupos heterogéneos, trabalharmos por projeto. Portanto, tem uma base de Escola Moderna. Depois, porque não nos identificarmos no geral a escola com um modelo de Escola Moderna puro e porque também não temos condições de tempo e de espaço para conseguir implementar esse modelo. Portanto, é um modelo com base na Escola Moderna, mas depois é um bocadinho orientado por nós.

C2. A sua prática é baseada em algum modelo pedagógico? C2.1. Se sim, como o(s) implementa?

É a Escola Moderna, mas não é uma Escola Moderna pura. Nós temos bastante liberdade de trabalhar dentro de sala, nós aqui na instituição. Os educadores de infância temos a base que nos regemos, mas depois temos bastante liberdade de trabalhar. Portanto, há algumas coisas da escola moderna, por exemplo que eu já experimentei praticamente toda a Escola Moderna. Trabalho à 20 anos, portanto há muitas coisas que eu já fiz, até porque na teoria era o que se devia fazer e implementei e não gostei. Houve coisas que de facto não gostei, acho que não resultam, não me identifico ou porque neste contexto não resultam e, portanto, há algumas coisas que deixei de fazer, por exemplo o conselho, mapa do que é que gostei, o que não gostei e o que queremos fazer. Para mim era uma lavagem de roupa suja, que eu acho que não trazia nada de bom às crianças. Pronto, isto é, na minha visão, eu fiz alguns anos, portanto posso falar com conhecimento de causa. Portanto, temos esta base, mas depois seguimos um bocadinho aquilo em que acreditamos. Eu gosto muito também da pedagogia emergente, eu quando fiz o estágio do terceiro ano foi um dos estágios mais importantes, a escola trabalhava assim. Apesar de também não me identificar 100%, há muito da minha formação que vem daí, que as crianças possam participar também ao máximo, também vai ao encontro da Escola Moderna, mas depois também não concordo com tudo, portanto acaba por ser um bocadinho o nosso, o meu, a minha forma de trabalhar.

D. Organização do ambiente educativo

D1. Como organiza o ambiente educativo? Como é organizado o tempo, o grupo e o espaço/materiais?

É organizado primeiro que tudo no início do ano. Há aqui uma parte que eu não posso organizar, porque estamos numa instituição. Portanto, há aqui algumas coisas que nos ultrapassam, nesta instituição em outras será diferente, mas horários de por exemplo de música, ginástica. Já conseguimos organizar melhor, porque em termos de direção já nos ouviram melhor. Portanto, é isto. Eu falo disto, porque isto é muito importante para o resto do ano, estes últimos dois anos por exemplo, têm corrido uma série de coisas muito melhor, porque nós temos organizado, porque nós é que sabemos o grupo que temos. É isto que às vezes as pessoas de fora a organizarem determinadas coisas depois não resulta bem. Portanto, isso é o mais importante, depois tento sempre ver os dias que tenho mais tempo, menos tempo. Se faço uma reunião de grupo, a seguir não posso fazer alguma coisa em grupo que precise de mais concentração, por exemplo se fizer um jogo com o grupo, se calhar não vou contar uma história vou começar logo pelo jogo. Portanto, isto tem de se ir gerindo um bocadinho o que podemos fazer com aquilo que nos dá. Neste caso, este ano por exemplo é um grupo bastante imaturo, portanto temos de ter em atenção este tipo de coisas. Depois a dinâmica dos projetos, eu acho que é muito importante estarmos envolvidos no projeto e o projeto ter princípio, meio e fim. As crianças estão muito mais

envolvidas, portanto também tento dessa forma gerir o dia e a semana para que as coisas corram o melhor possível. **O espaço e os materiais?** Depende, há coisas que é com eles, há muita coisa que não é com eles. Lá está, isso é uma boa pergunta. Se eu respondesse a esta entrevista há 10 anos, 15 anos atrás, a minha resposta que era tudo com eles, é aquilo que se aprende na universidade, é aquilo que está escrito nos livros de hoje em dia, não estou a falar por exemplo de uma pedagogia do João de Deus que não tem nada a ver. Estou a falar destas mais modernas, mais nos identificamos em termos do que vocês aprendem e também do meu curso e de tudo mais. Mas se calhar responderia isso, sim teoricamente devemos ter bem enraizado em nós que os momentos devem ser o mais participado com as crianças sim, mas não tem de ser constantemente participado, não têm de ser eles a decidir tudo. Na minha experiência acho que isso não corre bem, se calhar com outras pessoas corre comigo não. Portanto, acho que há e depende dos grupos, no grupo do ano passado, por exemplo eu podia fazer muito mais do que não consigo fazer com o grupo deste ano, que é um grupo muito mais imaturo e em termos de comportamento, um bocadinho mais complicado. Acho que às vezes há outras formas de envolver as crianças sem termos de ter a participação delas e a decisão delas em tudo, é importante elas decidirem, mas também é importante, muitas vezes que se oriente e que se decida por elas, porque elas precisam dessa orientação a meu ver.

D1.1. As famílias participam na organização do ambiente educativo? Se sim, de que forma?

A maioria do tempo do ano não, a maioria do ano não. Mal seria se eu cada vez que quisesse fazer uma coisa tivesse de perguntar aos pais. Depois uns querem, outros não, é complicado, mas de vez em quando há situações que vão surgindo em que acontece também ter a participação das famílias. Por exemplo, no ano passado no projeto que estávamos a desenvolver fizemos uma área nova na sala, a área do mercado e da horta. Esse mercado e essa horta foi todo construído com os pais, tudo com a participação dos pais. Eles trouxeram de casa. Por exemplo, há 2 anos fizemos um deserto na sala, todos trouxeram areia, todos trouxeram coisas que tinham em casa alusivas ao deserto, é uma forma de os pais participarem no espaço mesmo sem estarem aqui ou quando convidamos os pais a fazerem atividades em sala, a contar uma história ou a participarem no projeto. Acabam por estar envolvidos e também dinamizar e gerir o espaço, mas é assim em situações pontuais, no dia a dia não.

D2. Quais são as suas prioridades relativamente à organização do ambiente educativo? Como as define?

Primeiro que tudo eu acho que o mais importante é que as crianças estejam bem-adaptadas. Tento que as crianças tenham espaço, tento perceber quais são as áreas mais requisitadas. Por um lado, as que as motivam mais, têm de ter mais espaço é o caso da casinha. Por exemplo a casinha é sempre muito

requisitada, e por isso é uma área que está maior do que outras que não são tão requisitadas. Por outro lado, também convém dinamizar outras que não sejam tão requisitadas para acabarem por ter interesse e serem despertadas para outras coisas que não estão habituados. Por exemplo, neste caso a casinha sempre todos os anos, há uns anos que as crianças estão muito envolvidas no escritório, há outros anos que são os jogos de mesa. Há uma coisa engraçada, eu tenho ali a caixa de areia há 2 anos, este ano ninguém liga à caixa de areia e o ano passado e há 2 anos a caixa de areia era adorada por todos, era um sítio que estavam sempre, este ano ninguém liga à caixa de areia. Portanto, isto depende um bocadinho do grupo e da situação, mas por exemplo aqueles que são muito requisitados às vezes a tarde digo que está fechado, para quê? Para os obrigar a ir ver outras coisas, à meninos que se tiverem aquela área sempre ali ao dispor, não vão brincar noutros sítios. Portanto, há também que gerir um bocadinho isso, mas o mais importante é que eles têm um espaço e que seja um espaço acolhedor. Que os materiais estejam ao alcance deles e que tenham a maior autonomia possível. Pronto, depois isto depende da sala de jardim de infância, há muitas vezes tintas ao dispor das crianças. Por exemplo, eu já não tenho a área da pintura minha sala há alguns anos, não é que eu não concordo, eu acho que a área da pintura é fantástica, mas é preciso ter condições para ter a área da pintura. E eu acho que nós não temos muito tempo, sendo que este ano está muito melhor, terem atividades, terem música, terem o inglês, ter entradas e saídas e temos os projetos a desenvolver, não temos muito tempo nas nossas tardes como já percebeste, porque têm atividades curriculares e têm extracurriculares e, portanto, às vezes não há muito tempo. Eu não consigo estar a desenvolver uma atividade, uma questão temos crianças com Necessidades Educativas Especiais que é muito importante, muitas vezes eu não consigo ter, este ano com o Z. é mais fácil. Mas ter por exemplo, a área da pintura aberta quando tenho uma criança que está permanentemente a ir lá buscar tinta e pôr na boca. Eu consigo se calhar estar a desenvolver um projeto com as crianças e ter uma criança a fazer tanto, às vezes tem que se gerir um bocado consoante aquilo que temos e aquilo que podemos fazer não só aquilo que está escrito nos livros, mas aquilo que é possível.

E. Organização do ambiente educativo

E1. Como organiza o grupo nos diferentes momentos da rotina? E porquê?

É um grupo heterogéneo, a ideia é que eles estejam o máximo de tempo possível todos juntos, não haja a tal divisão. Se bem que nós fazemos essa divisão à tarde e concordo, ainda bem que fazemos este bocadinho homogéneo dos 3 que dormem, a hora dos 4 e a hora dos 5. Fora isso, eles estão sempre juntos e a ideia é que haja uma interajuda grande, que haja uma cooperação, daí a história dos pares. É também uma forma de organização que acaba por ser um bocado direta e indireta. Direta, porque sim, porque eles sabem que tem aqueles pares e indireta porque eles acabam por construir relações muito

giras muitas vezes com os pares. E acaba por lhes dar ali alguma responsabilidade, por desenvolver essa responsabilidade, porque vais-lhes inculcando aquele cuidado com o outro, com os mais pequeninos, o imitar os mais crescidos, no grupo heterogéneo o ideal é que eles tenham cooperação entre eles, façam todos o mesmo independentemente. Depois, obviamente nós temos a noção que uma criança de 5 e de 3, desenvolvem-se de maneira diferente, não podemos esperar o mesmo de todas as crianças.

F. Caracterização do grupo de crianças

F1. Como caracteriza o grupo de crianças com o qual está a desenvolver a sua prática atualmente?

É um grupo imaturo, a palavra-chave é esta, é um grupo imaturo, é um grupo agitado, um bocadinho agitado, mas também sem exageros consegue-se trabalhar com eles, mas por ser imaturo é mais agitado. É um grupo ainda com algumas dificuldades de concentração, pronto no geral é isso, o mais importante acho que é isso.

F2. Quais acredita serem as potencialidades e fragilidades do grupo de crianças?

É um grupo com poucas crianças de cinco anos, para um grupo heterogéneo é péssimo. Para mim é o pior que se pode ter. Eu já tive de tudo, mais de 4, mais de 5, muito equilibrado, às vezes uma sala com muitos rapazes e poucas raparigas que também tem influência. Mas eu acho que a maior dificuldade deste ano, sendo um grupo heterogéneo, porque podia ser um grupo só de 3 ou 3 e 4 e é aquilo que nós esperamos. É um grupo heterogéneo que temos de chegar a todos, eu tenho crianças de 5 anos que também têm outras necessidades e que em setembro, por exemplo vão primeiro. É aqui tenho alguma dificuldade, acho que vou começar agora, há pouco tempo e daí o teu estágio começar muito cedo, quando nós estamos aqui a entrar um bocado um grupo, depois há anos que entram poucos meninos, portanto o grupo já é quase todo o nosso do ano passado. Este ano eu tive uma grande volta no grupo, portanto mais de metade, metade é novo e muito pequenino. Portanto, acho que só talvez agora a chegar ao final do primeiro período é que eu acho que sinto já alguma consistência maior no tipo de atividades que consigo fazer que cheguem a todos. Pronto, essa acho que é a maior dificuldade. A potencialidade deste grupo, acho que são curiosos, apesar desta imaturidade acho que até são curiosos e acho que há muita interação entre as várias idades, que é uma coisa que não costumo observar tão cedo. Muitas vezes, estas amizades entre as diferentes idades acabam por surgir mais tarde, por exemplo de agora para frente. Os primeiros meses não se ligarem tanto. Este grupo foi engraçado que nas primeiras semanas comecei a ver muita troca de brincadeiras e conversas e começou-se a notar já amizades e laços entre as entre as crianças de várias idades.

F3. O que identifica como sendo os seus interesses?

Acho que eles gostam muito de histórias, apesar de se desconcentrarem ainda um bocadinho. Portanto, não pode ser também qualquer história, mas acho que eles se interessam e quando é uma boa história eles ficam bastante concentrados. Acho que gostam de jogos.

F4. Quais os maiores desafios que encontra este ano letivo?

Noto um grupo com pouca facilidade em imaginar, se eu quero imaginar alguma coisa, se quero que eles acabem uma frase, por exemplo este ano ainda não fiz nenhuma história com eles, a coisa de cada um fazer um bocadinho, vou fazer, mas acho que vou ter dificuldade por isso estou a deixá-los crescer mais um bocadinho. Quando peço que inventem um nome, ficam parados a olhar para mim. Acho que têm ainda muita dificuldade entre o imaginário e colocar por palavras, também é preciso aqui alguma há uma compreensão e aí noto dificuldade nesse ponto. Estão muito agarrados ao concreto, aquilo que veem.

G. Relação com as Famílias

G1. Que tipo de articulação/participação têm as famílias na organização socioeducativa?

As famílias têm várias. Há vários momentos em que as famílias estão na escola, há dias que estão instituídos mesmo, por exemplo o Dia da Família. É um dia muito participado pelos pais, portanto os pais é que vêm à escola fazer 1000 atividades, muitas coisas, é muito bom, é um dia muito giro. As festas, os pais vêm sempre a escola seja a festa de Natal ou a festa de final de ano. Depois, tem a ver um bocadinho com os projetos de sala, em que os pais são convidados a vir à sala e a participarem de alguma forma. Os trabalhos, qualquer coisa que vá para casa para fazerem. Este ano tivemos aquela do coração das memórias infância vai para casa, trazem. Depois, há anos que eles são mais participativos, anos que não são tão participativos, há pessoas que entregam logo, que gostam e vê-se que houve ali algum envolvimento com a criança, à outros que nem trazem ou fazem um rabisco e está bom.

G2. Quantas reuniões são realizadas com as famílias e com que objetivo?

São realizadas 2 reuniões obrigatórias, reunião de início do ano que é uma reunião geral com todos os pais, é uma reunião mais expositiva em relação ao grupo, a organização do grupo, os nossos objetivos, a nossa metodologia, parte dos projetos, a parte do projeto anual de escola, tudo muito geral que diz respeito à escola e a sala. Este ano até começamos a implementar algumas dinâmicas na reunião. Depois, no final do ano temos sempre reuniões individuais com cada uma, aí então vamos falar só

daquela criança e do percurso do ano letivo. E também à outra obrigatória, que é dos meninos que entram novos, os meninos que entram novos na sala, ou seja, os meninos de 3 anos que andam cá e os que vieram de outras escolas, quem entra de novo na escola tem uma coisa que chamamos o programa de acolhimento, são os objetivos de adaptação e quando passa essa fase fazemos sempre uma reunião com os pais. Estas são aquelas obrigatórias, mas depois ao longo do ano há sempre reuniões ou abertura para haver reuniões. No caso da minha parte, que eu acho que seja pertinente falar com os pais sobre algum tema marco e também da parte dos pais, sempre que haja algum assunto que lhes esteja a preocupar ou então queiram só conversar. A criança está na escola, existe muita abertura e marcamos uma reunião facilmente. Com as crianças com necessidades educativas especiais há essa reunião igual a todos os outros e há sempre também duas extra com os terapeutas e com os pais. Aí a reunião de início do ano individual e no final igual, mas com os terapeutas.

G3. As famílias podem solicitar reuniões se tiverem dúvidas ou sugestões relativas à vida das crianças?

Podem sempre sim.

H. Planificação/Avaliação

H1. Como planifica o seu trabalho durante o ano letivo (através de planificações anuais, trimestrais, mensais, diárias, etc.)?

Organizo-me através dos projetos, portanto sejam eles o projeto escola que eu já tenho minimamente definido, porque já sei qual é o tema ou então os projetos de sala que podem surgir que eu não faço ideia do que é que vai aparecer, nem quanto tempo é que vai durar. Portanto, vou regendo-me mais ou menos pelos projetos. Portanto, temos uma agenda na sala, por exemplo agora até tenho uma coisa em agenda que só vamos começar um bocado mais à frente, porque surgiu deles, foi uma coisa interessante, então vamos pôr na agenda e depois vamos trabalhar. Portanto, depois vamos ver onde é que vamos encaixar, mas a base é pelo projeto. Depois, em termos de informação às famílias é através dos planeamentos semanais, por isso tenho um projeto, vejo mais ou menos o que é que as crianças querem daquele projeto, o que é que eu acho importante desenvolver com aquele projeto e depois acaba por ser a semana. Porque obrigatoriamente eu tenho de fazer o planeamento, portanto isto já não vai ao encontro da Escola Moderna, estes planeamentos assim tão rígidos. Portanto, depois acabo por me organizar também, através do planeamento semanal. Que eu não concordava nada no início e hoje em dia gosto muito, lá está às vezes o experimentar é importante.

H2. Como é feita a avaliação das crianças?

Temos 2 avaliações, portanto por semestre temos uma avaliação em janeiro e outra avaliação em junho, avaliações escritas que tem uma parte de escolha múltipla sobre o desenvolvimento das várias áreas, as áreas do modelo curricular. Depois, no final tem uma observação escrita. Estas duas são entregues aos pais, estão sempre no portal da escola. Os pais têm uma senha e podem ver que está lá. Estas são sempre, aliás a reunião do final de ano é sempre feita com esta avaliação já. E agora em janeiro também os pais têm acesso à outra. Depois, temos mais 2 avaliações, uma em novembro e a outra acho que em abril, mas são avaliações de ponto situação, mas são só nossas não é para passar aos pais, são só nossas e ficam no dossier de sala.

I. Trabalho em equipa

I1. Na sua opinião, como caracteriza a equipa que trabalha no jardim de infância? E a equipa educativa de sala?

Esta equipa é muito criativa, muito dinâmica, acho que trabalha bem e com muito gosto, é uma equipa boa. A equipa é ótima, mas é nova porque foi uma equipa durante 18 anos e há 2 anos que é uma equipa diferente, só eu é que estou cá antiga. É de alguma forma uma aprendizagem, trabalhei muitos anos com uma mesma equipa e de repente vieram pessoas novas, mas acho que está a correr muito bem. **E a equipa educativa de sala?** A equipa educativa de sala também acho que corre muito bem, acho que a A. é uma ótima auxiliar e acho que corre bem, mas também é a primeira vez que estamos a trabalhar juntas. Portanto, isto depende. Eu já tive muitas auxiliares desde que trabalho aqui. Estive no ano passado 2 anos a mesma auxiliar. Claro que o ano passado foi muito mais fácil, porque era a mesma, a não ser que nos déssemos mal, mas isso nunca aconteceu, felizmente. É sempre mais fácil. É a primeira vez que estamos a trabalhar juntas, mas está a correr bem.

I2. Ao longo do ano existem reuniões entre a equipa educativa de sala? E a equipa do jardim de infância?

Não há reuniões formais, não há nenhuma altura específica nem marcada para isso, acho que a comunicação vai sempre fluindo. **E a equipa do jardim de infância?** Todas as semanas à quarta-feira há sempre reunião. Às vezes acontece não haver, porque falta alguém, agora há ensaios não há, mas normalmente à quarta-feira há sempre reunião.

I3. Existe articulação entre salas? De que tipo?

Nessa reunião acaba por se falar um bocadinho de situações que vão surgindo, coisas que temos de organizar que fogem a cada um da sua sala, mas que no fundo são situações que precisam de ser

organizadas e articuladas entre as várias salas. Depois, também temos sempre um tempinho onde nos é pedido para partilhar de alguma forma aquilo que estamos a fazer em sala, então tentamos partilhar os projetos que estamos a desenvolver.

I4. Em que medida considera importante a existência de uma auxiliar em colaboração com a educadora?

Em todas as medidas e mais algumas. Acho que é super importante haver uma auxiliar de sala sem dúvida. Só uma pessoa, uma educadora por muito boa que seja é difícil chegar a todos. A auxiliar é muito importante e claro que o ideal é que esteja o mais envolvida possível com o grupo e com as tarefas.

J. Leitura de histórias

J1. Na sua opinião qual é o papel da Literatura Infantil na Educação de infância?

É muito importante, eu valorizo muito. Tudo é importante, um educador de infância tem de estar preparado para tudo, se for preciso dar uma aula de ginástica dá, se for preciso abordar mais um bocadinho da parte da música, aborda! Temos de estar preparados para tudo. Depois acaba por haver algumas áreas que, ou porque valorizamos ou porque nos sentimos mais confortáveis. No meu caso é as duas coisas, porque valorizo, porque acho muito importante as histórias, porque é através das histórias que eles aprendem muitas coisas, sejam coisas reais, sejam coisas mais a desenvolver a parte do imaginário e desenvolve a linguagem. Para mim é muito importante em termos do desenvolvimento global da criança as histórias. Depois, acho que são ótimos fios condutores de conteúdos. Portanto, gosto sempre que o projeto que estejamos a abordar ou a desenvolver esteja sempre envolvido com muitas histórias, daí quando eu tenho algum tema, das primeiras coisas que eu faço é uma pesquisa de histórias. É a primeira coisa que eu vou logo fazer é a pesquisa de histórias, porque gosto muito que partam das histórias, acho que as crianças se envolvem muito mais, percebem melhor, imaginam muito mais, acho que é muito mais proveitoso para eles. Depois, pessoalmente porque eu gosto muito da literatura infantil. Interesse-me muito sobre o tema porque adoro contar histórias, talvez seja das coisas que eu mais gosto no meu dia a dia e na minha profissão.

J2. Que importância atribui à leitura de histórias às crianças e ao contacto das mesmas com livros infantis?

É muito importante e daí fazer também aquele mini projeto de sala dos “contadores de histórias”. Portanto é uma tarefa que eles têm essa responsabilidade de trazer uma história, de contar aos amigos. Muitas vezes no início não contam grande coisa, mas só o querer trazer o livro, sentarem se ali à frente

de uma plateia que é sempre intimidante para eles também, o pedir ajuda a um amigo. Começam a perceber um bocadinho a sequência das imagens, começam a perceber que conseguem descodificar o que é que lá está, não sabem ler, mas sabem olhar para uma imagem e descodificar. Pronto daí eu também fazer sempre isto todos os anos, já há muitos anos que faço e acho que corre bem e nota-se muita evolução ao longo do ano deles a contarem as histórias. É muito importante. Acho que um livro não é um brinquedo e acho que não deve ser visto como um brinquedo, mas deve ser visto como algo que eles podem ter, ver de trás para frente de frente para trás, várias vezes. E só no fundo com essa experiência é que começam a perceber que com os livros têm de se ter cuidado, que os livros se rasgam, que podem ter interações com outras crianças, começam a perceber que eles também conseguem contar essa história e não só ouvir, mas começam a recontar também quando já dominam um bocadinho as histórias. Acho que é muito importante terem ao alcance deles, mas também perceberem que nem tudo é brinquedo.

J3. Com que frequência lê histórias ao grupo de crianças?

Normalmente todos os dias, às vezes pode falhar um dia ou outro por alguma razão ou substituir uma história por uma atividade diferente de grupo no início do dia ou às vezes uma visualização de um vídeo ou uma canção animada. Às vezes posso saltar a história, mas a maior parte das vezes há sempre uma história todos os dias.

J4. Sente que as crianças se interessam pela audição de histórias? Se sim, como pode ser observado esse interesse?

Acho que sim, acho que de uma maneira geral as suscitam sempre interesse às crianças, acho que não houve um único ano de trabalho, com grupos sempre diferentes todos os anos, que eu sentisse que era uma área que eles não gostavam, que era um momento que eles não gostavam, acho que nunca me aconteceu. Agora claro que há grupos que são mais recetivos do que outros e aí acho que tem muito a ver com as idades do grupo. Portanto este ano por exemplo que é um grupo muito imaturo, à partida tem menor concentração e o sinto que tem menor concentração, mas apesar disso acho que gostam muito das histórias e quanto mais apelativas forem as histórias, quanto mais forem ao encontro dos interesses deles, quanto mais lúdicas forem maior capacidade de concentração se nota no grupo.

J5. Que atitudes/comportamentos observa nas crianças quando lê uma história?

Espanto, curiosidade, o querer saber o que vem a seguir, às vezes no meio da história sente-se que eles se identificam de alguma forma com aquilo que estamos a falar e às vezes até querem contar qualquer coisa, que eu isso muitas vezes vou cortando porque senão uma história perde-se e não estamos a contar

uma história só uma criança. Se estivermos a contar uma história uma criança, podemos vamos ir fazendo essas paragens, quando estamos a contar a um grupo eu tento sempre que eles guardem essas coisas para partilhar no final.

J6. Considera importante que as crianças tenham contacto com livros? Porquê?

Muito importante, primeiro que tudo, o cuidado, o gosto, o respeito pelo livro, o perceberem que um livro não é um brinquedo, mas sim um veículo de transmissão de ideias, de histórias, de emoções. Acho que é super importante.

J7. A partir de que idade acredita que deva a criança contactar com os livros e a literatura infantil?

Desde que nasce. Obviamente, adequar o livro à idade e a forma de o contar e de manusear adequado à idade, mas eu acho que é uma coisa que se pode fazer até a um recém-nascido.

J8. Qual o papel do educador na leitura/conto de histórias?

O papel é fundamental, é fulcral, o educador está a cantar uma história e no fundo a forma como o educador está a contar a história, o entusiasmo que coloca naquela história, a emoção que passa a contar a história, isso tudo vai ter impacto na criança. Agora, claro que depois o educador tem de estar sensível a dar, mas também está a receber. Portanto, temos de ir gerindo um bocadinho aqui os dois lados.

K. Prática Pedagógica

K1. Quais os critérios que utiliza na seleção de livros?

Os livros de sala da biblioteca, este ano tenho uma biblioteca muito pequenina, durante muito anos tive uma estante enorme com imensos livros. Este ano tenho uma zona mais pequena. Pronto, eu mudei este ano a sala, acho que eles precisavam de mais espaço para outras coisas não descurando os livros, que continuam a tê-los e têm ali o banquinho ao lado para poderem estar mais calmos a ver as histórias. Não podemos ter em sala, os livros que eles podem mexer, não podemos ter os livros que nós mais gostamos, porque eles não vão durar, porque por muito que nós queiramos que eles tenham cuidado e ao longo dos anos nota-se que vão tendo mais cuidado, mas temos um grupo heterogéneo, temos sempre crianças mais pequenas e acabam por estragá-los e nós não estamos sempre em cima deles. Portanto, aqui em termos de biblioteca não me interessa tanto que o livro, que a história seja tão boa ou que a ilustração seja tão fantástica, interessa-me mais que eles tenham se calhar livros um bocadinho mais resistentes, para que não se estraguem com tanta facilidade e que sejam assim apelativos. Depois os livros que eu compro para mim ou que eu peço para adquirir ou que está na biblioteca da escola que

vou contar às crianças, aí já é diferente aí quero que sejam primeiro que tudo a história em si, obviamente que acho que a história tem que ser adequada, eu tenho que me identificar com ela, tem que ter um tema que eu acho que seja o mais adequado possível e que seja pertinente e que seja interessante, porque há muita coisa que está à venda e que não vale nada. E depois, a ilustração, as ilustrações para mim são também muito importantes, que não sejam bonecadas estereotipadas, que sejam livros diferentes, que um livro lhes traga um tipo de abordagem, outros lhes traga outro tipo de abordagem. Pronto é isso que eu tenho em consideração com os livros primeiro que tudo obviamente é a história e a ilustração.

K2. Considera que, no momento de leitura/conto da história, a presença do livro é obrigatória?

Não. Acho que não, acho que a presença do livro físico não é obrigatória. Acho que o livro deve aparecer em grande parte das vezes ou pelo menos metade das vezes. Se eu contar cem histórias, acho que cinquenta devem ser com livro. O livro é um veículo da história. É onde está escrito e acho que é muito importante que o livro apareça, mas acho que é muito interessante também eles perceberem e imaginarem e não verem as imagens, seja uma história só contada oralmente, seja com outros suportes. Tentar fazer um teatro, contar uma história às vezes só com sequências de imagens que não estejam propriamente no livro, contar uma história no flanelógrafo que eu adoro, que realmente não tem calhado ultimamente, que eu uso muito, mas pelos temas que temos andado a tratar ultimamente se calhar não tem surgido tanto. A caixa de luz, por exemplo que se fazem coisas super giras com caixa de luz, a caixa de luz em pé sim. Portanto, acho que de vez em quando tem de aparecer umas formas de contar a história diferentes.

K3. De que forma conta histórias na sua sala? Com que recursos e materiais?

Eu acho que o que conto mais vezes é com um livro ou é no fonograma, é das coisas que eu mais uso. Depois volta e meia vão aparecendo assim umas coisas diferentes ou até mesmo no computador, não é a coisa que eu mais valorizo, mas acho que nos dias de hoje é importante eles perceberem como temos um mundo também no computador, temos um tema e vamos lá à procura e vai-nos aparecer de certeza uma história, canção, qualquer coisa que tenha a ver com o tema que estamos a falar.

K4. Considera que os recursos auxiliares de histórias influenciam a forma de estar das crianças durante a dinamização?

Sim, por exemplo o flanelógrafo cativa imensas crianças, muito. Eu às vezes tenho histórias ali no flanelógrafo que já te expliquei que não são sequer histórias, não são histórias, eu quero qualquer coisa sobre um tema, não tenho vou inventar, então vou fazer. Depois às vezes invento ou às vezes são

sequências de imagens, de figuras que eu vou colocando e que vou fazendo interação com eles e que eles ficam sempre vidrados, se calhar se eu fizer aquilo com um livro eles não vão ficar tão vidrados. A Caixa de luz também chama à atenção. Lá está também não são recursos para fazer constantemente, porque se fizermos constantemente, perde aquele efeito surpresa. O que tem de ter efeito surpresa é a história em si e a ilustração, pronto tem de ser boa, porque o resto acaba por ser uma coisa que eles estão habituados e que vai ser sempre interessante de alguma forma. Esses outros recursos que nós vamos buscar por exemplo o kamishibai é tipo uma caixa que se vai metendo assim as imagens, por acaso tive um, mas, entretanto, estragou-se e nunca mais fiz outro e também é engraçado. Os teatros de sombras é também daquelas coisas que funcionam muito bem e eles gostam muito, cativa imenso a atenção das crianças ou os fantocheiros também.

K5. Costuma realizar atividades a partir da utilização de histórias?

Sempre, noventa por cento das minhas atividades acho que partem de uma história.

L. O lugar do livro e da leitura/conto de histórias na sala de jardim de infância

L1. Contempla na sua rotina diária um espaço/momento dedicado à Hora do Conto?

Sempre, seja meu de manhã, eu digo sempre que nunca dou a minha cadeira a ninguém, sou sempre eu conto a história. À tarde aquele tempinho que eles têm que acabam por serem eles a contar a história, mas lá está é a história deles, não tem a ver com os projetos.

L2. Quais as práticas que implementa para promover o contacto das crianças com o livro e para contar e/ou ler histórias na sua sala?

Pode ser só história, história por si e depois vamos desenvolver alguma atividade que não tem de ter a ver com o livro, mas tem a ver no fundo com o conteúdo do livro ou então podemos também explorar um bocadinho a história, por exemplo ou construir um livro, o partir de uma palavra. O ano passado fiz umas histórias de Natal engraçadas em que cada um disse uma palavra “o que eles que era o Natal”, sejam estrela, árvore, o que eles quisessem. A partir dessa palavra, por exemplo tinham que fazer uma história, fizemos uns livros pequeninos, cada um tinha a seu ou então podemos fazer um livro em grupo em que cada um diz bocadinho, por exemplo “era uma vez” posso dar um mote partida “era uma vez uma bruxa” e cada um diz um bocadinho ou então com os cinco anos funciona muito bem também ter as palavras, por exemplo se for uma atividade para crianças mais crescidas fazer um leque de palavras, às vezes estamos a trabalhar um som de uma letra e então fazemos aquela lista de palavras e cada um fica uma palavra, agora vamos fazer uma história com estas palavras e cada um tem que dizer um

bocadinho, mas tem que introduzir a sua palavra e construir uma frase. Ilustrar uma história, ir buscar um bocadinho de uma história. Há imensas formas de explorar.

L3. De que forma a sua sala está organizada, de forma a promover o contacto das crianças com o livro?

A biblioteca, a hora dos “Contadores de histórias” e os livros. As histórias que vamos contando, eu também vou tendo os livros que vamos contando aqui e eles podem ver, mas debaixo de olho, senão vão-me estragar os livros, a maior parte dos livros que eu conto são meus ou são da biblioteca, portanto tem de ser uma atenção. Às vezes também os deixo, um bocadinho mais para a frente, aquelas crianças que muitas vezes não trazem livro, mas que até querem contar a história, então vão à minha biblioteca e escolhem um livro e sabem que eu tenho aqui livros, mas que aqueles livros são os meus não são os livros para eles estarem sempre a ver.

L4. Que aspetos gostaria de melhorar na organização da sua sala, de forma a promover a leitura/conto de histórias?

Gostava imenso de fazer este ano, aliás o ano passado nós tivemos uma biblioteca aqui na escola que estava muito bem organizada e que nós podíamos requisitar livros e era uma coisa que eu acho que era mesmo uma mais-valia e era muito giro. Eles podiam levar o livro para casa, havia assim uma hora que eles levavam um saquinho com o livro e depois traziam. Entretanto aquela sala acabou por se tornar outra coisa e depois acabaram com a biblioteca e tivemos uns anos sem biblioteca. No ano passado voltamos a fazer biblioteca, portanto estamos ainda a começar outra vez a dinamizar aqui a biblioteca. Eu acho que em sala gostava de ter melhores livros, mas muitas vezes não é possível. Mas acho que não há assim grandes coisas para fazer, gostava de ter uma área por exemplo de fantocheiro para eles poderem recriar histórias, dá para dinamizar e para explorar um bocadinho mais o tema. Em termos de biblioteca gostava muito que eles pudessem requisitar um livro e pudessem levar para casa, acho que era muito giro, mas isso já mexe na dinâmica não da sala, mas da escola.

L5. A que tipo de estratégias recorre habitualmente para promover o contacto das crianças com o livro e com o conto/leitura de histórias?

O projeto “Contadores de histórias” acima de tudo e as idas à biblioteca não é todas as semanas, mas às vezes semana sim semana não ir à biblioteca.

M. Relação com as Famílias no que diz respeito ao livro e à leitura de histórias

M1. Na sua opinião, quais são as concepções das famílias sobre a importância do livro e da leitura/conto de histórias na vida dos/as seus/suas filhos/as?

Não posso pôr isso assim num bolo, a sensação que eu tenho, eu acho que as pessoas dão importância pelo menos no meio em que nós trabalhamos. Acho que dão alguma importância e nota-se muitas vezes, tenho pedidos de pais para que lhes dê algumas sugestões de livros para comprarem para os filhos. Portanto, noto como os pais estão interessados, mas quer dizer não são todos. Portanto, aqueles que dão maior feedback e que perguntam esse tipo de coisas claro que nós sentimos que há esse cuidado. Depois vou vendo pelos livros que eles trazem, às crianças que trazem muitos livros, às crianças que trazem livros diferentes e eu sei quem são os que trazem livros e que se nota que os pais têm esse cuidado, são bons livros, trazem um, contam e a seguir já trouxeram outro, à criança que não, às vezes há uns que trazem uns livros que se nota que não houve cuidado, às vezes há outros que passam o ano inteiro e não trazem nenhum livro. Portanto, não consigo dizer que há um padrão porque há um bocadinho de tudo. Há algumas crianças que se sente esse cuidado, eu pelo menos tenho o cuidado de nos planeamentos, coloco sempre ou tento colocar a história que vou contar, não quer dizer que às vezes não possa alterar, porque posso ter essa liberdade de alterar a história, mas como para mim as histórias são muito importantes. Para mim a história é a base de muita coisa, quando eu vou trabalhar um tema ou um projeto eu vou pesquisar as histórias, portanto eu já sei mais ou menos as histórias que eu vou querer contar, às vezes depois surgem outras ou vou alterando, mais isso é importante. Então eu coloco no planeamento e este ano fizeram-nos o pedido colocar as histórias com os autores, isto para os pais que estão interessados, há muitos que nem olham e nem leem, mas os que estão interessados e que quiserem adquirir aquelas histórias podem mais facilmente encontrar o livro.

M2. De que forma tenta incluir as famílias na promoção do contacto das crianças com o livro e no incentivo ao conto/leitura de histórias?

Através dos planeamentos, portanto, vir sim sempre a leitura da história e tento sempre mostrar aos pais, seja no planeamento como no correio, tendo sempre “depois de ouvirmos a história não sei quê percebemos ... e daí partimos para ...”. Quem esteja atento aos correios da nossa sala percebe bem como as histórias são importantes e como partimos muito das histórias para desenvolver muitas coisas. Portanto, é uma forma de valorizar o livro e que eles percebam é muito trabalhado em sala. Depois, de vez em quando também abrimos as leituras aos pais, por exemplo os pais podem vir à sala contar uma história. Eu disse na reunião que quem quiser ou tiver alguma atividade que quer vir fazer ou queira vir contar uma história às crianças, podemos sempre combinar, portanto está sempre aberto. Há alturas em que fazemos mesmo e já fiz várias vezes envio um calendário para os pais que durante um mês vai

haver estes horários e aos pais vêm cá contar histórias e aí eles inscrevem-se e vêm cá contar uma história.

N. Conclusão da entrevista

De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?

Não.

ANEXO E

Guião da entrevista à
auxiliar de ação educativa

| | ' ' | | ' ' |

Guião de Entrevista à Auxiliar de Ação Educativa

Destinatária: Auxiliar de ação educativa (PPS II 2023/2024)

Objetivos:

- Compreender o percurso profissional da auxiliar de ação educativa;
- Caracterizar a dinâmica educativa da equipa.

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
A. Legitimação da entrevista e motivação do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none">• Legitimar a entrevista;• Motivar o entrevistado.	<ul style="list-style-type: none">- Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação necessária à realização do tópico “caraterização reflexiva do contexto socioeducativo” inerente ao relatório da PPS II.- O seu carácter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido, deste modo afirmo que serei a única pessoa a ter acesso à gravação áudio.- Autoriza o consentimento da gravação áudio desta entrevista?- Garanto o envio da entrevista com as devidas transcrições para validação.	
B. Definição do perfil da entrevistada	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer o percurso profissional.	<ul style="list-style-type: none">B1. Qual a sua formação?B2. Há quanto tempo exerce funções de auxiliar de ação educativa?B3. Fale-me do seu percurso profissional.	

		B4. Fale-me do seu percurso nesta organização socioeducativa. B5. Frequentou alguns cursos/ações de formação?	
C. Trabalho em equipa	<ul style="list-style-type: none"> • Relações e interações entre equipa educativa. • Compreender como é realizado o trabalho em equipa. 	<p>C1. Na sua opinião, como caracteriza a equipa que trabalha no jardim de infância? E a equipa educativa de sala?</p> <p>C2. Ao longo do ano existem reuniões entre a equipa educativa? E equipa do jardim de infância?</p>	
D. Conclusão da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Finalizar a entrevista. 	<p>De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?</p> <p>Obrigada pela sua disponibilidade.</p>	

ANEXO F

Transcrição da entrevista à
auxiliar de ação educativa

| | " | | " |

Entrevista à Auxiliar de Ação Educativa

A. Legitimação e motivação da entrevistada

A auxiliar de ação educativa autorizou a realização da entrevista, contudo preferiu responder às perguntas por escrito.

B. Definição do perfil da entrevistada

B1. Qual a sua formação?

Curso de Técnico Auxiliar de Infância, equivalência ao 12.º ano.

B2. Há quanto tempo exerce funções de auxiliar de ação educativa?

Desde 2005.

B3. Fale-me do seu percurso profissional.

Comecei a trabalhar em 2005, numa creche privada onde estive durante 12 anos, passei depois para outra creche privada onde estive durante 3 anos, até vir para esta organização socioeducativa onde estou desde 2019 na valência de pré-escolar.

B5. Fale-me do seu percurso nesta organização socioeducativa.

Comecei em 2019, entrei já para a valência de pré-escolar, onde estou até hoje, já tive com 4 educadoras diferentes.

B7. Frequentou alguns cursos/ações de formação?

As formações que fiz foram aqui na organização socioeducativa de primeiros socorros.

C. Trabalho em equipa

C1. Na sua opinião, como caracteriza a equipa que trabalha no jardim de infância? E a equipa educativa de sala?

Na minha opinião somos uma equipa unida e acho que essa é a nossa maior característica, pois dependemos uns dos outros para o dia, as atividades funcionarem. A equipa de sala é sempre uma novidade todos os anos, nunca tinha trabalhado com a educadora M., por isso também para mim é uma adaptação, mas tem corrido bem, há uma boa comunicação entre nós o que ajuda muito.

C2. Ao longo do ano existe reuniões entre a equipa educativa? E equipa do jardim de infância?

Nós fazemos uma reunião mensal, sempre coma equipa pré-escolar no que diz respeito aos auxiliares, com a coordenação que faz parte da equipa educativa.

ANEXO G
Planta da organização
socioeducativa

| ' ' | | ' ' |



SALAS

- 15 WASHINGTON
- 20 OTTAWA
- 21 LIMA
- 22 CARACAS
- 23 BRASÍLIA
- 24 BOGOTÁ
- 26 BUENOS AIRES
- 106 LONDRES
- 107 MADRID
- 113 ROMA
- 114 VIENA
- 115 ZAGREB
- 119 BRUXELAS
- 120 BERNA
- 122 BERLIM
- 133 PARIS
- 137 PRAGA
- 206 ADELAIDE 1
- 207 ADELAIDE 2
- 210 CAMBERRA 1
- 211 CAMBERRA 2
- 212 SIDNEY 1
- 213 SIDNEY 2

SANITÁRIOS

- 01 AMONA
- 11 CABANAS
- 12 CULATRA
- 18 FARO
- 19 TÁVIRA
- 25 PESSEQUEIRO
- 108 CORVO
- 109 FAIAL
- 110 FLORES
- 121 GRACIOSA
- 125 PICO
- 126 SANTA MARIA
- 134 SÃO JORGE
- 136 SÃO MIGUEL
- 208 MADEIRA
- 209 PORTO SANTO

RECREIOS

- 13 ESTRELA
- 14 MONTESINHO
- 28 CERES

CABINETES

- 05 LA PAZ
- 06 SANTIAGO
- 07 MEXICO
- 08 ASSUNÇÃO
- 09 GEORGE TOWN
- 102 PORTO
- 123 AMSTERDÃO
- 124 COPENHAGA
- 129 OSLO
- 131 ESTOCOLMO
- 132 VARSÓVIA
- 215 MELBOURNE

REFEITÓRIOS

- 130 HORTA 2
- 140 CALDEIRÃO 1
- 141 CALDEIRÃO 1
- 142 HORTA 1
- 214 CALDEIRÃO 2

OUTROS

- 16 QUITO
- 101 LISBOA
- ENTRADA PRINCIPAL

ANEXO H
Rotina do grupo

|' '' | | ''

Rotina Diária				
Horários	Local	3 Anos	4 Anos	5 Anos
07h45 – 09h15	Recreio/Sala	Acolhimento		
09h15 – 10h00	Sala	Reunião de grupo		
10h00 – 10h50	Sala	Reunião de grupo / Atividades		
10h50 – 11h00	Sala	Higiene / Reforço da manhã		
11h00 – 11h50	Recreio	Recreio		
11h55 – 12h30	Refeitório	Almoço		
12h30 – 14h00	Recreio/Sala	Sesta	Recreio	
14h00 – 15h00	Sala		Projeto dos 4 anos	Projeto dos 5 anos
15h00 – 16h00	Sala	Atividades / Atividades curriculares e extracurriculares		
16h00 – 16h30	Refeitório	Lanche		
16h30 – 18h30	Recreio	Saídas / Recreio		
19h00	Encerramento			

ANEXO I
Planta da sala Bruxelas
| ' ' | | ' ' |

PLANTA DA SALA

LEGENDA DA PLANTA DA SALA



Cadeiras



Lavatório



Mesas



Janelas



Paredes

A- Porta de entrada

B- Área da biblioteca

C- Área da casinha das bonecas

D- Área dos jogos de tapete

E- Área do escritório

F- Área do computador

G- Área da Pintura

H- Área dos Jogos de Mesa

I- Área plasticina

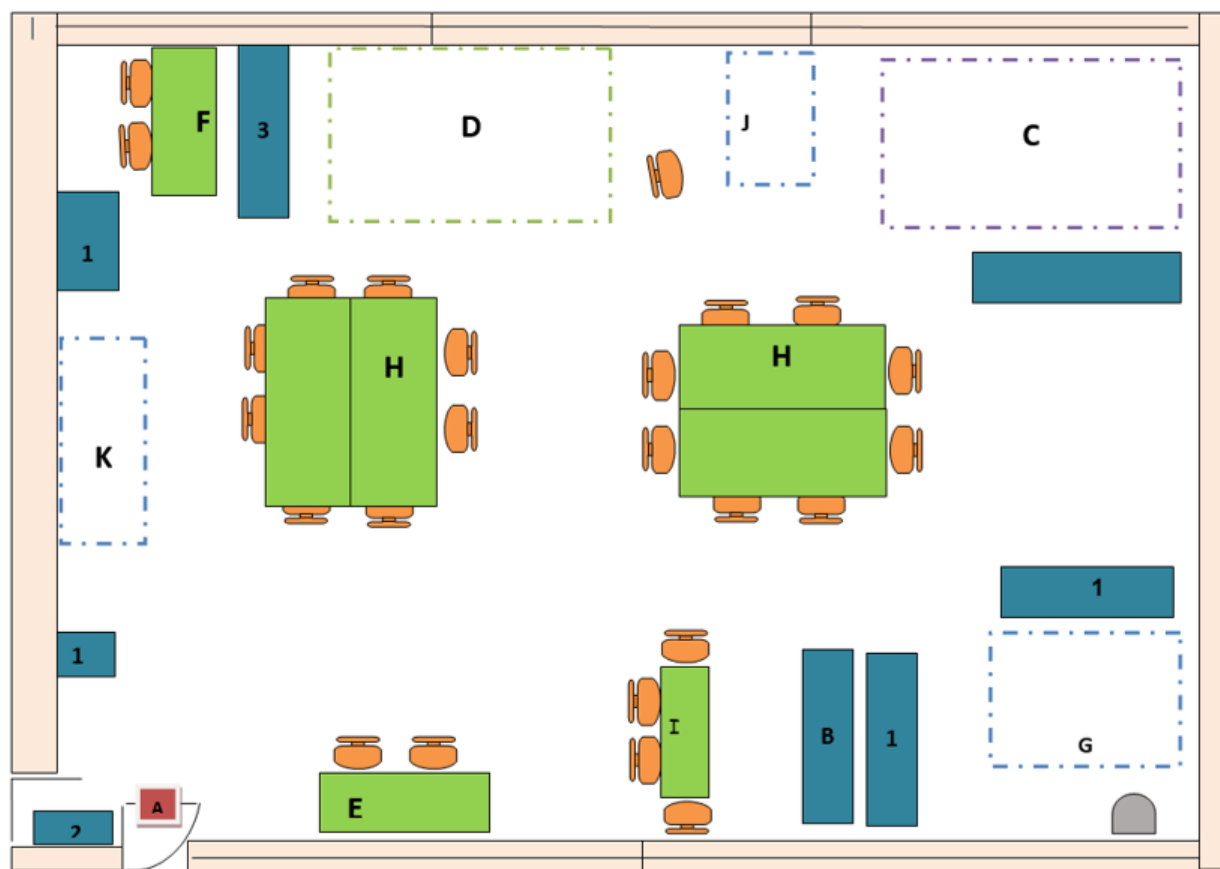
J- Área da mercearia

K- Área da garagem

1- Estante de material pedagógico

2- Estante de apoio ao material de desenho (lápiz, canetas, papel, tesouras, colas, etc...)

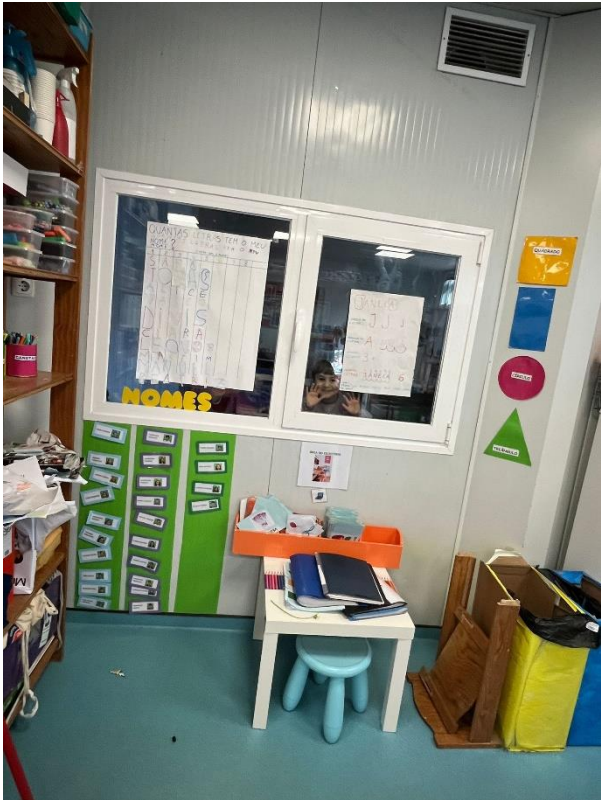
3- Móvel de apoio aos jogos de chão e construções

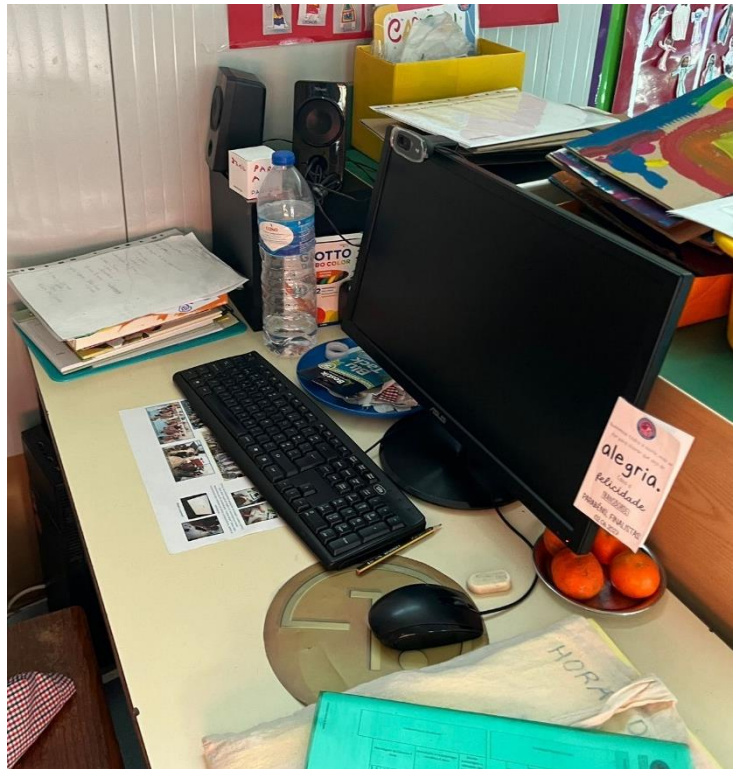


ANEXO J
Fotografias da sala Bruxelas

| ' ' | | ' ' |







ANEXO K
Informações das crianças
| | | | | |

Tabela de informações sobre as crianças

Nome da criança	Sexo	Data de Nascimento	Idade (até ao dia 31/01/2024)	Percurso na Organização Socioeducativa	Nacionalidade	N.º de irmãos
A.	Masculino	11/10/2018	5 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	1
B.	Feminino	24/07/2020	3 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	3
C.M.	Feminino	17/06/2020	3 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	1
C.F.	Feminino	26/11/2019	4 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	1
C.	Feminino	15/07/2019	4 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	1
D.	Masculino	07/01/2019	5 Anos	Entrou neste ano letivo	Portuguesa	-
F.M.	Masculino	16/12/2019	4 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	1
F.D.	Masculino	26/08/2019	4 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	1
F.	Masculino	09/10/2019	4 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	1
I.	Feminino	24/11/2020	3 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	1
L.P	Feminino	06/04/2018	5 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	1
L.	Feminino	20/08/2020	3 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	1
M.A.	Feminino	09/04/2020	3 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	-
M.C.	Feminino	14/08/2019	4 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	1
M.P.	Feminino	07/06/2019	4 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	4
M.	Feminino	06/07/2020	3 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	1
M.T.	Masculino	24/10/2019	4 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	1
R.	Masculino	09/04/2020	3 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	1
S.	Feminino	12/05/2018	5 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	1
S.V.	Masculino	26/05/2020	3 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	-
T.M.	Masculino	27/03/2018	5 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	1
T.V.	Masculino	06/06/2019	4 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	1
V.	Masculino	15/01/2020	4 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	1
Z.	Masculino	31/03/2020	3 Anos	Desde a Creche	Portuguesa	1

ANEXO L
Portfólio individual da criança
|| '' | | ''

2023/2024

PORTFÓLIO DA L.

QUEM É A L.?



A L. é uma menina
pertencente ao grupo
de crianças da Sala
Bruxelas.

Nasceu no dia 20 de
agosto de 2020.

A L. tem 3 anos de
idade e 98 cm de
altura.



QUEM É A L.?



A L. tem o cabelo
castanho claro e os
olhos castanhos.

É uma criança
bastante alegre,
carinhosa, vaidosa e
curiosa.



A FAMÍLIA DA L.



A família da L. é composta pela mãe, o pai, a mana e a L.

A FAMÍLIA DA L.



A L. e a mana têm uma ligação muito especial.

A L. fala bastante na mana e com muita admiração.

L.: "Gosto do muito da mana e brinco muitas vezes com ela em casa."



Para os pais a L. é cuidadosa, protetora e atenta.

A MINHA FAMÍLIA



L.: "Aqui é a mãe, a mana, o pai e a L.!"



ESTA É A MINHA FAMÍLIA!



Neste dia, a estagiária Joana pediu a todos os amigos da Sala Bruxelas que desenhassem a sua família.

OS PAIS CARACTERIZAM-ME POR SER

ALEGRE

Inteligente

Curiosa

Maternal

Vaidosa



EU CARACTERIZO-ME POR SER..



Uma menina **BRINGALTONA** e **DIVERTIDA**. Na sala de atividades **GOSTO** bastante de participar nas atividades e **DESCOBRIR** coisas novas.

SOU MUITO FELIZ!

A MINHA AUTONOMIA



Na hora das refeições, consigo comer sozinha e não preciso de ajuda.

L.: "Joana gosto muito de maçã."

L.: "Joana já comi a sopa toda."



A MINHA AUTONOMIA



Na hora das refeições, consigo comer sozinha e não preciso de ajuda.

L.: "Joana gosto muito de maçã."

L.: "Joana já comi a sopa toda."



OS MEUS INTERESSES



Quando entro na sala, a primeira tarefa que gosto de fazer é a marcação da minha presença.

A L. demonstra bastante autonomia no registo da sua presença.

OS MEUS INTERESSES



Fico muito contente quando sou responsável por uma tarefa.

Quando sou o "Chefe do dia" sou responsável por distribuir a fruta pelos amigos e recolher os pratos.

A L. demonstra sempre interesse em participar nas diversas tarefas.

OS MEUS INTERESSES



Nos momentos de brincadeira, gosto muito de desenhar e explorar a Área da biblioteca.

L.: "Joana, gostas do meu desenho?"



OS MEUS INTERESSES



A Área do faz de conta é a que eu gosto mais!

Gosto muito de brincar com os bonecos e vestir-me de princesa.



A L. E AS ATIVIDADES


Nesta atividade, soprei através de uma palhinha, para que a tinta se espalhasse e representasse o meu cabelo ao vento.



Explorei diversos elementos da natureza que caracterizam a estação do outono.





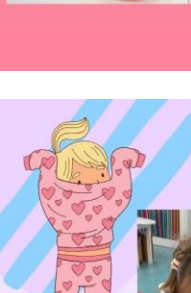




A L. E AS ATIVIDADES




Tive a oportunidade de tocar e explorar um esqueleto.

No Halloween, fiz a decoração de uma coroa. Escolhi o molde da aranha.

Para salvar as aranhas, tive de utilizar uma pinça e ultrapassar os obstáculos.






A L. E AS ATIVIDADES



No Dia do Pijama, fui vestida com o meu pijama e brinquei bastante com os amigos na sala.

L.: "Olha Joana! o pijama é rosa."

Na véspera do Dia do Pijama, construí a minha casa e coleí o pijama que decorei dentro da casa.

A L. E AS ATIVIDADES



Fiz uma pintura diferente! Pinteí aguarela em papel de alumínio.

Depois de criar o meu animal misturado, dei-lhe vida através de uma pintura com tintas.









A L. E AS ATIVIDADES

Ao se aproximar o dia de Natal, havia tarefas importantes a fazer. Decorei a minha árvore de natal e em conjunto com os amigos fizemos bolachas de Natal.



A L. E AS ATIVIDADES

Na sala desenvolvemos o projeto "A Índia e os indianos".

Fizemos muitas atividades para descobrir coisas novas.

Explorei o livro da Índia, vesti roupas indianas e pintei as mãos igual à cultura indiana.



A L. E AS ATIVIDADES



Descobri o principal monumento da Índia.

Explorei uma nova técnica de pintura, a do berlinde.

Conheci diversas especiarias e realizei uma pintura com as mesmas.



A L. E AS ATIVIDADES



Conheci a famosa celebração "holi" da Índia e tive a oportunidade de participar numa festa igual.

L.: "Gostei muito de brincar com os pós!
Fiquei toda suja!"

No final, apresentei o projeto aos amigos das outras salas.



A L. E AS ATIVIDADES



Fomos ao teatro e quando chegámos fizemos um desenho do que gostámos mais.

L.: "Joana, olha a minha roupa!"

Depois de conhecer a "Coco Chanel", decorei o meu figurino e participei num desfile.



AS INTERAÇÕES DA L. COM AS CRIANÇAS



Quando estou na Área do faz de conta brinco com as minhas amigas.



Na Área da Biblioteca, exploro os livros com a amiga I.



Também com a amiga I. exploro as peças de construção, no tapete.

AS INTERAÇÕES DA L. COM AS CRIANÇAS

No recreio, exploro as peças de construção com os amigos das outras salas.



L.: "Eu gosto de ajudar o Z."

Na hora do almoço, ajudo o Z, empurrando a sua cadeira.



AS INTERAÇÕES DA L. COM OS MATERIAIS



Na imagem à esquerda estou a explorar um livro na Área da Biblioteca.

Na imagem à direita estou a explorar as peças de construção no tapete.



AS INTERAÇÕES DA L. COM OS MATERIAIS



Na hora do recreio, brinco com as peças de construção.



Na sala, faço desenhos no meu caderno.

AS INTERAÇÕES DA L. COM OS ADULTOS

L.: "És muito bonita Joana. Gosto muito de ti!"



A L. interage e brinca com toda a equipa educativa. Criou uma bonita e especial relação com a estagiária Joana.

DA ESTAGIÁRIA JOANA

ESTA É A L.



ANEXO M
Informações das famílias
| ' ' | | ' ' |

Tabela de informações sobre as famílias

Nome da criança	Pai		Mãe		Concelho/Freguesia de residência	Observações
	Profissão	Escolaridade	Profissão	Escolaridade		
A.	Cozinheiro	-	Auxiliar de Ação Educativa	-	Lisboa	A irmã anda no 1.º ciclo da organização socioeducativa
B.	Analista Financeiro	Mestrado	Analista Financeiro	Pós-graduação	Lisboa	Tem um irmão no jardim de infância e outro irmão no 1.º ciclo da organização socioeducativa
C.M.	Designer	Licenciatura	Enfermeira	Licenciatura	Amadora	
C.F.	Oficial de Convés e Piloto de Navios	Licenciatura	Atleta de Competição	Licenciatura	Lisboa	O irmão anda no 1.º ciclo da organização socioeducativa
C.	Representante Comercial	-	Especialista em Formação de Recursos Humanos	-	Lisboa	A irmã anda na creche da organização socioeducativa
D.	Jornalista	Mestrado	Psicóloga	Mestrado	Rio de Mouro	
F.M.	Veterinário	Licenciatura	Bancária	Licenciatura	Lisboa	A irmã anda no 1.º ciclo da organização socioeducativa
F.D.	Bancário	Secundário	Enfermeira	Mestrado	Lisboa	O irmão anda na creche da organização socioeducativa
F.	Programador de Multimédia	Licenciatura	Secretária Administrativa	Pós-graduação	Lisboa	
I.	Engenheiro de Telecomunicações	Mestrado	Designer	Mestrado	Lisboa	O irmão anda na creche da organização socioeducativa

L.P	Economista	Mestrado	Economista	Mestrado	Lisboa	O irmão anda no jardim de infância da organização socioeducativa
L.	Analista em Gestão	Licenciatura	Especialista em Publicidade	Mestrado	Lisboa	A irmã anda na creche da organização socioeducativa
M.A.	Representante Comercial	-	Diretora de Restauração	Pós-graduação	Lisboa	
M.C.	Bancário	Secundário	Educadora de Infância	Licenciatura	Lisboa	
M.P.	Arquiteto	Mestrado	Arquiteta	Mestrado	Lisboa	Tem um irmão no berçário da organização socioeducativa
M.	Diretor Financeiro	Licenciatura	Analista Financeiro	-	Lisboa	O irmão anda no jardim de infância da organização socioeducativa
M.T.	Contabilista	Pós-graduação	Contabilista	Licenciatura	Amadora	A irmã anda no 1.º ciclo da organização socioeducativa
R.	Especialista de Redes Informáticas	Licenciatura	Diretora de Recursos Humanos	Licenciatura	Almada	A irmã anda na creche da organização socioeducativa
S.	Técnico Administrativo de Contabilidade	-	Profissional de Saúde	-	Lisboa	A irmã anda na creche da organização socioeducativa
S.V.	Especialista de Redes Informáticas	Licenciatura	Especialista de Redes Informáticas	Licenciatura	Lisboa	

T.M.	Analista Financeiro	Pós-graduação	Especialista em Publicidade	Pós-graduação	Lisboa	A irmã anda na creche da organização socioeducativa
T.V.	Professor do Ensino Básico (1.º ciclo)	Mestrado	Dentista	Mestrado	Lisboa	A irmã anda no 1.º ciclo da organização socioeducativa
V.	Especialista de Redes Informáticas	Secundário	Economista	Pós-graduação	Lisboa	O irmão anda no jardim de infância da organização socioeducativa
Z.	Analista em Gestão	Mestrado	Analista em Gestão	Mestrado	Algés	A irmã anda no berçário da organização socioeducativa

ANEXO N
Roteiro ético

| | " | | | "

Princípios éticos e deontológicos na investigação com crianças (Tomás, 2011)	Compromissos éticos pessoais e profissionais (APEI, 2011)	Prática Profissional Supervisionada II
<p>1. Objetivos do Trabalho</p> <p>Segundo Tomás (2011) “A sua explicitação a todos os atores envolvidos constitui um passo fundamental na construção de uma ética democrática.” (p. 160).</p>	<p>Compromisso com as crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Respeitar toda a criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social ou com necessidades educativas especiais, incluindo-a e promovendo e divulgando os seus direitos consignados na Convenção Internacional.” (APEI, 2011, p. 1). - “Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à criança na sua globalidade e inserida no seu contexto.” (APEI, 2011, p. 1). <p>Compromisso com as famílias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Respeitar a família das crianças e a sua estrutura, valorizando a competência educativa das mesmas e colaborando de modo a que as crianças sintam que a família e a instituição estão ligadas no processo educativo.” (APEI, 2011, p. 2). - “Fornecer às famílias informações (...).” (APEI, 2011, p. 2). <p>Compromisso com a equipa educativa:</p>	<p>No que se refere às crianças:</p> <p>As crianças não foram informadas diretamente acerca dos objetivos da investigação, no entanto em conversas informais expliquei às crianças a problemática a investigar com o grupo. Para além disso, pretendi dar a entender os objetivos da minha investigação, assim como o porquê da minha presença através de atividades ligadas à problemática, em conversas e interações com as crianças.</p> <p>A educadora cooperante apresentou-me ao grupo como um novo adulto que iria passar a pertencer à equipa educativa da sala.</p> <p>No que se refere às famílias:</p> <p>No início da minha PPS II, a educadora cooperante informou os pais da minha presença, através de um “Correio Semanal” enviado todas as semanas para as famílias com o resumo do que foi feito na semana</p>

	<p>- “Partilhar informações relevantes, no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade.” (APEI, 2011, p. 2).</p>	<p>anterior. A educadora cooperante explicou qual seria o meu papel na organização socioeducativa e os meus objetivos. Para além disto, preparei um protocolo de consentimento para as famílias, com os objetivos descritos da minha investigação, pedindo autorização para a participação dos seus filhos na investigação e a captura de fotografias e vídeos.</p> <p>No que se refere à equipa educativa:</p> <p>Através de conversas informais com a educadora cooperante e com a auxiliar de ação educativa, falei acerca do tema e objetivos da minha investigação. Tanto o tema, como os objetivos foram debatidos com a educadora cooperante e consentidos por esta. Tal como podemos verificar na nota de campo n.º 75 “Para além disso, a estagiária informou a educadora cooperante da problemática que tinha interesse em investigar com o grupo de crianças, os objetivos definidos para a sua investigação, assim como os métodos, técnicas e instrumentos de recolha de dados. A educadora cooperante partilhou o seu feedback e sugestões de melhoria.”</p>
--	---	---

<p>2. Custos e benefícios</p> <p>Relativamente aos custos e benefícios de um trabalho de investigação realizado com crianças, Tomás (2011) afirma que “Os objetivos da investigação deverão ter em conta os possíveis benefícios para as crianças. Contudo, a investigação deverá também identificar os possíveis danos ou custos que poderão eventualmente resultar de tal processo: o tempo, a inconveniência, o embaraço, a intrusão na privacidade, ou mesmo o sentimento de coerção, de medo ou de ansiedade.” (p. 160).</p>	<p>Compromisso com as crianças:</p> <p>- “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p>- “Cuidar na relação educativa a gestão da “aproximação” e da “distância”, do respeito pela individualidade, sentimentos e potencialidades de cada criança utilizando o seu poder no sentido da autonomia de cada uma.” (APEI, 2011, p. 1).</p>	<p>No que se refere às crianças:</p> <p>A participação das crianças na investigação não irá causar nenhuns custos às crianças. A investigação decorre no normal funcionamento do dia-a-dia. Em relação aos benefícios, considero que a investigação tendo partido, também, de um interesse demonstrado pelas crianças, terá bastantes benefícios para o grupo de crianças.</p> <p>No que se refere às famílias:</p> <p>As famílias contribuíram para os benefícios das crianças, ao dispensarem do seu tempo para efetuar o questionário.</p> <p>No que se refere à equipa educativa:</p> <p>A equipa educativa não terá nenhum custo. Importa referir que, a concretização da investigação teve o seu esforço e empenho, visto que a educadora cooperante dispensou do seu tempo para responder a uma entrevista para a investigação.</p> <p>A equipa é beneficiada, uma vez que através da promoção do contacto com livros, desenvolve a</p>
--	---	---

		consciência da importância dos livros nesta faixa etária.
<p>3. Respeito pela privacidade e confidencialidade</p> <p>De acordo com Tomás (2011) “Estas questões deverão ser sujeitas a negociação.” (p. 161).</p>	<p>Compromisso com as crianças:</p> <p>- “Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p>Compromisso com as famílias:</p> <p>- “Manter sigilo relativamente às informações sobre a família (salvo exceções que ponham em risco a integridade da criança).” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p>Compromisso com a equipa educativa:</p> <p>- “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade.” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p>Compromisso com a sociedade:</p> <p>- “Assumir a sua condição de cidadão(ã), agindo de modo informado, responsável e coerente com o seu estatuto de profissional de educação de infância.” (APEI, 2011, p. 2).</p>	<p>No que se refere às crianças:</p> <p>No que concerne ao respeito pela privacidade e confidencialidade das crianças, ao longo de toda a investigação apenas utilizei as iniciais dos nomes e apelidos, para que se conseguissem distinguir, mas nunca percebendo quem era a criança. Quanto aos registos fotográficos, a cara foi sempre desfocada.</p> <p>No que se refere às famílias:</p> <p>Em todos os protocolos de consentimento entregues às famílias, estava explícito que iria ser mantido o anonimato e a confidencialidade, e que todas as informações, como registos fotográficos, eram apenas para fins académicos.</p> <p>No que se refere à organização socioeducativa:</p> <p>Relativamente a este ponto específico, importa referir que ao longo da investigação, o anonimato da organização socioeducativa foi sempre mantido,</p>

		<p>salvaguardando a identidade da instituição socioeducativa.</p> <p>No que se refere à equipa educativa: Quanto à privacidade e confidencialidade da equipa educativa, manteve o anonimato e confidencialidade de todos os seus dados pessoais.</p>
<p>4. Decisões acerca de quais as crianças a envolver e a excluir Tal como refere Tomás (2011) “É necessário discutir e justificar os processos de selecção, inclusão e exclusão de crianças na investigação.” (p. 162).</p>	<p>Compromisso com as crianças: - “Respeitar toda a criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social ou com necessidades educativas especiais, incluindo-a e promovendo e divulgando os seus direitos consignados na Convenção Internacional.” (APEI, 2011, p. 1). - “Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à criança na sua globalidade e inserida no seu contexto” (APEI, 2011, p. 1).</p>	<p>No que se refere às crianças: Tendo em consideração a natureza, método e o tema da minha investigação, optei por incluir todas as crianças. Esta decisão foi tomada com o apoio da minha orientadora da PPS II e da educadora cooperante.</p>
<p>5. Planificação e definição dos objetivos e métodos da investigação Tomás (2011) refere que é crucial que “As crianças e os adultos envolvidos na investigação</p>	<p>Compromisso com as crianças: - “Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à criança na sua globalidade e inserida no seu contexto.” (APEI, 2011, p. 1).</p>	<p>No que se refere às crianças: A minha investigação foi baseada e pensada no grupo e procurei que todo o processo fosse ao encontro das necessidades e interesses do mesmo.</p> <p>No que se refere às famílias:</p>

<p>devem ser informados acerca dos objetivos e da natureza da investigação, dos métodos, do timing e dos resultados, processos que foram realizados durante todo o estudo.” (p. 163).</p>	<p>- “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p>- “Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, aberta à comunidade.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p>Compromisso com as famílias:</p> <p>- “Respeitar a família das crianças e a sua estrutura, valorizando a competência educativa das mesmas e colaborando de modo a que as mesmas sintam que a família e a instituição estão ligadas no processo educativo” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p>- “Fornecer às famílias informações sobre a instituição, sobre o seu projecto educativo e ainda sobre o desenvolvimento concreto do mesmo. Informá-las acerca do dia-a-dia da criança e sobre eventuais situações excepcionais.” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p>Compromisso com a equipa educativa:</p> <p>- “Ser solidário com os seus colegas de trabalho nas decisões tomadas em conjunto e nas situações difíceis” (APEI, 2011, p. 2).</p>	<p>Elaborei um protocolo de consentimento, no qual constavam os detalhes da investigação, de modo a informar as famílias.</p> <p>No que se refere à equipa educativa:</p> <p>No decorrer da investigação, procurei dialogar sobre todas as questões e dúvidas com a equipa educativa. Ao ser recetiva a todas as sugestões, existiu uma troca de ideias numa tentativa de organizar a prática educativa. Em conversas informais informei a equipa educativa sobre a natureza da investigação, a problemática e o método, como é possível verificar na nota de campo n.º 75: “Para além disso, a estagiária informou a educadora cooperante da problemática que tinha interesse em investigar com o grupo de crianças, os objetivos definidos para a sua investigação, assim como os métodos, técnicas e instrumentos de recolha de dados. A educadora cooperante partilhou o seu feedback e sugestões de melhoria.” A educadora cooperante partilhou, também, o seu feedback e aprovou qualquer documento ou o questionário antes de ser entregue aos pais.</p>
---	--	--

<p>6. Consentimento informado</p> <p>De acordo com Tomás (2011) “No momento de se obter o consentimento das crianças e dos seus pais para se desenvolver uma investigação, as crianças devem estar conscientes de que a recusa ou desistência da investigação não as poderá prejudicar de qualquer forma.” (p. 164).</p>	<p>Compromisso com as crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspetiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.” (APEI, 2011, p. 1). - “Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional.” (APEI, 2011, p. 1). <p>Compromisso com as famílias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Respeitar a família das crianças e a sua estrutura, valorizando a competência educativa das mesmas e colaborando de modo que as crianças sintam que a família e a instituição estão ligadas no processo educativo.” (APEI, 2011, p. 2). - “Fornecer às famílias informações sobre a instituição, sobre o seu projecto educativo e ainda sobre o desenvolvimento concreto do mesmo. Informá-las acerca do dia-a-dia da criança e sobre eventuais situações excepcionais” (APEI, 2011, p. 2). 	<p>No que se refere às crianças:</p> <p>No que diz respeito às crianças, destaco a minha preocupação em relação ao consentimento das mesmas. Deste modo, estive atenta aos comportamentos das crianças e de que forma as mesmas reagiam quando tirava fotografias, não indo contra a vontade destas, caso não estivessem dispostas para tal.</p> <p>No que se refere às famílias:</p> <p>Inicialmente, informei a educadora cooperante que iria elaborar protocolos de consentimento informado relativamente às capturas de fotografias, à investigação e ao portfólio individual da criança. A educadora cooperante após a receção deste, aprovou a sua ida para os encarregados de educação. Após entregar às famílias os protocolos, esperei para verificar se estas davam autorização. Realizei o mesmo processo de consentimento para a concretização do inquérito por questionário.</p> <p>No que se refere à equipa educativa:</p>
---	---	--

		Saliento que pedi consentimento à educadora cooperante, para a realização da entrevista.
<p>7. Uso e relato das conclusões</p> <p>De acordo com Tomás (2011) o “Resumo final dos resultados da investigação (...) processo de devolução [de informação] ao longo do trabalho.” (p. 166).</p>	<p>Compromisso com as crianças:</p> <p>- “Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, aberta à comunidade” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p>Compromisso com as famílias:</p> <p>- “Fornecer às famílias informações sobre a instituição, sobre o seu projecto educativo e ainda sobre o desenvolvimento concreto do mesmo. Informá-las acerca do dia-a-dia da criança e sobre eventuais situações excepcionais.” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p>- Compromisso com a equipa educativa:</p> <p>“Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade” (APEI, 2011, p. 2).</p>	<p>Quando terminar a investigação, pretendo partilhar os resultados quer com a equipa educativa bem como com as famílias, dado que o estudo teve por base as crianças.</p> <p>No que se refere às famílias:</p> <p>Durante a minha investigação, as famílias tiveram acesso a vídeos e fotografias das dinâmicas ou atividades postas em prática, assim como a informações sobre a investigação. No final, será entregue por e-mail com as conclusões da investigação.</p> <p>No que se refere à equipa educativa:</p> <p>Pretendo entregar um exemplar do relatório da minha PPS II à equipa educativa.</p>
<p>8. Possível impacto nas crianças, famílias ou equipa</p> <p>Tal como refere Tomás (2011) “É fundamental que o</p>	<p>Compromisso com as crianças:</p> <p>- “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance.” (APEI, 2011, p. 1).</p>	<p>No que se refere às crianças:</p> <p>Considero que a minha investigação teve um impacto positivo nas crianças, dado que mediante as minhas interações com as mesmas e as propostas pedagógicas,</p>

<p>investigador considere não somente o impacto provocado nas crianças envolvidas na investigação, mas também nos grupos mais alargados de crianças.” (p. 166).</p>	<p>- “Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, aberta à comunidade.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p>Compromisso com as famílias:</p> <p>- “Fornecer às famílias informações sobre a instituição, sobre o seu projecto educativo e ainda sobre o desenvolvimento concreto do mesmo. Informá-las acerca do dia-a-dia da criança e sobre eventuais situações excepcionais.” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p>Compromisso com a equipa educativa:</p> <p>- “Ser solidário com os seus colegas de trabalho nas decisões tomadas em conjunto e nas situações difíceis.” (APEI, 2011, p. 2).</p>	<p>procurei promover a literatura infantil. Este impacto positivo revela-se em diversos aspetos, ao nível das atitudes e dos conhecimentos. Quanto às atitudes, as crianças aprenderam a partilhar e a utilizar corretamente os livros e que tenham gosto e iniciativa em explorar a área da biblioteca. Quanto aos conhecimentos, os livros foram escolhidos sempre com uma intencionalidade, com base nas suas temáticas. Para além disso a aquisição de novo vocabulário.</p> <p>No que se refere às famílias:</p> <p>Pretendo com a minha investigação ter um impacto positivo nas famílias, incentivando-as a proporcionarem aos seus filhos um contacto regular com histórias.</p> <p>No que se refere à equipa educativa:</p> <p>A partir da minha investigação pretendo consciencializar a restante equipa educativa para a importância da leitura de histórias, incentivando o contacto mais frequente com os livros.</p>
---	--	--

<p>9. Informação às crianças e adultos/as envolvidos/as:</p> <p>Tomás (2011) afirma “Todo o processo de investigação deve ser transparente (O’Knae, 2005) de forma a limitar o efeito de adultocentrismo e promover, de forma efectiva, as metodologias participativas e as relações horizontais em todo o processo.” (p. 167).</p>	<p>Compromisso com as crianças:</p> <p>- “Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, situada na comunidade e aberta ao mundo.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p>Compromisso com as famílias:</p> <p>- “Respeitar a família das crianças e a sua estrutura, valorizando a competência educativa das mesmas e colaborando de modo que as crianças sintam que a família e a instituição estão ligadas no processo educativo.” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p>- “Fornecer às famílias informações sobre a instituição, sobre o seu projecto educativo e ainda sobre o desenvolvimento concreto do mesmo. Informá-las acerca do dia-a-dia da criança e sobre eventuais situações excepcionais.” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p>Compromisso com a equipa educativa:</p> <p>“Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade.” (APEI, 2011, p. 2).</p>	<p>Tal como referido anteriormente, ao longo da minha investigação procuro que todos os indivíduos envolvidos estejam cientes do trabalho desenvolvido.</p> <p>No que se refere às crianças:</p> <p>No que diz respeito às crianças, fui observando-as atentamente para perceber os seus interesses e gostos, com o objetivo de proporcionar atividades contextualizadas. Deste modo, demonstrei-me sempre presente para as mesmas, sendo esse o meu foco, o bem-estar, tanto físico como psicológico de cada uma. Procurei assim, assegurar que os benefícios das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais, sendo esta a minha prioridade.</p> <p>No que se refere às famílias:</p> <p>Relativamente às famílias, estas são informadas do trabalho desenvolvido através do “Correio Semanal”, no qual a educadora cooperante coloca registos fotográficos. Durante a minha PPS II, estive sempre disponível para esclarecer questões ou dar/receber esclarecimentos.</p>
--	--	---

		<p>No que se refere à equipa educativa:</p> <p>Durante a investigação partilhei com a equipa educativa, em conversas informais, quais os dados que pretendia recolher, e o que tenho observado relativamente ao meu tema, informando sempre do que pretendo propor ao grupo, às famílias e à própria equipa educativa, mostrando-me sempre receptiva a sugestões de melhoria e críticas construtivas. Deste modo, todas as etapas da investigação foram partilhadas e discutidas, de forma saudável, respeitosa e cooperativa.</p>
<p>10.Tratamento dos dados</p>	<p>Compromisso com as crianças:</p> <p>- “Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p>Compromisso com as famílias:</p> <p>- “Manter sigilo relativamente às informações sobre a família (salvo excepções que ponham em risco a integridade da criança).” (APEI, 2011, p. 2).</p>	<p>Após o término da investigação, todos os dados recolhidos relativos às crianças e respetivas famílias, bem como a organização socioeducativa, serão eliminados, salvaguardando o anonimato e a segurança de todos os intervenientes.</p>

	<p>Compromisso com a equipa educativa:</p> <p>- “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade.” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p>Compromisso com a sociedade:</p> <p>- “Assumir a sua condição de cidadão(ã), agindo de modo informado, responsável e coerente com o seu estatuto de profissional de educação de infância.” (APEI, 2011, p. 2).</p>	
--	---	--

ANEXO 0

Protocolo de consentimento da
investigação e informação às
famílias

| | " | | " |

CONSENTIMENTO INFORMADO PARA A RECOLHA DE INFORMAÇÃO PARA FINS ACADÉMICOS E INVESTIGAÇÃO

Estimado/as Encarregados/as de Educação,

Eu, Joana Filipa Lopes de Carvalho, aluna do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Lisboa, inserida na organização socioeducativa do/a seu/sua educando/a. Encontro-me nas instalações da organização socioeducativa a realizar o meu estágio, no âmbito da unidade curricular intitulada de Prática Profissional Supervisionada II.

Irei realizar uma investigação com as crianças do grupo da Sala Bruxelas. Os objetivos deste estudo são: i) Conhecer e analisar as conceções da educadora e das famílias acerca da importância das histórias no jardim de infância; ii) Compreender e analisar o papel do educador de infância e das famílias na promoção de histórias às crianças; iii) Identificar as práticas pedagógicas que a educadora implementa com as crianças na promoção de histórias e no contacto com os livros.

Importa mencionar que, durante a investigação, os interesses das crianças serão tidos em conta através do uso de uma pluralidade de metodologias centradas na criança e adequadas às idades e características das mesmas. Qualquer informação sobre si ou o seu educando(a) terá um nome falso. O seu sigilo será assegurado em todas as fases da investigação. Os dados recolhidos serão utilizados meramente para fins de investigação científica, comunicação científica e académicos.

Ademais, venho por este meio solicitar a sua autorização para que sejam tiradas fotografias e/ou fazer filmagens do seu educando/a em atividades e momentos de rotina diária, para fins académicos, de modo a que possam ser integradas no relatório final de estágio. Solicito também, a partilha de informação relativamente ao seu educando/a e respetiva família, para que seja integrada na caracterização do grupo no relatório final de estágio. A informação necessária será: a profissão dos pais, local de residência (freguesia ou concelho), nacionalidade das crianças e número de irmãos. Toda a informação partilhada nunca vai ser identificada a que criança corresponde.

Desta forma, será garantida a ocultação de dados de identificação da criança como por exemplo o nome e não será exibida a sua face. De igual forma, será também garantido que o presente

consentimento poderá ser retirado, em qualquer momento, sem que isso cause qualquer constrangimento naqueles que são os cuidados a prestar à criança.

Sendo a fotografia uma técnica de recolha de dados privilegiada em investigações educativas, o meu desejo de a utilizar não se sobreporá à vontade da criança que é e sempre será o centro da minha ação educativa. Assim, sempre que a criança demonstrar que não quer ser fotografada e/ou filmada, a sua vontade será respeitada.

Assim sendo, gostaria de lhe pedir autorização, tanto para a sua participação bem como para a do seu educando nesta investigação. Peço, então, que assine o presente protocolo como forma de declarar a sua autorização.

Cordialmente, Joana Carvalho.

Nome do/a Educando/a:

Assinatura do/a Encarregado/a de Educação:

Assinatura e/ou impressão digital do/a Educando/a (feita em sala ou em casa, mediante conversa prévia com a criança):

ANEXO P

Protocolo de consentimento do
portfólio individual da criança

| | ' ' | | ' ' |



PROTOCOLO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA AVALIAÇÃO INDIVIDUAL DA CRIANÇA

Estimados pais,

Serve o presente consentimento para vos informar que, no âmbito da Unidade Curricular Prática Profissional Supervisionada II é-me solicitada a elaboração de um portfólio de uma criança do grupo que acompanho enquanto estagiária.

O portfólio consiste num registo individual, no qual serão apresentadas evidências e informações significativas sobre a criança que irão referir o seu desenvolvimento e aprendizagens, ao longo deste período. Este registo será feito através de fotografias, de produções da criança, registos de desenvolvimento, notas de campo, comentários da mesma, bem como dos adultos envolvidos.

Realço que as informações recolhidas se destinam unicamente a fins académicos, sendo garantidas as questões de privacidade e confidencialidade e, assim que estiver concluído, o portfólio será entregue aos pais.

Por ter interesse em desenvolver este instrumento de trabalho com o vosso filho, solicito a vossa autorização para a elaboração do mesmo, convidando-os a colaborar na sua concretização. Grata desde já pela vossa atenção e disponibilidade.

Declaro que autorizo / não autorizo (riscar a opção que **não se aplica**) que o meu filho/educando participe na elaboração deste portfólio.

Nome do Educando:

Assinatura do Encarregado de Educação:

Assinatura da Educadora Cooperante:

Assinatura da Estagiária:

Data: / /

ANEXO Q
Inquérito por questionário às
famílias

|' '' | | ''

Questionários aos Encarregados de Educação - Literatura Infantil no Jardim de Infância

O presente inquérito por questionário foi elaborado no âmbito da investigação a decorrer com o grupo das crianças da sala Bruxelas sobre a importância da literatura infantil no jardim de infância. O objetivo do questionário é conhecer as conceções das famílias acerca da importância da leitura/conto de histórias no jardim de infância e o papel das famílias na promoção de leitura de histórias as crianças.

A

sua participação é voluntária e é bastante importante para a realização desta investigação

e, por isso, peço que responda da forma mais completa que puder.

Este inquérito por

questionário é confidencial e as respostas obtidas serão única e exclusivamente para fins

académicos.

Agradeço desde já a vossa atenção e colaboração.

* Indica uma pergunta obrigatória

Consentimento informado às famílias/encarregados de educação

1. Declaro ter sido informado(a) e estar ciente dos propósitos e termos em que decorrerá a presente entrevista por questionário, da participação voluntária da mesma, dos limites da confidencialidade e das demais questões. Desta forma, disponho-me a participar na investigação. *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Questionário

2. 1. Compra livros ao/à seu/sua filho(a)? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Às vezes

3. 2. Quando compra livros, por qual critério se rege? (sugestões de outrem, histórias de que o/a seu/sua filho/a fala, por conversa com outros pais ou outros contextos...).

4. 3. Costuma ler/contar histórias ao/à seu/sua filho/a? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Avançar para a pergunta 5*
- Não *Avançar para a pergunta 8*

Secção sem título

5. 3.1. Qual o tipo de histórias lê/conta? *

6. 3.2. Com que frequência o faz? *

Marcar apenas uma oval.

- Uma vez por mês
- Mais do que três vezes por mês
- Uma vez por semana
- Mais do que três vezes por semana
- Todos os dias

7. 3.3. Normalmente, em que momento realiza a leitura para o/a seu/sua filho/a? *

Secção sem título

8. 4. O/A seu/sua filho(a) costuma pedir-lhe para ler histórias? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Às vezes

9. 5. Permite que o/a seu/sua filho/a explore os livros de forma autónoma? *

Marcar apenas uma oval.

- Sempre
- Algumas vezes
- Raramente
- Nunca

10. 6. Em média, quantos livros infantis o/a seu/sua educando/a possui? *

Marcar apenas uma oval.

Menos de 10 livros

Entre 10 a 20 livros

Entre 20 a 30 livros

Entre 30 a 40 livros

11. 7. Qual a importância que atribui ao projeto de sala "Contadores de histórias" *
(possibilidade de a criança trazer um livro para contar às restantes crianças)?

12. 8. Qual a importância que atribui aos livros e à leitura de histórias no jardim de infância? *

Marcar apenas uma oval.

Muito importante

Pouco importante

13. 8.1. Porquê? *

ANEXO R

Árvore categorial dos inquéritos
por questionário às famílias

| | ' ' | | ' ' |

Tema	Categorias	Subcategorias	Descrição	Número de incidências
Compra de livros aos filhos	Critérios de seleção de livros	Plano Nacional de Leitura	“Autores do plano nacional de leitura.” “PNL (...)” “Plano nacional de leitura.”	3
		Sugestões e conversas	“Sugestões (...)” “Sugestões de outras pessoas (...)” “(…) sugestões de amigos, sugestões da escola (...)” “Sugeridos (...) por ela (...)” “Conversa com outros pais.” “(…) aconselhado por amigas educadoras de infância.”	12
		Conteúdo da história	“Pelos histórias (...)” “Conteúdo da história.” “Conteúdos.”	5
		Ilustrações	“(…) pelas ilustrações.”	1
		Escolha dos filhos	“(…) escolhas do R. na loja.” “Pedidos do meu filho (...)” “(…) pedido dos filhos.” “(…) escolhido por ela.”	4
		Livros lidos na sala	“(…) histórias que ela me conta que ouviu na escola.” “Livros lidos na sala (...)” “(…) livros falados na escola (...)”	5
		Interesse	“De interesse da criança e pais.”	1
Leitura de histórias	Tipologias das histórias	Fábulas	“Contos Fábulas (...)” “Contos infantis.” “(…) fábulas (...)”	3
		Infantil	“Histórias infantis.” “Infantis.” “Contos infantis.”	5
		A partir da imaginação	“Invento, são as que mais gostam.”	1
		Animais	“Contos sobre animais (...)”	1
		Educativas	“(…) temas relacionados com o crescimento: as emoções, os porquês, as birras, desfralde.” “Histórias com mensagens positivas e educativas.” “Histórias com propósito educativo.”	4
	Rotina de leitura	À noite	“À noite, ao deitar.” “(…) antes de dormir.” “Noite/final do dia.” “(…) todas as noites antes de deitar.” “À noite.”	17

		Em momentos aleatórios	“Quando se proporciona, nada marcado.” “Durante o fim-de-semana a qualquer hora que se proporcione (...).”	2
		Ao longo do dia	“Durante o dia.”	1
		À tarde	“Durante a tarde quando estamos a brincar (...).” “Durante a semana ao final da tarde (...).”	2
		Durante a brincadeira	“(...) em momentos de lazer.”	1
A importância	Projeto “Contadores de Histórias”	Importante	“Muito importante.” “Elevada importância.” “Acho uma excelente iniciativa.” “Uma ótima iniciativa.” “Bastante importante.” “Imenso (...).” “Importante (...).” “Acho super importante (...).”	13
		Estimulante	“(...) estimular a autonomia e criatividade da criança.” “É importante para estimular os hábitos de leitura.” “(...) estimula ainda mais a curiosidade das crianças pelas histórias.”	3
		Interessante	“Acho muito interessante, a minha filha adora.” “Muito interessante e relevante.”	3
		Vocabulário	“Os livros são sempre uma boa maneira de estimular (...) vocabulário (...).” “A leitura permite (...) a aquisição de vocabulário.” “Aprende vocabulário (...).”	6
		Imaginação	“Desenvolve a (...) imaginação dos miúdos.” “Para estimular a fantasia (...).” “Por fomentar a imaginação das crianças.”	8
		Criatividade	“Os livros são sempre uma boa maneira de estimular criatividade (...).” “Desenvolve a criatividade (...) dos miúdos.” “Estimula a criatividade (...).”	7
		Conhecimento	“Acesso ao mundo (conhecimento) (...).”	1

	Leitura de histórias no jardim de infância	Gosto pela leitura	“Para estimular (...) o gosto pela leitura.”	1
		Ligação entre família	“(…) permite um momento único de união com a família.”	1
		Desenvolvimento	“Estimula várias áreas de desenvolvimento, trabalha “(…) diferentes competências.” “(…) ajuda no desenvolvimento da criança (…).” “(…) Pode desenvolver várias vertentes.”	4
		Hábitos de leitura	“Porque devemos incutir o interesse pela leitura desde pequenos.” “Penso que é esta é a fase ideal para despertar nos nossos filhos o interesse pela leitura.” “Para incentivar a leitura desde pequenos.”	3

ANEXO S
Gráficos dos inquéritos por
questionário às famílias

| ' ' | | ' ' |

Com intuito de conhecer o contacto que as crianças têm com os livros no ambiente familiar, elaborei um inquérito por questionário que foi disponibilizado através de um link às famílias. Este foi construído no google forms. Foi entregue às vinte e quatro famílias e obtive vinte respostas. A primeira pergunta “compra livros ao/à seu/sua filho(a)?” era de resposta fechada tendo como opções “sim”, “não” e “às vezes”. Ao analisar os questionários, temos 95% com a resposta “sim”, 9% “às vezes” e, 0% “não”.

Figura Q1



Quando questionados “costuma ler/contar histórias ao/à seu/sua filho(a)?”, todos responderam afirmativamente, ficando assim a opção “não” com 0%.

Figura Q2



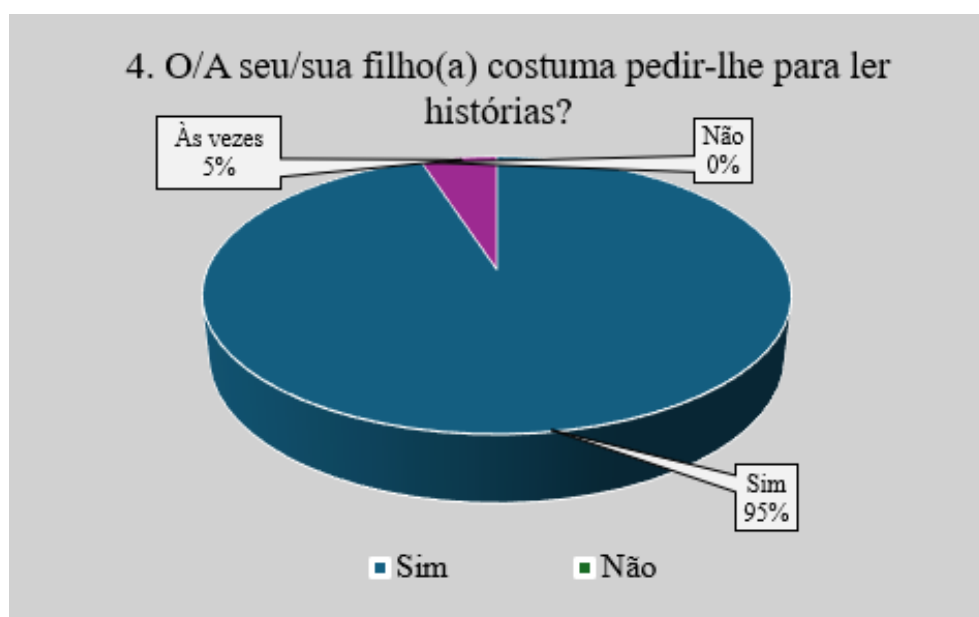
Ao responderem sim, tinham de responder à questão “com que frequência o faz?”, sendo a mesma de resposta fechada, com cinco opções. Nenhum inquirido selecionou as hipóteses de resposta “uma vez por mês” e “mais do que três vezes por mês”, tendo 0%. Com 10% “uma vez por semana”. A opção “mais do que três vezes por semana” teve 25%. Por fim, na opção “todos os dias”, a percentagem foi de 65%.

Figura Q3



Na pergunta, “o/a seu/sua filho(a) costuma pedir-lhe para ler histórias?”. A maioria dos inquiridos respondeu afirmativamente, com 95%. Ainda assim, a resposta “às vezes” teve 5%. A opção “não” obteve 0%.

Figura Q4

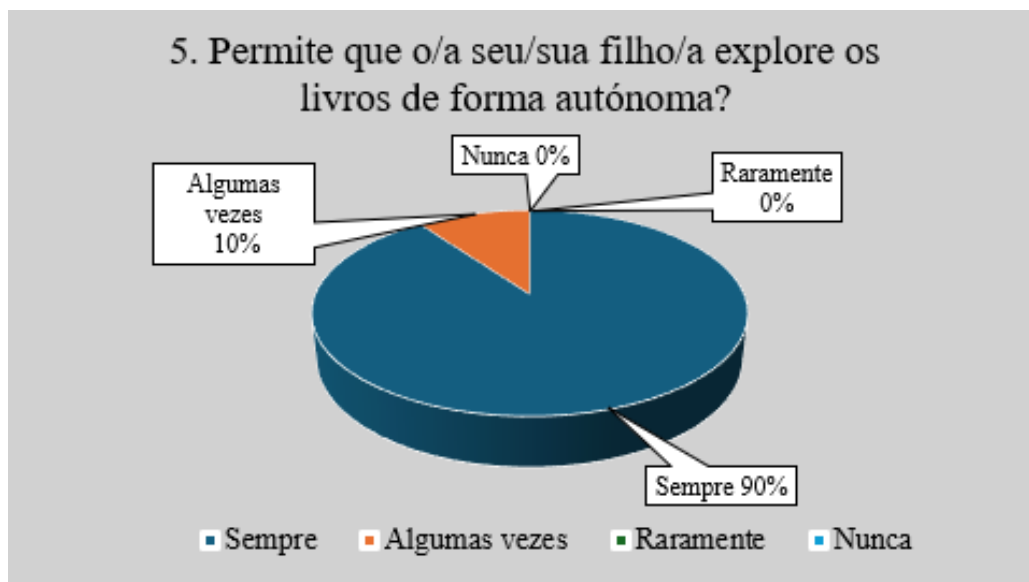


questão

Na
“permite que

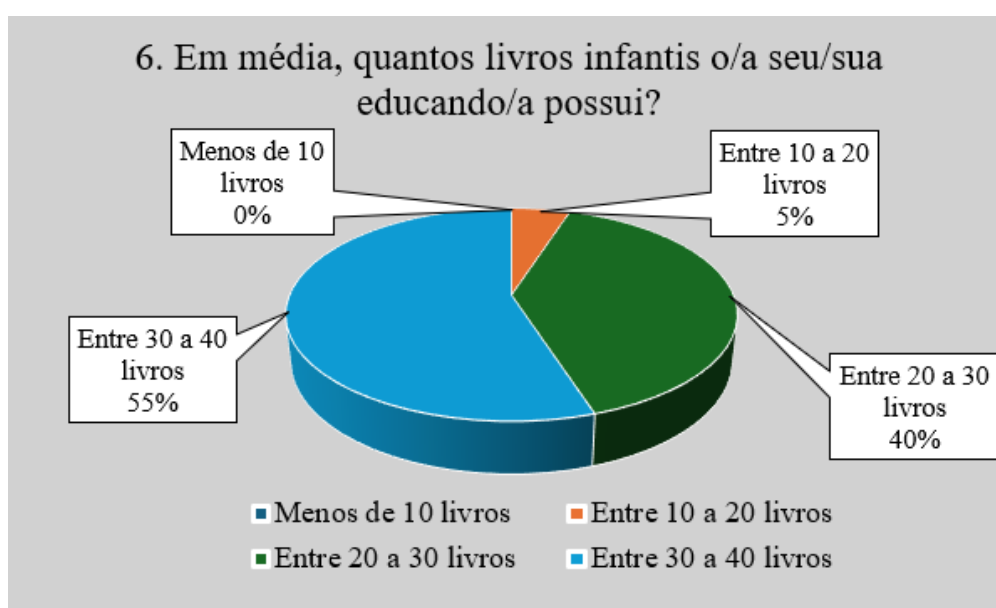
o/a seu/sua filho/a explore os livros de forma autónoma?”, havia quatro opções: “sempre”, “algumas vezes”, “raramente” ou “nunca”. Com 90%, a resposta “sempre” e “algumas vezes” 10%. As opções “raramente” e “nunca” com 0%.

Figura Q5



À questão “em média, quantos livros infantis o/a seu/sua educando/a possui?”, 55% dos inquiridos respondeu “entre 30 a 40 livros”. A opção “entre 20 a 30 livros” obteve 40%. Com 5%, a resposta “entre 10 a 20 livros” e “menos de 10 livros”, com 0%.

Figura Q6



No que diz respeito à última pergunta, “qual a importância que atribui aos livros e à leitura de histórias no jardim de infância?”, todos os pais reconheceram que o contacto com os livros, assim com a leitura de histórias são muito importantes para o desenvolvimento das crianças, com 100% das respostas e 0% na opção “pouco importante”.

Figura Q7

